FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DO *Aconselhamento Bíblico* E SUAS APLICAÇÕES PRÁTICAS

JOHN BABLER & NICOLAS ELLEN

PUBLICAÇÕES

FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DO *Aconselhamento Bíblico* E SUAS APLICAÇÕES PRÁTICAS

JOHN BABLER & NICOLAS ELLEN

NUTRA PUBLICAÇÕES
São Paulo
1ª Edição, 2017

Título Original em Inglês:
Counseling by the Book - Revised and Expanded Edition

Copyright: © 2014 by John Babler
Publicado originalmente por **CTW**, Fort Worth, Texas

Todos os direitos em Língua Portuguesa reservados por **NUTRA Publicações Ltda.** Nenhuma porção deste livro poderá ser reproduzida, armazenada em sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma – eletrônica, mecânica, fotocópia, gravação ou outras – sem permissão prévia de NUTRA Publicações Ltda., Rua Alfeu Tavares, 217, São Bernardo do Campo, SP, 09641-000, exceção feita a breves citações para fins de resenha ou comentário.

Coordenação editorial: Jayro M. Cáceres
Tradução: Maria Cecilia Alfano
Revisão: Jayro M. Cáceres
Capa: Anderson Alvarenga de Alcântara
Projeto de miolo e composição: Jonatas Belan
Coordenação de produção: Jayro M. Cáceres
Impressão e acabamento: Imprensa da Fé

Iª Edição - 2017
Tiragem: 3000 exemplares

Textos Bíblicos: Almeida Revista e Atualizada
As citações bíblicas contidas nesta obra são provenientes da versão João Ferreira de Almeida, ©1993 da Sociedade Bíblica do Brasil. Qualquer citação de outra versão será indicada.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fundamentos teológicos do aconselhamento bíblico e suas aplicações práticas / John Babler & Nicolas Ellen, organizadores ; [tradução Maria Cecilia Alfano]. – 1. ed. – São Paulo: NUTRA Publicações, 2016.

Título original: Counseling by the book
ISBN 978-85-61867-29-4

1. Aconselhamento – Ensino bíblico 2. Cristianismo 3. Teologia pastoral
I. Babler, John II. Ellen, Nicolas.

16-00036 CDD-253.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Aconselhamento bíblico: Prática pastoral: Cristianismo 253.5

SUMÁRIO

O que é Aconselhamento Fundamentado nas Escrituras? 7
Prefácio à Edição Brasileira 9
Prefácio 13
Introdução 19

1. Educação em Clínica Pastoral:
   Suas Raízes no Passado e a Realidade Atual 23
2. Evite a Sabedoria do Mundo: Volte-se para a Verdade de Deus 63
3. Os Fundamentos do Aconselhamento Bíblico 87
4. A Inspiração, a Autoridade e a Suficiência das
   Escrituras para o Aconselhamento Bíblico 111
5. A Doutrina de Deus no Aconselhamento Bíblico 131
6. A Doutrina do Homem no Aconselhamento Bíblico 157
7. A Doutrina da Igreja no Aconselhamento Bíblico 183
8. O Aconselhamento Bíblico e o Grande Mandamento 217
9. A Grande Comissão e o Aconselhamento Bíblico 233
10. Os Aspectos Fundamentais do Aconselhamento Bíblico 249
11. O Relacionamento entre o Conselheiro e o
    Aconselhado no Aconselhamento Bíblico 271
12. A Prática do Aconselhamento Bíblico 297
13. Tópicos de Problemas no Aconselhamento Bíblico 313
14. Estudos de Caso por Tópicos 337

Apêndice 1 351
Apêndice 2 357

O QUE É ACONSELHAMENTO FUNDAMENTADO NAS ESCRITURAS?

EM MEIO A uma cultura terapêutica, na qual o aconselhamento tornou-se uma disciplina profissional formal (na verdade, muitas disciplinas: psiquiatria, psicologia, serviço social e aconselhamento conjugal e familiar, entre outras), a "redescoberta" do aconselhamento bíblico é atribuída a Jay Adams. Em seu livro *Conselheiro Capaz*[1], publicado originalmente em 1970, Adams utilizou o termo "noutético" (transliterado de uma palavra do Novo Testamento grego que é mais frequentemente traduzida por "admoestar") para descrever o aconselhamento que tem como foco ministrar as Escrituras, falando a verdade em amor àqueles que precisam de conselhos.

Nos anos subsequentes à publicação de *Conselheiro Capaz*, muitos livros, *minibooks* e outros recursos, bem como centros de formação e programas de graduação e pós-graduação em aconselhamento bíblico surgiram gradativamente. Durante os primeiros 30 anos após a publicação de *Conselheiro Capaz*, houve uma distinção relativamente clara e um debate (na

1. ADAMS, Jay E. ***Conselheiro Capaz.*** São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 1982, p. 267.

maioria das vezes) respeitoso entre o aconselhamento bíblico e aquilo que pode ser descrito como aconselhamento cristão. Durante os últimos dez anos, mais ou menos, essas distinções ficaram mais vagas à medida que alguns dos que atuavam no campo do aconselhamento bíblico investiram esforços significativos no desenvolvimento do relacionamento com outros conselheiros cristãos, e aqueles que atuavam no campo do aconselhamento cristão adotaram o termo aconselhamento bíblico para descrever sua abordagem de aconselhamento. Isso resultou em uma crescente confusão quanto à definição de aconselhamento bíblico.[2]

Em poucas palavras, o aconselhamento bíblico consiste em ministrar as Escrituras àqueles que enfrentam problemas ou que desejam a sabedoria e a orientação de Deus. O aconselhamento bíblico não é um conceito novo. Ao longo das páginas das Escrituras, há exemplos que mostram que a Palavra de Deus foi apresentada de maneira instrutiva e corretiva tanto para indivíduos quanto para grupos. Ao longo da história da igreja também temos exemplos de como as Escrituras foram utilizadas por pastores e outros cristãos para encorajar e advertir os membros do rebanho.

O livro que você tem em mãos quer ajudá-lo a aprender a praticar o aconselhamento bíblico, que é, na verdade, o aconselhamento fundamentado nas Escrituras.

2. **Nota do Revisor**: O texto acima está contido no início Capítulo 3 deste livro.

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

O DEBATE EM torno do significado dos termos "aconselhamento cristão", "aconselhamento bíblico" e "suficiência das Escrituras" tem produzido, não raro, mais calor do que luz. No contexto do aconselhamento, muitas considerações, afirmações e conclusões são feitas a partir das experiências pessoais, dos sofrimentos, das lutas, do ambiente familiar, das heranças paterna e materna (ou a falta delas), das influências, enfim.... Certamente cada um desses aspectos não deve ser desprezado. O fato é que, de modo geral, a discussão se detém mais nas consequências e efeitos do que nas causas reais. O debate, entretanto, vai além das experiências, dos contextos, das histórias individuais, dos ambientes. No cerne da questão estão os fundamentos teológicos. Entretanto, em diversas obras que se propõem a tratar de aconselhamento, uma base teológica consistente não é uma das virtudes. Em muitas dessas obras a discussão começa por onde deveria terminar.

O debate passa pela Bibliologia, pela Palavra inspirada por Deus, pois o apóstolo Paulo afirma que ela é "útil para o ensino,

para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (2 Tm 3.16,17). Essa Palavra inspirada por Deus "restaura a alma" (Sl 19.7). As Escrituras são a Revelação proposicional de Deus ao homem. A propó-sito, a discussão passa pela definição de Revelação, e nesse sentido, pensar, por exemplo, sobre Revelação Geral, isto é, a Revelação que Deus faz de Si mesmo por meio da cria-ção (Sl 19.1-6; Rm 1.19,20), produz diferentes entendimentos. Alguns explicitaram suas incompreensões por não distingui-rem revelação divina de descobertas humanas. Isso produz acalorados debates acerca da natureza da verdade. A discussão passa pela Antropologia e as irreconciliáveis definições acerca de quem é o homem. Ele é um todo único? Seria o homem um ser tricotômico (espírito, alma e corpo) ou a dicotomia (aspecto material e imaterial) o define melhor? O debate passa ainda pela Hamartiologia (a doutrina do pecado, a natureza pecaminosa do homem e seus efeitos), pela pessoa do próprio Deus, pela obra redentora de Cristo, pela obra do Espírito, pelo papel da igreja. Ou seja, o cerne da questão são os fundamentos teológicos.

O livro que você tem em mãos é uma versão revisada e expandida da edição original publicada nos EUA. O Dr. John Babler e o Dr. Nicolas Ellen são os organizadores desta edição. Os autores caminharão, inicialmente, por situar o movimento dentro de um esquadro histórico para, em seguida, fazerem uma consistente fundamentação teológica. Eles se propuseram não só a estabelecer fundamentos como também se empenharam em propor uma definição de aconselhamento bíblico solidamente enraizada nas Escrituras. Também se dedicaram a considerar acerca da aplicabilidade do aconselhamento bíblico no contexto da igreja local, isto é, tornar a verdade bíblica aplicável a problemas específicos.

Num tempo teologicamente confuso como o nosso, em que o desdobramento de algumas teologias produz verdadeiros devaneios eclesiológicos e práticos, isto é, corrupções eclesiológicas e práticas, este livro é uma brisa refrescante, o que faz dele uma obra muito bem-vinda.

Fundamentos Teológicos do Aconselhamento Bíblico e Suas Aplicações Práticas vai acompanhado de nossas orações. Nosso desejo é que tanto a sua vida pessoal como o seu ministério de aconselhamento sejam aperfeiçoados.

Jayro M. Cáceres
Pastor da Igreja Batista Pedras Vivas
Coordenador do NUTRA – Núcleo de Treinamento,
Recursos e Aconselhamento Bíblico

PREFÁCIO

OPORTUNIDADES INCRÍVEIS SURGIRAM para alguém que começou bem cedo seu ministério de pregação. Consagrei minha vida ao ministério aos nove anos de idade, e meu pai, que era um experiente veterano de combates ministeriais, deu início ao meu programa de leituras quando eu tinha apenas 12 anos. Isso me permitiu ler, antes mesmo de ter concluído o ensino médio, todos os livros-textos que eu possivelmente estudaria na universidade. Além disso, graças ao homem que liderava o ministério para homens sem-teto em Beaumont, no Texas, pude começar meu ministério de pregação aos 15 anos de idade. Quando cheguei aos 17 anos, eu já havia servido como pastor interino em uma igreja batista afro-americana durante quase um ano, enquanto o pastor titular recuperava-se de problemas de saúde. Aos 16 anos de idade, eu já tinha compromissos de pregação agendados para todos os domingos dos próximos dois anos. Durante esses anos participei de uma viagem de pregação ao redor do mundo alcançando 13 países. Tudo isso não é presunção minha, mas espanto com o fato de que de alguma forma, em Sua providência, Deus ignorou a

fragilidade de alguém tão jovem e o usou para ser o veículo humano por meio do qual algumas pessoas, ou mesmo um número grande de pessoas, pudessem conhecer a Cristo como Salvador.

No entanto, em meio a tantas bênçãos para um jovem ministro, houve um desdobramento que me surpreendeu e para o qual eu não estava bem preparado. Visto que eu era um ministro do evangelho, ordenado aos 16 anos de idade, as pessoas começaram a me procurar trazendo seus problemas. Eu não teria achado esse fenômeno surpreendente se ele tivesse se limitado aos meus colegas adolescentes, mas o que me tirou o fôlego foi que quase todas as pessoas eram mais velhas do que eu e, muitas vezes, traziam problemas conjugais e outras dificuldades que estavam além da minha compreensão. Dando-me conta de minha tremenda inadequação, fui em busca de livros sobre aconselhamento. Encontrei inúmeros livros seculares sobre psicologia e aconselhamento, e até consegui achar pelo menos um ou dois títulos dos primeiros conselheiros cristãos que haviam começado a escrever nesse campo. A leitura dos livros de conselheiros seculares convenceu-me de que eles seriam de pouca utilidade, porque eram muito alheios ao meu território e aos tipos de problemas que chegavam a mim. O conselheiro cristão, cujas obras li e com quem mais tarde travei um relacionamento pessoal, era um homem querido, e estou convencido de que ele amava o Senhor e queria realmente ajudar as pessoas. Seus livros foram mais úteis do que os livros seculares, mas ainda assim, mesmo sendo um rapaz de 17 anos de idade, eu os achei infinitamente frustrantes. Aparentemente, sempre que algum tipo de problema realmente sério surgia na vida de uma pessoa, esse conselheiro cristão voltava-se muito mais para os métodos de aconselhamento a respeito dos quais eu tinha lido nos volumes seculares do que para as Escrituras, para o conselho de Jesus, para a sabedoria de Salomão em Provérbios, ou para

os exemplos incríveis da vida de Moisés, Abraão, Davi, Elias, Paulo e Pedro.

Certo dia, fui caminhar em uma floresta que é conhecida no Sudeste do Texas como Big Thicket. Somos alertados a não ir lá sozinhos, porém, nesse dia eu estava com apenas um companheiro, o meu Senhor. Enquanto eu lutava com a questão de como iria responder àqueles que me procuravam, sabia que uma das possibilidades seria simplesmente dizer: "Eu não posso ajudá-lo. Sou muito jovem e não tenho experiência para tratar seu problema". Essa resposta teria sido honesta, mas frustrante, porque eu queria muito ajudar aquelas pessoas. Naquele dia pedi a Deus que me desse alguma orientação, alguma forma de poder dar assistência àquelas pessoas.

Durante toda a minha vida tenho sido impaciente com pessoas que culpam a Deus por suas ações. Para mim, devemos ser muito cautelosos ao dizer: "Deus me disse...". Além das certezas escritas na Palavra de Deus, como saber se foi realmente Deus quem falou? Se Deus fosse culpado de tudo aquilo de que tem sido responsabilizado, Ele certamente não poderia ser um Deus justo. Dito tudo isso, posso pelo menos aventurar-me em uma afirmação maior. Até onde posso conhecer a vontade de Deus, acredito profundamente que Ele me conduziu à conclusão de que devo confiar em Sua Palavra e dar respostas bíblicas àqueles que me pedem ajuda.

De forma nenhuma minha próxima declaração deve ser tomada como uma crítica a alguém. Ela não deve ser interpretada como uma crítica e também não entendo que seja uma conclusão definitiva a respeito de todas as situações de aconselhamento. Consideradas essas ressalvas, posso dizer que mal pude acreditar no que aconteceu na minha vida nos 20 anos seguintes. Quando comecei a tratar os problemas que me eram trazidos usando simplesmente os padrões, os mandamentos, as instruções, o conforto e o encorajamento bíblicos, vi-me diante de um verdadeiro desfile de pessoas que chegavam e

diziam: "Você foi capaz de ajudar o Sr. Smith e sei que você pode me ajudar". Evidentemente, eu sabia que não havia sido eu a ajudar o Sr. Smith. Eu sabia que a ajuda viera do conselho de Deus. Ao longo dos anos, descobri em minha própria vida que o conselho de Deus nunca estava errado. Sempre que deixei de seguir as Escrituras, colhi uma safra de tristeza. Sempre que segui a Palavra do Senhor da melhor forma que pude, colhi uma safra de alegria e encorajamento. Descobri que quando ando no conselho das Escrituras, nunca chego ao esgotamento ministerial. E nas ocasiões em que fiquei profundamente abatido, quase destruído, como acontece com todos os seres humanos, descobri que o conselho da Palavra de Deus foi capaz de levantar meu espírito imediatamente e me dar a vitória em Cristo.

Esse testemunho irá ajudá-lo a entender por que dou as boas-vindas ao presente volume, *Fundamentos Teológicos do Aconselhamento Bíblico e Suas Aplicações Práticas*, em sua edição revista e ampliada. O livro é uma advertência dirigida à igreja. Ele não é uma condenação do sistema secular com as suas filosofias e terapias. Certamente, de um ponto de vista bíblico, ele as discute e determina as abundantes fraquezas e limitações em tais ideias. No entanto, os autores do livro alegram-se quando alguém é assistido e ajudado por qualquer que seja o meio disponível, desde que essa ajuda não seja do tipo passageira, que se deteriora e se desfaz com o passar do tempo, como frutos caídos.

Consequentemente, os autores propõem uma abordagem de aconselhamento para a igreja. Trata-se de uma abordagem para pastores e outros envolvidos no aconselhamento cristão. Não é uma abordagem geral para o mundo acadêmico ou secular. Na verdade, aqueles que trabalham nos campos acadêmico ou secular, aceitando os pressupostos das filosofias que os guiam, não seriam capazes de praticar essa metodologia de forma eficaz, mesmo que ficassem convencidos de que

valeria a pena fazer uma tentativa. Novamente, o livro é para aqueles que estão comprometidos com o senhorio de Cristo e a inerrância da Palavra de Deus, a Bíblia.

A conclusão é simplesmente esta: Deus, em Sua graça, criou todos os homens e mulheres com o desejo de alcançar satisfação e felicidade. Eles foram criados de tal maneira que a satisfação e a felicidade só podem resultar de uma relação adequada com o próprio Deus e com os outros seres por Ele criados. Por essa razão, o primeiro mandamento é amar o Senhor Deus com todo o seu coração, com toda a sua mente e sua alma, e o segundo é amar o próximo como a si mesmo. No entanto, Deus não nos abandonou para pescarmos sem propósito num riacho de águas transbordantes de problemas humanos, buscando algum método para alimentar nossa alma. Pelo contrário, Ele providenciou três meios incríveis pelos quais todos os seres humanos podem ter acesso à verdade necessária para trazer alegria e satisfação verdadeiras, bem como direção para a vida.

O primeiro deles é a revelação bíblica. Na Bíblia, temos a mente de Deus. Na verdade, nem todos os livros do mundo poderiam conter o que está na mente de Deus, mas Ele nos deu na Bíblia, pela intervenção milagrosa em forma de revelação, tudo quanto precisamos saber para termos a salvação e um sentido na vida, aqui e na eternidade. Em segundo lugar, Ele providenciou para que aqueles que chegam a Cristo pela fé, sejam regenerados e renovados no seu entendimento de forma que as leis de Deus escritas na revelação bíblica fiquem permanentemente inscritas no coração dos verdadeiros crentes. Finalmente, Ele também nos deu, como parte dessa experiência salvífica, a habitação permanente do Espírito Santo. Como parte da Sua obra, o Espírito Santo traz à nossa mente todas as coisas que Deus nos disse e nos leva a toda a verdade. Armados com a revelação bíblica, a regeneração e a habitação permanente do Espírito Santo, os autores afirmam que qualquer que

seja a natureza do problema, a resposta oferecida pela Bíblia e o poder conferido por obra do Espírito Santo são suficientes para atender às necessidades de verdadeira felicidade e satisfação, para homens e mulheres, na vida e na eternidade. Estas páginas preparadas por Dr. Babler, Dr. Penley e outros professores do *Southwestern Seminary* não só fornecem a matriz e o fundamento filosófico para tais crenças, mas também as informações necessárias para o desenvolvimento de um programa de aconselhamento bíblico, ou seja, o aconselhamento fundamentado nas Escrituras. Este livro trata de como desenvolver, no contexto da igreja, um programa de orientação espiritual que permita às pessoas encontrar a direção a seguir em um mundo confuso e cínico. Sou grato a Deus por esses autores e pela disposição deles em compartilhar o que Deus lhes ensinou com aqueles que hoje devem levar adiante a obra do aconselhamento. Que Deus abençoe os autores por tê-lo escrito e abençoe você, leitor.

PAIGE PATTERSON
Southwestern Baptist Theological Seminary

INTRODUÇÃO

Ao longo da Bíblia, líderes escolhidos por Deus praticaram o cuidado das almas. Deus chamou esses líderes para pastorear Seu povo (2 Sm 5.2; Jr 50.6; Ez 34.2). Em Isaías, Deus é retratado como um pastor bondoso que conforta e cuida do Seu povo com ternura e amor (Is 40.11). O Antigo Testamento desenvolve a analogia do líder espiritual como um pastor que cuida das pessoas debaixo da autoridade e orientação de Deus, o Grande Pastor. No Novo Testamento, Jesus chamou a Si mesmo de Bom Pastor. As Escrituras apresentam Cristo tendo compaixão pelas pessoas porque eram como ovelhas sem pastor (Mt 9.36). Antes de Sua ascensão, dando sequência à analogia do pastor, Jesus ordenou claramente a Pedro: "Apascenta as minhas ovelhas" (Jo 21.15-18). Na verdade, a própria palavra *pastor* reporta-se ao "pastor de ovelhas". Um pastor guia, alimenta, cuida, conforta, corrige e protege. Tal é a natureza do cuidado das almas. Uma teologia bíblica do cuidado das almas inclui cada uma das atividades do pastoreio acima mencionadas. Paulo exortou Timóteo e Tito a liderar pelo próprio exemplo, vivendo uma vida exemplar entre os fiéis (1 Tm 4.12; Tt 2.6-8.). Ele ressaltou que alimentassem o povo de Deus com o alimento espiritual das Escrituras, ensinando a sã doutrina (1 Co 3.2; 1 Tm 3.2, 4.13). Por meio do próprio exemplo, Paulo ensinou os crentes

a cuidarem uns dos outros, derramando sua vida na vida de outros (1 Ts 2.11; At 20.31). As Escrituras ordenam aos crentes que confortem os demais, identificando-se tanto com sua dor quanto com sua alegria (2 Co 1.3-5; Rm 12.15). A Bíblia enfatiza o papel do ministro como alguém que corrige sob a autoridade das Escrituras (2 Tm 2.25, 3.16, 4.2; 1 Pe 5.2). Ela chama os líderes para protegerem o rebanho que lhes é confiado (At 20.28). Como Jesus disse, "O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas" (Jo 10.11).

Uma tarefa importante no cuidado das almas é o aconselhamento. Atualmente, o institucionalizado e excessivamente acadêmico campo do cuidado das almas (o aconselhamento pastoral), afastou-se muito dos princípios traçados nas Escrituras. Na verdade, um observador casual pode até mesmo não reconhecer os princípios e as práticas fundamentais do cuidado das almas como pastorais. Muitos rejeitam a verdade das Escrituras em favor da experiência pessoal como a principal fonte de verdade. A maioria tem ido atrás das teorias e filosofias vãs de homens ímpios para que lhes forneçam os métodos e as técnicas para ajudar as pessoas com problemas. Este livro tem um propósito duplo. Revelar para quão longe o campo do cuidado das almas afastou-se das verdades doutrinárias sólidas encontradas nas Escrituras, e apresentar uma alternativa bíblica fundamentada na Palavra de Deus.

O genuíno cuidado das almas inclui o aconselhamento praticado pelo povo de Deus no contexto de Sua igreja e debaixo da autoridade das Escrituras. O aconselhamento não se limita aos pastores e à liderança da igreja. Não é algo praticado apenas por pessoas treinadas em psicologia e psicoterapia. Na verdade, insistimos que o aconselhamento proporcionado pelo povo de Deus não deve estar de forma nenhuma ligado às teorias e práticas das "ciências" do comportamento. O alvo do aconselhamento no genuíno cuidado das almas é glorificar a Deus, ajudando aquelas pessoas que enfrentam problemas

a estabelecerem e/ou aprofundarem seu relacionamento com Cristo. Isso é alcançado por meio de uma escuta cuidadosa e da orientação, em oração, que têm por propósito levar o aconselhado a alinhar sua vida com a Palavra de Deus. Somente após uma pessoa ter-se submetido à autoridade das Escrituras é que ela pode realmente experimentar "a paz que excede todo o entendimento".

CAPÍTULO 1

EDUCAÇÃO EM CLÍNICA PASTORAL: *Suas Raízes no Passado e a Realidade Atual*

Mike Bizzell

NÃO PODEMOS DISCUTIR o estado atual do cuidado das almas e do aconselhamento nos Estados Unidos sem discutir a Educação em Clínica Pastoral [*Clinical Pastoral Education* (CPE)]. As organizações ligadas à CPE controlam a capelania profissional e exercem ampla influência sobre o trabalho dos pastores e de outros ministros do país e ao redor do mundo. O que é a CPE? Quais são suas origens? Quais são seus objetivos? É provável que essas perguntas possam ser mais bem respondidas se olharmos para as pessoas que mais influenciaram o movimento CPE em todas as suas fases: início, desenvolvimento e manutenção. Antes de fazermos isso, algo deve

ser dito sobre a época em que esses homens viveram e conceberam suas filosofias e ideologias.

ERA DE MUDANÇA

No início dos anos 1900, várias mudanças no modo de pensar estavam ocorrendo nos Estados Unidos. William James e E. D. Starbuck desencadearam o movimento da psicologia da religião, no qual a religião passou a ser privatizada e intimamente associada ao autodesenvolvimento.[1] Muitos pastores e líderes concluíram que a chave para desvendar os mistérios da religião e da realidade estavam "em nós mesmos".[2] Desenvolveu-se, portanto, um abismo entre o indivíduo e o seu lugar no contexto social.[3]

No entanto, uma outra força influenciada pela psicologia da religião, mas dela separada, começou a ter influência na área de aconselhamento pastoral que, em essência, tornou-se o cuidado das almas secularizado. Iniciado pelo reverendo Elwood Worcester da *Emmanuel Church*, em Boston, o *Emmanuel Movement* uniu a medicina e a religião, os psiquiatras e os pastores, para tratar os distúrbios nervosos ou espirituais. "Esse modelo de colaboração teórica e prática na arte de curar pessoas doentes e perturbadas tornou-se importante para definir um rumo para a prática pastoral durante décadas".[4]

Freud e a psicanálise também tiveram um grande impacto sobre o pensamento do povo americano no início dos anos 1900.[5] O trabalho de Freud chamou a atenção tanto do movimento da psicologia da religião, acima mencionado, quanto

1. GERKIN, Charles V. **The living human document:** re-visioning pastoral counseling in a hermeneutical mode. Nashville, TN: Abingdon, 1984, p. 53.
2. HOLIFIELD, E. Brooks. **A history of pastoral care in America:** from salvation to self-realization. Nashville, TN: Abingdon Press, 1983, p. 198.
3. SUMMERS, Thomas A. **Hunkering down:** my story in four decades of Clinical Pastoral Education. Columbia, SC: Edisto Press, 2000, p. 155.
4. GERKIN, Charles V. Op. cit., p. 55.
5. Ibid., p. 56.

do *Emmanuel Movement*. Seus conceitos sobre o inconsciente tornaram-se fundamentais para fomentar na nação o crescente fascínio pela psicologia e, por sua vez, o interesse também da igreja nas teorias da psicologia.[6]

Charles Darwin e sua teoria da evolução desafiaram a igreja. A ciência e a tecnologia começaram a ter um grande impacto sobre a sociedade dos Estados Unidos.[7] Na verdade, o julgamento de Scopes aconteceu no mesmo ano em que o pioneiro da CPE, Anton Boisen, começou seus primeiros experimentos de treinamento clínico para estudantes de seminário.[8] A teoria de Darwin questionou a autoridade da Bíblia e estabeleceu a ênfase na "verdade" da descoberta científica.

O evangelho social nasceu no início dos anos 1900 e seus adeptos acreditavam que os esforços humanos para aplicar os princípios do Novo Testamento à sociedade e às suas estruturas sociais falidas poderiam dar início ao Reino de Deus.[9] Walter Rauschenbusch, e outros defensores do evangelho social, consideravam que a reforma social era tarefa da igreja e parte do cuidado pastoral.[10] O "clima de otimismo" encontrado na teologia do evangelho social permeava não só o movimento de reforma social, mas também o movimento da psicologia pastoral.[11]

Após a Segunda Guerra Mundial, os expoentes da teologia pastoral nas principais escolas de teologia dos Estados Unidos começaram a adotar um novo estilo pastoral.[12] Esse novo estilo afastou-se do conselho, da exortação e da orientação e se moveu rumo a um estilo de aconselhamento pastoral

6. SUMMERS, Thomas A. **Hunkering down:** my story in four decades of Clinical Pastoral Education. Columbia, SC: Edisto Press, 2000, p. 8.
7. ADEN, Leroy, ELLENS, J. Harold (edits.). **Turning points in pastoral care:** the legacy of Anton Boisen and Seward Hiltner. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1990, p. 20.
8. Ibid., p. 20.
9. GERKIN, Charles V. **The living human document:** re-visioning pastoral counseling in a hermeneutical mode. Nashville, TN: Abingdon, 1984, p. 58.
10. ADEN, Leroy, ELLENS, J. Harold (edits.). Op. cit., p. 21.
11. GERKIN, Charles V. Op. cit., p. 60.
12. HOLIFIELD, E. Brooks. **A history of pastoral care in America:** from salvation to self-realization. Nashville, TN: Abingdon Press, 1983, p. 259.

antiautoritário e autocentrado.[13] Grande parte da mudança foi precipitada por eventos direta ou indiretamente relacionados à guerra. Os militares contrataram centenas de psicólogos e psiquiatras. Depois da guerra, essas pessoas inundaram o setor privado e exerceram grande influência sobre a indústria e a educação. Mais de 8000 capelães serviram durante a Segunda Guerra Mundial.[14] Muitos retornaram com profundos sentimentos de inadequação e voltaram-se para a psicologia em busca de ajuda.[15] Respondendo à popularização da psicologia, por volta de 1950, mais de 80 por cento das escolas teológicas ofereciam cursos de psicologia e mais de 80 por cento tinham pelo menos um psicólogo em seu corpo docente.[16]

Concluindo, todas as chamas de mudança mencionadas acima foram impulsionadas por uma fonte abrangente: a teologia liberal. Os teólogos do pós-guerra recorreram a uma variedade de autores teóricos que haviam aderido à autorrealização e abominavam o que eles chamavam de convenção social e também as estruturas sociais de massa da sociedade norte-americana. Sem dúvida, uma delas era a igreja. Na igreja, aqueles que defendiam viver de acordo com as Escrituras foram marcados como moralistas e legalistas.[17] A ideia rogeriana de aceitação positiva incondicional moldou a prática do aconselhamento pastoral.

De acordo com Edward Thornton, "o liberalismo teológico preparou o caminho para a aceitação inicial da educação em clínica pastoral" e "a educação em clínica pastoral nunca teria se enraizado na educação teológica sem o liberalismo".[18] W. Kenneth Cauthen, em seu livro *The Impact of American*

13. HOLIFIELD, E. Brooks. **A history of pastoral care in America:** from salvation to self-realization. Nashville, TN: Abingdon Press, 1983, p. 260.
14. Ibid., p. 269.
15. STOKES, Allison. **Ministry after Freud**. New York: Pilgrim Press, 1985, p. 139.
16. HOLIFIELD, E. Brooks. Op. cit., p. 271.
17. Ibid., p. 276, 277.
18. THORNTON, Edward E. **Professional education for ministry:** a history of Clinical Pastoral Education. Nashville, TN: Abingdon Press, 1970, p. 27, 28.

Religious Liberalism, descreve a teologia liberal como caracterizada por três pontos principais: "a ênfase em continuidade no mundo, em vez de descontinuidade; o foco na autonomia da razão humana e da experiência, em vez de uma revelação divina autoritativa, e a ênfase em uma natureza dinâmica da vida e do mundo, em vez de uma natureza estática".[19] Quando olhamos para as crenças daqueles homens que iniciaram, desenvolveram e praticaram o aconselhamento pastoral e a CPE, vemos o traço comum de subjugar as Escrituras à experiência individual e às "ciências" do comportamento. A citação a seguir revela o pensamento e a aparente motivação por trás do desenvolvimento da CPE:

> Podemos interpretar o surgimento da educação em clínica pastoral na década de 20 em termos da disputa entre Elias e os profetas de Baal. Usando o relato bíblico como paradigma dos acontecimentos contemporâneos, poderíamos dizer que a comunidade científica lançou o desafio: "O deus que responder com a cura, esse é Deus". A medicina invocou a ciência; a teologia invocou a religião. As pessoas hesitaram e, em seguida, voltaram-se para a medicina. Para elas, foi o deus da ciência que respondeu com a cura. Os grandes templos dos Estados Unidos tornaram-se centros médicos dedicados ao deus da saúde. Os sumos sacerdotes tornaram-se médicos e psiquiatras. A educação em clínica pastoral pôde ser entendida como um esforço da comunidade religiosa para garantir o fogo da cura para os altares das igrejas e sinagogas. A maioria dos educadores em clínica pastoral estava convencida de que sem uma resposta eficaz à necessidade de integridade psíquica das pessoas, as chamas do altar iriam cessar e as casas de culto estariam mortas.[20]

19. CAUTHEN, W. Kenneth. **The impact of American religious liberalism**. New York: Harper, 1962, p. 6.
20. THORNTON, Edward E. **Professional education for ministry:** a history of Clinical Pastoral Education. Nashville, TN: Abingdon Press, 1970, p. 87.

ANTON BOISEN

Anton Boisen foi identificado como o pai da educação em clínica pastoral. Também pode-se dizer que ele é o pai da teologia pastoral moderna.[21] Que tipo de homem era Anton Boisen? De que maneira um homem descrito como "confuso quanto à sua vocação e, na melhor das hipóteses, medíocre em sua atuação durante os primeiros 45 anos de sua vida" veio a ser conhecido como o "pai da educação em clínica pastoral"?[22] A ascensão de Boisen ao ápice de influência e notoriedade deu-se por meio de um longo e, às vezes, pouco provável caminho.

Anton T. Boisen nasceu em Bloomington, Indiana, em 1876. Seu pai e seu avô materno eram professores na Universidade de Indiana.[23] O próprio Boisen estudou nessa instituição, onde também se tornou um instrutor no ensino de línguas.[24] Seu pai morreu quando Anton tinha apenas sete anos de idade e seu avô morreu quando Anton ainda estava com 20 anos.[25] Durante seus anos como estudante, Boisen foi influenciado por William Lowe Bryan, um professor de filosofia e psicologia que também ministrava um estudo bíblico em uma igreja presbiteriana local. Sob a tutela de Bryan, Boisen leu *Principles of Psychology,* de William James.[26] Essa introdução precoce à psicologia teve, mais adiante, uma profunda influência sobre o pensamento de Boisen.

Em 1902, no campus da *Bloomingdale*, Boisen conheceu Alice Batchelder e apaixonou-se por ela.[27] Seu amor não foi correspondido. Embora ele tenha cortejado Alice por décadas, ela se recusou a casar-se com ele e morreu solteira, em

21. ADEN, Leroy, ELLENS, J. Harold (edit.). **Turning points in pastoral care**: the legacy of Anton Boisen and Seward Hiltner. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1990, p. 19.
22. THORNTON, Edward E. **Professional education for ministry**: a history of Clinical Pastoral Education. Nashville, TN: Abingdon Press, 1970, p. 56.
23. STOKES, Allison. **Ministry after Freud**. New York: Pilgrim Press, 1985, p. 43.
24. Ibid., p. 43.
25. THORNON, Edward E. Op. cit., p. 56.
26. STOKES, Allison. Op. cit., p. 43.
27. BOISEN, Anton T. **Out of the depths**. New York: Harper and Brothers Publishers, 1960, p. 52, 53.

1935.[28] Seu fracasso sentimental foi agravado por sua incapacidade de encontrar realização em seu trabalho. Boisen tentou ser professor de línguas. Foi durante esse período que ele teve seus primeiros episódios psicóticos, e deixou seu trabalho na Universidade de Indiana para estudar silvicultura.[29] No mesmo período, ele lutou com sua obsessão por Alice e começou a procurar respostas na Bíblia, abrindo-a ao acaso para ler o primeiro verso sobre o qual seus olhos batessem. Boisen também buscou orientação e conforto nos escritos de Ralph Waldo Emerson.[30] Em 1905, após estudar silvicultura por dois anos na Universidade de Yale, Boisen sentiu um chamado para o ministério.[31] Ele relata esse chamado da seguinte forma: "Enquanto caminhava pela *Chapel Street*, em New Haven, a ideia começou a surgir em minha mente: 'Você encontrou as colinas onde as flores crescem. Deve ser sua tarefa mostrar-lhes o caminho'. Para mim, esse foi o chamado para o ministério".[32] Enquanto se preparava para deixar a silvicultura e ir estudar no *Union Seminary*, Boisen sofreu sua segunda crise com sintomas psicóticos.[33] Esse episódio foi precipitado pelo que pareceu ser uma rejeição clara e definitiva por parte de Alice Batchelder em aceitar Boisen como seu pretendente. Naquela época, de fato, Boisen aproximou-se de um dos seus companheiros de silvicultura e a ele "deu" Alice.[34]

Em *Union*, Boisen estudou com Williams Adams Brown, um teólogo liberal célebre naqueles dias.[35] Ele finalmente formou-se no *Union Seminary* em 1911.[36] Os dez anos seguintes incluíram vários pastorados de curta duração, uma temporada

28. STOKES, Allison. **Ministry after Freud**. New York: Pilgrim Press, 1985, p. 43.
29. THORNTON, Edward E. **Professional education for ministry:** a history of Clinical Pastoral Education. Nashville, TN: Abingdon Press, 1970, p. 57.
30. BOISEN, Anton T. **Out of the depths**. New York: Harper and Brothers Publishers, 1960, p. 53, 54.
31. STOKES, Allison. Op. cit., p. 43.
32. BOISEN, Anton T. Op. cit., p. 55, 56.
33. THORNTON, Edward E. Op. cit., p. 57.
34. BOISEN, Anton T. Op. cit., p. 59.
35. THORNTON, Edward E. Op. cit., p. 65.
36. STOKES, Allison. Op. cit., p. 46.

na Europa com a YMCA *(Young Men's Christian Association)*, durante a Primeira Guerra Mundial, e um trabalho com o malfadado *Interchurch World Movement*. As contínuas tentativas de ganhar o favor de Alice também falharam e Boisen desenvolveu um profundo senso de fracasso pessoal.[37]

Na noite de 9 de outubro de 1920, Boisen saiu de sua casa escoltado por seis policiais. Enquanto trabalhava com grande fervor em uma declaração de fé, sofreu um "transtorno psicótico agudo" de intensidade tal que seu comportamento assustou sua mãe e sua irmã o suficiente para que elas chamassem a polícia.[38] Esse transtorno, nas palavras do próprio Boisen, "teve suas raízes em uma forte luta interior decorrente de uma sensibilidade sexual precoce, datada dos meus quatro anos de idade".[39] Boisen não identificou explicitamente essa "sensibilidade sexual", mas a declaração de fé que ele estava preparando quando sofreu seu "transtorno psicótico" fazia referências à forma injusta com que a sociedade havia estabelecido a escolha do parceiro de casamento.[40] Falando sobre as tendências de suicídio relacionadas à sua sexualidade, Boisen escreveu: "Fiz várias e repetidas tentativas de eliminar a mim mesmo".[41] Aparentemente, seu fracasso com Alice precipitou seu colapso mental. Ele foi diagnosticado com "esquizofrenia catatônica", sem esperança de recuperação.[42] Esse não foi o primeiro nem seria o último dos episódios psicóticos de Boisen. Na verdade, dos 30 aos 60 anos, Boisen foi internado cinco vezes.[43] Esse episódio aos 43 anos de idade foi, no entanto, o que deixou Boisen com uma "paixão por remover as barreiras que podem

37. STOKES, Allison. **Ministry after Freud**. New York: Pilgrim Press, 1985, p. 46, 47.
38. Ibid., p. 39.
39. BOISEN, Anton T. **Out of the depths**. New York: Harper and Brothers Publishers, 1960, p. 2.
40. Ibid., p. 80.
41. Ibid., p. 106.
42. STOKES, Allison. Op. cit., p. 39.
43. ADEN, Leroy, ELLENS, J. Harold (edits.). **Turning points in pastoral care**: the legacy of Anton Boisen and Seward Hiltner. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1990, p. 226.

ter separado a medicina, a psicologia e a religião".[44] Estando ainda hospitalizado, procurou compreender a sua própria experiência, discutindo seus sintomas com os médicos, mas estes não gostavam de conversar com os pacientes sobre suas doenças.[45] Depois de ouvir sobre as experiências frustrantes de Boisen com seus médicos, um amigo enviou-lhe uma cópia de *Introductory Lectures,* de Freud.[46] Após ler atentamente o material, Boisen escreveu ao seu amigo que as conclusões de Freud eram notadamente parecidas com as suas.[47] Durante os 15 meses em que Boisen esteve hospitalizado, ele não só leu Freud como também assumiu o papel de ministrar aos seus companheiros de sofrimento. A observação de outros pacientes juntamente com sua própria experiência e seu interesse na psicologia da religião levaram Boisen a interpretar a "doença mental como um caso de experiência religiosa".[48] Ele chegou a acreditar que a maioria dos pacientes que via ao seu redor havia sido hospitalizada por suas dificuldades espirituais ou religiosas.[49]

Em janeiro de 1922, Boisen recebeu alta do hospital com um novo propósito de vida: ajudar aqueles que sofriam de doenças mentais tais como a sua.[50] Ele começou a estudar a psicologia da religião e as áreas afins no *Andover Newton* e *Harvard Divinity School.*[51] Foi durante aquele tempo que Boisen conheceu o Dr. Richard C. Cabot.[52] O papel do Dr. Cabot na educação pastoral é discutido mais adiante neste capítulo. Após quase dois anos de estudo no *Boston Psychopathic Hospital,*

44. SUMMERS, Thomas A. **Hunkering down:** my story in four decades of Clinical Pastoral Education. Columbia, SC: Edisto Press, 2000, p. 6.
45. STOKES, Allison. **Ministry after Freud**. New York: Pilgrim Press, 1985, p. 40.
46. Ibid., p. 40.
47. Ibid, p. 40.
48. HOLIFIELD, E. Brooks. **A history of pastoral care in America:** from salvation to self-realization. Nashville, TN: Abingdon Press, 1983, p. 244.
49. BOISEN, Anton T. **The exploration of the inner world**: a study of mental disorder and religious experience. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 1936, p. 5.
50. Ibid., p. 7.
51. THORNTON, Edward E. **Professional education for ministry:** a history of Clinical Pastoral Education. Nashville, TN: Abingdon Press, 1970, p. 57.
52. BOISEN, Anton T. Op. cit., p. 8.

Boisen começou a procurar um trabalho como capelão hospitalar.[53] Em 1925, iniciou dois trabalhos que abriram a porta para o seu futuro envolvimento na educação em clínica pastoral. Ele aceitou um emprego como assistente de pesquisa no *Chicago Theological Seminary*, onde continuou a passar três meses por ano até o outono de 1930.[54] Também em 1925, o Dr. William A. Bryan, superintendente do *Worcester State Mental Hospital*, em Worcester, Massachusetts, contratou Boisen como capelão do hospital. Boisen pediu que quatro estudantes de teologia se juntassem a ele no hospital no verão de 1925 para observar os pacientes e aprender com eles.[55] Seus alunos atuavam durante o dia junto aos doentes mentais em atividades recreativas e como assistentes de enfermaria. À noite, eles se reuniam com Boisen para discutir estudos de caso e fazer pesquisas para o seminário. Foram assim plantadas as sementes daquilo que mais tarde se tornou a CPE.[56]

Os autores dizem que Boisen não tinha a intenção de inflamar um movimento, mas que desejava simplesmente fazer uma pesquisa sistemática das lutas mentais e emocionais de um indivíduo a partir de uma visão teológica.[57] O que Boisen queria era ver um esforço de cooperação entre hospitais e seminários.[58] Ele defendia mudanças radicais tanto no cuidado dos doentes mentais quanto na educação teológica.[59] Com certeza, envolver um elemento prático na educação teológica é louvável. Infelizmente, porém, foi no campo da teologia que Boisen desviou-se da verdade bíblica.

53. BOISEN, Anton T. **The exploration of the inner world:** a study of mental disorder and religious experience. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 1936, p. 8.
54. Ibid., p. 9.
55. Ibid., p. 9.
56. SUMMERS, Thomas A. **Hunkering down:** my story in four decades of Clinical Pastoral Education. Columbia, SC: Edisto Press, 2000, p. 7.
57. Ibid., p. 8, 9.
58. THORNTON, Edward E. **Professional education for ministry:** a history of Clinical Pastoral Education. Nashville, TN: Abingdon Press, 1970, p. 68.
59. GERKIN, Charles V. **The living human document:** re-visioning pastoral counseling in a hermeneutical mode. Nashville, TN: Abingdon, 1984, p. 63.

A teologia de Boisen tem sido descrita como uma interessante mistura de moralismo, liberalismo, misticismo e empirismo.[60] Sua teologia foi desenvolvida no contexto do movimento do evangelho social, do julgamento de Scopes e da urbanização dos Estados Unidos.[61] Durante seu tempo no *Chicago Theological Seminary*, Boisen esteve debaixo da influência de vários pensadores "inovadores" que o ajudaram a moldar uma teologia com forte ênfase na experiência.[62] "Na verdade, o objetivo da teologia para Boisen não era a construção de qualquer tipo de sistema de crença, seja liberal ou fundamentalista. Em vez disso, ele acreditava que o trabalho e o método da teologia serviriam para organizar e testar a validade dos pontos de vista religiosos à luz da experiência humana".[63] Para Boisen, a teologia é o estudo das crenças religiosas dos indivíduos e das "forças espirituais que operam dentro de nós e as relações que existem entre as suas várias manifestações, tudo à luz da crença em uma realidade suprema a que os homens geralmente dão o nome de 'Deus' ".[64] Essa afirmação nos leva a uma interrogação sobre como Boisen define "Deus". A ideia de Boisen a respeito de Deus está claramente revelada na seguinte declaração:

> Parece difícil conciliar a existência do mal com a ideia de um Deus bom. Na verdade, se considerarmos Deus como o criador onipotente, o problema parece-me praticamente insolúvel. Essa é uma das minhas principais razões para rejeitar a ideia do Deus absoluto e substitui-la pela ideia de um Deus que seja, talvez, não absoluto, não idêntico ao universo, mas a razão da nossa razão, coração do nosso coração, participante dos nossos sucessos e

60. HILTNER, Seward. **Pastoral counseling**. New York: Abingdon-Cokesbury Press, 1949, p. 131.
61. ADEN, Leroy, ELLENS, J. Harold (edit.). **Turning points in pastoral care**: the legacy of Anton Boisen and Seward Hiltner. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1990, p. 20, 21.
62. Ibid., p. 23.
63. Ibid., p. 24.
64. BOISEN, Anton T. **The exploration of the inner world**: a study of mental disorder and religious experience. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 1936, p. 306.

> sofredor como as nossas derrotas, e dependente de nós para a plena realização de Si mesmo e de Seu propósito. Tal Deus não precisa ser infinito, mas Ele é supremo para nós, a grande força pessoal dominante a quem devemos nossa lealdade, e isso para mim seria o suficiente.[65]

Ao que parece, para Boisen, Deus, ou a "ideia de Deus", só existe na mente das pessoas.[66] Ele diz que a ideia de Deus "simboliza" e "representa" o que uma pessoa "considera mais digno de amor e honra".[67] Dizer que Deus é "a razão da nossa razão, coração do nosso coração" é dizer que Deus é quem ou aquilo que a experiência de um indivíduo considera que Ele seja. Dizer que Deus depende de nós "para a plena realização de Si mesmo e de Seu propósito" revela uma visão de Deus que torna o Criador onipotente apenas um fruto impotente da imaginação do homem. Antes que alguém pense que as declarações de Boisen a respeito de Deus foram mal interpretadas, devemos considerar o fato de que ele escreveu contra a divindade de Cristo, a expiação vicária, a inspiração das Escrituras e a depravação do homem.[68]

Boisen via as pessoas como documentos a serem lidos. "A imagem que ele fazia da pessoa como um documento a ser lido significa que a experiência da pessoa exige o mesmo respeito que os textos históricos a partir dos quais são estabelecidos os fundamentos da nossa tradição de fé judaico-cristã".[69] Ao comentar a respeito de suas crenças sobre a inspiração das Escrituras, Boisen diz que ele acredita que os homens podem "sentir" como inspirados e "tem o direito de acreditar na ori-

65. ASQUITH, Glen H. "Anton Boisen and the study of 'Living Human Documents.'" **Journal of Presbyterian History**, v. 60, p. 251, Fall 1982.
66. BOISEN, Anton T. **The exploration of the inner world**: a study of mental disorder and religious experience. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 1936, p. 195-201.
67. Ibid., p. 307.
68. BOISEN, Anton T. **Religion in crisis and custom**. New York: Harper and Brothers, 1955, p. 199-206.
69. GERKIN, Charles V. **The living human document:** re-visioning pastoral counseling in a hermeneutical mode. Nashville, TN: Abingdon, 1984, p. 38, 39.

gem divina de seus escritos sagrados", mas "entramos em toda sorte de problemas na tentativa de atribuir autoridade" a tais escritos.[70] Na teologia de Boisen, a experiência de uma pessoa é, no mínimo, equivalente à revelação bíblica porque, afinal, a revelação bíblica é apenas um registro da experiência de outra pessoa. A baixa consideração de Boisen com as Escrituras e a elevada consideração da experiência pessoal (especialmente a de natureza mística) permeiam o campo do aconselhamento pastoral e o movimento da CPE, tornando-os, na prática, um cuidado das almas secularizado.

DR. RICHARD C. CABOT

Richard C. Cabot nasceu no seio de uma família influente e rica de Brookline, Massachusetts, em 1868. Ele foi criado na *Unitarian Church*, mas não chegou a unir-se à igreja até aos 50 anos de idade.[71] Mesmo não sendo membro da igreja, Cabot planejou seguir carreira ou como um ministro da *Unitarian Church* ou como filósofo. No entanto, por ocasião de sua graduação na faculdade, ele optou por uma carreira na medicina.[72] A família Cabot tinha uma longa história de profissionais da área médica, e após sua graduação em Harvard, em 1889, ele passou a ser professor de clínica médica na *Harvard Medical School.*[73] Suas observações de como a prática da medicina e a prescrição dos tratamentos ignorava, muitas vezes, a realidade da situação de uma pessoa levou-o a estabelecer o *Medical Social Services* no *Massachusetts General Hospital*, em 1905.[74] Cabot reparou que a faxineira, que repetidamente chegava ao

70. BOISEN, Anton T. **The exploration of the inner world:** a study of mental disorder and religious experience. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 1936, p. 308.
71. FAIRBANKS, Rollin J. "Richard C. Cabot: his contribution to pastoral psychology." **Pastoral Psychology** v. 5, p. 29, March 1954.
72. CABOT, Richard C. "Autobiographical Notes".
73. THORNTON, Edward E. **Professional education for ministry:** a history of Clinical Pastoral Education. Nashville, TN: Abingdon Press, 1970, p. 46.
74. ALLPORT, Gordon W. "The spirit of Richard Clark Cabot." **Journal of Pastoral Care,** v. 20, p. 102, June 1966.

hospital reclamando de problemas nas mãos, recebeu tratamento e conselhos que ignoraram o fato de que ela tinha que esfregar o chão para ganhar a vida. Uma das funções do departamento de serviços sociais de Cabot era ajudar essas pessoas a mudarem de trabalho.[75] Cabot também deu início ao primeiro ministério de capelania protestante no *Massachusetts General Hospital*, tirando do próprio bolso, durante anos, o salário do capelão.[76] Em 1920, Cabot assumiu a cadeira de ética social em *Harvard*, e serviu nessa posição até sua aposentadoria em 1929. Ele trabalhou o restante de sua vida integrando o corpo docente da *Anderson-Newton Theological School* como professor de teologia natural.[77]

Cabot acreditava e trabalhava na criação daquilo que chamou de "teologia clínica".[78] Foi ele quem recomendou Boisen para a sua primeira posição como capelão no *Worcester State Hospital*.[79] "Cabot contribuiu para o desenvolvimento da identidade de Boisen como um ministro profissionalmente treinado e também para a sua competência como educador".[80] Foi Cabot que enviou a Boisen os alunos que formaram sua primeira turma de treinamento clínico em Worcester.[81] Na verdade, o modelo de estudo de casos usado por Boisen para o ensino no contexto clínico foi adaptado dos procedimentos de Cabot.[82] Imediatamente após o primeiro curso de treinamento clínico dado por Boisen, Cabot publicou seu trabalho *"A Plea for a Clinical Year in the Course of Theological Study"*, um artigo frequentemente citado como iniciador do movimento

75. ALLPORT, Gordon W. "The spirit of Richard Clark Cabot." **Journal of Pastoral Care**, v. 20, p. 102, June 1966.
76. Ibid., p. 103.
77. FAIRBANKS, Rollin J. "Richard C. Cabot: his contribution to pastoral psychology." **Pastoral Psychology** v. 5, p. 32, March 1954.
78. THORNTON, Edward E. **Professional education for ministry:** a history of Clinical Pastoral Education. Nashville, TN: Abingdon Press, 1970, p. 48.
79. Ibid., p. 50.
80. Ibid., p. 51.
81. Ibid., p. 51.
82. SUMMERS, Thomas A. **Hunkering down:** my story in four decades of Clinical Pastoral Education. Columbia, SC: Edisto Press, 2000, p. 6.

em direção ao treinamento clínico para os ministros.[83] Cabot queria que os estudantes de teologia ganhassem em primeira mão o conhecimento prático de como ministrar às pessoas sofredoras nos ambientes hospitalares. No entanto, ele se opunha fortemente a qualquer espiritualização da medicina ou interpretação psicogênica das doenças físicas ou mentais. Da mesma forma, Cabot não se mostrava tolerante com aqueles que pretendiam "psicologizar ou socializar o evangelho, ou transformar o trabalho ministerial em trabalho social ou em psiquiatria".[84] Cabot imaginava os pastores saindo do púlpito e ministrando entre as pessoas em situações públicas e em suas casas.[85] Ele queria ver ministros profissionais, altamente treinados, trabalhando ao lado de profissionais médicos altamente treinados, cada um em seu próprio campo. Ele traçou linhas rígidas entre aquilo que os médicos e aquilo que os ministros deveriam realizar com os pacientes.[86] Na verdade, Cabot advertiu que os ministros deveriam deixar os problemas mentais para os profissionais com formação médica. Ele disse que os ministros deveriam saber o suficiente para reconhecer os sintomas e encaminhar os pacientes aos psiquiatras.[87] Essa declaração sobre a psiquiatria é um pouco enganadora, pois Cabot tinha uma baixa apreciação da prática psiquiátrica sempre que ela saísse do campo físico.[88]

No início da década de 1930, Cabot e Boisen juntaram-se a outros para fundar o *Council for the Clinical Training of Theology Students*.[89] Uma discordância sobre a origem da doença mental e o papel da psicologia levou à divisão do grupo em duas linhas de pensamento. Cabot, no papel de

83. STOKES, Allison. **Ministry after Freud**. New York: Pilgrim Press, 1985, p. 50.
84. THORNTON, Edward E. **Professional education for ministry**: a history of Clinical Pastoral Education. Nashville, TN: Abingdon Press, 1970, p. 49.
85. Ibid., p. 49.
86. STOKES, Allison. Op. cit., p. 50.
87. THORNTON, Edward E. Op. cit., p. 51.
88. Ibid., p. 51.
89. HOLIFIELD, E. Brooks. **A history of pastoral care in America**: from salvation to self-realization. Nashville, TN: Abingdon Press, 1983, p. 234.

presidente, procurou atuar como mediador, mas suas opiniões fortes a respeito da origem orgânica da doença mental afastaram-no do grupo de Boisen em Nova York, e ele foi destituído de seu cargo de presidente.[90] Em seguida, Cabot formou uma segunda organização em Boston sob o nome de *The New England Theological Schools Committee on Clinical Training*.[91]

Allport descreve Cabot como "profundamente religioso, teologicamente um liberal".[92] Ao contrário de Boisen, Cabot não via uma necessidade de reescrever a teologia. No entanto, acreditava que os teólogos e os seminários de sua época estavam fazendo uma aplicação falha ou incompleta da teologia.[93] Cabot acreditava que a natureza tinha as respostas para todas as perguntas do homem. Ele afirmou: "Se fizermos perguntas sensatas à natureza, tanto poderemos obter respostas razoáveis, como poderemos não obter resposta nenhuma.".[94] Cabot acreditava que havia uma razão lógica para tudo.[95] Ele fez um estudo sobre a cura pela fé e descobriu que ela é funcional: "Assim como na Bíblia".[96] Cabot postulou que a experiência religiosa pode ser explicada de maneira racional e física, em lugar de mística.[97] Aparentemente, Cabot negava que os milagres registrados nas Escrituras fossem sobrenaturais e acreditava que a realidade podia ser encontrada somente no reino físico. Embora Cabot e Boisen discordassem em muitos pontos, ambos se sentiam à vontade para desafiar a verdade e a autoridade das Escrituras.

90. HOLIFIELD, E. Brooks. **A history of pastoral care in America:** from salvation to self-realization. Nashville, TN: Abingdon Press, 1983, p. 234.
91. Ibid., p. 234.
92. ALLPORT, Gordon W. "The spirit of Richard Clark Cabot." **Journal of Pastoral Care**, v. 20, p. 104, June 1966.
93. CIAMPA, Frank. **Who we were**: a survey of the history of the pastoral care, counseling, and education movement. Acessado em 7 junho 2006. Disponível em http://www.pastoralreport.com/the_archives/2005/04/who_we_were_a_s.html.
94. STOKES, Allison. **Ministry after Freud**. New York: Pilgrim Press, 1985, p. 172.
95. FAIRBANKS, Rollin J. "Richard C. Cabot: his contribution to pastoral psychology." **Pastoral Psychology** v. 5, p. 30, March 1954.
96. Ibid., p. 31.
97. Ibid., p. 32.

SEWARD HILTNER

Seward Hiltner nasceu em 1909, na Pensilvânia. Conheceu Boisen durante seu primeiro ano na *Chicago Divinity School.* Depois que Boisen o apresentou à CPE, Hiltner passou três verões trabalhando no ambiente clínico.[98] Após completar seu curso de doutorado em 1935, Hiltner assumiu seu primeiro cargo executivo em tempo integral na equipe do movimento CPE, tornando-se secretário-executivo do *Council for Clinical Training for Theological Students.*[99] Em consequência de conflitos com a diretora, Helen Flanders Dunbar, Hiltner deixou o cargo em 1938 e assumiu uma posição no *Federal Council of Churches* como chefe da *Commission on Religion and Health.*[100] Em 1950, ele terminou sua dissertação de doutorado e tornou-se professor de teologia pastoral.[101] Hiltner juntou-se ao corpo docente do *Princeton Theological Seminary* como professor de teologia e personalidade em 1961.[102]

Em 1949, Hiltner ganhou grande influência no campo da psicologia pastoral quando se tornou consultor pastoral para a revista *Pastoral Psychology*, um cargo que ocupou por quase 20 anos.[103] Seus muitos trabalhos escritos incluem, pelo menos, 12 livros e dezenas de artigos em várias revistas.[104] A ampla influência dos escritos de Hiltner resultou naquilo que Thornton chama de "a tradição de Hiltner". Thornton descreve tal tradição como "um compromisso básico com um modelo profissional para a educação teológica" e "um compromisso de relacionar a ciência à religião, estabelecendo uma

98. STOKES, Allison. **Ministry after Freud**. New York: Pilgrim Press, 1985, p. 116.
99. Ibid., p. 116.
100. THORNTON, Edward E. **Professional education for ministry:** a history of Clinical Pastoral Education. Nashville, TN: Abingdon Press, 1970, p. 84.
101. STOKES, Allison. Op. cit., p. 116.
102. OGLESBY, William B., Jr. (edit.) **The new shape of pastoral theology:** essays in honor of Seward Hiltner. Nashville, TN: Abingdon Press, 1969, p. 16.
103. Ibid., p. 13.
104. ADEN, Leroy, ELLENS, J. Harold (edits.). **Turning points in pastoral care**: the legacy of Anton Boisen and Seward Hiltner. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1990, p. 53.

correlação – movimentando-se de maneira dialógica entre os pressupostos da teologia e os casos e entre a ciência do comportamento e a teologia".[105]

Hiltner considerava-se um teólogo liberal.[106] Ele constatou que muitas das descobertas de Freud tinham uma implicação positiva para a compreensão da religião.[107] Na verdade, Hiltner desenvolveu e ensinou no seminário a primeira disciplina que se concentrou em avaliar teologicamente a obra de Freud.[108] Apesar de sua ênfase na psicologia, ele é descrito como alguém que via "a importância de manter uma perspectiva teológica a cada passo da investigação empírica".[109] Embora ele aplaudisse o serviço bondoso, dedicado e prático oferecido pelos pastores, Hiltner acreditava que o cuidado pastoral deveria ser mais sistemático, interpretativo e teórico.[110]

No que diz respeito ao uso das Escrituras no aconselhamento, Hiltner afirma que a Bíblia pode influenciar as ações do conselheiro, mas que ele não deve usar a expressão "a Bíblia", não deve citar as Escrituras nem contar histórias da Bíblia.[111] Ele diz que a Bíblia pode ser um recurso útil no aconselhamento somente se o aconselhado tiver um conhecimento prévio consistente das Escrituras e de suas narrativas.[112] Mesmo nesses casos, Hiltner considera que uma indicação direta de que o aconselhado deva obedecer às Escrituras seja uma coerção.[113] Ele diz que "os objetivos do aconselhamento pastoral são os mesmos que os da própria igreja – conduzir as pessoas a Cristo e à comunhão cristã, auxiliando-as a reconhecer o

105. THORNTON, Edward E. **Professional education for ministry:** a history of Clinical Pastoral Education. Nashville, TN: Abingdon Press, 1970, p. 90.
106. STOKES, Allison. **Ministry after Freud**. New York: Pilgrim Press, 1985, p. xi.
107. Ibid., p. 117.
108. Ibid., p. 117.
109. OGLESBY, William B., Jr. (edit.) **The new shape of pastoral theology:** essays in honor of Seward Hiltner. Nashville, TN: Abingdon Press, 1969, p. 14.
110. ADEN, Leroy, ELLENS, J. Harold (edits.). **Turning points in pastoral care**: the legacy of Anton Boisen and Seward Hiltner. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1990, p. 234.
111. HILTNER, Seward. **Pastoral counseling**. New York: Abingdon-Cokesbury Press, 1949, p. 202.
112. Ibid., p. 202.
113. Ibid., p. 22, 23.

pecado, arrepender-se e aceitar a salvação oferecida livremente por Deus [...]".[114] No entanto, Hiltner parece acreditar que o aconselhamento pastoral pode alcançar seus objetivos sem confrontar as pessoas com a verdade clara da Palavra de Deus. Não é nenhuma surpresa que ele sustentasse esse ponto de vista, uma vez que aprendeu com Boisen a concentrar-se na experiência pessoal e a dar a essa experiência um significado teológico. Na verdade, de acordo com as notas de Hiltner em seu *Preface to Pastoral Theology*, a experiência pessoal pode "'completar e corrigir' o entendimento humano falível da revelação definitiva de Deus em Cristo".[115]

Em seu livro escrito com Lowell Colston, *The Context of Pastoral Counseling*, Hiltner postula que a única diferença real entre o aconselhamento pastoral e qualquer outro tipo de aconselhamento é o "contexto".[116] Ele explica o contexto como o cenário para o aconselhamento, as expectativas do aconselhado, a mudança no relacionamento, e os objetivos e as limitações do conselheiro.[117] Hiltner destaca que o cenário para o aconselhamento pastoral é a igreja e tudo quanto ela representa. As expectativas do aconselhado são moldadas por aquilo que ele conhece sobre o pastor e as funções pastorais em geral. Hiltner diz que ocorre uma mudança no relacionamento porque o papel do pastor como conselheiro é diferente de seu papel pastoral habitual.[118] Ele faz um uso extensivo da metáfora bíblica do ministro como pastor, embora tenha a tendência de negar uma das tarefas mais importantes de pastoreio: dar orientação direta e deliberada. Quando se trata de orientação, Hiltner prefere a abordagem rogeriana não-diretiva,

114. HILTNER, Seward. **Pastoral counseling**. New York: Abingdon-Cokesbury Press, 1949, p. 19.
115. ADEN, Leroy, ELLENS, J. Harold (edits.). **Turning points in pastoral care**: the legacy of Anton Boisen and Seward Hiltner. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1990, p. 58.
116. HILTNER, Seward, COLSTON, Lowell G. **The context of pastoral care**. New York: Abingdon Press, 1961, p. 28.
117. Ibid, p. 29, 30.
118. Ibid., p. 29, 30.

centrada no cliente.[119] Em sua discussão sobre os objetivos e as limitações do conselheiro, Hiltner aponta corretamente que o objetivo final de um pastor é a salvação de um aconselhado, mas sugere que os conselheiros devam reconhecer que algumas pessoas precisam de mais do que ajuda espiritual e que devam ser encaminhadas aos profissionais de saúde mental.[120] Conforme o que Aden explica a respeito do ponto de vista de Hiltner, a habilidade de um pastor é limitada "porque ele não é treinado para penetrar nos problemas profundos e intrapsíquicos de um membro de sua igreja para libertá-lo das experiências reprimidas da infância que influenciam e distorcem suas reações atuais".[121] Hiltner hesita em considerar a fé do pastor como o aspecto que identifica o aconselhamento. Na verdade, ele dá preferência a uma orientação psicológica em lugar de teológica.[122] Ele temia que, sem uma psicologia pastoral que falasse a linguagem da psicologia, o interesse na igreja e na teologia pudesse se perder e as pessoas perturbadas procurariam, então, outro lugar onde obter ajuda.[123] Para Hiltner, a ênfase no aconselhamento certamente não está nas Escrituras, mas na sabedoria do homem.

WAYNE E. OATES

Na Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, o aconselhamento tomou formas, em grande parte, pela atuação de um homem. Wayne E. Oates escreveu uns 58 livros em um período de 50 anos, todos dedicados a ajudar na educação e no preparo de pastores e outros ministros para o ministério pastoral.[124]

119. HILTNER, Seward. **Preface to pastoral theology.** NewYork: Abingdon Press, 1958, p. 154.
120. HILTNER, Seward, COLSTON, Lowell G. **The context of pastoral care.** New York: Abingdon Press, 1961, p. 31.
121. ADEN, Leroy. Pastoral counseling as Christian perspective. In: HOMANS, Peter (edit.). **The dialogue between theology and psychology.** Chicago, IL: University of Chicago Press, 1968, p. 170.
122. Ibid., p. 171.
123. HILTNER, Seward. Op. cit., p. 26.
124. WINGFIELD, Mark. "A pastoral counseling pioneer recalls his experiences." **The Western Recorder**, v. 172, n. 43, p. 1, 1998.

"Se você foi alvo do ministério de um capelão cristão, seja no hospital, no serviço militar ou em uma empresa, você, provavelmente, deva agradecer a Wayne Oates".[125] A influência de Oates é de grande alcance, não apenas por ser um escritor prolífico, mas porque "ele é uma das três ou quatro pessoas que conceberam o conceito moderno de cuidado e aconselhamento pastoral".[126] A popularidade e a influência de Oates estendem-se para além do âmbito da Convenção Batista do Sul. Um capelão do alto escalão da Força Aérea dos Estados Unidos chama Oates de "o avô da educação em clínica pastoral para a Força Aérea".[127] Sem dúvida, a realização de Oates que ganhou maior reconhecimento foi a integração da teologia com a psicologia e a psiquiatria.

Wayne Oates nasceu em 24 de junho de 1917, em Greenville, na Carolina do Sul, e era o mais novo de quatro irmãos.[128] Seu pai abandonou a família por causa de um relacionamento adúltero poucas semanas depois que Oates nasceu. Oates viu o pai apenas duas vezes durante sua vida: uma vez aos quatro anos de idade e outra aos dez.[129] Suas memórias de infância eram repletas de recordações de pobreza. Oates escreve: "Escassez e falta de alimentos, roupas e abrigo rodearam minha família desde minhas lembranças mais antigas".[130] Ele foi criado praticamente por sua avó, que morava com a família, e lembrava-se de sua mãe como uma "pessoa triste, preocupada, cansada", que passava a maior parte do dia trabalhando em fábricas e estava sempre endividada.[131] Oates escreve sobre o transtorno emocional causado por mudar-se 27 vezes antes

125. WINGFIELD, Mark. "A pastoral counseling pioneer recalls his experiences." **The Western Recorder**, v. 172, n. 43, p. 1, 1998.
126. Ibid., p. 1.
127. Ibid., p. 2.
128. OATES, Wayne E. **The struggle to be free**: my story and your story. Philadelphia, PA: Westminster Press, 1983, p. 13.
129. Ibid., p. 13.
130. Ibid., p. 13.
131. Ibid., p. 15.

do término do ensino médio.[132] Ele recorda a dor da solidão que enfrentou enquanto crescia sem a presença do pai e lidava com seus sentimentos de inferioridade.[133] Quando Oates tinha 17 anos de idade, seu pai morreu. Na noite em que Oates foi informado da morte de seu pai, ele sonhou que o pai estava sendo enterrado e que ele estava sendo enterrado com o pai. Oates relembra: "Ainda assim, eu sabia que o 'eu' que estava sendo enterrado era o meu sonho de que ele iria voltar e nos salvar da pobreza miserável de que padecíamos".[134]

A primeira oportunidade que Oates teve para romper com a pobreza surgiu quando lhe foi oferecido um emprego como contínuo no Senado em Washington, DC. Nas cidades industriais, era comum que as crianças abandonassem a escola aos 14 anos de idade e conseguissem um emprego. Oates aproveitou rapidamente a oportunidade de ir para Washington. Lá, ele conseguiu um trabalho remunerado e continou a estudar.[135] Embora ele costumasse ser respeitado e orientado pelos adultos que conheceu em seu trabalho como contínuo, Oates foi rejeitado e ridicularizado pelos demais contínuos. Ele decidiu agredir fisicamente cada um deles. Em seus escritos posteriores, ele desculpou tal comportamento como uma forma da compensação, seguindo a teoria de Adler: "Penso que meu estilo de vida agressivo nos anos que se seguiram seja uma resposta compensatória do sentimento de inferioridade".[136] Depois de terminar o ensino médio, Oates frequentou o *Mars Hill College*, onde desenvolveu suas habilidades linguísticas e superou a maioria de seus sentimentos de inferioridade.[137]

Oates professou sua fé em Cristo e foi batizado aos 16 anos de idade, mas diz que "foi uma experiência incrivelmente sem

132. OATES, Wayne E. **The struggle to be free**: my story and your story. Philadelphia, PA: Westminster Press, 1983, p. 16.
133. Ibid., p. 69.
134. Ibid., p. 14.
135. Ibid., p. 24.
136. Ibid., p. 34.
137. Ibid., p. 42.

conteúdo".[138] Foi somente em seus anos de faculdade que, sob a tutela do pastor da *First Baptist Church of Mars Hill*, Oates alcançou uma compreensão completa de sua posição na família de Deus. Quando entendeu que Deus era seu pai, ele "deixou de ficar abatido pelo pesar de ser órfão".[139] Oates escreve: "Essa foi a minha verdadeira conversão".[140] Ele se mudou para *Wake Forest College* para continuar seus estudos e em 1937, aos 20 anos de idade, sentiu-se chamado para o ministério. Oates foi orientado no início de seu treinamento ministerial por Olin Binkley, que sugeriu que ele se tornasse um professor de psicologia e filosofia.[141] Seguindo o conselho de Binkley, Oates começou a estudar psicologia em Wake Forest sob as vistas A. C. Reid, professor de psicologia e filosofia. Reid era muito respeitado por Oates e teve uma participação fundamental em sua decisão de estudar psicologia.[142]

Oates começou a pastorear no verão de 1940, ainda sem o benefício das aulas de pregação, administração eclesiástica e cuidado pastoral.[143] Ele continuou a pastorear as igrejas batistas de *Peachtree* e *Bunn* por dois anos. Conheceu aquela que seria sua esposa, Pauline, enquanto pastoreava em Wake Forest. Eles se casaram em 31 de maio de 1942, mesmo ano em que começou a frequentar a *Duke Divinity School.*[144] Depois de um ano em Duke, Oates começou a frequentar o *Southern Baptist Seminary*, onde trabalhou ao lado de Gaines Dobbins, que ensinava psicologia da religião, e de Ralph Bonacker, um capelão episcopal "treinado em psicanálise".[145] Em 1945, durante parte de sua formação clínica, Oates conheceu Anton

138. OATES, Wayne E. **The struggle to be free:** my story and your story. Philadelphia, PA: Westminster Press, 1983, p. 37.
139. Ibid., p. 43.
140. Ibid., p. 43.
141. Ibid., p. 21.
142. Ibid., p. 52.
143. Ibid., p. 55.
144. Ibid., p. 79.
145. Ibid., p. 94, 95.

Boisen, ao lado de quem passou um tempo considerável.[146] Boisen e seu trabalho tiveram um efeito profundo sobre o trabalho de Oates.[147] No outono de 1945, Oates começou a ensinar psicologia da religião no *Southern Baptist Seminary*. Em 1948, após concluir a sua dissertação, *"The Significance of the Work of Sigmund Freud for the Christian"*, foi eleito para integrar o corpo docente do *Southern Baptist Seminary* como professor assistente de psicologia da religião. Ele começou imediatamente o desenvolvimento de um currículo independente de estudo em educação em clínica pastoral no *Southern Baptist Seminary*.[148] Ao dar suas aulas, Oates colaborou com médicos, assistentes sociais, psicólogos e advogados.[149] No seu planejamento de ensino, ele teve grande cuidado para evitar o que chamava de "educação de fábrica". Tal educação, nas palavras de Oates, "exige que as pessoas memorizem informações e as cuspam em um exame, não deixando espaço para que o aluno pense profundamente ou questione aquilo que lhe é dito".[150] Oates queria turmas pequenas, muita interação entre os alunos e aprendizagem experiencial.[151] Durante seus anos como professor, Oates esforçou-se para tornar suas aulas mais experienciais e permitir mais diálogo entre alunos e professores. Ele exerceu grande influência no *Southern Baptist Seminary*, onde ensinou durante o período de 1948 a 1974.

Durante sua carreira no *Southern Baptist Seminary*, Oates escreveu, fez palestras em todo o País, supervisionou os alunos de educação em clínica pastoral, ministrou na área de cuidado pastoral em ambientes hospitalares e serviu como consultor teológico para a comunidade médica na *University*

146. OATES, Wayne E. **The struggle to be free**: my story and your story. Philadelphia, PA: Westminster Press, 1983, p. 96.
147. ADEN, Leroy, ELLENS, J. Harold (edits.). **Turning points in pastoral care**: the legacy of Anton Boisen and Seward Hiltner. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1990, p. 19.
148. OATES, Wayne E. Op. cit., p. 99.
149. Ibid., p. 101.
150. Ibid., p. 94.
151. Ibid., p. 94.

of Louisville Medical School.[152] Em 1974, ele se juntou formalmente ao corpo docente dessa Universidade, onde trabalhou na definição de religião como uma ciência do comportamento a fim de conscientizar melhor os estudantes de medicina das necessidades espirituais que encontrariam nos pacientes. Em 1984, Oates foi premiado pela *American Psychiatric Association* com o Prêmio *Oskar Pfister* por suas contribuições para a relação entre a psicologia e a religião.[153] Nesse mesmo ano, o *Southern Baptist Seminary* honrou Oates com o *Wayne Oates Festival*, criado oficialmente pela *American Association of Pastoral Counselors* como evento prévio e complementar da sua convenção anual.[154] Das sessões plenárias do *Oates Festival*, resultou um livro em honra às realizações de Oates em seu campo de atuação. Oates morreu em 1999.

A teologia de Oates fica evidente em suas afirmações sobre o processo de aconselhamento. O aconselhamento torna-se especificamente pastoral quando há uma dimensão de "Deus-em-relação-com-pessoas".[155] No entanto, Oates escreve que essa "dimensão referencial de Deus-em-relação-com-pessoas deve, necessariamente, ser informada pelos dados fatuais arduamente adquiridos em outros campos como a filosofia, a ética, a antropologia, a psicologia, a medicina (especialmente a psiquiatria), e o trabalho social".[156] Oates acreditava que as contribuições dos escritores seculares eram fontes valiosas de "novas perspectivas para uma compreensão mais profunda do testemunho bíblico".[157]

Oates estava disposto a colaborar com os profissionais psiquiatras no tratamento simultâneo de um mesmo paciente

152. HAMMOND, Christopher. **Dr. Wayne E. Oates**: a living legacy. Acessado em 4 agosto 2005. Disponível em http// www.oates.org/legacy/weo_history.html.
153. Ibid.
154. BORCHERT, Gerald L., LESTER, Andrew D. (edits). **Spiritual dimensions of pastoral care**: witness to the ministry of Wayne E. Oates. Philadelphia, PA: Westminster Press, 1985, p. 8.
155. OATES, Wayne E. **Pastoral counseling**. Philadelphia, PA: Westminster Press, 1974, p. 11.
156. Ibid., p. 11, 12.
157. BORCHERT, Gerald L., LESTER, Andrew D. (edits). Op. cit., p.124.

porque ele percebia a possibilidade de uma compartimentação entre os problemas mentais e espirituais de uma pessoa.[158] Para ele, o trabalho de um psiquiatra era limpar a mente dos aconselhados para que pudessem ver claramente o Deus que os ministros iriam mostrar. Apesar de manter uma visão tão aparentemente contraditória, Oates afirma que a presença de Deus deve ser "a dinâmica central no diálogo com os aconselhados no aconselhamento pastoral".[159] Ele descreve o aconselhamento pastoral ideal como um "triálogo", envolvendo o aconselhado, o conselheiro e Deus.[160]

Oates acreditava que o aconselhamento pastoral deveria ser praticado no contexto do ministério de um pastor na igreja local.[161] Ele disse que a prática pastoral privada é um contrassenso e uma "violação do carácter básico do ministério".[162] Isso o colocou em desacordo com aqueles que estavam no exercício do aconselhamento, muitos dos quais apoiavam a ideia da prática pastoral privada.[163]

Em relação ao uso da Bíblia no aconselhamento, Oates considerava a Bíblia na mesa de um conselheiro como um símbolo importante, que o identificava com o espiritual.[164] No entanto, ele adverte que se um conselheiro usasse a Bíblia ele poderia "perder a centralidade doutrinária e ideológica de um devoto da psicanálise e de Rogers".[165] Oates afirma que quando a Bíblia é usada para tratar problemas como divórcio e novo casamento, o problema deixa de ser a questão e a "infalibilidade da interpretação de alguém torna-se a principal

158. OATES, Wayne E. **Pastoral counseling**. Philadelphia, PA: Westminster Press, 1974, p. 12.
159. Id. **The presence of God in pastoral counseling.** Waco, TX: Word Books, 1986, p. 23.
160. Ibid., p. 23.
161. HOLIFIELD, E. Brooks. **A history of pastoral care in America:** from salvation to self-realization. Nashville, TN: Abingdon Press, 1983, p. 344.
162. OATES, Wayne E. **Protestant pastoral counseling.** Philadelphia, PA: Westminster Press, 1962, p. 31, 32.
163. HOLIFIELD, E. Brooks. Op. cit., p. 345.
164. OATES, Wayne E. **A practical handbook for ministry from the writings of Wayne E. Oates.** Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992, p. 245.
165. Id. **The presence of God in pastoral counseling.** Waco, TX: Word Books, 1986, p. 31.

questão".[166] Ele escreve que o uso da Bíblia no aconselhamento pode produzir uma tendência autoritária e pode dificultar o relacionamento descontraído que o conselheiro precisa ter com um aconselhado. Na verdade, diz Oates: "a Bíblia muitas vezes reduz a permissividade, cria tensão e introduz elementos de ameaça no contexto pastoral".[167] Ele acredita que a Bíblia deva ser usada "de modo pastoral, mas não penal".[168] Em outras palavras, a Bíblia deve ser usada para confortar e incentivar, em vez de apontar o pecado na vida do povo de Deus. Oates não vê os mandamentos bíblicos como a última instância de autoridade. "Para ele, o valor principal da Bíblia está em sua capacidade exclusiva de permitir que um religioso devoto encontre a pessoa de Deus".[169] De acordo com Oates, as Escrituras não devem ser a base de aconselhamento.[170] No entanto, conforme mencionado anteriormente, Oates disse que a presença de Deus é o que deve ser a base do aconselhamento. Devemos nos perguntar: "O que Oates entende por presença de Deus?". Edward Thornton, em um ensaio em homenagem às ideias de Oates, faz a seguinte colocação: "Quando a consciência de Deus e a consciência do seu verdadeiro eu se juntam, você encontra a base do cuidado pastoral".[171] Essa declaração parece apontar para as experiências do pico de Maslow como a base do aconselhamento. Oates fala da presença de Deus na criação e poucos argumentariam que Deus não se revelou na ordem criada. No entanto, depois de ler o livro de Oates *The Presence of God in Pastoral Counseling*, torna-se evidente que Oates dá mais importância às revelações pessoais obtidas na "presença de Deus" do que às Escrituras.

166. OATES, Wayne E. **The presence of God in pastoral counseling.** Waco, TX: Word Books, 1986, p. 32.
167. Id. **A practical handbook for ministry from the writings of Wayne E. Oates.** Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992, p. 247.
168. Id. **The Bible in pastoral care.** Philadelphia, PA: Westminster Press, 1953, p. 31.
169. BORCHERT, Gerald L., LESTER, Andrew D. (edits). **Spiritual dimensions of pastoral care:** witness to the ministry of Wayne E. Oates. Philadelphia, PA: Westminster Press, 1985, p. 123.
170. OATES, Wayne E. **The presence of God in pastoral counseling.** Waco, TX: Word Books, 1986, p. 31.
171. BORCHERT, Gerald L., LESTER, Andrew D. (edits). Op. cit., p. 21.

Ele afirma: "A experiência de cada pessoa valida contextualmente a revelação bíblica".[172] Oates fala de Deus dando-lhe discernimento para aconselhar indivíduos depois de usar "a sabedoria das ciências do comportamento sobre a natureza do sono e a psicologia dos sonhos" para interpretar seus próprios sonhos ou os de seu aconselhado.[173] Conforme relatado anteriormente, Oates é contrário a que as Escrituras desempenhem um papel central no aconselhamento. Considere esta afirmação feita em seu livro *Convictions that Give You Confidence*: "Eu lhe prometo que, embora neste livro eu recorra diretamente à experiência de Jesus de Nazaré e ao Deus que ele adorava, respeitarei e valorizarei o seu direito de ter *sua própria visão suprema*" (ênfase do autor).[174] Oates ignora porções das Escrituras sem ver nisso um problema porque, na sua estimativa, as Escrituras estão inteiramente abertas à interpretação pessoal. Oates o convida a elaborar suas convicções próprias, a evitar o pensamento fechado e a permitir que sua experiência e a cultura sejam seu guia.

Kurt Richardson comenta Tg 1.23 no *New American Commentary*. Ele afirma que a Palavra de Deus é um espelho que "tanto reflete a realidade" quanto "direciona a pessoa que está diante dele a agir de determinada maneira".[175] Ele diz que "o mero olhar para a Palavra, sem uma ação corretiva, é de pouca utilidade".[176] Thomas Lea, comentando sobre a mesma passagem, diz que "os ouvintes obedientes fazem aquilo que a mensagem de Deus os instrui a fazer".[177] Wayne Oates, referindo-se a essa passagem, observa que a Bíblia pode ser vista

172. BORCHERT, Gerald L., LESTER, Andrew D. (edits). **Spiritual dimensions of pastoral care**: witness to the ministry of Wayne E. Oates. Philadelphia, PA: Westminster Press, 1985, p. 37.
173. Ibid., p. 56.
174. OATES, Wayne E. **Convictions that give you confidence.** Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1984, p. 41.
175. RICHARDSON, Kurt A. **James.** New American Commentary, vol. 36. Nashville, TN: Broadman and Holman, 1997, p. 96.
176. Ibid., p. 96.
177. LEA, Thomas D. **Hebrews and James.** Holman New Testament Commentary, vol. 10. Nashville, TN: Broadman & Holman, 1999, p. 266.

como um "espelho no qual uma pessoa projeta o conceito de **si mesma** e que, por sua vez, reflete esse conceito com precisão".[178] Richardson e Lea destacam que a Bíblia fornece um padrão para viver e Oates "transforma a Bíblia em um teste do borrão de tinta de Rorschach".[179] A diferença entre as interpretações de Oates e dos dois estudiosos da Bíblia citados anteriormente exemplifica a influência que Oates e outros como ele têm tido na igreja. Cortejando as filosofias da psicologia de homens como Freud, Maslow e Rogers, ou até mesmo casando-as com o campo do aconselhamento pastoral, Oates conduziu de tal forma o seu foco para longe das Escrituras e em direção a si mesmo, que não consegue nem mesmo fazer uma simples exegese.

CARL ROGERS

Carl R. Rogers nasceu em janeiro de 1902 em Oak Park, Illinois. Rogers foi o quarto dentre seis filhos, e era muitas vezes provocado por seus irmãos mais velhos especialmente em consequência de seu amor intenso pelos livros e pelo mundo de fantasia que os livros alimentavam.[180] O pai de Rogers era congregacional e sua mãe havia crescido em uma família batista.[181] Quando menino, Rogers e sua família frequentavam uma igreja congregacional. Sete dias por semana, a família fazia um culto doméstico após o café da manhã.[182] Os pais de Rogers atinham-se a um código moral rigoroso e praticavam aquilo que Rogers chamou de "a arte do controle amoroso e sutil".[183] Quando Rogers tinha 13 anos de idade, a família mudou-se

178. OATES, Wayne E. **The Christian pastor.** Philadelphia, PA: Westminster Press, 1951, p. 129.
179. ADAMS, Jay E. "*Biblical interpretation and counseling*", **The Journal of Biblical Counseling**, v. 16, n. 3, p. 5, 1998.
180. KIRSCHENBAUM, Howard. **On becoming Carl Rogers**. New York: Delacorte Press, 1979, p. 2-5.
181. Ibid., p. 5.
182. Ibid., p. 6.
183. Ibid., p. 6.

para uma fazenda nos arredores de Chicago.[184] Durante seus anos de ensino médio, foi-lhe atribuída plena responsabilidade por um dos setores da fazenda, além das tarefas de ordenha e alimentação dos animais.[185] Bem cedo, ele aspirou seguir uma carreira de fazendeiro.

Em setembro de 1919, Rogers começou a estudar na *University of Wisconsin*. Embora tivesse ido para a universidade pensando em estudar agronomia, em novembro de seu primeiro ano de faculdade, Rogers escreveu o seguinte em seu diário:

> Oh, é maravilhoso sentir que Deus me guiará, de fato, à minha vida profissional, e eu sei que Ele o fará, pois nunca me abandonou. Da mesma forma, porém, é algo incrível pensar que uma decisão errada poderia destruir minha vida. Oh, mas como eu buscarei manter minha vida em sintonia com Deus para que Ele possa me guiar.[186]

Apenas dois meses depois, parecia que Deus havia guiado o jovem Rogers, aos 18 anos de idade, para uma viagem a Des Moines, rumo a uma convenção do YMCA dedicada à evangelização do mundo. Depois de ouvir várias palestras empolgantes, Rogers deixou registrado:

> Todos os meus sonhos anteriores parecem sem valor agora, pois me voluntariei para a obra maior e mais grandiosa que há na terra. Encontrei aquilo que nunca havia encontrado antes, a paz de Deus que excede todo o entendimento. Eu nunca havia sonhado que o simples fato de me dispor para servir a Cristo poderia me fazer sentir tão de bem com a vida.[187]

184. KIRSCHENBAUM, Howard. **On becoming Carl Rogers**. New York: Delacorte Press, 1979, p. 10.
185. Ibid., p. 12, 13.
186. Ibid., p. 20.
187. Ibid., p. 21.

Embora Rogers tenha lutado até certo ponto com a sua decisão de entrar para o ministério cristão, ele mergulhou de cabeça na organização de conferências cristãs em seu campus, liderando um grupo de *Boys Club* e trabalhando com os jovens menos privilegiados em acampamentos de verão.[188]

Em 1922, aos 20 anos de idade, Rogers viajou para a China para uma conferência internacional de *World Student Christian Federation*. A viagem expos Rogers à injustiça, ao sofrimento e à pobreza, e também a muitos outros sistemas de crença diferentes do seu. Esse fato, combinado a longas conversas e debates com pessoas que representam muitos pontos de vista, desafiou a fé cristã de Rogers. Foi durante essa viagem de seis meses que Rogers tornou-se, em suas próprias palavras, "emancipado do pensamento religioso dos pais".[189] No momento em que Rogers retornou de sua viagem, ele havia rejeitado a divindade de Cristo e a importância da doutrina e da fé ortodoxa. Ele parou de falar sobre ter sido escolhido por Deus ou sobre a orientação de Deus em sua vida, e insistiu em dizer que "ele faria a escolha e que a responsabilidade seria sua".[190]

Em 1924, depois de concluir seus estudos de graduação em Wisconsin, Roger escolheu frequentar o *Union Theological Seminary*, "o mais liberal do país naquele momento".[191] Embora estivesse lá para se preparar para o "serviço religioso", Rogers participou de um seminário sem professores no qual, de acordo com ele, os membros, em sua maioria, "decidiram por si mesmos abandonar o serviço religioso".[192] O próprio Rogers decidiu que não poderia engajar-se em uma profissão "na qual seria obrigado a acreditar em alguma doutrina

188. KIRSCHENBAUM, Howard. **On becoming Carl Rogers**. New York: Delacorte Press, 1979, p. 21.
189. ROGERS, Carl R. **Client-centered therapy**: its current practice, implications, and theory. New York: Houghton Mifflin Company, 1951, p. 7.
190. KIRSCHENBAUM, Howard. Op. cit., p. 29.
191. ROGERS, Carl R. Op. cit., p. 8.
192. Ibid., p. 8.

religiosa especifica".[193] Ele queria um campo de atuação, em suas palavras, "no qual eu pudesse ter certeza de que minha liberdade de pensamento não seria limitada".[194] As citações de alguns dos trabalhos escritos por Rogers no *Union Theological Seminary* mostram que seu pensamento já estava bastante livre. Após concluir que o cristianismo havia dado ao mundo apenas três conceitos importantes: Jesus Cristo como um modelo humano, um sistema ético e um desejo de melhoria social, Rogers fez a seguinte declaração:[195]

> Essas são as três contribuições feitas pelo cristianismo que eu gostaria de sugerir como as mais valiosas. Poderíamos agora perguntar se essas coisas dão uma base para saudarmos o cristianismo em algum sentido como a religião universal ou definitiva. De maneira nenhuma. [...] Parece-me algo tipicamente ocidental e muito trágico que persistamos em ver o cristianismo como a única religião.[196]

Estranhamente, depois de fazer tais afirmações, Rogers pastoreou uma pequena igreja no verão seguinte. Esse pastorado ocorreu durante o julgamento de Scopes. O julgamento levou Rogers a pregar um sermão no qual defendeu o evolucionismo. Mais adiante, seus sermões questionaram se Deus realmente falou a Moisés. Os sermões de Rogers estavam cheios da frase: "Os psicólogos nos dizem".[197] Finalmente, ele se afastou de qualquer envolvimento com a igreja ou com o cristianismo, e entrou para o mundo do livre-pensamento da psicologia.

Rogers vê as pessoas como basicamente boas ou saudáveis – ou, pelo menos, não más nem doentes. Em suas palavras, "o

193. ROGERS, Carl R. **Client-centered therapy**: its current practice, implications, and theory. New York: Houghton Mifflin Company, 1951, p. 8.
194. Ibid., p. 8.
195. KIRSCHENBAUM, Howard. **On becoming Carl Rogers**. New York: Delacorte Press, 1979, p. 45.
196. Ibid., p. 45.
197. Ibid., p. 47.

âmago da natureza do homem é essencialmente positivo".[198] As pessoas são levadas pela "força da vida", que ele chama de tendência atualizadora.[199] Rogers diz que essa tendência motiva todos os seres vivos a serem o melhor que podem ser. As pessoas valorizam a consideração positiva (também chamada de autoestima, valor pessoal e autoimagem positiva) e precisam dela. Sem isso, as pessoas não conseguem se tornar tudo o que podem ser. Rogers insiste que a autoestima positiva é alcançada pelo recebimento por parte de outros de consideração positiva. Os padrões da sociedade são definidos sem levar em consideração as pessoas, e consequentemente, muitas são incapazes de alcançar os padrões da sociedade. Como resultado, a sociedade deixa de proporcionar a consideração positiva necessária para o desenvolvimento de uma autoimagem saudável. Os agentes negativos da sociedade são os pais, os professores, os colegas, os meios de comunicação, e outros mais, que só dão às pessoas aquilo de que elas precisam quando estão em conformidade com um conjunto de regras ou normas. Rogers abominava as regras e as normas. Na verdade, "para Rogers, o pecado cardinal na terapia, ou no ensino ou na vida familiar, é a imposição de autoridade".[200] Ele acreditava que se as pessoas fossem autorizadas a funcionar e a praticar a autoatualização sem a interferência de outros, elas não sofreriam de doenças mentais, uma vez que tais doenças são produzidas pela ansiedade que sentem quando não conseguem viver de acordo com as expectativas dos outros.

O papel do conselheiro nunca é diretivo nem avaliativo.[201] O conselheiro deve tratar as pessoas como alguém de valor, e respeitar a capacidade e o direito do aconselhado de dirigir a si

198. ROGERS, Carl R. **On becoming a person**: a therapist's view of psychotherapy. Boston, MA: Houghton Mifflin Company, 1961, p. 73.
199. ROGERS, Carl R. **Client-centered therapy**: its current practice, implications, and theory. New York: Houghton Mifflin Company, 1951, p. 488-490.
200. KRAMER, Peter D. Introduction. In: ROGERS, Carl R. **On becoming a person**: a therapist's view of psychotherapy. ed. ampl. Boston, MA: Houghton Mifflin, 1995, p. ix.
201. ROGERS, Carl R. Op. cit., p. 43.

mesmo.[202] Rogers diz que os conselheiros devem ouvir e oferecer consideração positiva incondicional para o aconselhado independentemente das atitudes ou dos comportamentos do aconselhado.[203] Não deve haver uma confrontação com a verdade, apenas uma afirmação da autoavaliação do aconselhado. O objetivo do aconselhamento rogeriano é "vida boa", um processo contínuo no qual as pessoas movem-se em direção a uma confiança cada vez maior em si mesmas em todas as áreas da vida.[204] Com base nas seguintes citações, podemos concluir que o objetivo de Rogers para as outras pessoas é que elas venham a abraçar uma visão da vida semelhante à sua.

> A experiência é, para mim, a mais alta autoridade. O critério de validação é a minha própria experiência. A ideia de nenhuma outra pessoa, e nenhuma de minhas próprias ideias, têm tanta autoridade quanto a minha experiência. É para a experiência que eu tenho de me voltar, vez após vez, para descobrir uma maior aproximação com a verdade, uma vez que ela está em processo de se tornar o próprio "eu".[205]
>
> Nem a Bíblia nem os profetas, nem Freud nem a investigação, nem as revelações de Deus nem o homem, podem ter precedência sobre minha própria experiência direta.[206]

O "eu" é exaltado acima de Deus e a experiência é colocada acima das Escrituras. A verdade é apenas aquilo que alguém percebe ser. A autoridade reside unicamente na mente do indivíduo. Cada pessoa é seu próprio deus. Não causa espanto que o homem pecador devore a sabedoria rogeriana com prazer

202. ROGERS, Carl R. **Client-centered therapy**: its current practice, implications, and theory. New York: Houghton Mifflin Company, 1951, p. 20.
203. ROGERS, Carl R. **On becomjng a person**: a therapist's view of psychotherapy. Boston, MA: Houghton Mifflin Company, 1961, p. 185, 283.
204. Ibid., p. 187-191.
205. Ibid., p. 23.
206. Ibid., p. 24.

nefasto, mas por que tantos conselheiros pastorais buscam esse veneno?

O ACONSELHAMENTO PASTORAL COMO PROFISSÃO EM NOSSOS DIAS

Solidamente moldado pelo pensamento de homens como Boisen, Oates e Rogers, o aconselhamento pastoral vê hoje pouca utilidade nas Escrituras. Realizei uma pesquisa em uma base de dados no computador, usando como palavra-chave "aconselhamento pastoral", e encontrei 4318 artigos relacionados ao assunto. Quando acrescentei à pesquisa a palavra-chave "Bíblia", resultaram 84 artigos. Quando a palavra-chave "Escrituras" substituiu "Bíblia", a pesquisa resultou em apenas 14 artigos.[207] Com certeza, muitos deram ouvidos à afirmação de Oates de que as Escrituras não devem ser a base do aconselhamento pastoral. Nos últimos cinquenta anos, os escritores atuantes nesse campo passaram uma boa parte do seu tempo citando uns aos outros, mas é o campo da psicologia o que mais tem atraído a atenção dos autores da literatura em aconselhamento pastoral.[208] Na verdade, eles citam Carl Rogers mais do que qualquer outro. "A forte dependência de todo um campo estar baseada no pensamento de uma pessoa – Carl Rogers – é surpreendente".[209] "Surpreendente" é claramente um eufemismo quando se considera o fato de que a prática do aconselhamento pastoral, nascida nas páginas da Bíblia, baseia-se nos ensinamentos de um homem que rejeitou as crenças religiosas ortodoxas, a autoridade da Bíblia e a divindade de Cristo, enquanto endeusou a experiência humana. Ao mesmo tempo em que tais autores fazem referências contínuas aos teóricos do campo da psicologia, suas

207. Base de dados Atla Religion Index. Disponível em http://firstsearch.oclc.org.
208. STONE, Howard W. "The congregational setting of pastoral counseling: a study of pastoral counseling theorists from 1949-1999." **Journal of Pastoral Care**, v. 55, n. 2, p. 185, 2001.
209. Ibid., p. 185.

referências a "recursos e disciplinas espirituais tendem a ser generalizadas e um tanto vagas".[210] Aqueles autores que falam da Bíblia, muitas vezes alertam contra o uso das Escrituras para tratar o comportamento pecaminoso de um aconselhado.[211] Eles aconselham a não "impor suas doutrinas bíblicas a outra pessoa".[212] Eles dizem que a Bíblia só pode ser usada como uma ferramenta de diagnóstico por aqueles com "treinamento intensivo em desenvolvimento da personalidade e psicopatologia".[213]

Em 1967, as quatro principais organizações que regulavam a educação em clínica pastoral e a certificação de capelães fundiram-se, na verdade, em uma única organização: a *Association for Clinical Pastoral Education Incorporated* (ACPE).[214] Essa fusão incluiu a *Southern Baptist Association of Clinical Pastoral Education*, o *Lutheran Advisory Council*, o *Institute for Pastoral Care e o Council for Clinical Training of Theology Students*. A ACPE descreve-se como uma "organização multicultural e ecumênica, dedicada a proporcionar educação e a melhorar a qualidade do ministério e do cuidado pastoral oferecido pelos cuidadores espirituais de todas as confissões religiosas, mediante os métodos de ensino clínico da Educação em Clínica Pastoral"[215]. O site da ACPE apresenta a explicação daquilo que os religiosos treinados pela ACPE são ensinados a fazer:

> Os capelães treinados e certificados provêm de todas as confissões religiosas e denominações, mas eles nunca fazem proselitismo

210. STONE, Howard W. "The congregational setting of pastoral counseling: a study of pastoral counseling theorists from 1949-1999." **Journal of Pastoral Care**, v. 55, n. 2, p. 185, 2001.
211. DAYRINGER, Richard. **The heart of pastoral counseling**: healing through relationship. New York: Hayworth Pastoral Press, 1998, p.,109.
212. COOPER-WHITE, Pamela. **Shared wisdom:** use of self in pastoral care and counseling. Minneapolis, MN: Augsburg Fortress Press, 2004, p. 77.
213. DAYRINGER, Richard. Op. cit., p. 52.
214. SUMMERS, Thomas A. **Hunkering down:** my story in four decades of Clinical Pastoral Education. Columbia, SC: Edisto Press, 2000, p. 87.
215. Acessado em 25 maio 2006. Disponível em http://www.acpe.edu.

> entre os pacientes ou seus familiares. Em vez disso, seu trabalho é ouvir respeitosamente as preocupações espirituais, os medos ou a raiva daqueles a quem servem. Os capelães certificados por qualquer das associações devem agora ter educação teológica em nível de pós-graduação e treinamento clínico avançado que os prepare para um ministério intenso em contextos especializados. Os conselheiros pastorais possuem normalmente um diploma de pós-graduação em aconselhamento especializado e prática profissional no campo da saúde mental como conselheiros profissionais licenciados ou terapeutas de casais e de famílias.[216]

A *American Association of Pastoral Counselors* representa o campo do aconselhamento pastoral nos Estados Unidos. Essa organização nasceu como uma resposta "principalmente à necessidade da comunidade cristã de uma forma de ministério em profundidade" (ministério em profundidade é uma referência a Freud e à psicanálise). Como resultado de tal resposta "surgiram especialistas em aconselhamento pastoral, reunindo a inspiração da igreja e a sabedoria das ciências do comportamento".[217] Entre os valores centrais declarados pela organização está: "respeitar e engajar a diversidade religiosa como uma maneira de discernir a expressão rica e variada do Santo e a prática espiritual neste mundo".[218]

É óbvio que Rogers e Boisen estão vivos e ativos no campo do aconselhamento pastoral. O "eu" deve ser buscado e satisfeito, e a experiência individual é a verdade suprema. A Bíblia, por outro lado, tem sido relegada a um lugar entre os escritos de todas as religiões mundiais. O evangelismo está quase banido, e defender um determinado conjunto de crenças é um tabu. Os cristãos não podem trocar a Bíblia por "diplomas em aconselhamento especializado" nem participar de

216. Acessado em 25 maio 2006. Disponível em http://www.acpe.edu/council.htm.
217. Acessado em 25 maio 2006. Disponível em http://www.aapc.org/index.cfm.
218. Acessado em 25 maio 2006. Disponível em http://www.aapc.org/index.cfm.

organizações ecumênicas e reivindicar que isso seja para a honra de Deus. Nas páginas que se seguem, clamamos que você considere um caminho mais excelente.

CAPÍTULO 1 – PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. O que é a educação em clínica pastoral?
2. Quem foi o pioneiro na educação em clínica pastoral?
3. Ela é dominada pela sabedoria de Deus ou a sabedoria do homem? Explique.
4. Identifique pelo menos cinco pessoas influentes no movimento de educação em clínica pastoral e identifique se elas tinham em alta consideração as Escrituras e em baixa consideração a sabedoria de homem ou se tinham em alta consideração a sabedoria do homem e em baixa consideração as Escrituras.
5. O aconselhamento pastoral, conforme moldado por Boisen, Oates e Rogers, faz muito ou pouco uso das Escrituras? Explique.
6. "Surpreendente" é claramente um eufemismo quando se considera o fato de que a prática do aconselhamento pastoral, nascida nas páginas da Bíblia, baseia-se nos ensinamentos de um homem que rejeitou as crenças religiosas ortodoxas, a autoridade da Bíblia e a divindade de Cristo, enquanto endeusou a experiência humana. Compartilhe sua opinião sobre essa afirmação.
7. "Aqueles autores que falam da Bíblia, muitas vezes alertam contra o uso das Escrituras para tratar o comportamento pecaminoso de um aconselhado".[219] Compartilhe sua opinião sobre essa afirmação.

219. DAYRINGER, Richard. **The heart of pastoral counseling**: healing through relationship. New York: Hayworth Pastoral Press, 1998, p. 109.

8. De acordo com este capítulo, a educação em clínica pastoral é útil ou prejudicial para os cristãos que procuram aconselhar de acordo com a Bíblia? Explique.
9. A educação em clínica pastoral promove uma alta consideração de si mesmo e da experiência pessoal? Explique.
10. O aconselhamento pastoral conforme moldado por Boisen, Oates e Rogers valoriza ou desvaloriza o evangelismo e o discipulado? Explique.

CAPÍTULO 2

EVITE A SABEDORIA DO MUNDO: *Volte-se para a Verdade de Deus*

David Penley

ESTE LIVRO COMEÇOU com um breve panorama histórico da educação em clínica pastoral e do campo do aconselhamento pastoral. Um dos pontos que ficaram evidentes ao longo desse primeiro capítulo é o quão fortemente os personagens históricos do aconselhamento pastoral confiavam na psicologia secular. Um dos propósitos deste livro é afastar o aconselhamento da confiança na psicologia secular e levá-lo em direção ao reconhecimento da suficiência da Palavra de Deus para ministrar às pessoas que estão enfrentando problemas. Para manter esse foco, procuraremos usar ao longo do livro o termo aconselhamento bíblico em vez de aconselhamento pastoral.

Neste capítulo, discutiremos a importância de olhar para a Palavra de Deus em vez de olhar para as ideias humanas. Começaremos por defender que o homem nunca encontrará a verdade por seus próprios esforços, ou seja, pelo uso do método científico ou por meio das ciências sociais que procuram utilizar tal método. Também responderemos à seguinte pergunta: "Onde encontrar a verdade?". Finalmente, veremos que a Bíblia nos adverte a não buscar soluções para os nossos problemas mediante a sabedoria do homem.

TODA A VERDADE É VERDADE DE DEUS?

A frase "toda verdade é verdade de Deus" tem sido usada por aqueles que gostariam de usar as ideias e os métodos seculares ensinados pelos cientistas sociais. Visto que as ciências sociais como a psicologia e a sociologia, entre outras, são reconhecidas em nossa sociedade como "ciências", acredita-se que qualquer fato que elas apresentem como resultado de sua pesquisa deve ser visto como "verdade". Por ser "uma verdade cientificamente comprovada", ela é aceita como fato comprovado. Os cristãos aceitam-na, portanto, como parte da verdade que Deus nos permite conhecer como revelação geral. Isso os leva a acreditar que quando ministramos às pessoas, podemos usar essas "verdades" com a mesma confiança com que usamos a Palavra de Deus. Por exemplo, os psicólogos cristãos John Carter e Bruce Narramore escrevem:

> Toda a verdade é verdade de Deus. Consequentemente, as verdades da psicologia não contradizem as verdades da revelação divina. Na realidade, elas podem ser integradas em um todo harmonioso.[1]

1. CARTER, John, NARRAMORE, Bruce. **The integration of theology and psychology**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1980, p. 49.

Outro conselheiro cristão, Gary Collins, escreveu:

> A Palavra de Deus nunca reivindica ter todas as respostas para todos os problemas da vida. Existe certamente muito conhecimento moderno, desconhecido nos dias de Jesus e de Paulo, que foi dado por Deus para nos ajudar a ministrar uns aos outros e servir a Cristo de forma mais eficaz.[2]

H. Newton Malony, escrevendo em um livro editado por Collins sobre a integração da psicologia com a teologia, afirma: "Podemos e devemos fazer uso de outras fontes não bíblicas se quisermos entender os seres humanos e efetuar a mudança máxima por meio do aconselhamento".[3] J. Harold Ellens opõe-se à visão do conselheiro bíblico Jay Adams de que as Escrituras são de fato suficientes para prover as ferramentas de que precisamos – tanto em termos de filosofia quanto de métodos – à medida que buscamos ministrar às pessoas. Em artigo no qual ele apresenta seu argumento contra Adams, Ellens escreve: "Aparentemente, ele nunca pensou na ideia de que toda verdade é verdade de Deus e tem a mesma autoridade, quer seja uma verdade da natureza ou das Escrituras".[4]

Essas citações deixam claro que muitos conselheiros cristãos, incluindo aqueles que atuam na área do aconselhamento pastoral, veem os ensinamentos das ciências sociais como verdade, uma verdade que está em pé de igualdade com a Palavra de Deus. Fica claro também que muitos desses cristãos não só veem os ensinamentos das ciências sociais como verdade, mas eles os veem como essenciais para compreender e ajudar as pessoas. Dessa forma, é claro que eles não podem acreditar que Deus nos deu em Sua Palavra tudo aquilo de que precisamos.

2. COLLINS, Gary. **Can you trust psychology?** Downer's Grove, IL: InterVarsity Press, 1988, p. 91.
3. COLLINS, Gary, MALONY, H. Newton. **Psychology and theology**: prospects for integration. Nashville, TN: Abingdon, 1981, p. 35.
4. ELLENS, J. Harold. "Biblical themes in psychological theory and practice". **Journal of Psychology and Christianity**, v. 6, n. 2, p. 2, 1980.

É verdade que toda verdade é verdade de Deus. Mas a verdade que está sendo oferecida pelos membros da comunidade das ciências sociais é realmente verdade? Nossa resposta a essa pergunta seria um sonoro "não". Por que responderíamos dessa maneira?

AS CIÊNCIAS SOCIAIS NÃO SÃO VERDADEIRAMENTE CIÊNCIAS

Em primeiro lugar, podemos argumentar contra a ideia de que as ciências sociais são verdadeiros empreendimentos científicos. Há muitos membros tanto da comunidade científica quanto da comunidade das ciências sociais que concordaram que elas não são verdadeiras ciências. A verdadeira ciência pode se ocupar apenas com o aspecto físico do homem.[5] Esse não é o campo com que a maioria das ciências sociais lidam. Por exemplo, Karl Popper, que é considerado um dos estudiosos mais proeminentes na área da filosofia da ciência, fez um estudo sobre a psicoterapia e concluiu que suas teorias "embora fazendo-se passar por ciência, na verdade, tinham mais em comum com os mitos primitivos do que com ciência". Ele também afirmou que elas "não são testáveis", ainda que sejam sugestões interessantes.[6] Paul Vitz, um professor de psicologia, escreve:

> Os psicólogos que atuam hoje no mundo da terapia reconheceram que sua compreensão da pessoa humana não se tornou mais científica. Além disso, eles não acreditam mais que rotular sua disciplina como ciência seja possível na prática ou mesmo desejável na teoria. [...] O resultado é que a psicoterapia começou a voltar às suas raízes na era pré-moderna, quando a psicologia era entendida como uma disciplina dentro do campo da filosofia.[7]

5. McMAHON, T.A. "To whom shall we go?" **The Berean Call**, v. 18, p. 4, April 2003.
6. POPPER, Karl. **Conjectures and refutations**. London: Routledge and Keagan Paul, 1963, p. 33, 39.
7. VITZ, Paul C. "Psychology in recovery." **First Things**, n. 151, p. 18, March 2005.

Vitz também afirma que "a psicologia contemporânea é uma forma de humanismo secular baseado na rejeição de Deus e no culto a si mesmo".[8]

NENHUMA CIÊNCIA POSSUI A VERDADE ABSOLUTA

Em segundo lugar, mesmo que comprássemos a ideia de que as ciências sociais são verdadeiramente ciências, isso não faria com que as ideias que elas nos apresentam fossem a verdade absoluta. Somente as Escrituras podem reivindicar ter a verdade absoluta, pois somente elas vêm a nós diretamente do próprio Deus. O conhecimento que ganhamos pelo uso do método científico ainda chega a nós por meio de pessoas. São as pessoas que planejam e executam os projetos de pesquisa. As pessoas são falíveis e, portanto, os resultados de seus empreendimentos, independentemente de quão cuidadosos e sinceros possam ser, também são falíveis. É por isso que muitos estudos científicos, mesmo no reino do natural ou das ciências "puras", são posteriormente desmentidos por outros estudos. Por exemplo, um estudo realizado pelo Dr. John Ioannidis e publicado no *Journal of the American Medical Association* (JAMA) pesquisou todos os principais estudos publicados entre 1990 e 2003 em três revistas médicas conceituadas - *New England Journal of Medicine*, *Lancet* e *JAMA*. Ioannidis descobriu que sete estudos – 16 por cento – foram desmentidos por pesquisas posteriores, e mais sete estudos – outros 16 por cento – relataram resultados mais fracos em pesquisas posteriores. Ele concluiu, portanto, que quase um terço dos estudos publicados nessas revistas científicas altamente conceituadas não se sustentaram. Ioannidis escreveu: "Os resultados desmentidos e potencialmente exagerados não são incomuns nas pesquisas clínicas

8. VITZ, Paul C. **Psychology as religion.** 2nd ed, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1995, p. xii.

originais de maior visibilidade e influência".[9] Se essa é a verdade naqueles casos, pode ser verdade em qualquer pesquisa.

Se quisermos basear a nossa saúde, o nosso conforto ou algum outro aspecto físico da nossa vida em dados possivelmente falíveis é uma coisa. Poderá ter um efeito negativo para nós nesta vida, mas não terá consequências eternas. Porém, se basearmos nosso ministério, que atua no campo espiritual, em informação errônea, poderemos conduzir pessoas por caminhos que levam a resultados negativos eternos. Isso é perigoso, tanto para a pessoa que está sendo ministrada quanto para a pessoa que exerce o ministério. Devemos prestar atenção à advertência de Jesus para aquele que eventualmente desviar pessoas mediante falsos ensinamentos: "Disse Jesus a seus discípulos: É inevitável que venham escândalos, mas ai do homem pelo qual eles vêm! Melhor fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e fosse atirado no mar, do que fazer tropeçar a um destes pequeninos" (Lc 17. 1,2).

SE AS CIÊNCIAS SOCIAIS NÃO SÃO CIÊNCIAS, ENTÃO, O QUE ELAS SÃO?

Em terceiro lugar, podemos argumentar que as ciências sociais não são ciências, mas são filosofias disfarçadas de ciências. Por serem filosofias e por lidarem especificamente com o homem, os seus problemas e as soluções para tais problemas, as ciências sociais competem diretamente com Deus e Sua Palavra. Quando as ciências sociais simplesmente registram e descrevem aquilo que observam, elas são geralmente inofensivas. No entanto, elas ainda devem ser vistas com um tanto de ceticismo, pois podem estar erradas por causa da natureza pecaminosa do homem, conforme já expusemos.

9. IOANNIDIS, John P. "Contradicted and initially stronger effects in highly cited clinical research". **Journal of the American Medical Association**, v. 294, n. 2, p. 218-228, 2005.

As ciências sociais, porém, nunca param na simples observação do mundo. Elas procuram também interpretar o que observam. Elas procuram encontrar respostas sobre por que as pessoas fazem o que fazem, como as pessoas podem ser ajudadas quando se comportam de modo a causar prejuízos a si mesmas e a outros, e quais são suas necessidades básicas e como podem ser supridas. A essa altura, elas se tornam filosofia, não são mais ciência e, conforme já dissemos, elas competem com as Escrituras. Deus reivindica nas Escrituras que só Ele pode entender o coração do homem. Jr 17.9,10 afirma: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá? Eu, o SENHOR, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos; e isto para dar a cada um segundo o seu proceder, segundo o fruto das suas ações". Lemos em 1 Sm 16.7: "Porém o SENHOR disse a Samuel: Não atentes para a sua aparência, nem para a sua altura, porque o rejeitei; porque o SENHOR não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o SENHOR, o coração". Finalmente, 1 Rs 8.39 diz: "Ouve tu nos céus, lugar da tua habitação, perdoa, age e dá a cada um segundo todos os seus caminhos, já que lhe conheces o coração, porque tu, só tu, és conhecedor do coração de todos os filhos dos homens". Todas essas passagens destacam que só Deus entende verdadeiramente o coração de uma pessoa, suas motivações, suas necessidades e a solução para tais necessidades. Assim, quando as ciências sociais passam a fazer interpretações de suas observações, quando elas afirmam ter conhecimento à parte da Palavra de Deus, elas se tornam "espiritualidades alternativas" ou palavras rivais sobre a natureza humana.

O QUE DIZER SOBRE A REVELAÇÃO GERAL?

Muitos cristãos justificam o uso de teorias e métodos das ciências sociais, alegando que eles recaem na categoria de revelação geral ou natural. Eles definem a revelação geral como

sendo aquilo que Deus revela em da Sua criação. Eles citam passagens como Rm 1.19,20:

> Porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis.

Eles interpretam o texto sugerindo que Deus continua a revelar coisas novas a respeito de Si mesmo e do homem. Como vimos nas citações mencionadas anteriormente, muitos desses cristãos acreditam que tais coisas novas que Deus revela não são apenas úteis, mas necessárias se quisermos ajudar integralmente as pessoas a lidarem com seus problemas.

No entanto, essa é uma compreensão incorreta da revelação geral. A revelação geral não consiste em Deus revelar coisas novas para nós, mas em Ele manifestar aspectos de Si mesmo que Ele também nos deixou por meio da revelação especial nas Escrituras. A revelação geral é apenas aquilo que aponta uma pessoa em direção a Deus, de modo que ela não possa dizer que não teve conhecimento da existência de Deus e para que ela esteja receptiva àquilo que Deus revela sobre Si mesmo na Bíblia. A revelação geral é limitada a apenas certos aspectos, que são "os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade" (Rm 1.20) e todos eles são encontrados também nas Escrituras. Na verdade, é preciso olhar para as Escrituras para compreender plenamente o amor e a graça de Deus manifestados em Jesus (Jo 1.14). A revelação geral torna o homem responsável, mas não o leva a saber como ser salvo. Somente a Palavra de Deus faz isso.[10] O propósito da

10. HARRISON, Everett F. Romans. In: GAEBELEIN, Frank E. (edit,). **The expositor's Bible commentary**. Grand Rapids, MI: Zondervan, Regency Reference Library, 1976, vol. 10, p. 23.

revelação geral é fazer com que as pessoas não tenham desculpas quando chegar o dia do julgamento (Rm 1.20), e não prover novas revelações contínuas, não encontradas nas Escrituras.[11]

Muito do que é chamado de revelação geral por aqueles que gostariam de colocar os achados das ciências sociais nessa categoria não passa de descobertas ou conhecimento. Não são fatos essenciais do ponto de vista eterno. Não são certamente novas revelações a serem adicionadas às Escrituras. Isso nega a afirmação que é tantas vezes lançada contra aqueles que não aceitam o uso das ciências sociais no desenvolvimento de metodologias de ajuda: "Então, suponho que você recorra à Bíblia quando você pega um resfriado ou quando o seu aparelho de ar condicionado precisa de conserto". Não é a tais coisas, de modo nenhum, que a revelação geral se dirige. A revelação geral aponta-nos para as verdades sobre quem é Deus.

Os demais tipos de conhecimento podem certamente ser úteis na vida. Eles podem nos ajudar a viver mais tempo e de maneira mais confortável. Podemos certamente curar mais doenças hoje do que em tempos passados, e certamente apreciamos mais o verão quente do Texas por causa do ar condicionado. Mas isso é simplesmente o resultado do conhecimento que a humanidade adquiriu. Não é uma nova "revelação" que Deus nos deu sobre Si mesmo, ou sobre o homem e seus problemas espirituais, e como responder a eles. A Bíblia lida com aspectos de importância eterna. Embora a medicina e o ar condicionado possam ajudar a tornar esta vida mais suportável e até mais longa, eles não são de importância eterna.

Deve ser também salientado, porém, que embora o propósito das Escrituras não seja tratar especificamente de assuntos da ciência e da história, ela é verdadeira e confiável quando fala sobre esses assuntos. Deve ainda ser salientado que embora as Escrituras possam não falar sobre como curar minha doença

11. BARRETT, C. K. **The Epistle to the Romans**. New York: Harper and Row, 1957. (Harper's New Testament Commentaries). p. 36.

ou como consertar o meu aparelho de ar condicionado, elas falam de como devemos reagir quando descobrimos que temos uma doença grave ou quando estamos sofrendo com os dias quentes de verão enquanto esperamos que a assistência técnica descubra por que o nosso ar condicionado parou de funcionar.

Além de a revelação geral e o conhecimento do homem não levarem as pessoas a Deus e às soluções para os seus problemas, o homem ainda lança mão de seu conhecimento e até mesmo da revelação geral de Deus e os transforma, por conta própria, em falsos ensinos que o desviam ainda mais da verdade. Em Rm 1.21-25, Paulo descreve a forma de pensar do homem como resultado da rejeição de Deus:

> Porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis. Por isso, Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si; pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém!

Paulo diz que eles afirmam ser sábios, mas na verdade são tolos. Suas especulações ou raciocínios sobre aquilo que observam são fúteis. A palavra traduzida como "nulos" nessa passagem significa "fútil, destituído de verdadeira sabedoria, desviar-se do caminho certo, seguir os tolos ou os maus caminhos".[12] Literalmente, Paulo está dizendo que ao observar a

12. ZODHIATES, Spiros. **The complete word study dictionary New Testament.** Chattanooga, TN: AMG Publishers, 1992, p. 949.

criação, e na tentativa de determinar por conta própria o que estão observando e a razão por que aquilo que estão observando acontece, as pessoas seguem pelo caminho errado.

O caminho errado que elas seguem é adorar e servir à criatura em lugar do Criador (Rm 1.25). No tempo de Paulo, essa adoração de ídolos compreendia a adoração de animais e de imagens literais desses animais esculpidas em madeira ou pedra. Mas a questão principal daquela época e de hoje também, é a adoração de si mesmo.[13] O homem procura destronar Deus e colocar-se no trono, dando a si mesmo a glória e o louvor devidos a Deus. Idolatrar a si mesmo é a verdadeira questão de que Paulo está falando em Romanos 1.[14]

A autoidolatria pode ser vista nos escritos dos cientistas sociais e em suas interpretações daquilo que eles observam. Ela está, por exemplo, por trás do conceito de amor-próprio que é tão predominante na psicologia, especialmente na psicologia cristã. A ideia como um todo é justificada entre os conselheiros cristãos pelo uso das palavras de Jesus encontradas em Lc 10.27: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e amarás o teu próximo como a ti mesmo". Essa passagem é utilizada para defender afirmações como esta:

> Descobrimos que a Bíblia confirma aquilo que a psicologia moderna descobriu recentemente. Sem o amor-próprio, não pode haver amor pelos outros. Jesus iguala esses dois amores e os une, tornando-os inseparáveis.[15]

Essa é uma interpretação errada do texto bíblico. O texto está ensinando claramente que nós já amamos a nós mesmos

13. MOUNCE, Robert H. **Romans**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 1995 (New American Commentary, v. 27), p. 79, 80.
14. BARRETT, C. K. **The Epistle to the Romans**. New York: Harper and Row, 1957. (Harper's New Testament Commentaries). p. 37.
15. TROBISCH, Walter. **Love yourself**. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1976, p. 11, 12.

e que simplesmente precisamos amar os outros tanto quanto amamos a nós mesmos. O homem com quem Jesus estava falando entendeu claramente que Ele estava se referindo ao seu egocentrismo e ao seu amor-próprio, tanto que em Lc 10.29 ele procurou justificar a si mesmo perguntando quem seria o seu próximo. Isso é confirmado quando Jesus conta a história do Bom Samaritano, em Lc 10.30-37, em resposta à pergunta daquele homem. O herói da história é o homem disposto a negar a si mesmo e se sacrificar, por outro lado, os homens maus estão cheios de amor-próprio. Sendo assim, a ênfase do ensino de Jesus não está no amor-próprio, mas no amor aos outros. Como João Calvino escreve sobre essa passagem: "os homens são naturalmente propensos ao amor-próprio excessivo. [...] Não havia necessidade de uma lei para inflamar um amor já existente em excesso".[16]

Encontramos essa filosofia centrada no homem também nos escritos de cientistas sociais seculares. Abraham Maslow, que se tornou a base para grande parte da nossa filosofia e metodologia educacional, bem como do aconselhamento e até mesmo da metodologia ministerial, escreve que a natureza interior do ser humano "é boa ou neutra, e não má". Ele escreve, portanto, que "é melhor expressá-la (a natureza interior do homem) e incentivá-la, em vez de reprimi-la. Se permitimos que ela guie a nossa vida, cresceremos saudáveis, frutíferos e felizes".[17] Isso contradiz diretamente os ensinamentos das Escrituras. Jesus declarou que do coração do homem procedem "maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias" (Mt 15.19). Paulo afirma que uma pessoa que não foi redimida pela fé em Cristo e, portanto, não tem o Espírito Santo habitando dentro de si, constata que de seu interior procedem "prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras,

16. CALVIN, John. **Institutes of the Christian religion**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1972, p. 358.
17. MASLOW, Abraham. **Toward a psychology of being**. 2nd. ed. New York: Van Nostrand, 1968, p. 4.

discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glutonarias e coisas semelhantes a estas" (Gl 5.19-21). Embora Maslow possa não achar nada de errado nesses comportamentos e traços de personalidade, Deus certamente o faz. Maslow também escreve sobre a necessidade de o ser humano encontrar respostas para os seus problemas. Ele diz que precisamos identificar aquelas pessoas que foram capazes de deixar que toda a bondade interior se expressasse e usá-las como modelos. Maslow escreve:

> O estudo de tais pessoas autorrealizadas pode nos ensinar muito sobre nossos próprios erros, nossas deficiências, a direção adequada em que devemos crescer [...]. Talvez, em breve, estejamos aptos a usar como nosso guia e modelo o ser humano plenamente desenvolvido e autorrealizado, aquele que está atingindo o pleno desenvolvimento em todas as suas potencialidades, aquele cuja natureza interior se expressa livremente, em vez de ser desvirtuada, suprimida ou negada.[18]

Maslow rejeita a ideia de olhar para um deus ou para uma fonte como a Bíblia, que afirma falar em nome de Deus, em busca de respostas para os problemas do homem ou para determinar seus valores. Ele declara:

> Estou sugerindo que existem padrões subjacentes básicos que são transculturais, que transcendem culturas e que são amplamente humanos. No passado, a raça humana em busca de valores que a orientassem, de princípios de certo e errado, olhou para fora de si mesma, para um Deus, para algum tipo de livro sagrado [...]; mas não é mais possível que as pessoas instruídas leiam as escrituras literalmente ou acreditem em verdade revelada [...]. Os valores absolutos estão enraizados na biologia humana. Todos

18. MASLOW, Abraham. **Toward a psychology of being.** 2nd. ed. New York: Van Nostrand, 1968, p. 5.

> nós nascemos com instintos inatos para o bem, que atingem suas expressões mais elevadas em certos indivíduos que concluem com êxito um processo chamado de autorrealização. [...] Ao seguir os ditames do deus que há em nosso interior, podemos descobrir um conjunto universal de valores.[19]

Maslow também escreve sobre esses instintos internos do ser humano:

> Eles garantem uma ética científica, um sistema natural de valores, uma corte de apelação suprema para a determinação do bem e do mal, do certo e do errado. Quanto mais aprendemos sobre as tendências naturais do homem, mais fácil será dizer-lhe como ser bom, como ser feliz, como ser frutífero, como respeitar a si mesmo, como amar, como alcançar suas mais altas potencialidades.[20]

Mais uma vez isso contradiz diretamente aquilo que Deus diz em Sua Palavra por meio de Jesus em Lc 9.23-25:

> Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará. Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se ou a causar dano a si mesmo?

Embora pudéssemos recorrer a várias passagens para contestar as ideias de Maslow, essa ensina claramente o conceito-chave que Deus nos dá sobre como podemos alcançar o que Ele pretende para nós. Essa passagem derruba a filosofia de que o "homem é tudo", defendida por Maslow, e prova que ela é falsa. Não é o amor-próprio e a autoidolatria que

19. MILTON, Joyce. **The road to Malpsychia**. San Francisco, CA: Encounter Books, 2002, p. 10.
20. MASLOW, Abraham. **Toward a psychology of being**. 2nd. ed. New York: Van Nostrand, 1968, p. 4.

conduzem às respostas para os problemas do homem, mas negar a si mesmo e voltar-se para Deus. Embora a expressão "amar a si mesmo" em Lc 10.27 não seja uma ordem, mas um qualificador para uma ordem, a passagem é de fato uma ordem.

Maslow rejeita descaradamente os ensinamentos bíblicos sobre o homem, o seu problema e a solução para esse problema, mas ainda assim muitos cristãos acreditam que podem de alguma forma integrar os ensinamentos desse falso profeta com a Bíblia e encontrar ferramentas úteis para ajudar as pessoas. Em vez de tentativas para descobrir como aprender com pessoas como Maslow, o que devemos fazer é nos afastar de suas ideias o mais rápido possível. Seus ensinamentos, e outros parecidos, são a sabedoria do mundo e devem ser rejeitados em favor da verdade de Deus.

Visto que tais psicoterapias são filosofias criadas pelo homem, e que elas se opõem à Palavra de Deus, elas se enquadram na advertência dada por várias passagens das Escrituras. Uma dessas passagens é o Sl 1.1,2:

> Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes, o seu prazer está na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite.

Esse salmo é considerado didático ou de ensino. Ele não tem a métrica poética dos demais salmos.[21] O que ele ensina? Nesse salmo, "os ímpios" são aqueles que ensinam contrariamente aos ensinamentos de Deus. Deus nos diz que o homem que quer ser espiritualmente abençoado não "anda" no conselho dos ímpios ou, em outras palavras, não ouve nem segue tais conselhos. "Pecadores" refere-se àqueles que erram o

21. ANDERSON, A. A. **Psalms (1-72)**. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1972. (The New Century Bible Commentary) p. 57.

alvo estabelecido por Deus ou que se desviam do Seu padrão. "Deter-se" com eles significa compartilhar suas crenças e seu modo de vida. "Escarnecedores" são aqueles que são arrogantes, autossuficientes e que acreditam que não precisam de Deus. Eles se recusam a aceitar a verdade de Deus (Pv 15.12; 21.24). "Assentar-se na roda" dos escarnecedores significa fazer pouco de Deus e Sua Palavra, e identificar-se com o pensamento dos ímpios. O homem bem-aventurado rejeita os ímpios e suas ideias, e tem prazer na Palavra de Deus.[22] Temos argumentado como os ensinamentos de cientistas sociais encaixam-se nas descrições daquilo que os crentes devem evitar.

Uma passagem do Novo Testamento que nos adverte a ficarmos longe daqueles que propagam falsos ensinamentos é Cl 2.8: "Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo". Paulo inicia o segundo capítulo de Colossenses lembrando à igreja de Colossos qual é a base de sua fé. Em seguida, ele se dirige às ameaças a essa base. Ele começa seu argumento a respeito dessas ameaças no verso 8, advertindo a igreja para não se deixar enredar. Isso indica que Paulo via a situação como um ataque planejado contra a igreja, como uma batalha espiritual.[23] A palavra traduzida como "enredar" significa, literalmente, "levar como presas". Isso significa tornar-se um espólio de guerra.[24] Paulo está alertando os cristãos de Colossos para não consentirem em se tornar despojo do inimigo na guerra espiritual assoladora ao seu redor. Nós precisamos dar ouvidos à mesma advertência. Como eles deveriam proceder, e nós também, para não nos tornar prisioneiros de guerra? Paulo responde na continuidade do texto de Cl 2.8. Em primeiro lugar,

22. ANDERSON, A. A. **Psalms (1-72)**. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1972. (The New Century Bible Commentary) p. 57-61.
23. MELICK, Richard R. Jr. **Philippians, Colossians, Philemon**. Nashville, TN: Broadman Press, 1991. (New American Commentary), v. 32, p. 250.
24. ZODHIATES, Spiros. **The complete word study dictionary New Testament**. Chattanooga, TN: AMG Publishers, 1992, p. 1324.

devemos ficar longe de tal filosofia. A palavra aqui refere-se a uma filosofia específica, e não à filosofia em geral.[25] É uma filosofia que Paulo diz ser vã e enganadora. Ela é vã porque não contém nenhuma verdade. Trata-se da mesma palavra que Paulo usa em Ef 5.6 ao escrever: "Ninguém vos engane com palavras vãs". A filosofia que é enganosa seduz ao pecado. Ela promete muito, mas decepciona demais.[26] Paulo afirma também que ela está baseada na tradição dos homens, em outras palavras, na tentativa humana de encontrar a verdade.[27] Finalmente, Paulo escreve que ela está baseada nos rudimentos do mundo. Essa terminologia era utilizada naquela época para se referir aos quatro elementos básicos que eles acreditavam compor o universo, ou seja, fogo, terra, vento e água, e também era usada para se referir aos signos do zodíaco.[28] O sentido geral é que são ensinamentos do mundo, e não de Cristo. Paulo pede para os cristãos ficarem longe desse tipo de ensinamento. Ele estava acusando os responsáveis pela igreja em Colossos de liderar e viver com base em compreensões e entendimentos humanos, e não pela Palavra de Deus. Isso é algo que eles deveriam parar de fazer.[29] Conforme já mostramos, as interpretações dos cientistas sociais são exatamente o que Paulo está descrevendo aqui. Elas são filosofias que não contêm a verdade de Deus, que enganam as pessoas, e estão baseadas em tentativas humanas de descobrir a verdade. Elas estão sendo usadas atualmente pelos cristãos, inclusive por líderes da igreja, mas devemos atender ao conselho de Paulo de não vivermos dirigidos por elas nem de tê-las como base para o nosso ministério.

25. ZODHIATES, Spiros. **The complete word study dictionary New Testament.** Chattanooga, TN: AMG Publishers, 1992, p. 1447.
26. Ibid., p. 207.
27. Ibid., p. 1104.
28. Ibid., p. 1314.
29. MELICK, Richard R. Jr. **Philippians, Colossians, Philemon.** Nashville, TN: Broadman Press, 1991. (New American Commentary), v. 32, p. 254.

Devemos também prestar atenção à advertência de Paulo em 2 Co 6.14,15: "Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão, da luz com as trevas? Que harmonia, entre Cristo e o Maligno? Ou que união, do crente com o incrédulo?". Nossa tendência é usar essa passagem para falar do casamento, e ela certamente se aplica a essa situação, mas o contexto deixa claro que ela se aplica a qualquer tentativa de unir os caminhos do mundo com os caminhos de Deus.

Paulo começa por dizer que eles não devem se unir com os incrédulos. A palavra traduzida como "colocar-se em jugo desigual" reporta-se literalmente ao jugo usado na tentativa de cruzar diferentes tipos de gado que não formam uma boa combinação. Ela também pode significar "juntar-se como aliados", ou unir no arado animais diferentes, o que leva ao desastre.[30] David Garland se expressa assim: "Aqueles que se juntam com os infiéis não demorarão muito para perceber que estão arando os campos de Satanás".[31]

A palavra traduzida como "incrédulos", aos quais não devemos estar vinculados, é um derivado da palavra *apistoi* (da qual provém a palavra "apóstata") e refere-se a alguém "que defende valores, crenças e práticas que são antitéticas à fé cristã".[32] Mais uma vez, está claro que se encaixa aqui a descrição dos cientistas sociais e de seus pontos de vista que estão em contradição direta com o que Deus ensina em Sua Palavra.

Em seguida, Paulo faz uma série do que parecem ser perguntas retóricas para expor aos leitores seu ponto de vista. Primeiramente, ele pergunta que "sociedade" devemos ter com esses falsos mestres. A palavra traduzida por "sociedade"

30. ZODHIATES, Spiros. **The complete word study dictionary New Testament.** Chattanooga, TN: AMG Publishers, 1992, p. 665.
31. GARLAND, David E. **2 Corinthians.** Nashville, TN: Broadman & Holman, 1999 (New American Commentary), v. 29, p. 331.
32. Ibid., p. 332.

é *metoche,* um relacionamento que envolve o compartilhamento de propósitos e atividades. Logo após, Paulo pergunta que "comunhão" devemos ter com esses impostores. A palavra traduzida como "comunhão" é *koinonia* e refere-se àqueles que compartilham de uma relação estreita. Em terceiro lugar, ele pergunta que harmonia devemos ter com aqueles que contradizem os ensinamentos de Cristo. A palavra traduzida como "harmonia" é *symphonesis*, que significa acordo ou aliança mútua. Finalmente, Paulo pergunta que "união" temos com esses cientistas sociais seculares e com suas teorias. A palavra traduzida como "união" é *meris* e significa compartilhar. Claramente a resposta que Paulo pretende que seus leitores deem a todas essas perguntas é que nenhum de nós deve estar em parceria, ter propósitos compartilhados, ter uma relação estreita, ter acordo ou fazer alianças, ou ter qualquer coisa em comum com aqueles que promovem ideias que contradizem a Palavra de Deus. Como David Garland conclui: "os cristãos prezam por valores que os outros rejeitam. Eles não devem se deixar atrelar ao mesmo jugo com aqueles cujas crenças são hostis à fé cristã. Portanto, Paulo pede que eles se afastem dessas alianças ímpias".[33]

ONDE ENCONTRAR A VERDADE?

Constatamos que a verdade secular é encontrada em sua maior parte como resultado do uso do método científico. A esse respeito, Abraham Maslow afirmou: "Está perfeitamente claro para mim que os métodos científicos são o nosso único meio fundamental para estarmos certos de que temos a verdade".[34] Constatamos também que a ciência nunca pode nos prover a verdade real. Então, onde encontrar a verdade?

33. GARLAND, David E. 2 **Corinthians**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 1999 (New American Commentary), *v.* 29, p. 332.
34. MASLOW, Abraham. **Toward a psychology of being.** 2nd. ed. New York: Van Nostrand, 1968, p. viii.

A resposta à pergunta sobre onde encontrar a verdade é simples. Ela só é encontrada com certeza absoluta na Palavra de Deus. Pode haver alguma verdade misturada com o tanto de erro que resulta da pesquisa sobre o homem realizada pelas ciências sociais. À medida que alguém observa o mundo, certamente percebe algumas coisas de forma correta. Mas a única maneira de compreender adequadamente a verdade é por meio da leitura da Palavra de Deus. Se um cristão quiser investir seu tempo em usar as Escrituras para filtrar o lodo do erro, ele poderá descobrir que algo daquilo que Freud, Maslow, Rogers ou quaisquer outros cientistas sociais apresentaram está em sintonia com o que Deus ensina em Sua Palavra. Existem, porém, vários problemas nisso. Em primeiro lugar, é uma questão de mordomia. Por que investir tanto tempo e esforço para fazer isso quando essas verdades já estão claramente expostas nas Escrituras? Será que o tempo não seria investido de forma muito mais proveitosa usando os princípios bíblicos para ajudar as pessoas a lidarem com seus problemas? Em segundo lugar, à medida que você vasculha o lodo, parte dele pode acabar aderindo em você. Você aceitará algo que não é bíblico porque soa bem ou porque parece funcionar. Torna-se, portanto, uma questão de sabedoria – devemos encher nossa mente com tal erro (Fp 4.8,9; Sl 1; Tg 4.4,5; 1 Jo 2.15-17)? Em terceiro lugar, isso faz com que pareça que você acredita que a Palavra de Deus precise de algum tipo de validação. Se Deus o diz em Sua Palavra, então é algo bom, mas se a "ciência" comprova o mesmo, então eu posso ter certeza de que é verdadeiro. A Palavra de Deus não precisa de validação científica para torná-la verdadeira ou eficaz. A questão passa a ser de senhorio. Em quem eu realmente confio? A Bíblia nos ensina que Deus escolheu revelar a verdade por meio de Cristo (Jo 1.1-17; Jo 14.6). Cristo, que é a verdade, quando orou por Seus discípulos e por nós em Jo 17.17, declarou que as Escrituras são o lugar onde encontramos a verdade:

"Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade". A Palavra de Deus, que Jesus declarou como o lugar onde encontramos a verdade, afirma que essa Palavra é tudo quanto precisamos para entender as pessoas e os seus problemas, e para encontrar soluções para tais problemas (2 Tm 3.16,17; 2 Pe 1.2-4). No capítulo seguinte, discutiremos mais sobre esse conceito, que chamamos de suficiência das Escrituras.

Além de Deus providenciar a verdade em Sua Palavra, nós também só podemos compreendê-la e saber como aplicá-la se estivermos sob a orientação do Espírito Santo que nos é concedido por Ele. Jesus ensina isso em Jo 14.16,17 ao dizer:

> E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não no vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós.

Mais adiante, em Jo 16.12-15, Jesus afirma o seguinte:

> Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar. Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.

CONCLUSÃO

O mundo diz que o homem pode encontrar a sua própria verdade dentro de si mesmo e ao observar e estudar cuidadosamente o seu mundo. Deus diz que nunca poderemos encontrar a verdade por nós mesmos e que Somente em Sua Palavra poderemos encontrar a verdade absoluta. Infelizmente,

no que diz respeito ao aconselhamento como um campo de prática e estudo, os cristãos aceitaram as ideias do mundo e aceitaram os ensinamentos das ciências sociais como a "nova verdade" que nos foi dada para entender melhor as pessoas e nos equipar para sermos mais eficazes em ajudá-las a lidar com os seus problemas. Isso se infiltrou em nossas igrejas e levou a uma confiança cada vez maior nas ideias e nos métodos do mundo. A igreja continua a se afastar cada vez mais da confiança de que a Palavra de Deus é tudo o que precisamos para encontrar respostas para os nossos problemas emocionais e espirituais. Temos de dar ouvidos às advertências de Deus, rejeitar a sabedoria do mundo e colocar a nossa esperança unicamente na Sua verdade conforme a encontramos somente em Sua Palavra. No capítulo seguinte, defenderemos a suficiência da Palavra de Deus para dar respostas às necessidades do homem.

CAPÍTULO 2 – PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Como explicamos o conceito de que "toda verdade é verdade de Deus"?
2. As ciências sociais são realmente uma ciência? Explique.
3. Como explicamos o conceito de revelação geral?
4. Qual é o único lugar onde posso encontrar a verdade sobre o homem interior? Explique.
5. "Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes, o seu prazer está na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite" Sl 1.1,2. Explique esses versículos à luz do capítulo lido.
6. "Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens,

conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo" Cl 2.8. Explique esse versículo à luz do capítulo lido.

7. Precisamos de algo além da Palavra de Deus para ajudar as pessoas a lidar com as questões do homem interior? Explique.
8. A igreja permanece firme na suficiência das Escrituras para lidar com o homem interior? Explique.
9. O homem pode descobrir a verdade sobre o seu interior por meio apenas da revelação geral? Explique.
10. Como o Espírito Santo nos ajuda a compreender a verdade? Explique.

CAPÍTULO 3

OS FUNDAMENTOS DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

John Babler, T. Dale Johnson e Paul Taidoo Kim

O QUE É ACONSELHAMENTO BÍBLICO?

Em meio a uma cultura terapêutica, na qual o aconselhamento tornou-se uma disciplina profissional formal (na verdade, muitas disciplinas: psiquiatria, psicologia, serviço social e aconselhamento conjugal e familiar, entre outras), a "redescoberta" do aconselhamento bíblico é atribuída a Jay Adams. Em seu livro *Conselheiro Capaz*, publicado originalmente em 1970, Adams utilizou o termo "noutético" (transliterado de uma palavra do Novo Testamento grego que é mais frequentemente traduzida por "admoestar") para descrever o aconselhamento que tem como foco ministrar as Escrituras, falando a verdade em amor àqueles que precisam de conselhos.

Nos anos subsequentes à publicação de *Conselheiro Capaz*, muitos livros, *minibooks* e outros recursos, bem como centros de formação e programas de graduação e pós-graduação em

aconselhamento bíblico surgiram gradativamente. Durante os primeiros 30 anos após a publicação de *Conselheiro Capaz*, houve diferenciação relativamente clara e um debate (na maioria das vezes) respeitoso entre o aconselhamento bíblico e aquilo que pode ser descrito como aconselhamento cristão. Durante os últimos dez anos, mais ou menos, houve uma confusão entre essas definições à medida que alguns dos que atuavam no campo do aconselhamento bíblico investiram esforços significativos no desenvolvimento do relacionamento com outros conselheiros cristãos, e aqueles que atuavam no campo do aconselhamento cristão adotaram o termo aconselhamento bíblico para descrever sua abordagem de aconselhamento. Isso resultou em uma crescente confusão quanto à definição do aconselhamento bíblico.

Em poucas palavras, o aconselhamento bíblico consiste em ministrar as Escrituras àqueles que enfrentam problemas ou que desejam a sabedoria e a orientação de Deus. O aconselhamento bíblico não é um conceito novo. Ao longo das páginas das Escrituras, há exemplos que mostram que a Palavra de Deus foi apresentada de maneira instrutiva e corretiva tanto para indivíduos quanto para grupos. Ao longo da história da igreja também temos exemplos de como as Escrituras foram utilizadas por pastores e outros cristãos para encorajar e advertir os membros do rebanho.

Recentemente, tenho tido a oportunidade de ler e avaliar várias tentativas atuais de definir o aconselhamento bíblico, escritas por autores que se consideram conselheiros bíblicos. Fiquei surpreso quando li tais definições, pois em todas elas faltavam elementos fundamentais do aconselhamento bíblico. Nenhuma menciona pecado nem arrependimento, apenas uma faz referência à convicção na suficiência das Escrituras, e todas elas são gerais o suficiente para permitir que muitos dos que não aderem a essas declarações de fé adotem o título de conselheiro bíblico. Refletindo sobre a questão, e com base

em mais de 21 anos de prática no ensino de como ministrar as Escrituras, acredito que a definição a seguir descreva efetivamente o aconselhamento bíblico.

O aconselhamento bíblico é um ministério da igreja local no qual os crentes em Cristo (Jo 3.3-8), habitados, capacitados e guiados pelo Espírito Santo (Jo 14.26), ministram a outros a Palavra viva e ativa de Deus (Hb 4.12), buscando evangelizar os perdidos e ensinar os salvos (Mt 28.18-20). O aconselhamento bíblico está baseado na convicção de que as Escrituras são suficientes para a tarefa de aconselhar e superiores a qualquer outro material que o mundo tenha para oferecer (2 Tm 3.16,17; Hb 4.12; 2 Pe 1. 3,4; Sl 119; Tg 4.4). Os conselheiros bíblicos compreendem a importância do pecado (Rm 3.23, 6.23) e, após uma autoconfrontação (Mt 7.5), confrontam amorosamente aqueles que estão em pecado (Lc 17.3,4) e os chamam ao arrependimento (2 Tm 2.24-26). Os conselheiros bíblicos também entendem que as pessoas, neste mundo caído, podem enfrentar crises significativas que não são consequências diretas de seu pecado (Jó 1.2). E quando for esse caso, os conselheiros bíblicos, de maneira voluntária e paciente, caminham ao lado dessas pessoas e as servem, amam, encorajam e ajudam (1 Ts 5.14). Eles também recorrem a outros membros da igreja para ajudá-las com base em seus dons e suas funções (1 Co 12).

O aconselhamento bíblico pode ser informal, realizado enquanto se toma um cafezinho, pode acontecer nos corredores da igreja, no local de trabalho e na comunidade. Ele também pode ser formal, realizado durante encontros agendados em um escritório. Todos os cristãos devem aprender a ministrar a Palavra de Deus e devem fazê-lo com ousadia no contexto da igreja local. Os conselheiros bíblicos são motivados pela compaixão de Cristo (Mt 9.36, 2 Co 5.14,15) e, em obediência aos Seus mandamentos (Jo 14.21), procuram ser sal e luz de tal forma que os outros vejam as suas boas obras e glorifiquem seu Pai Celestial (Mt 5.16).

O EVANGELHO NO ACONSELHAMENTO

O plano da redenção, voltado para toda a humanidade, ocupa o lugar central nas Escrituras. As boas novas de que Jesus Cristo veio à terra como homem, viveu uma vida perfeita, morreu na cruz pelos pecados da humanidade, foi sepultado e em três dias ressuscitou dos mortos é a base da fé cristã e tem um papel central na prática do aconselhamento.

O pecado original

A doutrina do pecado original constitui o fundamento a partir do qual qualquer ponto de vista cristão sobre como ajudar ou aconselhar pessoas pode ser construído. Isso significa que o homem não está em seu estado original, mas herdou uma natureza pecaminosa por causa do pecado de Adão. A imagem de Deus (*imago dei*) no homem ficou desfigurada e necessita de restauração. Gênesis 9 deixa claro que a imagem de Deus no homem não foi completamente destruída. Como seu Criador, Deus valoriza a vida de todos os homens. Visto que o pecado é o maior problema do homem, como o homem é restaurado em todas as dimensões? Como o homem supera o problema do pecado em seu interior? Se esse é o verdadeiro problema, então qualquer sistema que promova a capacidade do homem para restaurar a si mesmo é falho porque ele não pode se acertar com Deus por sua própria força de vontade ou sabedoria.

A justificação pela fé

O problema do homem está enraizado em sua natureza pecaminosa, mas o homem não está abandonado à sua própria sorte para encontrar uma solução para tal problema. A razão pela qual a natureza hereditária é problemática é porque o pecado está em rebelião direta para com o Deus santo. A única solução para essa natureza problemática vem por meio do plano que Ele ofereceu por Sua graça, mediante a fé. A doutrina da

justificação é fundamental para a fé cristã e deve ser a base para qualquer debate sobre o aconselhamento bíblico para que o homem obtenha uma restauração completa.

Várias soluções têm sido propostas, partindo de dentro e de fora da Igreja, para aniquilar a propensão do homem para o mal, mas nenhuma delas tem sido a resposta definitiva. O behaviorismo fracassou porque simplesmente não aborda o problema da depravação, mas procura domar a carne por meio de um sistema de punição e recompensa. Isso cria apenas uma prática mais sofisticada e aceita da depravação, que é capaz de utilizar a manipulação e a criatividade a fim de alcançar o benefício desejado ou evitar a consequência indesejada. Por exemplo, isolar uma criança tem o propósito de mantê-la afastada de quaisquer influências ambientais para a maldade, no entanto, o problema aqui é que o homem é inerentemente mau e, mesmo quando a criança é deixada sozinha, ela irá manifestar de alguma forma seus desejos corruptos.

A maior necessidade de qualquer ser humano é a obra regeneradora do Espírito Santo. Antes da regeneração, o homem não pode compreender plenamente o mundo como ele de fato é. Quando o coração de uma pessoa está endurecido, suas capacidades cognitivas ou intelectuais são ineficazes para corrigir a sua visão turva. A pessoa nascida de novo reconcilia-se com Deus em Cristo e herda o Reino de Deus.

O evangelismo

Seria bom sermos capazes de fazer com que nossos aconselhados simplesmente se *sentissem* melhor depois de um encontro de aconselhamento? Não necessariamente, porque as Escrituras advertem sobre as soluções que parecem sábias no momento, mas não têm poder para vencer os impulsos da carne (Cl 2.23 NVI). Mateus 16.26 diz: "Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?".

O verdadeiro cuidado das almas se importa com o problema fundamental da alma humana, e por isso, a doença do pecado deve ser abordada antes de qualquer outro problema. Munir um aconselhado com mecanismos de adaptação que se limitam a prover alívio temporário pode deixar sua alma em uma condição devastadora. Em lugar de buscar o bálsamo definitivo para a alma na salvação em Cristo, a pessoa se contenta com uma correção passageira do problema, muitas vezes endurecendo-se para a verdade e para a necessidade do evangelho para a vida eterna. Para os aconselhados que não professam Cristo, o conselheiro bíblico deve ter como foco principal o *evangelismo.* A alma deles está em perigo de se perder para sempre e qualquer problema que estejam enfrentando atualmente é uma demonstração dos efeitos da queda do homem, quer por meio do sofrimento ou do pecado pessoal, e isso realça a necessidade de uma intervenção mais duradoura.

O conselheiro bíblico deve avaliar a situação a partir da perspectiva do Reino de Deus. O evangelho de Cristo deve ser a prioridade máxima na vida do aconselhado, porque qualquer tentativa de solução que desconsidere o evangelho redentor desculpará o problema, ensinará a justiça própria e apaziguará a culpa, o que endurecerá ainda mais o coração, obscurecendo a compreensão. Sem o novo nascimento pelo Espírito, uma pessoa é incapaz de se tornar boa com relação a Deus. É em nossa fraqueza, seja do corpo ou do coração, que o poder de Cristo se aperfeiçoa e Sua graça se revela suficiente (2 Co 12.7-10; Tt 3.5).

Como cristãos, o tesouro que temos é a mensagem redentora de Cristo. Uma vez que esta vida é um vapor passageiro, devemos procurar não nos concentrar tanto em soluções temporárias, mas na esperança que Paulo descreve em 2 Co 4.16-18:

> Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior

> se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.

O mais importante para um indivíduo é a sua esperança na eternidade, e um conselheiro que procura ser cristão deve dar prioridade à esperança do evangelho conforme Deus dá em Sua Palavra.

O evangelho de Jesus e as verdades das Escrituras não são apenas para a edificação da Igreja, mas para a evangelização daqueles que não pertencem ao corpo. Seria incompatível com Seu caráter, Deus enganar alguém ou ser inconstante. A realidade dos fatos, tal como apresentada nas Escrituras, é uma só para toda a humanidade. A Bíblia apresenta um determinado modo de entender Deus, o homem, o problema do homem e a solução para seu problema. A realidade mais fundamental é que o homem caiu e precisa de redenção para lidar com o sofrimento da maldição do pecado e com os efeitos deste mundo corrompido. Essa realidade é verdadeira para todos os homens, quer pertençam à Igreja ou não.

A Igreja e seu ministério de cuidado das almas devem ser fiéis à mensagem de Cristo. O aconselhamento não é a solução final para aqueles que estão sofrendo. Jesus é a solução. O plano de Deus para a proclamação do evangelho e a edificação dos santos é levá-los em direção à santificação, e esse deve ser o alvo de cada comunidade local. O ministério de aconselhamento deve servir a igreja local e ela deve ser fiel no cuidado com aqueles que Cristo salva por meio do ministério de aconselhamento. Daremos mais detalhes sobre esse assunto no Capítulo Nove, intitulado "A Grande Comissão e o Aconselhamento Bíblico".

O discipulado

Um ministério de aconselhamento consistente proporciona a uma igreja local muitas oportunidades para estender compaixão àqueles que estão sofrendo e aos necessitados. A igreja, como povo do Deus vivo, deve se distinguir. Jesus afirma essa marca singular em Jo 13. 34,35: "Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros". A característica que define os discípulos de Cristo é que eles amam uns aos outros.

Os membros do corpo devem levar "as cargas uns dos outros" e, assim, cumprir a lei de Cristo (Gl 6.2). Um pouco mais adiante, na mesma passagem, Paulo chama a igreja para fazer "o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé" (Gl 6.10). Paulo deseja construir dentro do corpo uma cultura de cuidado com aqueles que foram apanhados em pecado, com os incrédulos e com toda a "família da fé" (Gl 6.1-10).

A igreja do Deus vivo deve estar pronta e equipada para ser um povo que se preocupa profundamente com as pessoas. Deve ser muito natural para o corpo de Cristo maduro ver o mundo com os mesmos olhos misericordiosos de seu Salvador. O poder de Cristo, mediante o Espírito que habita em cada crente, move-o a praticar a justiça, amar a misericórdia e andar humildemente com o seu Deus (Mq 6.8). Deve haver "uma mentalidade unânime na congregação de que a Bíblia é suficiente para todos os problemas da vida", diz Bob Kelleman, e devemos "entender que o 'ministério uns aos outros' não é apenas um bate-papo superficial reservado para os 'assuntos comuns', mas uma perspectiva bíblica para toda a igreja e para todos os aspectos da vida".[1] A igreja deve estar fundamentada nas Escrituras para ser saudável e estar equipada para cuidar das pessoas e estender misericórdia.

1. KELLEMEN, Robert. **Equipping counselors for your church:** the 4e ministry training strategy. Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2011, p. 33.

Paulo dá algumas orientações a Timóteo, que podem ajudar as igrejas a se tornarem mordomas sábias dos recursos de Deus para os necessitados (1 Tm 5.1-16). A igreja deve operar a partir de um fundamento de amor, com a compaixão e a misericórdia reveladas pelo Mestre. É esse tipo de DNA que ajuda as igrejas a se tornarem um "centro de aconselhamento' quer tenham ou não um centro de aconselhamento formal.[2]

Assim como a criação de filhos não é algo rápido, o amadurecimento em Cristo também requer tempo. Conforme Robert Coleman escreve em *The Master Plan of Discipleship*, "os discípulos devem ter amigos cristãos piedosos para seguir, e isso só pode se tornar possível se estiverem juntos durante certo tempo".[3] Jesus investiu na vida de Seus discípulos durante quase três anos e Paulo imitou esse padrão de discipulado com Timóteo, Tito, Silas e outros.[4]

O discipulado é um relacionamento mais flexível do que formal. Tanto Jesus quanto Paulo ensinaram seus discípulos na vivência cotidiana. As situações que vivenciaram juntos providenciaram muitas oportunidades para ensinar e treinar aspectos da vida e da piedade.[5] Mesmo a Grande Comissão, em Mt 28.19,20, enfatiza o "ide" e "fazei discípulos". Aqui, *ide* não é um verbo de ação que descreve deixar o local de estada atual, mas um encorajamento para que os seguidores de Cristo façam discípulos à medida que caminham na vida diária. O versículo continua a descrever como fazer discípulos nessa dinâmica do dia-a-dia: "ensinando-os [os discípulos] a guardar todas as coisas que eu [Jesus] vos tenho ordenado".

2. KELLEMEN, Robert. **Equipping counselors for your church:** the 4e ministry training strategy. Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2011, p. 33.

3. COLEMAN, Robert. **Master Plan of Discipleship**. Grand Rapids, MI: Spire, 1998, p. 64.

4. Os Evangelhos e primeiro capítulo de Atos revelam a interação íntima de Jesus com Seus discípulos ao longo de Seu ministério de três anos. O livro de Atos, especialmente a partir do capítulo 13 e continuando nos capítulos seguintes, mostra o discipulado de Paulo com seus muitos companheiros. O relacionamento de Paulo com os seus discípulos pode ser visto também nas muitas cartas de Paulo às igrejas e, especificamente, em suas cartas a Tito e Timóteo.

5. Considere as parábolas de Jesus ou sua declaração "Vem e segue-me". Paulo, enquanto viajava, sempre teve um discípulo ao lado. (Em 2 Tm 2.2ss, Paulo explica que ele estava ensinando Timóteo a viver como um discípulo e que Timóteo deveria dar continuidade a tal prática vital, da mesma maneira.)

O discipulado, portanto, é flexível por natureza e diz respeito mais a uma qualidade de relacionamento intencional do que a uma quantidade de relacionamento. Em seguida, aqueles que foram ensinados devem discipular outros a fim de multiplicar a maturidade em Cristo (2 Tm 2). O discipulado constrói uma cultura dentro da igreja e inclui todos os crentes, não apenas uma elite espiritual.

Um ministério de aconselhamento bíblico tem como foco o discipulado pessoal intensivo para efetuar uma mudança centrada no evangelho.[6] No entanto, o ministério de aconselhamento nunca poderia arcar com a responsabilidade de discipular toda a igreja. De acordo com MacArthur, "A igreja deve enfatizar o discipulado. O projeto da igreja cristã não é ter um profissional financiado por leigos que são apenas espectadores. Todo cristão deve estar envolvido na edificação de outros crentes".[7] Um ministério de aconselhamento saudável precisa da igreja para ser eficaz em discipular ativamente aqueles que são espiritualmente imaturos e também aqueles com doenças físicas.

O PRINCÍPIO DO DESPOJAR-SE/REVESTIR-SE

A Bíblia provê métodos específicos para que as pessoas possam mudar. Conforme mencionado anteriormente, o homem necessita da regeneração para vencer os ataques destrutivos da carne e do diabo por meio do poder do Espírito. Um dos métodos de mudança frequentemente usados no âmbito do aconselhamento é conhecido como o princípio do Despojar-se/Revestir-se.

Com esse método específico, o conselheiro deseja ajudar o aconselhado a identificar os padrões de comportamento ou pensamento que são próprios da velha natureza do homem.

6. POWLISON, David. Aconselhamento e a igreja. In: _____. **Falando a verdade em amor:** aconselhamento em comunidade. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2011. Cap. 11, p. 111-118.
7. MacARTHUR, John. **The master's plan for the church.** Chicago, IL: The Moody Bible Institute, 1991, p. 106.

O aconselhado deve ser chamado ao arrependimento ou à mudança de mente no que diz respeito ao seu estilo de vida pecaminoso que conduz à destruição, pois permanecer em sua prática endurece o coração e obscurece o entendimento, o que conduz à sensualidade e a todos os tipos de impureza.

O apelo é que os crentes se revistam do novo homem, à imagem e semelhança de Deus (Ef 4.24) e Ele revela a Sua determinação de conformar os crentes à imagem de Seu Filho (Rm 8.29). Provações, provas e tentações podem ser aproveitadas como oportunidades para andar no Espírito e deixar de satisfazer a carne. O conselheiro deve orientar o aconselhado a se revestir do novo homem e viver de forma coerente com sua nova identidade de seguidor de Cristo. Essa mudança não ocorre mediante a mera troca de um tipo de comportamento por outro que pareça externamente mais correto. O behaviorismo leva a atos de justiça própria que glorificam o indivíduo e não Cristo.

O conselheiro deve incentivar uma mudança da mente e do coração para que ambos se alinhem com as motivações e com os desejos de um seguidor de Cristo de acordo com as Escrituras. Fazendo assim, o conselheiro ensina o indivíduo a andar no Espírito para que ele não ceda aos desejos da carne. A mente deve ser constantemente renovada pelo Espírito para levar cativo todo pensamento e torná-lo obediente a Cristo (Rm 12.1,2; 2 Co 10.3-6). Uma vez que o coração é o alvo para alcançar a mudança bíblica, o conselheiro deve se recusar a manter o foco apenas nos sintomas dos problemas do aconselhado. O conselheiro deve avaliar os problemas com a Palavra de Deus e oferecer a sabedoria cristocêntrica que ajuda o aconselhado a remover os pensamentos, as atitudes e as ações da velha natureza para substituí-los com as características do novo homem nascido do alto.

Pensar corretamente sobre a pessoa de Cristo incentiva aqueles que têm um coração apto a discernir a serem capazes de identificar os pensamentos habituais e os estilos de

vida contrários à Bíblia. Powlison nos encoraja a conhecer a Palavra de Deus porque "o pensamento bíblico claro penetra a neblina da ambiguidade e autoridade".[8] Uma das responsabilidades mais importantes de um conselheiro bíblico é a de ouvir o pensamento contrário à Bíblia e corrigi-lo com a verdade bíblica. Portanto, o conselheiro deve estudar e conhecer a fundo as Escrituras para discernir corretamente a maneira de pensar contrária à Bíblia.

SABEDORIA

A sabedoria ajuda o conselheiro a lidar adequadamente com o panorama real, dando-lhe a capacidade de discernir os problemas do aconselhado. A tarefa do conselheiro é entender em que tipo de sabedoria o aconselhado se baseia para interpretar a vida. Conforme Powlison sugere: "às vezes será melhor simplesmente escutar e observar, percebendo padrões que possam indicar os compromissos funcionais do coração".[9] O conselheiro deve buscar conhecer a Palavra de Deus a ponto de poder reconhecer as motivações do aconselhado que se mostram incompatíveis com os propósitos de Deus.

Adquirir uma perspectiva bíblica equipa o conselheiro para a tarefa de corrigir o que foi arruinado pela busca pecaminosa de uma sabedoria inadequada. O conselheiro deve trabalhar diligentemente na exegese e na compreensão das Escrituras. À medida que as Escrituras revelam o caráter de Cristo, homens e mulheres podem conhecer a Deus. Uma pessoa nunca mais será a mesma depois de ter conhecido a Deus.

Finalmente, o conselheiro deve ser capaz de aplicar o conhecimento da Palavra de Deus à situação que o aconselhado apresenta. Lutero disse certa vez: "Se eu proclamo com a mais alta

8. POWLISON, David. **Uma nova visão:** o aconselhamento e a condição humana através das lentes da Escritura. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2010. p. 206.
9. Ibid., p. 134, 135.

voz e a mais clara exposição cada porção da verdade de Deus, exceto precisamente aquele pequeno ponto que o mundo e o diabo estão naquele momento atacando, não estou confessando Cristo, por mais arrojadamente que esteja proclamando Cristo".[10] O conselheiro sábio identifica onde a batalha é mais difícil na vida de alguém, consegue compreender adequadamente o cenário com base na sabedoria de Deus e, em seguida, aplica a sabedoria adequada para corrigir aquela em que o aconselhado estava erroneamente confiando.

OS DOIS GRANDES MANDAMENTOS
Mt 22.37-39

Uma perspectiva adequada a respeito do homem, fiel às Escrituras, sempre vê o homem em relação a Deus. Os quatro primeiros mandamentos do Decálogo, no Antigo Testamento, eram primeiramente verticais, colocando em foco a responsabilidade da pessoa para com Deus. Deus é o ser infinito e todas as coisas foram criadas por e para Ele. Jesus propôs essa ideia em sua síntese dos mandamentos. O primeiro mandamento é "amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento". Ele reflete a responsabilidade e a função principais do homem. O relacionamento de uma pessoa com Deus não é apenas fonte de vida para o homem, mas todos os demais aspectos da sua vida fluem desse relacionamento principal. Nós amamos porque Ele nos amou primeiro. Nós perdoamos porque Deus nos perdoou em Cristo. O relacionamento vertical de um indivíduo torna-se o ponto de origem, a partir do qual devem ser baseados todos os demais relacionamentos neste mundo.

Acontece frequentemente que os problemas de relacionamento são vistos como problemas apenas entre indivíduos.

10. SCHAEFFER, Francis A. **O Deus que intervém.** São Paulo, SP: ABU, 1981, p. 20.

A questão é que tais relacionamentos são simples indicadores que revelam o verdadeiro vigor do relacionamento vertical de uma pessoa. O relacionamento horizontal, aquele que temos com outras pessoas, revela sintomas do estado do relacionamento primário. Jesus resumiu a última seção dos mandamentos, dizendo: "O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mt 22.39). Isso não significa que você tem de amar a si mesmo em primeiro lugar para depois poder amar o próximo. Desenvolvendo a ideia do maior mandamento, Jesus nos lembra de que nosso amor por Deus vem primeiro e que, em seguida, seremos capazes de amar o próximo. Os encontros horizontais com as pessoas ao nosso redor nos desafiam a viver como Cristo e revelam o quanto estamos sendo bem-sucedidos nessa busca.

O resumo que Jesus fez dos Dez Mandamentos provê um filtro adequado para abordarmos cada situação no aconselhamento. As pessoas devem sempre refletir sobre seu relacionamento com Deus para poderem identificar aqueles aspectos de sua vida que podem estar fora de ordem, e ao conselheiro cabe ajudar os aconselhados nessa tarefa. A segunda peça do filtro que permite ao conselheiro entender os relacionamentos interpessoais é observar como o indivíduo está cumprindo a expectativa de Deus de que ele ame ao próximo. Daremos mais detalhes sobre esse assunto no Capítulo Oito, "O Grande Mandamento e o Aconselhamento Bíblico".

FRUTOS × RAÍZES

O homem é inerentemente pecador, não por causa de influências externas, mas graças à natureza do próprio homem no seu estado caído (Gn 3; Rm 5.12). Várias passagens das Escrituras indicam que as ações e atitudes de uma pessoa não vêm do exterior, mas do seu interior. Considere Pv 4.23: "Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem

as fontes da vida". Ou, então, Mt 15.18: "Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem". Essas passagens, juntamente com Lc 6.43-45, apresentam determinada perspectiva da antropologia, cuja compreensão é importante para o conselheiro. As ações, palavras e atitudes de uma pessoa não nascem do seu ambiente ou contexto, mas do seu coração.

Como seres humanos, somos tentados a interpretar uma situação pelas pistas exteriores que colhemos, mas não é assim que Deus vê uma pessoa: "[...] O homem vê o exterior, porém o SENHOR, o coração" (1 Sm 16.7). "Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes", conforme Hb 4.12, "e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração". A Palavra de Deus é o único instrumento que pode sondar as profundezas do coração humano e discernir o âmago de seus problemas. Como a lei perfeita da liberdade, a Palavra de Deus revela os pensamentos e as intenções de uma pessoa. Ela age como um espelho, refletindo o verdadeiro ser interior para que a pessoa possa se tornar um praticante efetivo e não um mero ouvinte da Palavra (Tg 1.23-25). O conselheiro deve utilizar os textos e os ensinos bíblicos apropriados para ajudar a pessoa a ver suas deficiências, de modo que as soluções adequadas possam ser aplicadas. O conselheiro sábio deve fazer do coração o alvo do seu aconselhamento.

As atitudes, os comportamentos e as palavras de uma pessoa são apenas o fruto produzido pela raiz do coração. O conselheiro bíblico não deve simplesmente buscar alívio para os problemas de comportamento, ou seja, para os frutos. O conselheiro deve concentrar sua atenção em direção à raiz do problema, no coração. Esse órgão determina o comportamento de uma pessoa, mas a dificuldade no aconselhamento é que o coração não é uma máquina previsível. O coração apenas

responde de acordo com a sua natureza. Se uma pessoa está andando no Espírito, então ela não produzirá as obras da carne, mas o fruto do Espírito (Gl 5.16-23). O conselheiro bíblico, por meio do ministério da Palavra e da obra do Espírito Santo, deve abordar a raiz dos problemas no interior do homem, visando a uma mudança efetiva para honrar a Deus.

O CONTROLE

A responsabilidade pessoal

Um método de engano que vem do maligno é a tentativa de remover a responsabilidade pessoal do indivíduo por seus pensamentos, comportamentos e por suas atitudes. Um estudo superficial da história da psicologia e de suas patologias propostas revela uma tentativa constante de amenizar a culpa, responsabilizando o meio ambiente, a hereditariedade ou os instintos primitivos evolucionários pelas respostas verbais ou comportamentais. Dirigido pelo ensino das Escrituras e não por sua agenda pessoal, o conselheiro deve ser capaz de alertar uma pessoa sobre a transferência de culpa diante do próprio pecado e ajudá-la a se responsabilizar diante de Deus por seus pecados e pelas consequências que pode estar colhendo como resultado de suas respostas desobedientes às circunstâncias a que está exposta.

Culpa verdadeira × Culpa falsa

Se por um lado existem indivíduos que procuram transferir toda a responsabilidade pessoal, por outro, há também aqueles que amontoam sobre si todo tipo de culpa atribuída erradamente a eles mesmos. Apenas o padrão da Palavra de Deus pode ser o guia para discernir o que é uma culpa verdadeira e uma culpa falsa. Se uma pessoa é verdadeiramente culpada, a obra do Espírito Santo, em conjunto com a Palavra, pode trazer verdadeira convicção de pecado para que ocorram o

arrependimento e a mudança. É necessário que o conselheiro admoeste adequadamente aqueles que são de fato culpados diante de Deus, a fim de que cheguem ao quebrantamento e ao arrependimento. Dessa forma, o conselheiro deve tomar medidas adequadas no discipulado para ajudar o aconselhado a andar no Espírito e permanecer afastado de seu pecado habitual.[11] A Palavra de Deus deve estar escondida no coração do aconselhado para afastá-lo do pecado (Sl 119.11).

Nas situações em que o aconselhado está carregando sobre si alguma culpa que Deus não lhe atribui, o conselheiro deve usar a Palavra para ajudá-lo a identificar o padrão verdadeiro com o qual será julgado. A razão de tal tipo de culpa pode ser a falta de maturidade na fé ou o fato de a pessoa ter recebido ensino bíblico errado e carregar mais responsabilidades do que Deus lhe atribui. Os fariseus criavam leis que iam além do que Deus havia estabelecido e impunham sobre as pessoas uma culpa que Ele não lhes atribuía. Até mesmo isso é pecado e deve ser corrigido com mansidão, por meio de encorajamento e ensino da doutrina apropriada de acordo com as Escrituras. Por outro lado, pode haver aqueles que são orgulhosos e arrogantes no que diz respeito a uma vida de justiça própria. Isso é muitas vezes acompanhado por um anseio de satisfazer o desejo da carne de parecer agradável aos olhos de Deus com base em justiça própria. Jesus adverte contra esse tipo de atitude chamando as elites espirituais de túmulos caiados, uma vez que a justiça do homem é verdadeiramente como trapo da imundícia aos olhos de Deus. Tais homens pareciam exteriormente formosos, mas seu interior ainda estava tão sujo quanto no dia em que deram início à sua vida "justa".

O conselheiro deve ajudar o aconselhado a colocar seu foco naquilo que pode ser controlado. Nós podemos controlar somente nossos próprios pensamentos, desejos, nossas

11. Um método para alcançar crescimento e maturidade pode ser o Despojar-se/Revestir-se, mencionado anteriormente.

palavras e ações. Portanto, precisamos avaliar e assumir responsabilidade por como respondemos às pessoas e pelas consequências das situações. Precisamos avaliar o que está nos motivando com relação às pessoas e os resultados esperados das situações. Estamos motivados pelo amor a Deus acima dos nossos desejos egoístas? Ou estamos motivados por nossos desejos egoístas acima do amor a Deus? Devemos estar mais atentos em como Deus irá julgar nossa resposta diante de determinada situação do quem em como poderíamos julgar uma pessoa ou uma situação que acreditamos estar causando a adversidade.

O ESPÍRITO SANTO

A necessidade da presença do Espírito

Nunca deve haver apenas duas pessoas envolvidas no processo de aconselhamento. Se o conselheiro e o aconselhado são os dois únicos envolvidos, a mudança proposta não será agradável a Deus nem levará a uma paz definitiva. O aconselhamento distintamente cristão conta com a presença de uma terceira pessoa, o Espírito Santo. Jesus nos diz em Jo 14.16 que o Pai dará "outro Consolador". O Espírito da verdade, como Ele é chamado mais adiante, tem por propósito guiar os crentes a toda verdade e continuar a obra de Cristo na terra depois de Seu retorno ao Pai. Assim como Jesus é chamado de "maravilhoso conselheiro" em Is 9.6, o Espírito Santo também exerce esse papel de orientar aqueles que creem no evangelho. A obra do Espírito Santo é necessária no aconselhamento, pois o homem, por iniciativa própria, não é capaz de guiar alguém à verdade. Descartar o Espírito Santo no aconselhamento é buscar sabedoria longe de Deus e, dessa forma, a única ajuda que poderíamos oferecer é de origem humana.

A obra do Espírito

O Espírito Santo é quem **revela ou ilumina a verdade.** Efésios 1.17,18 diz:

> [...] para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele, iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos.

O conselheiro é responsável por expor adequadamente a Palavra de Deus e aplicá-la corretamente à situação em questão, mas ele depende do Espírito para abrir ou iluminar seus olhos para que use a Palavra com precisão. Além disso, é obra do Espírito, e não do conselheiro, iluminar os olhos do aconselhado. À medida que a verdade é apresentada durante o aconselhamento, o Espírito deve revelar a verdade ao coração do aconselhado para que a mudança ocorra. Isso não faz com que o trabalho do conselheiro seja menos importante, mas dirige seu foco para que se mantenha fiel à Palavra da Verdade de modo que o Espírito possa trabalhar efetivamente na vida do aconselhado.

Em segundo lugar, o Espírito Santo é quem **ensina.** Considere a obra do Espírito nos versículos a seguir. Lucas 12.12 diz: "Porque o Espírito Santo vos ensinará, naquela mesma hora, as coisas que deveis dizer". João 14.26 diz: "Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito". Um bom conselheiro trabalhará com diligência para ser maduro em Cristo e sábio nas Escrituras de maneira que o Espírito Santo possa usá-lo no aconselhamento. O Espírito pode ensinar ao conselheiro a como melhor usar a verdade das Escrituras para aplicá-la a determinada situação. Da mesma forma, o Espírito pode ensinar ao aconselhado a

verdade das Escrituras. A beleza da obra do Espírito Santo é que Ele acompanha o crente que está sendo aconselhado e continua a ensinar a verdade das Escrituras e como aplicá-la em qualquer situação, ao contrário do conselheiro humano que só é capaz de ensinar durante um encontro de aconselhamento.

Além disso, o Espírito Santo é quem **orienta tanto o conselheiro quanto o aconselhado no processo de mudança.** João 16.13 diz: "Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir". O Espírito Santo é também quem os ajuda:

> E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não no vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós. (Jo 14.16,17)

O Espírito reside no crente e está pronto a nos ajudar enquanto vivermos neste mundo amaldiçoado pelo pecado. Ele conforta os exaustos e é capaz de orientá-los na verdade para produzir perseverança, paciência e paz.

Finalmente, o Espírito Santo é quem **traz a verdade à memória.** João 14.26 diz: "Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito". O conselheiro deve estudar a Palavra a fim de estar preparado para cada encontro de aconselhamento, mas deve confiar no Espírito para trazer à memória a verdade da Palavra de Deus escondida no coração. O conselheiro também deve confiar no Espírito para trazer à lembrança do aconselhado as verdades das Escrituras que aprendeu, conforme ele enfrenta as lutas diárias. Isso não significa que o conselheiro ou o aconselhado possam ser preguiçosos na abordagem das Escrituras, mas que

devem ser diligentes na busca da verdade de Deus, sabendo que o Espírito irá ajudá-los a lembrar as verdades adequadas que podem sustentá-los nos momentos de necessidade.

O resultado do trabalho do Espírito Santo é a *santidade* que conduz ao fruto que leva o Seu nome e testemunho (Gl 5.22,23). O fruto que o Espírito produz na vida de um crente é, muitas vezes, justamente aquilo que as pessoas estão procurando no aconselhamento, que é amor, alegria, paz etc. Entretanto elas estão frequentemente buscando por caminhos do mundo enquanto normalmente continuam a produzir o fruto da carne conforme descrito em Gl 5.19-21. Para um crente, a submissão ao Espírito e à Sua obra produzirá o fruto desejado e, muitas vezes, aliviará o problema apresentado no aconselhamento. Aconselhar, portanto, é ensinar o aconselhado a estar cheio do Espírito ou andar no Espírito para que ele não satisfaça os desejos da carne, mas produza, pela atuação do Espírito, o fruto do Espírito.

DANDO ESPERANÇA

O evangelho de Cristo oferece esperança em dois diferentes níveis. Em primeiro lugar, como crentes, temos uma esperança eterna na promessa da ressurreição e da vida eterna, quando não haverá mais os efeitos do pecado. Os crentes devem ser relembrados da verdade de que são salvos da ira vindoura, a fim de darem um passo para trás da situação em que se encontram e recorrerem à obra redentora de Cristo para os suster nas situações mais difíceis. A esperança que temos é certa com base nas promessas de Deus. Essa esperança é incontestável porque o caráter do Deus que fez tais promessas é incontestável. Como conselheiros, devemos dar esperança com base apenas nas promessas de Deus e na verdade revelada em Sua Palavra. Devemos ter cuidado para não dar esperança com base em promessas falsas ou em algo que não seja

na verdade das Escrituras ou no caráter de Deus, porque isso desvirtua a pessoa de Deus e dá uma esperança falsa para o aconselhado.

Os crentes precisam ser relembrados de que a esperança que temos na redenção de Cristo também oferece vida abundante aqui na terra (Jo 10.10). Isso não significa que temos tudo quanto desejamos ou queremos, mas que Cristo nos dá a capacidade de viver uma vida plena, conforme inicialmente previsto, para a glória de Deus. A provisão de esperança nesta vida é comprovada pelo fato de que Cristo está com os crentes enquanto eles estão envolvidos na batalha contra o pecado e contra as forças espirituais do mal (Mt 28.18-20; Ef 6.10-20). É importante que o conselheiro ofereça ao aconselhado uma esperança adequada para sua situação e de acordo com as promessas de Deus para que a esperança não decepcione (Rm 5.1-11).[12]

Aqueles que aconselham de acordo com a Palavra de Deus, podem imitar a maneira como Deus oferece esperança em meio ao desespero. Em Gn 3, Deus descreve a queda do homem na história de Adão e Eva. Nossos primeiros pais foram enganados pelo diabo e pecaram contra Deus. Suas tentativas de cobrir sua vergonha resultaram em um traje de folhas de figueira, feito por esforço próprio. Deus os chamou e buscou restaurar aqueles que haviam acabado de se rebelar contra Ele. Deus fez roupas de pele para que se cobrissem. No entanto, imediatamente depois da queda de Adão e Eva, Deus lhes ofereceu a esperança da redenção alicerçada em Sua promessa da vinda do Redentor, Cristo, e não em seu artefato de folhas de figueira. Devemos seguir o padrão dado inicialmente por Deus e oferecer esperança alicerçada em Suas promessas para aqueles que estão lidando com problemas.

12. A esperança que nasce em meio à tribulação e adversidade produz perseverança, caráter aprovado, esperança e amor. É essa esperança, fruto de perseverança, que não decepciona.

CAPÍTULO 3 – PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. O que é aconselhamento bíblico?
2. Qual é a maior necessidade de todo ser humano? Explique.
3. Como o evangelismo e o aconselhamento bíblico operam juntos? Explique.
4. Como o discipulado e o aconselhamento bíblico operam juntos? Explique.
5. Explique o princípio de "Despojar-se/Revestir-se".
6. Explique o princípio de "Frutos × Raízes".
7. Explique o princípio da responsabilidade pessoal.
8. Qual é a importância do Espírito Santo no processo de aconselhamento bíblico? Explique.
9. "A sabedoria ajuda o conselheiro a lidar adequadamente com o panorama real, dando-lhe a capacidade de discernir os problemas do aconselhado. A tarefa do conselheiro é entender em que tipo de sabedoria o aconselhado se baseia para interpretar a vida". Qual é o seu parecer a respeito dessa percepção?
10. "O verdadeiro cuidado das almas se importa com o problema fundamental da alma humana". Qual é o seu parecer a respeito dessa compreensão?

CAPÍTULO 4

A INSPIRAÇÃO, A AUTORIDADE E A SUFICIÊNCIA DAS ESCRITURAS PARA O ACONSELHAMENTO BÍBLICO

John Babler

CONFORME MOSTRAMOS NOS capítulos anteriores, a cura das almas e o aconselhamento revelam claramente como a igreja, durante boa parte do passado recente, tem buscado as respostas no mundo para lidar com os problemas das pessoas. Acreditamos que a igreja precise retornar ao aconselhamento que procura as respostas nas Escrituras. Esperamos que este livro apresente um claro chamado de volta ao verdadeiro aconselhamento bíblico. Uma vez que a igreja é composta de

indivíduos que creem em Jesus Cristo, esse chamado é um apelo que se aplica a todos os cristãos. *Fundamentos Teológicos do Aconselhamento Bíblico e Suas Aplicações Práticas* chama todos os cristãos a estarem preparados para praticar o verdadeiro aconselhamento bíblico.

Este capítulo trata de como os ensinamentos bíblicos sobre a inspiração e a autoridade da Palavra de Deus nos dão uma base clara para a convicção de que as Escrituras são suficientes para a tarefa do aconselhamento e são superiores a tudo que o mundo tem a oferecer.

A INSPIRAÇÃO, A AUTORIDADE E A UTILIDADE DAS ESCRITURAS

Atualmente, a autoridade não é um conceito popular em nossa cultura. Os comentários desrespeitosos sobre aqueles que ocupam uma posição de autoridade em nosso país são comuns. As pessoas que têm uma cosmovisão pós-moderna constantemente questionam a autoridade e até mesmo a existência da verdade. Há também um vácuo de autoridade dentro da Igreja. Em vez de nos voltarmos para as Escrituras como autoridade, recorremos muitas vezes à autoridade do mundo nos campos do marketing, dos negócios e das ciências comportamentais. Um programa transmitido recentemente pelo rádio, com a participação de um conselheiro cristão bastante conhecido, proporciona-nos um exemplo. Uma mulher ligou e contou que havia terminado recentemente um relacionamento adúltero. Ela disse ao conselheiro que havia se arrependido e que tinha pedido e recebido o perdão de Deus. Em seguida, perguntou ao conselheiro se ela precisaria contar o fato a seu marido. Ele sugeriu que ela considerasse cinco pontos antes de tomar uma decisão. Todos os cinco pontos giravam em torno da importância de evitar conflitos e poderiam ser resumidos pela ideia de que se contar ao marido fosse causar conflitos, ela deveria

ser muito cuidadosa. Esse conselheiro rendeu-se à autoridade do mundo à medida que deu uma resposta claramente não diretiva (você se lembra de Carl Rogers, de quem falamos no Capítulo 1?), baseada naquilo que é externo, em aparências. Pelo que parece, ele aceitou a definição do mundo de que paz é a ausência de conflito, em vez de considerar a definição bíblica de paz, que honra a Deus e inclui a presença de Deus (o *shalom*). O fato de que um cristão possa proporcionar àquela mulher uma oportunidade para enganar o marido, quando as Escrituras ensinam que ela é uma só carne com ele, é trágico. A ideia de que um conselheiro não diretivo possa dar a um cristão uma oportunidade para continuar a viver na mentira, sem buscar o perdão de seu cônjuge, quando os mandamentos das Escrituras são muito claros a esse respeito, é uma exposição triste, mas não incomum, do estado atual do aconselhamento e da autoridade da Bíblia na Igreja.

Entre os cristãos, há opiniões divergentes quanto à autoridade e inspiração da Palavra de Deus. Os teólogos liberais, e muitos dentro da corrente central do protestantismo, usam a alta crítica e sua própria razão para questionar a Palavra de Deus. Durante um ano de estudos no *Princeton Theological Seminary*, fui constantemente confrontado por ensinamentos que questionavam a inspiração da Palavra de Deus. Em introdução ao Antigo Testamento, foi-nos dito: "Estamos agora convencidos de que Abraão, Isaque e Jacó existiram, mas eles viviam a centenas de quilômetros de distância uns dos outros e foram reunidos em uma família por um redator, mais tarde, para facilitar a narração da história". Na aula de hebraico, fizemos a exegese de Js 6 e nos disseram que os muros de Jericó não caíram realmente. O resultado final dessa abordagem não é uma palavra autoritativa, mas uma interpretação autoritativa de uma pessoa que se estabelece como juiz sobre Deus e Sua Palavra. Essa abordagem não leva a sério a autoridade de Deus e, conforme vimos no Capítulo 1, ela facilmente conduz a um elitismo arrogante.

Os autores deste livro mantêm as convicções ortodoxas de que a Bíblia é inspirada por Deus e, portanto, ela é inerrante e infalível. Além disso, a Palavra de Deus ensina que ela é suficiente para a tarefa do aconselhamento e é superior a qualquer recurso que a sabedoria do mundo possa oferecer.

Um versículo fundamental que fala da autoridade da Palavra de Deus é 2 Tm 3.16: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça". A lógica é que se toda a Escritura é inspirada por Deus (literalmente "soprada por Deus"), então ela é inerrante. Esse versículo foi utilizado adequadamente para apoiar a crença na infalibilidade da Bíblia durante o movimento de volta ao conservadorismo na *Southern Baptist Convention*. Ele também é listado como um dos versículos que apoiam as conclusões sobre a infalibilidade e a autoridade das Escrituras da *Baptist Faith and Message 2000* (veja o Anexo A). Aquilo que é inspirado por Deus é também naturalmente autoritativo. Esse versículo ensina não somente que as Escrituras são inerrantes e autoritativas, mas também que elas são úteis. As Escrituras são úteis para ensinar e educar na justiça. Esses dois descritores arrancam um caloroso "Amém!" da maioria dos cristãos. Nós assumimos prontamente a utilidade das Escrituras para a tarefa de ensino e nos sentimos confortáveis com a ideia de que a Bíblia é a base para a educação na justiça. É interessante refletir sobre outros dois termos, a correção e a repreensão. Enquanto o ensino e a educação na justiça são conceitos bem recebidos em uma cultura tolerante, as ideias de correção e repreensão são muito menos aceitas. Tal fato não se limita à cultura de modo geral, mas a Igreja contemporânea também não leva a sério a utilidade (e o mandato) das Escrituras para corrigir e repreender. O aconselhamento bíblico deve reconhecer a utilidade ampla das Escrituras não apenas nas tarefas de ensino e educação na justiça, mas nas tarefas mais difíceis e menos populares de correção e repreensão.

Todos os versículos devem ser examinados em seu contexto, e o contexto de 2 Tm 3.16 é muito útil para a nossa discussão sobre a autoridade bíblica. No primeiro capítulo da segunda carta de Paulo a Timóteo, ele admoesta e encoraja Timóteo a ser ousado em sua fé, a não se envergonhar do evangelho, e a manter o padrão das sãs palavras que ouvira de Paulo. No capítulo 2, para encorajar Timóteo a ser forte e lembrar-se de Cristo, Paulo usa a imagem de um soldado, um atleta e um lavrador operoso. Ele também desafia Timóteo a lembrar essas coisas a outros e, em seguida, no versículo 15, afirma: "Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade". Paulo passa, então, a contrastar a luz e as trevas, à medida que adverte quanto àqueles que se desviaram, e lembra que Deus conhece aqueles que Lhe pertencem. Junto a isso, vem um desafio para fugir das "paixões da mocidade" (v. 22) e instruções sobre como buscar a justiça e ser um servo de Deus. No capítulo 3, Paulo adverte sobre a vinda de tempos difíceis e descreve os comportamentos e as atitudes de muitos que irão se rebelar nos últimos dias. Ele ensina sobre a inevitabilidade da perseguição aos crentes, e diz que os homens maus irão progressivamente piorar. É nesse contexto que encontramos a advertência de Paulo a Timóteo no verso 14: "Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste". No versículo 15, Paulo lembra a Timóteo que as coisas que ele aprendeu são "as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus". Em meio a todos os desafios que Paulo descreve nos capítulos 1 a 3, ele chama Timóteo de volta à sua fé em Cristo e nas Escrituras.

Como já vimos, o versículo 16 enfatiza a inspiração, a autoridade e a utilidade da Palavra de Deus. No entanto, a sentença não termina no final do versículo 16, mas continua no versículo 17: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o

ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra".

O versículo 17 ensina que o uso da Palavra de Deus, inspirada e útil, deve preparar o cristão para toda boa obra. O aconselhamento pastoral é uma boa obra, e a Palavra de Deus é capaz de equipar o crente para essa tarefa. No capítulo 4, Paulo prossegue com a ênfase na Palavra de Deus como resposta para os problemas apontados nos capítulos 1 a 3 quando ordena a Timóteo: "Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina" (v. 2). Os versículos 3 e 4 contêm uma advertência de que "haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas". Até mesmo uma avaliação superficial da Igreja em nossos dias revela o cumprimento dessa profecia. Muitos sermões pregados atualmente têm uma ênfase maior na psicologia e em ajudar as pessoas a se sentirem bem do que na verdade da Palavra de Deus.

A SUFICIÊNCIA DAS ESCRITURAS

Para nossa reflexão, o conceito de suficiência das Escrituras é apresentado em 2 Tm 3.17. As Escrituras não são apenas inspiradas e úteis, mas são capazes de equipar o cristão para toda boa obra. Poucos cristãos evangélicos diriam hoje que não acreditam na suficiência das Escrituras. A pergunta a ser feita, então, é: "Suficientes para quê?". É óbvio que as Escrituras não são suficientes para equipar alguém para trabalhar em mecânica de automóveis ou para fazer uma cirurgia cardíaca. O principal campo em que a suficiência das Escrituras é debatida atualmente na igreja é o do aconselhamento. Conforme

vimos no capítulo anterior, há muitas vozes que defendem a necessidade de usar a psicologia ou outras ciências comportamentais na tarefa de aconselhar. Temos convicção de que o uso das ciências do comportamento não é necessário no aconselhamento, além de ser inadequado e prejudicial. Essa convicção está baseada no ensinamento bíblico de que a Palavra de Deus é verdadeiramente capaz de nos preparar para toda boa obra e que o aconselhamento, no contexto da Igreja, não só é uma boa obra, mas é biblicamente ordenado.

A tarefa do conselheiro bíblico é surpreendentemente simples. Há uma diferença entre ser simples e ser simplista. As Escrituras estão repletas de ensinamentos e mandamentos que são simples de entender, mas tão difíceis de obedecer, que precisamos da ajuda de Deus. Não há nada simplista nas Escrituras. A Bíblia ensina que há apenas dois tipos de pessoas. Em meio a toda a diversidade ao nosso redor, encontramos pessoas que não conhecem a Cristo como Salvador e pessoas que O conhecem. A tarefa do conselheiro bíblico é evangelizar aqueles que estão perdidos e discipular aqueles que são salvos. As Escrituras são suficientes para ambas as tarefas. No que diz respeito à evangelização, lemos em 2 Tm 3.15 que as sagradas letras "podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus", e em Jo 20.31, lemos que os textos bíblicos "foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome". Na parábola do semeador e da semente, cuja ênfase é evangelística, Marcos registra que "o semeador semeia *a palavra*" (Mc 4.14, grifo do autor), e Lucas diz: "Este é o sentido da parábola: a semente é a *palavra de Deus*" (Lc 8.11, grifo do autor). No que diz respeito ao discipulado, quando Jesus orou por Seus discípulos em João 17, ele orou: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade" (v. 17). Em Ef 5.26, Paulo escreve: "para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra". A Palavra de Deus fornece a base e o

conteúdo para as tarefas eternamente significativas de evangelizar e discipular.

As mudanças não acontecem, porém, sem conflitos e discordâncias. Alguns argumentam que é incoerente permitir o uso da ciência médica e não usar as "verdades científicas da psicologia". A afirmação de Pedro em 2 Pe 1.3 provê uma resposta a esse argumento: "pelo seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude". Deus nos deu tudo que está relacionado ou é necessário à vida e a piedade. A ciência médica é importante, mas não é necessária, em última instância, para a vida. A mecânica de automóveis é importante, mas não é necessária para a vida. Temos acesso àquilo que é necessário para a vida e a piedade por meio do verdadeiro conhecimento de Deus. O versículo 4 relaciona o versículo 3 às preciosas e grandiosas promessas de Deus (encontradas nas Escrituras) e até mesmo ensina que os cristãos podem se tornar "coparticipantes da natureza divina", algo que a psicologia não pode chegar nem perto de oferecer. Provérbios 2.3-9 apresenta o processo de como alcançar a sabedoria e a sua fonte. Em primeiro lugar, é preciso clamar por inteligência e entendimento, e buscar diligentemente a sabedoria (vv. 3,4). Em seguida, é possível achar o conhecimento de Deus e entender o temor do SENHOR, pois Deus é o doador da sabedoria, da inteligência e do entendimento (vv. 5,6). Finalmente, Deus mostra a justiça, o juízo e a equidade, e todas as boas veredas (v. 9). Ao longo das Escrituras, Deus é apresentado como o autor de todo o conhecimento e sabedoria. Romanos 11.33 diz: "Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!". Colossenses 2.3 ensina que todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão em Cristo.

Deus é apresentado nas Escrituras como o autor e provedor de toda a sabedoria e conhecimento. Além disso, há uma ênfase ao longo das páginas das Escrituras no contraste entre a sabedoria de Deus e a sabedoria do mundo. Em 1 Co 1.25, temos a seguinte afirmação: "Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens". Em 1 João, no capítulo 2, o apóstolo desafia seus leitores a obedecer aos mandamentos de Deus, seguir Sua Palavra e seguir o exemplo de Jesus. Em seguida, nos versos 15 e 16, lemos:

> Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo.

Em Tg 4.4, Tiago escreve: "Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus". Poucos antes, no capítulo 3, os versículos 15 a 17 retratam um contraste gritante entre a sabedoria do mundo, que se caracteriza como "terrena, animal e demoníaca" (v. 15) e na qual "há confusão e toda espécie de coisas ruins" (v. 16), e a sabedoria de Deus, que "é primeiramente, pura; depois, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento" (v. 17). Conforme mostramos no Capítulo 2, Sl 1.1,2 adverte contra o conselho mundano e Cl 2.8 adverte os crentes a não sucumbir à tentação de seguir a sabedoria do mundo.

Os teóricos da psicologia são muitas vezes motivados por um desejo autocentrado de estabelecer como norma os seus próprios comportamentos pecaminosos. Eles são, quase sem exceção, hostis ao Deus da Bíblia, e suas teorias satisfazem

certamente os critérios bíblicos para serem consideradas como sabedoria do mundo. Em seu livro *The Road to Malpsychia*, Joyce Milton faz um excelente trabalho em mostrar a falência moral e a ênfase contrária a Deus dos bem conhecidos e frequentemente citados teóricos da psicologia como Carl Rogers, Abraham Maslow, Alfred Adler, Betty Friedan e Timothy Leary, entre outros.

A alegação de alguns quanto à inconsistência de usarmos a ciência médica e não a psicologia pode ser combatida de outras maneiras que não apenas apontar o ensino bíblico sobre a sabedoria do mundo. A psicologia é um campo dividido. Um livro-texto secular de aconselhamento afirma que existem mais de 400 diferentes sistemas de psicoterapia.[1] A solução proposta para o terapeuta aspirante é uma ênfase no desenvolvimento de uma abordagem eclética, na qual o conselheiro escolhe as teorias e as técnicas mais apropriadas.[2] Essa abordagem resulta em colocar a perspectiva do conselheiro acima da perspectiva de um teórico que investiu sua vida para estudar, escrever e alcançar credibilidade. Isso certamente não seria apropriado se a psicologia fosse uma verdadeira ciência. O mesmo texto afirma que a "psicoterapia continua a ser uma arte".[3] Em um artigo recente, Paul Vitz detalha as mudanças nos três grandes campos da psicologia: psicologia experimental, testes e medidas, e psicoterapia.[4] Ele explica que aquilo que era antes conhecido como psicologia experimental evoluiu para o campo da neurociência e das ciências cognitivas, e conclui que elas não fazem mais parte do campo da psicologia.[5] Ele também acredita que testes e medidas evidenciam um movimento parecido, caminhando em direção aos programas

1. CORSINI, Raymond J., WEDDING, Danny. **Current psychotherapies.** 5th ed. Itasca, IL: F. E. Peacock, 1995. p. 9.
2. Ibid., p. 10.
3. Ibid., p. 10.
4. VITZ, Paul C. "Psychology in recovery". **First Things**, n. 151, p. 17, March 2005.
5. Ibid., p. 17.

gerais de medida ou estatística na área das ciências sociais.[6] Esses dois campos abandonam a psicoterapia que, segundo Vitz, "está se tornando uma filosofia de vida aplicada".[7]

Se a psicologia não é uma ciência, mas é de fato uma filosofia ou arte, como o cristão deveria tratá-la? Devemos investir nosso tempo à procura de grãos de verdade ou de métodos que possam ser úteis para a tarefa de aconselhar? Se nossa cultura não fosse tão psicologizada, essa abordagem pareceria ridícula. Dentro dos escritos do mormonismo ou das Testemunhas de Jeová, pode haver declarações verdadeiras e, possivelmente, algumas técnicas evangelísticas que poderiam ser úteis, mas não gastamos nosso tempo para estudá-las. Pelo contrário, rejeitamos o todo como uma religião ou filosofia falsa. Devemos fazer o mesmo com a psicologia. Quando consideramos que Deus nos deu a Sua Palavra autoritativa, inspirada, útil e suficiente, nosso foco deve estar em nos apropriarmos dela para a tarefa de aconselhar, e não em buscarmos a sabedoria do mundo.

No que diz respeito ao uso da psicologia, um último ponto a considerar é o fato que, ao contrário das ciências médicas ou da mecânica de automóveis, a psicologia procura lidar com os mesmos problemas com os quais as Escrituras lidam. A psicologia procura lidar com questões como: a natureza básica do homem, a razão por que o homem age de determinada maneira, o que há de errado quando alguém age fora das normas esperadas, o que provoca o mau comportamento, o que é um transtorno mental e como fazer seu diagnóstico, e como tais problemas devem ser tratados. Nessas questões, a psicologia é fundamentalmente falha, visto que sustenta quase que de maneira universal que o homem é basicamente bom, que ele possui dentro de si mesmo as respostas para seus problemas, que o ambiente de uma forma ou de outra é a

6. VITZ, Paul C. "Psychology in recovery". **First Things**, n. 151, p. 17-8, March 2005.
7. Ibid., p. 19.

causa predominante dos problemas do homem, que Deus não existe, que o pecado pessoal não é um problema e que alguma terapia em forma de conversa é necessária para trazer alívio. A psicologia vem para o campo da Bíblia trazendo erros em seus pressupostos e em suas respostas.

A SUPERIORIDADE DAS ESCRITURAS

Uma das minhas alunas de Introdução ao Aconselhamento Bíblico disse-me certa vez que concordava plenamente com o que eu tinha ensinado durante todo o semestre sobre a suficiência das Escrituras para o aconselhamento, mas visto que as Escrituras não apresentam nenhuma proibição específica, ela pensava ser apropriado usar a psicologia. Como acabamos de ver, as Escrituras têm alguns ensinamentos muito específicos sobre evitar a sabedoria do mundo, mas parei para pensar sobre a afirmação daquela aluna. Comecei a perceber que não basta apenas enfatizar a suficiência das Escrituras, mas é preciso enfatizar também a sua superioridade. Se algo é suficiente ou nos basta para realizar uma tarefa, parece evidente que não nos voltaremos para algo mais a não ser que se trate de algo melhor. As Escrituras não são apenas suficientes para a tarefa de aconselhar, mas são muito superiores a qualquer coisa que o mundo tem para oferecer. Há muitos conselheiros do mundo (e na Igreja também) que aconselham de uma perspectiva psicológica, e muitos deles parecem ser bem-sucedidos. O fato de que existe uma opção não faz com ela seja certa. Para dar seguimento ao raciocínio da aluna que mencionei acima, podemos considerar uma ilustração da mecânica de automóveis. Você é o orgulhoso novo proprietário de um *Mercedes Benz*. Pouco depois de receber o carro, você percebe um problema. Alguns amigos lhe dizem que a oficina do José faz um bom trabalho na manutenção dos carros deles. Sem dúvida, José trabalha com carros e ele *poderia* estar apto para

consertar o seu novo *Mercedes*. Será que o fato de José trabalhar com carros e já ter consertado alguns, pode influenciá-lo a levar seu carro para ele consertar? Claro que não. Você levará o carro para a concessionária *Mercedes*. Eles não só trabalham com carros, mas você sabe que eles têm "o manual" do seu carro. Da mesma forma, o fato de que existem pessoas atuando como conselheiros, e alguns são tidos até mesmo como bem-sucedidos, não deve nos influenciar a deixar de ir a um conselheiro que tem e usa a Bíblia. As Escrituras são superiores a qualquer percepção, compreensão ou recurso que o mundo tem para oferecer.

Uma razão que torna as Escrituras superiores aos recursos deste mundo é o fato de que elas são eternas e atemporais. A sabedoria do mundo e as chamadas ciências do comportamento irão todas perecer, mas a Palavra de Deus permanecerá para sempre. Is 40.8 afirma: "Seca-se a erva, e cai a sua flor, mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente". O texto de 1 Pe 1.23-25 baseia-se em Isaías e estabelece uma ligação com o evangelho de Jesus Cristo:

> Pois fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente. Pois toda carne é como a erva, e toda a sua glória, como a flor da erva; seca-se a erva, e cai a sua flor; a palavra do Senhor, porém, permanece eternamente. Ora, esta é a palavra que vos foi evangelizada.

A Palavra Deus que temos hoje é a verdade inspirada por Deus e eterna. Ela era a verdade 2000 anos atrás, era na eternidade passada, e será eternamente a verdade. O fato de que a Palavra de Deus é eterna e verdadeira em todos os tempos, em todas as culturas e em todas as gerações, permite que o conselheiro pastoral tenha segurança e seja intrépido, embora humilde, na tarefa de aconselhar.

A Palavra de Deus também é eficaz e cumprirá o Seu propósito. Isaías ensina claramente que os propósitos de Deus são mais altos do que os nossos e que Sua Palavra é eficaz:

> Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o SENHOR, porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos. Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra, e a fecundem, e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei. (Is 55.8-11)

Por último, a Palavra de Deus é qualitativamente diferente de outros textos. Em Hb 4.12, lemos:

> Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração.

A Palavra de Deus é viva e eficaz. O Espírito Santo a usa na vida dos crentes para os confrontar, encorajar e consolar. Ele a usa na vida dos incrédulos para confrontá-los e atraí-los a Deus. O aspecto confrontador da Palavra de Deus é enfatizado quando a Palavra é descrita como cortante e penetrante. Confrontar os outros com a verdade da Palavra de Deus é difícil para muitos de nós, especialmente em uma cultura tolerante, mas o fato é que aqueles que conhecem a Cristo percebem que a dor da confrontação penetrante da Palavra de Deus resulta em bênção. A última frase de Hb 4.12 revela

outra razão por que a Palavra de Deus é superior a qualquer sabedoria do mundo: ela é "apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração".

Quando as Escrituras se referem ao coração, elas se referem mais frequentemente não ao órgão físico ou à ideia ocidental do coração, que diz respeito às emoções (enquanto que "a cabeça" diz respeito à mente), mas à mente, à vontade e às emoções do homem. A dicotomia bíblica não é entre "coração" e "cabeça", mas entre "interior" e "exterior". Quando confrontado pelos escribas e fariseus a respeito do motivo pelo qual Seus discípulos não seguiam a tradição de lavar as mãos (Mt 15.1,2), Jesus primeiro confrontou hipocrisia deles (15.3-9) e, em seguida, explicou aos discípulos:

> Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce para o ventre e, depois, é lançado em lugar escuso? Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem. Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas as coisas que contaminam o homem; mas o comer sem lavar as mãos não o contamina. (Mt 15.17-20)

"Coração" é um conceito muito importante nas Escrituras. Em sentido contrário à crença da psicologia de que o homem é basicamente bom, a Bíblia ensina que "enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá? Eu, o SENHOR, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos" (Jr 17. 9,10). Davi clamou no Sl 51.10: "Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro de mim um espírito inabalável". A Palavra de Deus permite que o conselheiro pastoral lide com os problemas do coração. Com humildade, encorajamos os aconselhados a concordarem com Deus que seu coração é enganoso e pedirem a Deus que crie neles um coração puro; em seguida, trabalhamos com eles

para aplicarem a Palavra de Deus, viva e eficaz, que é a linha de prumo pela qual o coração é julgado. O desejo de Deus é promover transformação de vidas e uma mudança verdadeira do coração, e não apenas a reforma que o mundo oferece. Em outras palavras, o verdadeiro aconselhamento pastoral permite a mudança de coração, que vem somente de Deus, e estabelece a diferença entre um alívio temporário e a cura.

Outra razão por que a Palavra de Deus é superior é o fato de que por meio dela podemos ter uma esperança verdadeira. Quase todos aqueles que buscam aconselhamento, seja formal ou informal, lutam com algum grau de falta de esperança. A sabedoria do mundo estimula as pessoas a depositar esperança em coisas passageiras como: riquezas, relacionamentos, imoralidade sexual, drogas e álcool, poder e prestígio. No campo do aconselhamento, muitos dizem ser possível encontrar esperança em medicamentos, em terapias ou em um programa de 12 passos. As Escrituras proporcionam uma esperança que contrasta significativamente com a sabedoria do mundo. Há muitos versículos na Bíblia que mencionam a verdadeira esperança. Em Rm 15.4 lemos: "Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança". Por favor, note que é por meio da "consolação das Escrituras" que a verdadeira esperança é transmitida. Outro ponto do versículo é a ideia de perseverança. Como é animador saber que Deus oferece esperança por meio da Sua Palavra à medida que perseveramos em fazer o certo. O texto de 1 Co 10.13 também transmite esperança ao aconselhado: "Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar".

Recentemente, aconselhei um casal que tinha pouquíssima esperança. O homem vinha lutando há mais de 30 anos

com o que ele chamou de um "vício em pornografia". Cerca de 11 meses antes de aconselhá-los, ambos acreditavam que ele houvesse feito progressos na luta contra a pornografia, e que eles estivessem progredindo em seu relacionamento, mas ele caiu novamente. Daquele momento em diante, eles começaram a evitar um ao outro e os problemas aumentaram. Ele me explicou que havia estudado muito sobre o vício sexual com material em grande parte de autores cristãos, mas que ainda tinha lutas. Eles já haviam procurado ajuda anteriormente, mas não tiveram bons resultados. Eu perguntei: "Suponha que eu fosse um conselheiro vindo de outro país e lhe dissesse: 'Você menciona que tem um vício sexual, mas eu não estou familiarizado com a ideia de dependência. Por favor, me diga o que isso significa'. Como você responderia?". Ele respondeu: "É como se algo me segurasse pelo pescoço e eu não pudesse me libertar". Sua esposa concordou. Quando lhe perguntei como Deus via a sua situação, ele ficou sem resposta. Eu lhe disse que Deus considerava o que ele estava fazendo um pecado e, como tal, ele precisava confessar, arrepender-se e mudar. Conforme ministrei a Palavra de Deus e lhes mostrei que as Escrituras tinham respostas para os seus problemas, eles começaram a ter esperança e as suas expressões mudaram. Ambos disseram que voltavam a ter esperança pela primeira vez após um longo tempo. Passei-lhes uma tarefa bíblica para que fizessem entre os encontros. Isso deu continuidade ao processo de encorajamento por meio das Escrituras e lhes permitiu praticar a perseverança mencionada em Rm 15.4. Encontrei-me com eles novamente cerca de uma semana depois. Durante esse segundo encontro, o homem disse que, embora pudesse parecer estranho, estava muito grato por eu o ter confrontado e definido seu problema como pecado porque, pela primeira vez, ele percebeu que não tinha de ser escravo do problema para o resto de sua vida. Como é triste pensar no fato de que ele havia lido e estudado muitos

autores *cristãos* que aceitaram a sabedoria do mundo, sem esperança, de que alguém é impotente diante de seus "vícios", e concluíram que tal escravidão era permanente e que o melhor que poderiam fazer era gerenciá-la.

RESUMO

Visto que a Palavra de Deus é inspirada ou "soprada por Deus", ela é inerrante e autoritativa. A Palavra de Deus também é suficiente para a tarefa de aconselhar e, por último, a Palavra de Deus é superior à sabedoria do mundo. Este capítulo proporcionou um breve panorama geral sobre essas questões e esperamos que você seja desafiado a agir como os bereanos em At 17 que "receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim" (At 17.11). Há muitas outras passagens que expandem os conceitos apresentados neste capítulo: Salmo 1, Sl 19.7-11, Salmo 119, Mt 4.1-11 são bons pontos de partida. Um estudo comparativo daquilo que as Escrituras dizem sobre a sabedoria de Deus e a sabedoria do mundo, ou uma pesquisa do termo "palavra", são bastante informativos também.

Podemos extrair das Escrituras muitos alvos para o aconselhamento bíblico, mas chegando ao fim deste capítulo, deixo dois deles para sua reflexão. O primeiro está em Cl 1.28: '[Cristo], o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo". O segundo está em 1 Co 10.31: "Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus".

CAPÍTULO 4 – PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Qual a importância das Escrituras para o aconselhamento bíblico de acordo com 2 Tm 3.16,17? Explique.

2. Explique a suficiência das Escrituras e sua relevância para este capítulo.
3. Se a psicologia não é uma ciência, mas é de fato uma filosofia ou arte, como o cristão deve tratá-la?
4. Dê uma razão por que, com relação ao aconselhamento, as Escrituras são superiores a qualquer coisa que o mundo tenha a oferecer.
5. Devemos enfatizar a superioridade das Escrituras acima da suficiência das Escrituras? Explique.
6. Devemos usar a psicologia para ajudar a tratar o homem interior? Por que sim ou por que não?
7. De acordo com este capítulo, o que costuma motivar os teóricos da psicologia?
8. Qual é a tarefa do aconselhamento bíblico conforme mencionado neste capítulo?
9. Qual foi a importância da resolução da *Southern Baptist Convention*, em 2002, com relação à suficiência das Escrituras?
10. De acordo com este capítulo, os teóricos da psicologia complementam ou causam um prejuízo ao aconselhamento bíblico? Explique.

CAPÍTULO 5

A DOUTRINA DE DEUS NO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

David Penley, Nicolas Ellen

EMBORA TODAS AS doutrinas sejam importantes, algumas delas têm uma aplicação particular para o campo do aconselhamento bíblico. Neste livro, tratamos das doutrinas essenciais para o aconselhamento, e este capítulo trata em específico da doutrina de Deus.

OS ATRIBUTOS DE DEUS E O ACONSELHAMENTO

Os atributos de Deus são as qualidades inerentes que Deus nos revelou sobre Sua natureza ou essência. Sua soma não deve ser vista como a composição de Deus, mas como Sua forma de revelar-Se a nós. A razão de sua importância é que nossa maneira de ver a Deus determinará como aconselhamos, e a maneira de nossos aconselhados verem a Deus determinará a

resposta deles ao nosso aconselhamento. Há muitos atributos de Deus descritos nas Escrituras. Embora um atributo nunca seja mais importante do que o outro, há alguns que são decididamente cruciais para o aconselhamento. Olharemos aqui para alguns desses atributos que têm uma relevância especial quando aconselhamos outras pessoas.

Muitas vezes, é necessário ajudar as pessoas a ganhar ou restabelecer uma perspectiva correta de Deus como ponto de partida para o aconselhamento. Por exemplo, ao aconselhar um casal, à medida que conversávamos sobre as responsabilidades bíblicas atribuídas aos maridos, às esposas e aos pais, a esposa afirmava continuamente que não tinha vontade de nem mesmo considerar a possibilidade de procurar um emprego que exigisse menos horas de trabalho e menos viagens para que pudesse estar mais disponível para suas responsabilidades junto ao marido, aos filhos e à casa. A razão pela qual ela se recusava a considerar essa possibilidade era que ela fora casada anteriormente com um marido que a deixou de repente por outra mulher. Ela não estava trabalhando em tempo integral quando isso aconteceu, e acabou ficando sem recursos financeiros. A esposa tinha medo de que isso pudesse acontecer novamente. Ela não confiava em seu atual marido, mas ainda mais importante, ela não tinha certeza de que Deus cuidaria dela e de sua família. Começamos a abordar isso apresentando a ela passagens das Escrituras sobre alguns dos atributos de Deus como, por exemplo, Seu amor, Sua fidelidade e Seu caráter imutável. Isso a ajudou a começar a entender que mesmo que seu marido fosse pecador e tivesse o potencial de ser infiel, o mesmo não era verdade em relação a Deus. Ela podia confiar inteiramente em Deus e em Sua Palavra, e podia e devia, então, considerar o que Sua Palavra ensina sobre suas responsabilidades.como esposa e mãe.

ETERNIDADE

A natureza eterna de Deus significa que Ele não tem começo nem fim. Uma passagem bíblica que se refere a esse atributo é Sl 90.2:

> Antes que os montes nascessem e se formassem a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, tu és Deus.

A. A. Anderson, escrevendo sobre esse versículo, diz que o seu ponto mais importante é "o Deus eterno, que como o criador, precede o mundo criado, e cuja majestade dificilmente pode ser compreendida por suas criaturas".[1] Outra passagem importante que se refere à eternidade de Deus é 1 Tm 1.17:

> Assim, ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém!

Esse verso é uma doxologia na qual Paulo fala de Deus como o "Rei eterno", referindo-se a Ele como soberano em todas as eras desde antes da criação, e como "imortal", o que significa que Ele está imune à decadência e, portanto, não tem fim.[2]

A eternidade de Deus é um atributo importante para o aconselhamento porque implica que nosso conselho está baseado na Palavra dAquele que tem uma perspectiva eterna. Quando aconselhamos com base em nossa própria perspectiva, baseamo-nos em uma perspectiva que vê apenas uma pequena e finita fatia do tempo e do espaço. Quando baseamos nosso conselho no conselho de Deus, o que significa baseá-lo na Sua Palavra, temos então a perspectiva dAquele que vê

1. ANDERSON, A.A. **Psalms (73-150)**. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1983. (The New Century Bible Commentary), p. 650.
2. LEA, Thomas D., GRIFFEN, Hayne P. Jr. **1, 2 Timothy, Titus.** Nashville, TN: Broadman & Holman, 1992. (New American Commentary, v. 34), p. 77.

a necessidade do nosso aconselhado no contexto da totalidade simultânea do tempo e do espaço. Deus conhece "o todo" enquanto nós e nossos aconselhados vemos apenas uma parte bem pequena desse quadro. Acreditar que na Palavra de Deus temos a Sua perspectiva eterna traz, portanto, uma certeza e um consolo que nenhum outro conselho jamais poderia dar.

IMUTABILIDADE

À imutabilidade de Deus refere-se ao fato de que nEle não há mudança. Vários versículos falam dessa verdade.

> Porque eu, o SENHOR, não mudo; por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos. (Ml 3.6)

Nesse versículo, a palavra traduzida como "mudança" é a palavra hebraica šānâ, que era usada para descrever a alteração de um contrato, acordo ou texto. O homem pode expressar desprezo por Deus e Sua Palavra, mas Ele nunca violará aquilo que disse. O que Ele prometeu permanece. O ponto para a nação de Israel nesse versículo é que, se não fosse assim, ela teria sido destruída por Deus há muito tempo.[3]

> Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre. (Hb 13.8)

Esse verso assegura a todos os crentes que Cristo, que sempre foi a fonte da nossa fé triunfante, ainda é o mesmo hoje e continuará a ser o mesmo para sempre. No contexto dos leitores da época em que o versículo foi escrito, podemos compreender que seu significado seja algo como dizer que Aquele que ajudou Abraão, Isaque, Jacó, José, Moisés e Josué

3. TAYLOR, Richard A., CLENDENEN, E. Ray. **Haggai, Malachi**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 2004. (New American Commentary, v. 21A), p. 402.

(ontem), continua a nos ajudar (os leitores a quem essa carta foi dirigida – hoje), e Ele nos ajuda hoje e continuará a ajudar a todos no futuro, até o fim dos tempos (amanhã). As verdades da Palavra de Deus, portanto, "aplicam-se a toda e qualquer situação concreta que o povo de Deus possa enfrentar em qualquer tempo e qualquer lugar".[4]

> Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança. (Tg 1.17)

Esse versículo deixa claro que o sol pode mudar de posição no céu produzindo sombras de diversos comprimentos e em diferentes direções, mas Deus não muda. Tanto o Seu caráter quanto os Seus propósitos nunca se modificam.[5] "O caráter de Deus é sempre constante, verdadeiro, imutável, confiável, bom e fiel."[6]

A imutabilidade de Deus é vital para o aconselhamento bíblico porque ela comprova que podemos usar os princípios e procedimentos da Palavra de Deus sem precisar nos preocupar com a possibilidade de Ele mudar ou não de ideia. O conselheiro e o aconselhado podem ir adiante e seguir a Palavra de Deus com a confiança de que aquilo que Deus disse ser a verdade no passado é verdade ainda hoje e será verdade amanhã.

ONIPRESENÇA

A onipresença de Deus significa que Ele está sempre presente. Não importa aonde formos ou o que nos aconteça, Deus ainda

4. HUGHES, Philip Edgecum. **A commentary on the Epistle to the Hebrews**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1977. p. 570-1.
5. LEA, Thomas D. **Hebrews and James**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 1999. (Holman New Testament Commentary, v. 10). p. 262-3; RICHARDSON, Kurt A. **James.** Nashville, TN: Broadman and Holman, 1997. (New American Commentary, v. 36). p.86.
6. LEA, Thomas D. Op. cit., p. 263.

estará conosco. As Escrituras destacam esse fato em muitas ocasiões, incluindo as seguintes palavras de Davi, que são, talvez, uma das melhores expressões desse atributo de Deus:

> Para onde me ausentarei do teu Espírito?
> Para onde fugirei da tua face?
> Se subo aos céus, lá estás;
> Se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também. (Sl 139.7,8)

Nessa passagem, Davi expressa sua alegria porque "não há lugar no mundo onde ele possa estar além do alcance do cuidado de Deus".[7] Ao contrário das divindades pagãs da época, cuja autoridade, segundo criam, era restrita a determinadas regiões nas quais atuavam, a autoridade de Deus estende-se por toda parte. A soberania de Deus nunca pode ser limitada a determinado lugar. Nessa passagem, o Espírito de Deus é comparado à presença de Deus.[8] Tal fato leva naturalmente a uma explicação do papel do Espírito Santo no aconselhamento.

ONISCIÊNCIA

O fato de que Deus é onisciente significa que Ele sabe todas as coisas. Essa verdade é confirmada nas Escrituras muitas vezes, dentre as quais nesta passagem:

> Grande é o Senhor nosso e mui poderoso; o seu entendimento não se pode medir. (Sl 147.5)

7. ANDERSON, A.A. **Psalms (73-150)**. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1983. (The New Century Bible Commentary), p. 907.
8. VanGEMEREN, Willem A. Psalms. In GAEBELEIN, Frank E. (edit.). **The expositor's Bible commentary**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1991. v. 5, p. 837.

O fato de que o entendimento de Deus é infinito significa que Ele sempre saber exatamente como agir.[9]

> Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! *Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro deu a ele para que lhe venha a ser restituído?* Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém! (Rm 11.33-36, grifo do autor)

Essa passagem nos diz que Deus é a fonte de toda sabedoria e todo conhecimento. Por isso, as soluções para todos os problemas vêm dEle. Essas soluções são muitas vezes inescrutáveis para os homens. Elas parecem não fazer sentido. As decisões de Deus e Seus métodos são misteriosos e estão além da nossa capacidade de compreensão. Como Deus nos disse em Is 55.9: "porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos". Visto que Deus sabe todas as coisas, o homem deve confiar em Seus caminhos e segui-los.[10]

Esse atributo é essencial para o aconselhamento porque, assim como a eternidade de Deus, ele garante tanto ao conselheiro quanto ao aconselhado que Deus está ciente de tudo o que está acontecendo, em qualquer situação, e que Ele vê tudo à luz de Sua perspectiva e de Seus propósitos eternos. A onisciência de Deus oferece também esperança e ajuda para o conselheiro e o aconselhado, por dar a certeza de que Deus sabe o que é certo a ser feito em cada situação e que Ele tem

9. VanGEMEREN, Willem A. Psalms. In GAEBELEIN, Frank E. (edit.). **The expositor's Bible commentary**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1991. v. 5, p. 824, 872.
10. BARRETT, C.K. **The Epistle to the Romans**. New York: Harper and Row, 1957. (Harper's New Testament Commentaries). p. 228-9.; MOUNCE, Robert H. **Romans**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 1995. (New American Commentary, v. 27), p. 226-7.

um plano para concretizar o Seu propósito em meio àquela situação, não importa quão desesperadora ela pareça ou quão incapazes nós sejamos.

Para nosso papel como conselheiros, significa também que ensinamos aquilo que a Palavra de Deus ensina, não importa o quão improvável possa parecer que isso dará certo em determinada situação ou o quão improvável possa parecer que um aconselhado dê ouvidos àquela verdade. Nossos aconselhados devem seguir, então, a Palavra de Deus, não importa o quão certos estejam de que ela não terá efeito nenhum em sua situação. Tanto para o conselheiro quanto para aconselhado, a chave é a obediência à Palavra de Deus, porque acreditamos e confiamos que Deus conhece realmente todas as coisas, inclusive a nossa situação específica e, portanto, tal situação não nos dá direito a uma indenização especial para nos desviarmos da Palavra de Deus. É obra de Deus produzir os resultados que Ele deseja. Nossa tarefa é procurar ser obedientes à Sua Palavra, que é verdadeira e confiável.

ONIPOTÊNCIA

A onipotência é o atributo que se refere ao fato de Deus ser todo-poderoso. Ele pode fazer o que quiser e quando quiser. Mais uma vez, há muitas passagens que podem ser usadas para destacar essa questão, mas um versículo-chave é Jr 32.17:

> Ah! SENHOR Deus, eis que fizeste os céus e a terra com o teu grande poder e com o teu braço estendido; coisa alguma te é demasiadamente maravilhosa.

Nesse versículo, Jeremias está tranquilizando a si mesmo e aqueles a quem ele ministra no que diz respeito ao futuro, lembrando-lhes de que o Deus que foi suficientemente poderoso para criar o universo teria poder para fazer toda e qualquer

coisa. Nada é difícil demais para o Deus que criou o cosmos poder realizar em nossa vida.[11]

Isso é algo fundamental a ser lembrado tanto pelos conselheiros quanto pelos aconselhados. A onisciência de Deus significa que devemos obedecer à Palavra Dele, não importa o quão improvável possa parecer que haverá um bom resultado para determinada situação. A onipotência de Deus significa que nenhuma situação é difícil demais, porque Deus pode fazer aquilo que Ele deseja. Portanto, como conselheiros, nunca podemos dizer e nunca podemos deixar que nossos aconselhados digam que uma situação é impossível. Deus pode agir de acordo com Sua escolha, o que faz com que qualquer circunstância possa ser reparada. Que fonte de esperança isso é para todos os envolvidos no processo de aconselhamento! O problema é que assim como Judá, conforme a continuação do versículo citado acima, nós também muitas vezes não confiamos na soberania de Deus e o mesmo poderia ser dito de nós: "De tudo o que lhes mandaste que fizessem, nada fizeram" (Jr 32.23).

SOBERANIA

A soberania de Deus flui a partir dos atributos que já tratamos. Sua soberania significa que Ele tem o controle total sobre todas as coisas. Ele tem total poder e autoridade sobre tudo. Esse é um conceito chave para o aconselhamento bíblico. Para nós conselheiros, isso significa que se dependermos de nossas habilidades, não ajudaremos ninguém. Significa que Deus está no controle e que podemos confiar no fato de que Ele tem um propósito perfeitamente adequado para nossos aconselhados. Podemos também confiar no fato de que Ele operará por meio de nós para cumprir o Seu propósito. Para

11. HARRISON, Everett F. Romans. In: GAEBELEIN, Frank E. (edit,). **The expositor's Bible commentary**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1976. v. 10, p. 142.

o aconselhado, a soberania de Deus significa que Ele é confiável. O aconselhado pode acreditar que Deus está atuando em sua vida para cumprir um propósito de acordo com Sua vontade. Ele também pode ter a certeza de que a vontade de Deus é absolutamente a melhor e que se ele seguir fielmente a Sua Palavra, Deus cumprirá essa vontade perfeita em sua vida. Isso gera grande esperança e confiança no aconselhamento.

AMOR

O amor de Deus significa que Ele é o provedor gracioso de tudo quanto necessitamos. Deus atende a todas as nossas necessidades, incluindo a maior de todas: a necessidade de salvação por meio de Cristo (Rm 5.6-8). Vemos isso claramente em 1 Jo 4.7-11:

> Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor. Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele. Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros.

Essa passagem é parte de uma seção da primeira epístola de João, que começa em 4.7 e segue até 5.3. O foco dela é o amor, e ela contém 32 ocorrências da palavra amor. A seção atinge o seu auge com a afirmação de que "Deus é amor" (1 Jo 4.8,16).[12] O ponto principal da passagem é que o amor de Deus O levou a enviar o Seu Filho Jesus para morrer pelos nossos pecados.

12. AKIN, Daniel L. **1, 2, 3 John**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 2001. (New American Commentary, v. 38), p. 178.

Se Deus nos amou tanto assim, devemos então amar uns aos outros.

Essa passagem fala ao conselheiro sobre a necessidade de demonstrar o amor de Deus para com o aconselhado tanto em suas palavras quanto em suas ações. Nós, que somos conselheiros, devemos amar nossos aconselhados e buscar o melhor para eles, porque o amor é a própria natureza de Deus. Nós só podemos amar nossos aconselhados, não importa o que eles possam fazer ou dizer, porque essa é a natureza de Deus e Ele demonstrou isso por meio de Jesus. Nosso amor é apenas um reflexo do amor de Deus e uma resposta a Ele. A origem do nosso amor está além da nossa iniciativa e de nossos próprios esforços. Por nós mesmos, não amaríamos a Deus nem aos outros como Deus ordenou. É o Seu amor sacrificial, que vemos em Jesus, que quebranta nosso coração endurecido e permite-nos amar a Deus e aos outros. Quando compreendemos verdadeiramente o preço que Deus pagou pelo nosso pecado, começamos a entender quão grande é o Seu amor por nós e somos movidos a demonstrar amor aos outros. O amor de Deus torna-Se a motivação para reagirmos adequadamente aos nossos aconselhados.[13]

Para o aconselhado, esse amor significa que Deus só deseja aquilo que é melhor para eles. Se o aconselhado vir o amor de Deus em seu conselheiro, ele acreditará que o conselheiro também só deseja o que é melhor para ele. Isso é crucial, especialmente quando precisamos, às vezes, confrontar os aconselhados com verdades difíceis e lhes pedir para cumprir tarefas desafiadoras. Eles devem acreditar que somos seus "amigos" conforme Pv 27.6: "Leais são as feridas feitas pelo que ama, porém, os beijos de quem odeia são enganosos".

13. AKIN, Daniel L. **1, 2, 3 John**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 2001. (New American Commentary, v. 38), p. 179-81.

A misericórdia e a graça de Deus fluem de Seu amor como um belo rio.[14] Ele é cheio de piedade, tardio para castigar e rápido para perdoar. Ele não nos trata conforme merecemos. Vemos essa verdade em toda a Escritura. Esdras escreve sobre isso em Ed 9.13: "Depois de tudo o que nos tem sucedido por causa das nossas más obras e da nossa grande culpa, e vendo ainda que tu, ó nosso Deus, nos tens castigado menos do que merecem as nossas iniquidades e ainda nos deste este restante que escapou". Deus nos fala sobre isso por meio de Davi, no Sl 103.8-12:

> O SENHOR é misericordioso e compassivo;
> Longânimo e assaz benigno.
> Não repreende perpetuamente,
> Nem conserva para sempre a sua ira.
> Não nos trata segundo os nossos pecados,
> Nem nos retribui consoante as nossas iniquidades.
> Pois quanto o céu se alteia acima da terra,
> Assim é grande a sua misericórdia para com os que o temem.
> Quanto dista o Oriente do Ocidente,
> Assim afasta de nós as nossas transgressões.

Deus nos fala também de Sua misericórdia e Sua graça por meio de Paulo em Ef 2.4-9:

> Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, – pela graça sois salvos, e, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus; para mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristó Jesus. Porque pela graça sois salvos, mediante

14. AKIN, Daniel L. **1, 2, 3 John**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 2001. (New American Commentary, v. 38), p. 178-9.

> a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie.

Visto que Deus mostra misericórdia e graça para conosco, devemos igualmente mostrá-las aos outros. Não temos escolha.[15] Este é o argumento inconfundível de Jesus em Lc 6.36: "Sede misericordiosos, como também é misericordioso vosso Pai".

Para o conselheiro, isso significa que ele deve ser paciente com as pessoas que aconselha (1 Ts 5.14), e ser amoroso para com elas independentemente do que elas possam revelar a seu respeito – quer se trate de alguma forma não bíblica de pensar, quer se trate de um grave comportamento pecaminoso. Isso significa que quando um aconselhado não cumpre uma tarefa que lhe demos para fazer durante a semana, não precisamos cancelar imediatamente o aconselhamento, mas devemos trabalhar esse ato de desrespeito à Palavra de Deus e à nossa autoridade mantendo a calma na situação. Como conselheiros, antes de reagir às palavras ou ações de um aconselhado, precisamos nos lembrar de como Deus nos tratou.

Para o aconselhado, isso significa que ele sabe que encontrará a compaixão de Deus e de seu conselheiro. Ele descobre que, embora você o responsabilize, você também é tardio para se irar e para perder a paciência com ele. Às vezes, ele pode falhar, não sem consequências, mas com a certeza de que tanto Deus quanto você ainda o amam e trabalharão com ele para levá-lo até aonde Deus quer que ele vá.

Os atributos de amor, misericórdia e graça são um bom exemplo de como devemos ter cuidado para não considerar um atributo de Deus mais importante que outro. O que acontece se nos concentrarmos apenas nos atributos de amor, misericórdia e graça? Nós não confrontaremos o pecado.

15. AKIN, Daniel L. **1, 2, 3 John**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 2001. (New American Commentary, v. 38), p. 181.

Acreditaremos que não temos o direito de "julgar" e, portanto, o direito de confrontar os aconselhados quando desobedecerem a Deus e Sua Palavra, ou quando negligenciam as tarefas que lhes damos para fazer. Dessa maneira, perde-se o aspecto da prestação de contas apesar de a Bíblia ensinar incontestavelmente a necessidade de corrigir e confrontar as pessoas, e de praticar uma prestação de contas (Mt 18.15-17; Tg 5.19,20; Gl 6.1). Uma perspectiva desequilibrada de Deus como essa poderia nos levar até mesmo a acreditar que um Deus amoroso não enviaria ninguém para o inferno e, assim, acreditar que todas as pessoas iriam para o céu. Poderíamos ser levados a deixar de lado em nossos aconselhamentos a ousadia no falar às pessoas perdidas sobre a sua necessidade de Cristo, ou a permitir que os aconselhados tomassem decisões contrárias à Bíblia com a ideia de que tudo aquilo em que eles acreditam ser o melhor, deve receber nosso apoio porque Deus os ama e, portanto, aprovará tudo o que fizerem. Uma perspectiva desequilibrada pode nos levar também a uma crença niilista[16] ou à ideia de que não existe inferno, pois um Deus amoroso nunca criaria um lugar como o inferno para enviar as pessoas perdidas. Nesse caso, ao morrer, se a pessoa fosse muito má para ir para o céu, Deus simplesmente a aniquilaria, e isso apesar do fato de que as Escrituras ensinam inequivocamente que há um inferno (Mt 25.41, 46; Mc 9.43-48; Judas 7), e que há apenas um caminho para ir para o céu. Esse caminho é a fé em Jesus Cristo como Salvador e Senhor (Jo 14.6; At 4.12). É por isso que a doutrina da qual trataremos a seguir é tão importante.

16. **Nota do Revisor:** Niilismo vem do latim *nihil*, que significa "nada", e expressa a negação de toda existência ou valor. O que é comum a todos os niilistas é a negação dos valores considerados absolutos. GEISLER, NORMAN. **Enciclopédia de apologética**. São Paulo, SP: Editora Vida, 2002. p. 632.

SANTIDADE

Santidade é um atributo muitas vezes esquecido. Desconsiderar a santidade de Deus pode levar a um quadro incompleto e deficiente dEle, e abrir caminho para várias heresias como o universalismo e o niilismo. Ser santo é ser separado. A santidade de Deus significa que Ele, em Seu caráter, distancia-Se completamente do pecado e do mal. Ele odeia a iniquidade e não pode aceitá-la. Muitas passagens falam sobre essa verdade. Por exemplo, em Lv 19.2, Deus diz:

> Fala a toda a congregação dos filhos de Israel e dize-lhes: "Santos sereis, porque eu, o SENHOR, vosso Deus, sou santo".

O povo de Deus deve ser santo, separado das demais pessoas ao seu redor. Devemos imitar o caráter de Deus. Na verdade, "a moralidade humana é justificada pela natureza de Deus".[17] Uma vez que fomos separados para Deus, devemos manter nossos aconselhados responsáveis pelo mesmo padrão bíblico de serem separados para Deus.

A santidade de Deus conduz à Sua justiça. Isso indica que Ele age de forma justa e correta para com todos. Em Dt 32.4, falando de Deus, Moisés diz: "todos os seus caminhos são juízo; Deus é fidelidade, e não há nele injustiça; é justo e reto".[18] Davi descreve essa justiça em Sl 9.16: "Faz-se conhecido o SENHOR, pelo juízo que executa; enlaçado está o ímpio nas obras de suas próprias mãos". Isso significa que Deus não deixa a maldade acontecer sem consequência, e é por isso que Jesus teve de vir e morrer por nossos pecados. A salvação é essencial e Jesus é a única maneira para ganharmos a vida eterna.

17. CLEMENTS, R. E. **Leviticus**. Nashville, TN: Broadman Press, 1970. (Broadman Bible Commentary), p. 51.
18. GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. São Paulo, SP: Vida Nova, 1999. p. 142.

Por isso é vital que os pecados sejam tratados como parte do processo de aconselhamento.

O PAPEL DE DEUS PAI

Quem Ele é

"Ele é todo-poderoso, onisciente, completamente amoroso e sábio. Deus é verdadeiramente Pai daqueles que se tornam Seus filhos mediante a fé em Jesus Cristo. Ele é paternal em sua atitude para com todos os homens".[19] Deus Pai é o cabeça da Trindade (Mt 28.19) e conforme Ef 4.6, Ele é:

> Um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos.

O que Ele faz

"Deus Pai reina com cuidado providencial sobre o Seu universo, as Suas criaturas e sobre o rumo da história humana de acordo com os propósitos da Sua graça".[20] O Pai enviou seu Filho Jesus Cristo para livrar o mundo da penalidade, do poder e da presença do pecado, conforme Jo 3.16:

> Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

Ele conduz as pessoas a Jesus Cristo (Jo 6.44). Ele orquestra o inteiro processo da salvação. (Rm 8.28-30).

Deus Pai, apesar da igualdade com o Filho e o Espírito Santo, é quem dirige tudo quanto aconteceu, acontece e acontecerá. Tudo o que existe foi criado pelo plano mestre de Deus

19. Baptist Faith and Message 2000.
20. Ibid.

Pai (Gn 1). Da criação à redenção, Deus Pai é o autor do plano mestre.

O PAPEL DE JESUS CRISTO

Quem Ele é

"Cristo é o Filho eterno de Deus. Em Sua encarnação como Jesus Cristo, Ele foi concebido do Espírito Santo e nasceu da virgem Maria [...] Ele agora habita em todos os crentes como Senhor, vivo e sempre presente".[21] Jesus é um com o Pai e é uma das três pessoas da Trindade. Jo 1.1 afirma: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus". O *Verbo* refere-se a Jesus. Em Jo 10.30, Jesus afirmou de forma inequívoca: "Eu e o Pai somos um". Jesus também foi plenamente homem. Jo 1.14 expõe: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós".

O que Ele faz

> "Jesus revelou e cumpriu perfeitamente a vontade de Deus, assumindo Ele mesmo a natureza humana com suas exigências e necessidades, e identificando-Se completamente com a humanidade, embora sem pecado. Ele honrou a lei divina por meio da Sua obediência pessoal e, em Sua morte substitutiva na cruz, providenciou para os homens a redenção do pecado. Ele ressuscitou dentre os mortos com um corpo glorificado e apareceu aos Seus discípulos da mesma forma como estava com eles antes da Sua crucificação. Ele subiu ao céu e agora está exaltado à mão direita de Deus sendo o Único Mediador, plenamente Deus, plenamente homem, Aquele em quem se efetua a reconciliação entre Deus e o homem. Ele voltará em poder e glória para julgar o mundo e consumar a Sua missão redentora".[22]

21. Baptist Faith and Message 2000.
22. Ibid.

Como resultado de ser um com o Pai, Jesus pôde viver uma vida perfeita. Em seguida, ao morrer na cruz, tornou-se sacrifício pelos nossos pecados conforme a exigência de Deus e também se tornou o caminho para a nossa salvação mediante a ressurreição dos mortos (Mt 27.33-28.10; Mc 15.22 16.13; Lc 23.33-24.49; Jo 19.16-20.31; 1 Co 15.3-8). Já vimos que o amor de Deus é revelado perfeitamente no envio de Seu Filho Jesus para morrer e pagar o preço pelos nossos pecados. Paulo escreve em Rm 5.8 que "Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores". Também já examinamos a verdade de que Jesus teve que morrer pelos nossos pecados para cumprir os requisitos necessários para que tivéssemos a vida eterna, pois a santidade e a justiça de Deus exigiam um sacrifício perfeito. Já comentamos que recebemos essa vida eterna *somente* por meio da fé em Jesus. Finalmente, afirmamos que a Bíblia ensina que o Espírito Santo vem e habita em nós no momento em que fazemos de Jesus o nosso Salvador e Senhor.

Jesus foi um profeta distinto de todos os demais profetas. Ele não só falou a revelação de Deus, mas Ele era a fonte da revelação de Deus como vemos nos livros de João, Mateus e Hebreus.[23] Como sacerdote, Jesus ofereceu-se como o sacrifício perfeito pelos nossos pecados e ainda agora intercede pelos santos perante Deus Pai (Hb 9.26, 7.25).[24] Como rei, Jesus tem autoridade sobre a Igreja e o universo, e será totalmente reconhecido como rei quando Ele voltar e reinar na terra (Ef 1.20-22; Mt 28.18; 1 Co 15.25).[25]

Visto que o Espírito Santo é indispensável no processo de aconselhamento, pois é somente por meio do Espírito Santo que a Palavra de Deus é compreendida e tem o efeito que Deus quer que ela tenha (1 Co 2.6-16), as pessoas devem ter

23. GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. São Paulo, SP: Vida Nova, 1999. p. 524.
24. Ibid., p. 525-6.
25. Ibid., p. 527.

Cristo como seu Salvador e Senhor antes que o processo de aconselhamento bíblico possa ser mesmo efetivo. Conforme já mencionado, é crucial saber se a pessoa tem um relacionamento com Cristo. Se o aconselhado não é um crente em Cristo, devemos começar por ajudá-lo a saber como se tornar um cristão. Falaremos sobre o papel do evangelismo no aconselhamento bíblico em um capítulo posterior.

O PAPEL DO ESPÍRITO SANTO

Quem Ele é

"O Espírito Santo é o Espírito de Deus, plenamente divino".[26] Em primeiro lugar, é uma pessoa, não é "algo". Em Jo 16.5-7, Jesus refere-se a Ele como uma pessoa:

> Mas, agora, vou para junto daquele que me enviou, e nenhum de vós me pergunta: Para onde vais? Pelo contrário, porque vos tenho dito estas coisas, a tristeza encheu o vosso coração. Mas eu vos digo a verdade: convém-vos que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei.

O Espírito Santo é também um com Deus. Ele é a terceira pessoa da Trindade, juntamente ao Pai e a Jesus, o Filho. Muitos versículos bíblicos falam a esse respeito (Mt 28.19; 1 Co 2.10-13, 12.4-6; 2 Co 13.14.), mas talvez nenhum demonstre isso mais claramente do que At 5.3,4, pois aqui Pedro usa os nomes Espírito Santo e Deus de forma intercambiável:

> Então, disse Pedro: Ananias, por que encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo? Conservando-o, porventura, não seria teu? E,

26. Baptist Faith and Message 2000.

> vendido, não estaria em teu poder? Como, pois, assentaste no coração este desígnio? Não mentiste aos homens, mas a Deus.

Por último, o Espírito Santo é enviado por Deus a todos os crentes, a pedido de Cristo, como vemos nas palavras de Jesus encontradas em Jo 14.16,17:

> E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não no vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós.

O fato de que Deus vive em todos os crentes na pessoa do Espírito Santo é tão incompreensível quanto a encarnação ou a ressurreição. No entanto, essa é a verdade e é uma verdade de extrema importância para o processo de aconselhamento bíblico. Ela significa que o Deus vivo habita no conselheiro e o conduz enquanto ele aconselha. Ela significa também que se o aconselhado é um crente em Cristo, o Deus vivo habita nele e opera para alcançar os Seus propósitos. O que, exatamente, o Espírito Santo faz na vida do cristão, inclusive no processo de aconselhamento?

O que Ele faz

A obra do Espírito Santo é crucial no processo de aconselhamento graças ao trabalho que Ele faz tanto no conselheiro, quanto no aconselhado. Aqui estão alguns desses aspectos vitais da obra do Espírito.

1. Ele convence do pecado e da necessidade de Deus e/ou da necessidade de viver de maneira agradável a Deus. Isso é vital quando um aconselhado ainda não segue a Cristo, ou quando um aconselhado cristão precisa entender que suas ações e/ou pensamentos são pecaminosos para que possa se arrepender e

mudar. Jesus fala sobre isso em Jo 16.8: "Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo".

2. Ele permite que as pessoas sejam capazes de fazer de Jesus o Senhor. Isso é crucial quando ministramos a um aconselhado que não é crente. Paulo escreve em 1 Co 12.3: "Por isso, vos faço compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus afirma: Anátema, Jesus! Por outro lado, ninguém pode dizer: Senhor Jesus!, senão pelo Espírito Santo".

3.Ele produz o fruto que nos permite ministrar. Esse fruto auxilia o conselheiro a ter os atributos necessários para ministrar. Esse fruto também ajuda o aconselhado a crescer nas áreas necessárias para lidar com seus problemas, movendo-se em direção a ser parecido com Cristo. Lemos em Gl 5.22,23: "Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei".

4. Ele dá os dons que nos permitem ministrar. Isso, naturalmente, é essencial para todos nós que aconselhamos. Conforme Paulo escreve em 1 Co 12.11, "Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente".

5. Ele nos ensina, guia e ilumina. Essa verdade possibilita ao conselheiro discernir qual é o verdadeiro problema do aconselhado, qual o texto das Escrituras que melhor se aplica a tal problema e como orientar o aconselhado rumo à verdade da Palavra de Deus sobre aquele problema. A iluminação do Espírito faz com que a Palavra se torne viva e seja reconhecida como verdade pelo aconselhado, de modo tal que ele deseje mudar. Vários versículos bíblicos ensinam essa verdade (Jo 14.25,26; Rm 8.14; 1 Co 2.12-14; Hb 10.15). Um versículo

chave a esse respeito vem dos lábios de Jesus em Jo 16.12,13: "Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir".

6. Ele nos capacita e fortalece para realizarmos aquilo que Ele ensina e nos orienta a fazer, apesar de sermos fracos. É importante que nós, conselheiros, assim como os aconselhados, não só entendamos o que devemos fazer de acordo com a Palavra de Deus, mas também, em seguida, nós o façamos. Deus nos adverte por intermédio de Tiago: "Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos" (Tg 1.22). Paulo escreve em Rm 8.26 sobre o papel do Espírito em fazer isso acontecer: "Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza". Em At 1.8, Jesus nos diz: "Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo".

7. Ele nos santifica. Paulo afirma em 2 Ts 2.13: "Entretanto, devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade". Santificação é a obra sobrenatural do Espírito Santo pela qual os crentes são renovados segundo a imagem de Deus e capacitados cada vez mais para morrer para o pecado e viver para a justiça. Não se trata apenas de ser uma pessoa de boa moral nem um mero religioso praticante. É uma mudança de coração e de compreensão que nos leva a agir como Cristo. Ela não ocorre da noite para o dia, mas é progressiva – a santificação ocorre ao longo da nossa vida. Paulo ora para que possamos crescer "no pleno conhecimento de Deus" (Cl 1.10), e Pedro nos encoraja a crescer "na graça e no conhecimento

de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2 Pe 3.18). O aconselhamento é parte da tarefa de ajudar as pessoas ao longo desse processo de santificação. Normalmente, crescemos por meio da prática de disciplinas espirituais, tais como o estudo da Bíblia, a oração e a adoração. Às vezes, porém, as pessoas tornam-se escravas de pecados que, para serem superados, requerem a ajuda de outros crentes. É aqui que o conselheiro entra em cena e usa a Palavra de Deus para ajudar no processo de santificação progressiva. Jesus orou por todos nós em Jo 17.17: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade". O Espírito Santo usa a Palavra para ajudar o aconselhado a voltar ao caminho da santificação.

A partir desses fatos sobre o papel do Espírito Santo, podemos ver que Sua participação no processo de aconselhamento é uma condição essencial. Se fizermos alguma tentativa de aconselhar sem a Sua ajuda, falharemos miseravelmente. Isso significa que o mais importante que podemos fazer por nossos aconselhados é orar com eles e por eles. Jay Adams escreve que o Espírito Santo "deveria ser considerado a Pessoa mais importante dentro do contexto de aconselhamento".[27] Ele é verdadeiramente o conselheiro. Nós somos simplesmente os Seus instrumentos. Isso significa que devemos orar por Sua ajuda enquanto nos preparamos para o aconselhamento, e orar para que Ele trabalhe na vida daqueles que aconselhamos, cumprindo os propósitos de Deus.

CONCLUSÃO

Deixamos claro que a compreensão do papel de Deus como Pai, Filho e Espírito Santo, com Seus atributos, é de extrema importância para o aconselhamento bíblico. A falta de uma

27. ADAMS, Jay E. **O manual do conselheiro cristão**. São José dos Campos, SP: Fiel, 1982. p. 20.

visão correta de Deus conduz a um modelo de aconselhamento centrado no homem. A abordagem centrada no homem é discutida com mais detalhes em outras partes do livro. Uma visão centrada no homem significa termos como nosso objetivo tornar o aconselhado feliz, em vez de parecido com Cristo. Dessa forma, pegaremos atalhos e não estaremos dispostos a cumprir o difícil ministério de admoestação e confrontação que discutimos em outro capítulo, e que é tão importante para o processo de aconselhamento bíblico. Por último, uma visão de aconselhamento centrada no homem nos levará a buscar outras fontes além da Palavra de Deus para ajudar no aconselhamento, pois não acreditaremos que Deus e Sua Palavra serão suficientes. Deus, conforme revelado em Sua Palavra infalível e suficiente, deve ser o centro do aconselhamento bíblico.

CAPÍTULO 5 – PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. De acordo com este capítulo, como definimos os atributos de Deus?
2. Qual é a correlação entre a compreensão dos atributos de Deus e o aconselhamento bíblico?
3. Dê um resumo de cada atributo e sua relevância para as questões da vida e para o aconselhamento.
4. Durante a leitura sobre cada atributo, qual deles se destacou mais para você?
5. De acordo com este capítulo, se não tivermos uma perspectiva bíblica de Deus, que tipo de aconselhamento praticaremos?
6. Se um aconselhado não tiver uma perspectiva bíblica de Deus, como você acredita que ele responderá ao aconselhamento bíblico? Explique.

7. Se nosso aconselhamento for centrado no homem, em vez de ser centrado em Deus, qual será o objetivo do nosso aconselhamento?
8. Se nosso aconselhamento for centrado no homem, em vez de ser centrado em Deus, que recursos usaremos no aconselhamento?
9. Se nosso aconselhamento for centrado no homem, em vez de ser centrado em Deus, o que ele revelará sobre a nossa visão da Palavra de Deus para o aconselhamento?
10. Qual a importância de compreender o papel do Pai, do Filho e do Espírito Santo no que diz respeito ao aconselhamento bíblico? Explique.

CAPÍTULO 6

A DOUTRINA DO HOMEM NO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

John Babler

NÃO HÁ DÚVIDA de que no mundo existem pessoas sinceras e atenciosas, que desejam ajudar os outros. Muitas investiram sua vida buscando compreender e ajudar as pessoas, e anotaram suas conclusões em forma de teorias ou métodos de aconselhamento. Outras se sacrificaram e passaram a vida em empregos de baixo prestígio, com pouca remuneração, para que pudessem ajudar os outros. Essas pessoas e suas teorias e seus pensamentos, na maioria das vezes, são encontradas no campo das ciências do comportamento e, particularmente, da psicologia e do trabalho social. Há outros que são cristãos comprometidos e que foram submetidos ao ensino formal e à prática informal da utilização da sabedoria do mundo

para aconselhar e ajudar as pessoas. Nos dois primeiros capítulos, apresentamos nossa perspectiva, explicando por que buscar e utilizar a sabedoria do mundo vai contra os ensinamentos bíblicos e não é eficaz. O terceiro capítulo abordou a suficiência e a superioridade das Escrituras para a tarefa de aconselhar. Nosso assunto agora é a doutrina do homem e o aconselhamento.

No campo da teologia, a doutrina do homem é bastante ampla e deve considerar "o propósito divino na criação do homem, a natureza do homem segundo os desígnios de Deus [...], a natureza do pecado e da desobediência do homem a Deus [...], e os primórdios do plano divino para a salvação do homem".[1] Dentro dos propósitos do nosso livro, este capítulo fornecerá uma visão geral dos aspectos da doutrina do homem que são de maior impacto sobre o aconselhamento. Examinaremos a antropologia bíblica e faremos uma reflexão sobre o pecado, a natureza do homem, as emoções e os sentimentos. Por favor, em oração, considere a distinção entre o que você lerá neste capítulo e aquilo que você "captou" ou recebeu como ensinamento à medida que cresceu neste mundo (e na igreja).

Ao longo do capítulo, usaremos o termo *homem* para nos referirmos à humanidade em geral. A decisão de utilizar o termo *homem* foi tomada pelo fato de que as Escrituras nos dão base para tal uso, visto que o próprio Deus os "chamou pelo nome de Adão" em Gn 5.2.[2] De acordo com Ray Ortlund,

> Deus não chamou a raça humana de "mulher". [...] Ele nem sequer concebeu um termo neutro como "pessoas". Ele nos chamou "homem", o que antecipa a liderança masculina introduzida

1. GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática.** São Paulo, SP: Vida Nova, 1999. p. 361.
2. **Nota do Tradutor:** Outras versões da Bíblia trazem "...chamou pelo nome de Homem" (Almeida Século 21) e "...chamou Homem" (NVI).

claramente no capítulo dois, assim como "homem e mulher", no verso 27, prefigura o casamento no capítulo dois.[3]

As Escrituras ensinam "a liderança ou chefia masculina na família desde o princípio da criação".[4] Muitos poderiam se opor ao uso do termo *homem* conforme propomos porque alguns (especialmente no campo das ciências comportamentais) iriam considerá-lo uma insensibilidade para com as mulheres e até mesmo um abuso diante da "ideologia de gênero". No entanto, "à luz de Gn 1.26,27 e 5.1,2, não se pode chamar essa prática linguística de injusta ou insensível sem impugnar a sabedoria e a bondade de Deus".[5]

CRIADO À IMAGEM DE DEUS

A doutrina bíblica do homem está fundamentada no fato de que ele foi criado à imagem de Deus. Iremos nos aprofundar no conceito de imagem de Deus, mas é importante ressaltar que o homem foi *criado*. Não somos o produto de um processo evolucionário que ocorreu ao longo de bilhões de anos. Em vez disso, Deus criou o homem conforme o testemunho inerrante da Palavra de Deus sobre Sua criação literal de seis dias relatado no livro de Gênesis. Esse é o primeiro ponto de conflito entre a doutrina bíblica do homem e a perspectiva da cultura que nos cerca. O fato de sermos criados por Deus tem impacto sobre a tarefa do aconselhamento na medida em que dá ocasião para um foco centrado em Deus, em lugar de um foco centrado no homem.

O fato de que o homem foi criado à imagem de Deus mostra que o homem é único dentre toda a criação. Tudo foi criado

3. PIPER, John, GRUDEM, Wayne (edits). **Recovering biblical manhood and womanhood:** a response to Evangelical feminism. Wheaton, IL: Crossway Books, 1991. p. 98.
4. GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. São Paulo, SP: Vida Nova, 1999. p. 362.
5. PIPER, John, GRUDEM, Wayne (edits). Op.cit., p. 98.

por Deus, mas somente o homem foi criado à imagem de Deus. Em Gênesis 1, no desenrolar da descrição da criação, lemos:

> Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. (Gn 1.26,27)

Gênesis 5.1 também menciona que o homem foi criado à imagem de Deus – "Este é o registro da descendência de Adão: Quando Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez" – e Gn 9.6 afirma: "Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu; porque Deus fez o homem segundo a sua imagem". Tiago refere-se ao homem ter sido criado à imagem de Deus quando fala sobre a língua: "Com ela, bendizemos ao Senhor e Pai; também, com ela, amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus" (Tg 3.9).

O fato de que o homem foi criado à imagem de Deus tem um impacto no aconselhamento. Às vezes, os aconselhados não são muito amáveis, mas devemos ter em mente que eles são criados à imagem de Deus e amados por Ele. Alguns argumentam que pelo fato de termos sido criados à imagem de Deus, somos infinitamente valiosos para Ele e é por causa do nosso valor que Deus nos ama. Essa perspectiva ignora a Queda e como ela nos impactou como portadores da imagem de Deus. Parte da poderosa verdade do evangelho é que Deus nos ama apesar do nosso pecado: "Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores" (Rm 5.8). Quando refletimos sobre o amor de Deus, nosso foco deve estar em Sua graça e em Seu amor por nós, não em nosso suposto valor. A realidade da

nossa pecaminosidade é outro aspecto da doutrina do homem que tem implicações na tarefa de aconselhar.

A NATUREZA PECAMINOSA DO HOMEM

Ter sido criado à imagem de Deus é apenas uma parte daquilo que as Escrituras ensinam sobre o homem. Outro aspecto importante da doutrina do homem diz respeito ao pecado. Em Gênesis 3, encontramos a descrição da tentação e da queda de Eva e, em seguida, de Adão. Quando Adão e Eva foram confrontados por Deus, ambos lançaram a culpa sobre outra pessoa, uma reação que é comum ainda hoje. Deus respondeu castigando a serpente, assim como Adão e Eva (Gn 3.14-24). A desobediência de Adão e Eva resultou na quebra do relacionamento isento de pecado que eles tinham com Deus e incluiu consequências que continuam a afetar a raça humana. Além da Queda do homem, as Escrituras ensinam que cada um de nós pecou. Romanos 3.23 provê um resumo, frequentemente citado, da pecaminosidade do homem: "Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus". Em alguns versículos anteriores, nesse mesmo capítulo, Paulo cita uma série de passagens do Antigo Testamento que apresentam uma imagem muito clara da nossa pecaminosidade:

> Como está escrito: Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer. A garganta deles é sepulcro aberto; com a língua, urdem engano, veneno de víbora está nos seus lábios, a boca, eles a têm cheia de maldição e de amargura; são os seus pés velozes para derramar sangue, nos seus caminhos, há destruição e miséria; desconheceram o caminho da paz. Não há temor de Deus diante de seus olhos. (Rm 3.10-18)

A Bíblia não só ensina que todos são pecadores, mas também ensina que o pecado é enganoso. Em 1 Jo 1.8, ela afirma: "Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós". Outros versos sobre o engano do pecado são:

> Porque o pecado, prevalecendo-se do mandamento, pelo mesmo mandamento, me enganou e me matou (Rm 7.11);
>
> Pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado (Hb 3.13);
>
> Pois nós também, outrora, éramos néscios, desobedientes, desgarrados, escravos de toda sorte de paixões e prazeres, vivendo em malícia e inveja, odiosos e odiando-nos uns aos outros. (Tt 3.3)

O pecado também é escravizador. Em Jo 8.34, Jesus disse: "Em verdade, em verdade vos digo: todo o que comete pecado é escravo do pecado". Rm 6.16-18 fornece outro exemplo da escravidão do pecado, bem como da liberdade que Deus oferece:

> Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedeceis sois servos, seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça? Mas graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado, contudo, viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues; e, uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça.

As Escrituras deixam bem claro que o pecado tem uma consequência eterna. Romanos 6.23a diz: "Porque o salário do pecado é a morte". O descrente é escravo do pecado, e sem

arrependimento e fé, ele está em um caminho derradeiro que leva à morte e à separação eterna de Deus no inferno. A liberdade do pecado é possível. Jesus veio para providenciar essa liberdade:

> Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. Então, lhe deram o livro do profeta Isaías, e, abrindo o livro, achou o lugar onde estava escrito: O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor. Tendo fechado o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e todos na sinagoga tinham os olhos fitos nele. Então, passou Jesus a dizer-lhes: Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir. (Lc 4.16-21)

Tive a oportunidade de aconselhar um casal que me disse ter problemas com seus filhos adolescentes. Quando me encontrei com a família, tornou-se óbvio que a mãe não estava muito comprometida com o casamento e a família. Pedi aos filhos que nos dessem licença, e conforme conversei em particular com o marido e a esposa, descobri que antes de se casarem, ela o havia levado a Cristo. Ele estudou e se tornou um conselheiro cristão. À medida que os filhos cresceram, ela se tornou descontente com o seu casamento e decidiu pedir o divórcio. Discutimos a perspectiva bíblica sobre o divórcio e ela disse que estava ciente de "tudo isso", mas queria o divórcio de qualquer maneira. Comecei a buscar Rm 6 para ajudá-la a considerar o perigo do pecado da arrogância, conforme Paulo admoesta:

> Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum! Como viveremos

> ainda no pecado, nós os que para ele morremos? Ou, porventura, ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida. Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição, sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu está justificado do pecado. Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos, sabedores de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus. Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus. (Rm 6.1-11)

Antes mesmo de eu chegar à passagem ou revelar qual passagem eu abriria, ela disse: "Não me diga 'Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante' porque não é isso o que estou fazendo. Você não conhece o meu Deus como eu O conheço. *Ele não quer que eu seja infeliz*!".

Entre todos os casos com que lidei no contexto da igreja, a declaração dessa aconselhada provê um dos exemplos mais claros e objetivos das consequências de uma antropologia centrada no homem. Ela estava obviamente tomada pelo seu desejo de felicidade, não de santidade. Sua declaração deixa claro aquilo com que todos nós lutamos ao sermos tentados a redefinir ou ignorar a Palavra de Deus quando ela é contrária àquilo que nós queremos. Lembre-se das palavras de Jr 17.9: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e

desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?". Paulo nos lembra em Ef 5.29: "Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja". O egocentrismo ou a autoidolatria sempre foi um desafio para as pessoas, mas nossa cultura tornou-se muito eficaz em legitimar tais pensamentos e perspectivas.

À medida que aqueles conselheiros que estudamos no Capítulo 1 fazem suas tentativas de combinar a Bíblia com as teorias da psicologia e outras ciências do comportamento, eles chegam a um desafio intransponível. As ciências do comportamento, quase sem exceção, negam a existência de Deus e não reconhecem o pecado como um problema para ser tratado pelo conselheiro ou terapeuta.

Muitos argumentariam que orientar o seu foco para o pecado é uma atitude rude e insensível. É evidente que a Bíblia ensina que o pecado nos separa de um Deus santo. Esse é o maior desafio que a humanidade enfrenta atualmente. É um desafio com o qual o mundo do aconselhamento secular não lida nem pode lidar, e que os conselheiros integracionistas minimizam, o que torna a situação ainda pior. Na verdade, seremos muito mais indiferentes com o aconselhado se minimizarmos ou ignorarmos o pecado do que se o confrontarmos. Se não falarmos sobre o pecado com o descrente, desperdiçaremos uma oportunidade para a evangelização que conduz à verdadeira liberdade. Se não falarmos sobre o pecado com o cristão, o resultado será a continuidade da escravidão, do autoengano e de um testemunho ofuscado.

Em um capítulo apropriadamente intitulado *O Mito da Complexidade*, Henry Brandt faz um resumo de encontros com aqueles que querem ajudar outros, porém, negam que o pecado deva ser considerado.

> Um grupo grande de pessoas – pessoas inteligentes, educadas, influentes, com força política e que têm no coração os melhores

interesses da humanidade – rejeitam com firmeza e ímpeto os conceitos de pecado, de um criador e de Deus. Você pode comparar esse grupo a um enorme gigante chamado Golias. Eles acreditam firmemente que Deus não existe.

Há, então, um outro grupo minúsculo que enfrenta Golias. Esse grupo (do qual faço farte) acredita na existência de Deus. Concordamos com a multidão chamada Golias que essas palavras descrevem com precisão o lado escuro do comportamento humano (hostil, cheio de ódio e ressentimento, rebelde, frustrado, confuso, irritado, cruel, egoísta, desonesto, destrutivo). Mas nesse momento, chegamos a uma bifurcação. Discordamos de que essas palavras que descrevem o comportamento humano tenham uma causa social e cultural. Nosso guia é a Bíblia. Esse livro coloca todas essas palavras descritivas debaixo de um único tópico. Esse tópico chama-se *Pecado*. [...]

Ao enfrentar Golias, nosso pequeno grupo pode ser comparado a um menino chamado Davi. Nós nos atrevemos a usar a palavra *pecado* e a afirmar que não há solução humana para o pecado. Acreditamos na necessidade de um Salvador que nos purifique do pecado e nos capacite a andar no Espírito (em amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio).

Se o problema é o pecado, trata-se de uma boa notícia, pois pecado é a coisa mais simples de tratar neste mundo. Jesus morreu para nos purificar do pecado.

"Simples demais", diz Golias.[6]

COMO ENTENDER AS EMOÇÕES E LIDAR COM ELAS

Visto que o homem foi criado à imagem de Deus, assim como Deus, ele tem emoções. As emoções são o resultado das atitudes do coração e revelam, portanto, aquilo que pensamos e

6. BRANDT, Henry, SKINNER, Kerry L. **The heart of the problem.** Nashville, TN: Broadman Press, 1997. p. 5-6.

desejamos. O aconselhamento bíblico lida com as emoções ao abordar sua fonte, que são os problemas do coração. O aconselhamento bíblico não maximiza as emoções, mas as avalia para discernir o coração de uma pessoa. O aconselhamento bíblico procura auxiliar a pessoa a lidar com as suas emoções, ajudando-a a trabalhar nos processos mentais e nos desejos do coração que as geram. Por meio desse procedimento, o conselheiro é capaz de ouvir alguém expressar suas emoções e, em seguida, conduzir a pessoa à paz de Deus pelo processo de despir-se/revestir-se. Aqui estão alguns pontos-chaves a considerar sobre as emoções.

Em primeiro lugar, nossas emoções são impactadas e prejudicadas pelo pecado. Uma vez que os pensamentos e desejos do homem são impactados e prejudicados pelo pecado, as emoções refletem esses pensamentos e desejos, motivando o homem a agir de acordo com eles (Ef 2.1-3). Isso também resulta em o homem sentir-se bem em fazer o mal, ou sentir-se triste quando não consegue ter algo que seria mau (Pv 14.21; 2 Sm 13.1-4). Se em seus pensamentos e desejos o homem for impulsionado pelo pecado, ele será guiado pelo sistema do mundo, resultando em emoções que refletem esses pensamentos e desejos, e que motivam a pessoa a agir de acordo com o sistema do mundo (1 Jo. 2.16).

Em segundo lugar, nossas emoções devem honrar a Deus. À medida que assumimos o controle dos nossos pensamentos e desejos, teremos emoções que os refletirão. Não podemos trabalhar as emoções separadamente dos pensamentos e desejos. Portanto, é preciso trabalhar para que os pensamentos e desejos honrem a Deus para que as emoções os sigam devidamente (Sl 19.14).

Em terceiro lugar, nossas emoções não devem ser o foco central da nossa vida. As emoções em si não são nosso problema. São os pensamentos e desejos que as determinam. Portanto, à medida que vivenciamos uma diversidade de

emoções, temos de identificar os pensamentos e desejos ligados a elas e fazer os devidos ajustes em nossos pensamentos e desejos. Devemos fixar nossa mente nas coisas do alto e nas coisas de Deus (Cl 3.2; Rm 8.5), e também buscar o reino de Deus (Mt 6.33). Consequentemente, avaliaremos nossas emoções como indicadores de que existe algo que temos de mudar, e não concentraremos nelas como primárias ou motivacionais.

Em quarto lugar, somos responsáveis por obedecer a Deus independentemente de como nos sentimos. Não devemos ceder às emoções, e devemos alterar nossos pensamentos e desejos quando as emoções nos levam a andar de maneira indigna de Deus (Gn 4.6-8). Conforme mencionamos, as emoções são impactadas e prejudicadas pelo pecado. Devemos, portanto, avaliá-las e ajustar nossas atitudes, nossos desejos e nossas ações para obedecer a Deus quando as emoções nos motivam a desobedecê-lO (1 Co 10.31). Isso pode incluir confessarmos a desobediência, arrependermo-nos de expressar emoções que transmitem atitudes e desejos pecaminosos, e andarmos no caminho certo para a glória de Deus.

UM BREVE RESUMO ACERCA DAS EMOÇÕES:

1. Deus sente e expressa emoções.
2. As emoções de Deus são retas, santas, justas, amorosas e sempre apropriadas.
3. Somos criados à imagem de Deus.
4. Sentimos emoções.
5. Nossas emoções são resultado das atitudes do nosso coração.
6. Nossas emoções têm origem em nossos pensamentos e somos plenamente responsáveis por eles.
7. Nossas emoções são impactadas e prejudicadas pelo pecado.

8. Nossas emoções nem sempre são retas, justas, amorosas e apropriadas.
9. O ponto chave para nossas emoções é que elas devem honrar a Deus.
10. Com a ajuda de Deus, nós podemos controlá-las.
11. As emoções, por si só, não devem nos motivar nem devem ser o foco central da nossa vida.
12. Somos responsáveis por obedecer a Deus e devemos fazê-lo independentemente de como nos sentimos (Gn 4.6,7).
13. A síntese da vida cristã é amar a Deus e ao próximo (Mt 22.37-40).
14. Deus Se importa com o nosso coração.
15. Quando o nosso foco está em amar a Deus e ao próximo, e nosso coração é reto diante de Deus, podemos lidar com nossas emoções de maneira que honre a Deus.
    a. Às vezes, isso pode significar controlar nossas emoções.
    b. Às vezes, isso pode significar expressar apropriadamente nossas emoções.
    c. Às vezes, devemos nos arrepender e pedir perdão a Deus pela expressão pecaminosa de nossas emoções.
16. Na economia divina, as emoções são uma parte importante, embora comparativamente pequena, de tudo aquilo que somos em Cristo. Devemos nos submeter ao ensino bíblico sobre as emoções e submetê-las ao senhorio de Cristo.

COMO TRATAR O PECADO

O foco do aconselhamento bíblico com descrentes deve estar em ajudá-los a ver que são pecadores escravizados pelo pecado. A base de qualquer solução verdadeira para seus problemas é o relacionamento com Jesus Cristo. Muitos conselheiros cristãos trabalham diligentemente com os descrentes para ajudá-los a superar uma variedade de questões

relacionadas ao aconselhamento. Eles podem ou não mencionar a necessidade de o aconselhado ter um relacionamento com Cristo, mas eles investem tempo considerável dando conselhos para ajudar a pessoa perdida a superar seus problemas. Esse aconselhamento pode proporcionar um alívio temporário, mas, infelizmente, esse alívio pode permitir que o aconselhado crie alguma esperança que não vem de Cristo. O conselheiro precisa enfatizar que a única esperança verdadeira para a vida do aconselhado é uma transformação total que somente o arrependimento e a fé em Cristo podem dar (At 20.21). Os aconselhados que não conhecem o Senhor e estão enfrentando problemas de depressão ou ansiedade, ou qualquer outro desafio em sua vida, precisam ser cuidadosamente levados a ver pelas Escrituras que eles são escravos do pecado e que Jesus deseja libertá-los. O aconselhamento, formal ou informal, oferece uma grande oportunidade para compartilhar o evangelho. Apresentar o evangelho deve ser o objetivo primordial e o propósito fundamental do aconselhamento de pessoas perdidas.

No aconselhamento de incrédulos, o uso das Escrituras pode ser muito eficaz para ajudá-los a entender que são pecadores. Vivemos em uma cultura na qual as pessoas, de modo geral, sentem-se relativamente à vontade em reconhecer que são pecadoras, mas quando são confrontadas com a sua pecaminosidade, reagem de modo bastante defensivo. Esse conceito tornou-se claro para mim quando assisti aos vídeos de Ray Comfort testemunhando nas ruas da Califórnia. Ray usa os Dez Mandamentos para confrontar as pessoas com a sua pecaminosidade. Em sua apresentação, Ray perguntava às pessoas se elas já tinham mentido. Elas respondiam, na maioria das vezes, afirmativamente e ele, então, perguntava o que isso fazia com que elas fossem. Invariavelmente, elas respondiam: "Um pecador". Quando ele perguntava mais especificamente o que isso as fazia ser, elas respondiam algo como: "Bem, isso

não faz de mim um mentiroso!". Repetidas vezes, as pessoas admitiam prontamente uma ideia ampla de que eram pecadoras. Frequentemente, elas apresentavam uma justificação como, por exemplo, "Todo mundo faz", "Eu sou humano", "Somos todos pecadores". Achei fascinante ver a dificuldade que as pessoas tinham para admitir seus pecados específicos. A questão ficou ainda mais clara quando, depois que Ray pressionava as pessoas a admitirem que eram mentirosas, ele lhes perguntava se nunca tinham roubado alguma coisa. Quando lhes era perguntado o que isso fazia com que elas fossem, houve vários exemplos diferentes de pessoas que fizeram uma pausa e, sabendo que "pecador" não seria a resposta certa, respondiam: "Um ladrão". A ideia de admitir que você é um ladrão é muito mais difícil do que a ideia de admitir que você é um pecador. Para a pessoa não regenerada, o primeiro passo em direção a Cristo é admitir a própria pecaminosidade. O conselheiro bíblico pode usar as Escrituras de forma muito eficaz com os aconselhados incrédulos para ajudá-los a ver o seu pecado diante de Deus.

No trabalho com incrédulos, é muito importante também que o conselheiro bíblico os ajude a ver que as Escrituras são aplicáveis em nossos dias. Usando passagens e narrativas bíblicas, é possível mostrar que a Bíblia é relevante. "Eu não sabia que a Bíblia falava sobre isso!" é uma resposta frequente dos incrédulos quando mostramos versículos pertinentes à sua situação. Por último, no ministério com incrédulos, o conselheiro bíblico pode usar a Bíblia para apresentar eficazmente o evangelho de diferentes maneiras. Durante uma recente viagem evangelística ao Brasil, a equipe foi treinada para compartilhar o evangelho utilizando um Novo Testamento com versículos marcados. Um dos comentários feitos por alguém que aceitou a Cristo foi que embora ele soubesse algo a respeito de Deus e seus amigos já tivessem falado com ele sobre a fé cristã, aquela tinha sido a primeira vez em que alguém

havia lhe mostrado na Bíblia quem é Deus. É provável que o conselheiro bíblico ouça uma resposta parecida quando usa as Escrituras e tarefas práticas para apresentar o evangelho.

O aconselhamento das pessoas que conhecem o Senhor deve ter igualmente um foco dirigido para Deus. Os cristãos, embora transformados por Cristo, têm lutas em andamento com o pecado. Paulo dá um exemplo dessa luta quando escreve:

> Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo. Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço. Mas, se eu faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, e sim o pecado que habita em mim. Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim. Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros. Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor. De maneira que eu, de mim mesmo, com a mente, sou escravo da lei de Deus, mas, segundo a carne, da lei do pecado. Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. (Rm 7.18-8.1)

Como cristãos, podemos nos identificar com a luta de Paulo. Reconhecemos que, ocasionalmente, enfrentamos as mesmas questões vez após vez. O mundo, a carne e o diabo conspiram contra nós para nos tentar e nos persuadir a pecar. Deveríamos ser gratos por Deus ser paciente, uma vez que precisamos frequentemente voltar a Ele múltiplas vezes em busca de perdão para o mesmo pecado. Lembrando humildemente a própria luta contra o pecado, os conselheiros bíblicos podem ministrar com eficácia as Escrituras aos outros crentes que também lutam contra o pecado.

O pecado será o foco principal do ministério do conselheiro bíblico com os crentes. Se o problema é uma questão de pecado, trata-se de uma boa notícia para o crente, pois o perdão e a liberdade são possíveis após confissão e arrependimento verdadeiros. O conselheiro bíblico precisa ter uma perspectiva ampla do pecado. Temos a tendência de olhar para os "grandes pecados", mas muitas vezes o problema está em um pecado aparentemente pequeno. Às vezes, trata-se de uma atitude do coração que é difícil de ser avaliada. Depois de orar, ouvir e avaliar a situação, o papel do pecado começará a se tornar aparente. Frequentemente, há uma relação direta entre o pecado e a razão pela qual o aconselhado procurou aconselhamento. Para o cristão que luta contra a ansiedade ou os sintomas de depressão, o pecado subjacente é, frequentemente, a desobediência ao grande e primeiro mandamento: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento" (Mt 22.37). À medida que o aconselhado desenvolve as disciplinas de estudo bíblico, oração e adoração, ou retorna a elas, ele recebe ajuda para colocar em prática o grande mandamento e Deus traz de volta a Sua paz àquela vida.

Os últimos capítulos darão mais orientações sobre como usar as Escrituras para aconselhar, mas 1 Ts 5.14 oferece uma estrutura básica para o aconselhamento bíblico: "Exortamo-vos, também, irmãos, a que admoesteis os insubmissos, consoleis os desanimados, ampareis os fracos e sejais longânimos para com todos". Embora os conselheiros bíblicos devam abordar o pecado, seu aconselhamento não deve ter um foco restrito ao pecado, mas deve levar em conta a pessoa e a situação. Às vezes, o foco está na admoestação e confrontação. Às vezes, o foco está no incentivo ou ajuda, e tudo deve ser feito com paciência. O fato de que o mundo e muitos na igreja minimizam o significado do pecado, enquanto as Escrituras o enfatizam, é algo importante para considerar. Conforme vimos acima, as

Escrituras ensinam que o pecado é um problema que todos têm. Ele é enganoso e escravizador, e nós não podemos ficar libertos dele sem uma transformação operada por Deus.

DOIS PONTOS DE VISTA CONTRASTANTES

Vivemos em uma época que minimiza a gravidade do pecado, e aqueles que confrontam o pecado são vistos como cruéis. Mesmo os cristãos referem-se com frequência ao pecado como um erro". Justificar o comportamento é comum dentro e fora da igreja. "Todos cometem erros" ou "Todos são humanos" são frases ouvidas com frequência quando se fala com alguém sobre o seu pecado. Tais conceitos fluem naturalmente a partir de um ponto de vista que vem carregado de uma antropologia centrada no homem (*The American Heritage Dictionary* dá a seguinte definição de antropologia: "A parte da teologia cristã que trata da gênese, da natureza e do futuro dos seres humanos, em particular contraste com a natureza de Deus").

Uma perspectiva centrada no homem impacta nossa forma de avaliar e abordar os problemas dos aconselhados. O mundo que nos rodeia, bem como parte da igreja, cultiva uma antropologia centrada no homem. Esse conceito é evidente em textos populares e acadêmicos que influenciam o aconselhamento. Um princípio central nessa perspectiva é que o homem tem muitas necessidades que devem ser atendidas. Um dos principais objetivos do aconselhamento é descobrir as necessidades que o aconselhado tem e procurar satisfazê-las ou ajudar para que sejam satisfeitas. A "lista de necessidades" é grande e bastante subjetiva, e o conceito de necessidades é definido de forma muito ampla. As necessidades podem vir em categorias como psicológicas, sociais e espirituais. As "necessidades" subjetivas como pertencer, ser aceito e amado, ou até mesmo uma necessidade de sexo substituem as necessidades objetivas como alimento, água e abrigo. Os cristãos que apoiam esse

ponto de vista (ainda que não de forma declarada) acreditam que a motivação principal dos pensamentos, das ações e das decisões do homem seja o impulso de ter suas necessidades satisfeitas. É possível suprir as necessidades de maneira que honre a Deus ou de maneira pecaminosa. Frequentemente, esse conceito é apresentado com a ideia de que somos uma caneca vazia que precisa ser enchida. O problema é que nossas canecas vazam, e independentemente de nossas tentativas de enchê-las, elas nunca ficam cheias e nossas necessidades nunca são satisfeitas.

Ao longo da vida, todos nós trabalhamos com o foco em satisfazer nossas necessidades. Todos nós tentamos encher nossa caneca com os mais variados conteúdos na tentativa de completá-la, ou seja, de ter nossas necessidades atendidas. O mundo sustenta esse ponto de vista, e ele tem um sentido lógico. Os cristãos que sustentam esse ponto de vista argumentam que na tentativa de satisfazer nossas necessidades, podemos encher nossa caneca com aquilo que honre a Deus ou com algum substituto inadequado. Esses substitutos são muitos e variados, mas normalmente não são tidos como pecados. Eles podem ser quase tudo. Alguns procuram encher sua caneca de maneiras socialmente aceitáveis, incluindo a luta por poder, prestígio, riqueza, sucesso, um bom nome, saúde, amigos e família. Outros procuram encher sua caneca de maneiras menos aceitáveis socialmente, incluindo o envolvimento com gangues, o uso de drogas e a sexualidade pervertida. O problema é que nossa caneca vaza. Essas coisas não satisfazem realmente nossas necessidades e somos forçados a procurar ainda outras maneiras de encher nossa caneca. Alguns argumentam que um relacionamento com Jesus é fundamental para ter nossas necessidades realmente atendidas. Uma vez que Jesus entra na vida de uma pessoa, torna-se possível ter as necessidades plenamente atendidas. O alvo da vida não muda, nosso foco ainda está em suprir nossas necessidades,

mas Jesus torna-se o centro dessa busca. Jesus satisfaz nossa necessidade de perdão do pecado e podemos nos dirigir a Ele para satisfazer as demais necessidades em nossa vida.

Frequentemente, a fim de crescer, de ter as necessidades satisfeitas e "tornar-se uma pessoa completa", considera-se que seja necessário olhar para trás, para questões significativas ou para momentos na vida da pessoa em que suas necessidades não foram supridas e/ou em que ela foi de alguma forma vitimada. Às vezes, a ideia é de que esses problemas ou a vitimização provocaram um furo na caneca e, a menos que tal furo seja reparado, a caneca continua a vazar e a ter de ser preenchida. Por meio de terapia, programas de 12 passos ou de autoajuda, a pessoa julga que conseguirá "resolver" questões do passado. Alguns argumentam que o abuso ou uma infância problemática impacta a capacidade de prosseguir e faz a pessoa "travar". Ela pode crescer fisicamente, mas o verdadeiro crescimento emocional e espiritual deve esperar até que ela seja auxiliada, provavelmente por um terapeuta, para voltar às feridas da infância e "curar a criança ferida". Esse processo pode levar um longo tempo durante o qual supõem-se que o aconselhado lute e volte frequentemente a comportamentos ou pensamentos que não são saudáveis.

A perspectiva antropológica centrada no homem dá origem a uma forte ênfase no valor e na importância dos sentimentos e das emoções. Em boa parte do aconselhamento, o foco está em ajudar a pessoa a se sentir melhor. A mulher mencionada acima, que concluiu que Deus não queria que ela fosse infeliz, é um excelente exemplo de como uma antropologia baseada nas necessidades gera conclusões pecaminosas. O seu foco nas necessidades pessoais e nas emoções permitiu-lhe concluir que não importa o.que a Palavra de Deus diga, pois sua felicidade é mais importante. Infelizmente, muitas pessoas nos dão relatos em primeira mão de conselheiros cristãos que as aconselharam dizendo que não havia esperança em seu casamento

e que o divórcio era uma (e às vezes a única) opção legítima. A perspectiva centrada no homem também oferece àqueles que passam por várias lutas na vida uma oportunidade de se julgarem vítimas. Muitas pessoas foram realmente vitimadas, e Deus é compassivo e abomina tal vitimização. Outras concluem que a vida familiar difícil ou a família disfuncional fizeram com que elas fossem vítimas. Em ambas as situações, o cristão concentra-se em suas necessidades, em suas emoções e em seus sentimentos, e é fácil culpar as circunstâncias e as outras pessoas por suas lutas.

Um método relativamente novo de ministério cristão, chamado de *Theophostic Prayer Ministry* provê um exemplo de um ministério que se baseia em uma perspectiva antropológica centrada no homem. Preste atenção nas seguintes citações extraídas do site *Theophostic Prayer Ministry*:[7]

1. *Theo* (Deus) *Phostic* (luz) é um ministério de oração centrado em Cristo e dependente de Deus para direção e resultado. NÃO SE TRATA de uma terapia para recuperação de memórias reprimidas. Em poucas palavras, trata-se de encorajar uma pessoa a descobrir e expor aquilo que ela acredita ser falso e, em seguida, encorajá-la a ter um encontro com Jesus Cristo por meio da oração para permitir que o Senhor revele a Sua verdade à mente e aos corações feridos. Não se trata de dar conselhos, diagnosticar problemas, compartilhar opiniões ou percepções. Trata-se de permitir que a pessoa tenha um encontro pessoal com o Senhor Jesus em meio à sua dor emocional.

2. *Theophostic Prayer Ministry* reconhece que tudo aquilo que conhecemos, percebemos ou sentimos está enraizado

7. Theophostic Prayer Ministry. **What Is Theophostic?** Campbellsville, KY: New Creation Publishing, 2006. Disponível em http://www.theophostic.com/displaycommon.cfm?an=3. Acessado em 10 setembro 2006.

em informações mentais que foram acumuladas durante as experiências de vida. Quando uma pessoa tem uma resposta emocional negativa no presente, tal resposta pode ser rastreada, quase sempre, até um momento quando ocorreu um evento parecido anteriormente e quando foi provada uma emoção também parecida. Por ocasião do evento anterior, foi estabelecida uma crença na qual a emoção negativa atual está agora enraizada. Os sentimentos atuais de uma pessoa costumam ser uma indicação daquilo que ela acredita. Pode-se dizer, portanto, que sentimos aquilo que cremos.

3. *Theophostic Prayer Ministry* reconhece a dificuldade que há na tentativa de convencer uma pessoa da falsidade de sua crença baseada na experiência e de persuadi-la de um novo sistema de crenças, e reconhece que, sem uma palavra de verdade e a obra do Espírito Santo por meio da oração, nada significativo acontecerá. Munir as pessoas com a verdade lógica é relativamente simples, bastando que elas a aprendam e memorizem. No entanto, uma aplicação bem-sucedida da verdade é outra questão. Quando nossos sentimentos (que podem estar baseados em mentiras) são contrários à verdade que sustentamos logicamente e queremos colocá-los em prática, surge um conflito.

4. *Theophostic Prayer Ministry* reconhece que Jesus é o único que pode verdadeiramente libertar uma pessoa ferida da escravidão emocional/mental.

Ao refletir nesse conteúdo, observe a ausência da Palavra de Deus e de qualquer menção ao pecado e ao arrependimento. Redigido com o uso de termos e conceitos cristãos, ele apresenta uma visão centrada no homem, que enfatiza uma abordagem não diretiva para o ministério. Uma ênfase que incentiva a pessoa a "expor aquilo que ela acredita ser falso"

e permite "que a pessoa tenha um encontro pessoal com o Senhor Jesus em meio à sua dor emocional" revela claramente a subjetividade de uma abordagem de aconselhamento ou ministério baseado nas necessidades pessoais.

O ponto de vista contrastante é uma antropologia centrada em Deus. É uma perspectiva que começa e termina com Deus. Ela entende que o homem não é o ponto principal e que satisfazer as necessidades não é certamente o alvo. Ela se posiciona contra as muitas suposições falsas sobre o homem, que são contrárias às Escrituras e nega a ideia de que o homem é basicamente bom e tem as respostas para seus problemas dentro de si mesmo. Essa perspectiva reconhece que há poucas "necessidades" verdadeiras, que o contentamento verdadeiro pode ser aprendido, e que "posso todas as coisas em Cristo" (Fp 4.11-13). Ela reconhece que há alguma verdade descritiva no conceito de que o homem procura "satisfazer suas necessidades". No entanto, ela não vê essa busca como positiva nem mesmo neutra, mas como uma idolatria autocentrada, o que de fato ela é.

Deus revelou-Se ao homem por meio da Palavra Viva (Jo 1), bem como por meio da Palavra escrita, viva e eficaz (Hb 4.12). Ele providenciou o necessário para a vida e a piedade (2 Pe 1.3), bem como providenciou de forma amorosa e graciosa a salvação e a liberdade para o homem pecador (Rm 10.9-11). Deus deixou claro para nós, por meio de Sua Palavra, quem Ele é. A Bíblia apresenta Seu caráter e Seus atributos, bem como a ilustração clara de uma vida sem pecado vivida aqui na terra por Jesus Cristo, o Deus-homem. Ele nos chama para que Lhe obedeçamos e indica que a obediência é um sinal de nosso amor por Ele (Jo 14.21). Ele promete dar a paz que excede o entendimento (Fp 4.6,7) e fazer o mal cooperar para o bem (Rm 8.28,29). A antropologia centrada em Deus muda nossa maneira de avaliar as coisas, nossa maneira de viver e nossa maneira de aconselhar. Você verá ainda mais tal contraste na leitura dos capítulos seguintes.

CONCLUSÃO

O conselheiro bíblico necessita de uma compreensão correta da doutrina do homem. O fato de que o homem foi criado à imagem de Deus, vive em um mundo caído e amaldiçoado pelo pecado, é pecador e precisa de um Salvador, causa impacto sobre nós, bem como sobre todos aqueles que aconselhamos. A antropologia centrada em Deus permite-nos chamar amorosamente as pessoas para voltar seu foco para Deus e tirá-lo de si mesmos. Quando corretamente entendida e aplicada, ela permite que o conselheiro dê esperança para o aconselhado e o ajude a ver a justiça, a retidão, o amor e a compaixão de Deus.

CAPÍTULO 6 – PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Qual é a importância de entender que o homem foi criado à imagem de Deus?
2. Com respeito ao aconselhamento bíblico, qual é a importância de entender que o homem foi criado à imagem de Deus?
3. Para o contexto do aconselhamento bíblico, qual é a relevância da natureza pecaminosa do homem?
4. Qual deve ser o foco dos conselheiros bíblicos com os incrédulos no que diz respeito ao pecado?
5. Qual deve ser o foco dos conselheiros bíblicos com os crentes no que diz respeito ao pecado?
6. De acordo com este capítulo, quais são os dois pontos de vista contrastantes no que se refere ao aconselhamento? Explique.
7. Como a perspectiva antropológica de uma pessoa impacta o aconselhamento? Explique.
8. "O fato de que o homem foi criado à imagem de Deus, vive em um mundo caído e amaldiçoado pelo pecado, é

pecador e precisa de um Salvador, causa impacto sobre nós, bem como sobre todos aqueles que aconselhamos". Qual é sua opinião quanto a essa afirmação?

9. "Embora os conselheiros bíblicos devam abordar o pecado, o seu aconselhamento não deve ter um foco restrito ao pecado, mas deve levar em conta a pessoa e a situação". Qual é sua opinião quanto a esta afirmação?
10. O que é preciso para ser liberto do pecado?

CAPÍTULO 7

A DOUTRINA DA IGREJA NO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

David Penley

A IGREJA É um lugar de ministério. David Powlison descreve essa verdade desta forma:

> A igreja – como a Bíblia a define – contém uma mistura requintada de liderança e reciprocidade, de funções especializadas e chamado geral, de verdade e amor, de sabedoria para viver e flexibilidade para atender aos problemas que pecadores e sofredores enfrentam. O povo de Deus, que *age* como povo de Deus, provê a instituição ideal e desejável para ajudar a corrigir o que nos aflige.[1]

1. POWLISON, David. **Falando a verdade em amor**. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2011. p. 112.

A igreja deve ser o lugar onde todos os ministérios descritos na Bíblia acontecem. Negligenciar ou ignorar qualquer uma das tarefas descritas nas Escrituras é pecar contra Deus, que nos chamou para realizar todos os ministérios conforme Ele nos ordenou. Ele nos criou, Ele sabe o que é melhor para nós, e Ele incluiu tais ministérios nas Escrituras por alguma razão. Se ignorarmos qualquer um deles, por ser politicamente incorreto ou porque não nos sentimos à vontade com ele, seremos culpados pelo pecado de omissão. Lembre-se da advertência que Deus nos faz por meio de Tiago: "Aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando" (Tg 4.17). Portanto, quando nós, ministros, encaminhamos para outros, fora da igreja, as pessoas que nos procuram para serem aconselhadas, quando deixamos de aconselhá-las e quando deixamos de treinar pessoas de nossa igreja para ajudar no aconselhamento, perdemos oportunidades de ministrar com a Palavra de Deus. Por quê? Porque conforme já demonstramos anteriormente, Deus nos deu em Sua Palavra tudo o que necessitamos para fazer a obra à qual que Ele nos chamou. Lembre-se da discussão anterior de 2 Tm 3.16,17:

> Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.

Deus nos deu tudo que precisamos para realizar "toda boa obra". Isso certamente inclui o aconselhamento e todos os ministérios da igreja. Uma passagem que fala sobre qual deve ser o ministério da igreja está em 1 Ts 5.14:

> Exortamo-vos, também, irmãos, a que admoesteis os insubmissos, consoleis os desanimados, ampareis os fracos e sejais longânimos para com todos.

Essa passagem fala da natureza holística do ministério da igreja. Isso significa que devemos ministrar à congregação a mensagem de Deus por completo e que precisamos da igreja inteira para fazer isso. Paulo "exorta" os "irmãos" a se envolverem nesse ministério. O termo que ele usa para "exortar" é *parakaleo*, que significa "chamar para o (meu) lado".[2] Paulo está pedindo à igreja que se junte a ele no tipo de ministério em que ele está envolvido, o ministério em que todos os cristãos devem se envolver. O fato de que os ministérios descritos nesse verso são para todos os membros da igreja é confirmado pelo uso que Paulo faz da palavra "irmãos". D. Michael Martin assinala em seu comentário:

> É altamente improvável que o v. 14 tenha sido dirigido aos líderes da congregação (cf. v. 12) como os únicos responsáveis por admoestar, consolar e amparar os outros. Ao longo da carta, "irmãos" refere-se a toda a igreja, e não há indicação de que Paulo tenha usado a palavra com significado restrito (isto é, "líderes") nesse caso.[3]

Robert L. Thomas concorda, conforme escreveu em seu comentário:

> Alguns dos pais da igreja primitiva, começando com Crisóstomo, entenderam que essas ordens firmes eram dirigidas aos líderes, contrabalançando, assim, aquelas que foram dadas apenas aos demais membros. Tal distinção, no entanto, estabelece uma diferença injustificada entre líderes e liderados nesse momento da história da Igreja. Ela também restringe excessivamente o termo

2. ZODHIATES, Spiros. **The complete word study dictionary New Testament.** Chattanooga, TN: AMG Publishers, 1992. p. 1105.
3. MARTIN, D. Michael. **1, 2 Thessalonians.** Nashville, TN: Broadman & Holman, 1995. (New American Commentary, v. 33), p. 177.

"irmãos", que deve designar de forma ampla toda a comunidade cristã.[4]

Usaremos essa passagem como base para mostrar como devemos ministrar a todas as pessoas que pertencem à igreja como corpo. Conforme explicamos anteriormente, visto que definimos o aconselhamento bíblico como parte do ministério total da igreja, todos os aspectos do ministério mencionados nessa passagem se aplicam ao processo de aconselhamento. Olharemos para cada um dos tipos de pessoa mencionados nesse verso e examinaremos como Deus nos manda agir em cada caso. Começaremos com um dos aspectos ministeriais menos populares e menos praticados entre os que encontramos nas Escrituras.

ADMOESTAR OS INSUBMISSOS

Deus nos chama primeiramente a admoestar os insubmissos. Quem são os insubmissos? A palavra que Paulo usa aqui significa indisciplinado ou desregrado.[5] Isso significa viver sem leis nem regras, não seguir a ordem correta das coisas. Consequentemente, esses membros da igreja vivem fora dos ensinamentos das Escrituras.[6] Eles se rebelam contra Deus e Sua Palavra. Eles são escravos do pecado.

O que devemos fazer com essas pessoas? O que fazer quando os membros da igreja se tornam escravos do pecado? O que fazer quando fica evidente no aconselhamento que há um problema de pecado? Devemos admoestá-los. A palavra que Paulo usa é *noutheteo*, que significa literalmente "colocar

4. THOMAS, Robert L. 1 Thessalonians. In: GAEBELEIN, Frank E. (Edit.). **The expositor's Bible commentary**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1978. v. 11, p. 289.
5. ZODHIATES, Spiros. **The complete word study dictionary New Testament.** Chattanooga, TN: AMG Publishers, 1992. p. 285.
6. KITTEL, Gerhard, FRIEDRICH, Gerhard. **Theological dictionary of the New Testament**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1985. p. 1170.

na mente de".[7] O que devemos colocar na mente daqueles que são insubmissos? Devemos colocar a Palavra de Deus. O termo tem a conotação de usar a Palavra de Deus para admoestar e corrigir.[8] Portanto, Paulo está dizendo que os rebeldes haviam escolhido seu estilo de vida e "a igreja, então, precisava confrontá-los com o fato de que seu comportamento era inaceitável".[9] Todos na igreja, "não apenas alguns, são responsáveis por medidas corretivas. Todo o corpo local lida com as situações práticas de aconselhar um irmão que está desviado".[10]

A admoestação, porém, não é só para os insubmissos. Em última instância, o aconselhamento bíblico é em si uma admoestação que visa inculcar a Palavra de Deus em uma pessoa. Trata-se de inculcar a Palavra de Deus de tal forma que ela afete não só sua mente ou seu pensamento, mas também sua vontade.[11] Isso significa confrontar com a Palavra de Deus com o propósito de mudar tanto a atitude quanto a ação.[12] A Palavra de Deus transforma a pessoa para que comece a agir de forma mais parecida com Cristo.

No caso do insubmisso, a admoestação é feita para chamar sua atenção, mostrar que ele está vivendo de maneira que não agrada a Deus, e levá-lo a trocar seu estilo de vida desregrado por um estilo de vida em sintonia com Deus. No entanto, a admoestação pode significar também usar a Palavra de Deus para ensinar alguém que já está se movendo na direção de Cristo, de modo que continue nesse caminho, mostrando-lhe como viver de maneira agradável a Deus em uma nova área

7. ZODHIATES, Spiros. **The complete word study dictionary New Testament.** Chattanooga, TN: AMG Publishers, 1992. p. 1017.
8. KITTEL, Gerhard, FRIEDRICH, Gerhard. **Theological dictionary of the New Testament**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1985. p. 645.
9. MARTIN, D. Michael. **1, 2 Thessalonians**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 1995. (New American Commentary, v. 33), p. 177.
10. THOMAS, Robert L. 1 Thessalonians. In: GAEBELEIN, Frank E. (Edit.). **The expositor's Bible commentary**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1978. v. 11, p. 289.
11. KITTEL, Gerhard, FRIEDRICH, Gerhard. Op. cit., p. 645.
12. MELICK, Richard R. Jr. **Philippians, Colossians, Philemon**. Nashville, TN: Broadman Press, 1991. (New American Commentary, v. 32), p. 242.

de sua vida. Em várias passagens das Escrituras, podemos observar o uso da palavra *noutheteo* nesse sentido.

Paulo usa essa palavra em várias de suas cartas, de diferentes maneiras: (1) com os novos cristãos em 1 Co 10.11; (2) com os pais, sobre a educação dos filhos em Ef 6.4; (3) com Tito, a respeito de como lidar com um falso mestre em Tt 3.10. Um exemplo específico do uso que Paulo faz da palavra *noutheteo* está em Atos 20, quando ele faz seu discurso de despedida dirigido aos líderes da igreja em Éfeso. Paulo roga que eles continuem a liderar fielmente a igreja na direção certa depois de sua partida. Ele os encoraja com o fato de que eles têm as ferramentas para fazer isso, pois ele já as dera. Em At 20.31, ele afirma: "Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um". Aqui, a palavra *noutheteo* ou "admoestar" é usada para se referir aos "bons ensinamentos que ele lhes havia levado".[13] Ela foi usada com a ideia de que esses líderes haviam sido ensinados e alertados de antemão sobre como permanecer fiéis nos caminhos de Deus. Ela não é usada com a ideia de que eles tinham se desviado e precisavam ser ajudados para voltar ao rumo.

Por que confrontamos um irmão em Cristo quando percebemos que ele está pecando? A primeira razão é que a Palavra de Deus nos manda proceder assim. Além disso, podemos nos voltar para Deus como nosso modelo. Ampliaremos a resposta a essa pergunta aprofundando-nos no estudo daquilo que as Escrituras ensinam sobre a ideia de admoestação.

DEUS COMO NOSSO MODELO

Deus nos adverte quando nos desviamos de Sua verdade. Vemos o primeiro exemplo disso quando o homem pecou pela primeira vez em Gn 3.6-19. Deus não esperou para reagir.

13. POLHILL, John B. **Acts.** Nashville, TN: Broadman Press, 1992. (New American Commentary, v. 26). p. 428.

Enquanto ainda estavam costurando as folhas de figueira para fazer as roupas que cobririam sua nudez, Adão e Eva ouviram que Deus Se aproximava. Assim que o homem pecou, lemos a respeito da reação de Deus.

> Quando ouviram a voz do SENHOR Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do SENHOR Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim. E chamou o SENHOR Deus ao homem e lhe perguntou: Onde estás? Ele respondeu: Ouvi a tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo, e me escondi. Perguntou-lhe Deus: Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses? (Gn 3.8-11)

Não é que Deus não conhecesse as respostas das perguntas que estava fazendo. Ele sabia que eles tinham pecado, e Ele estava começando o processo de confrontação do pecado. Deus os interrogou para ajudar o casal a admitir sua culpa. Ele lhes permitiu "testemunhar contra si mesmos com suas próprias confissões".[14] Da mesma forma, muitas vezes podemos lançar mão de perguntas durante o aconselhamento para extrair do aconselhando uma confissão de pecado e, em seguida, a partir desse ponto, levá-lo ao arrependimento.

Em Ne 9.26-31 temos outro exemplo da reação de Deus ao pecado:

> Ainda assim foram desobedientes e se revoltaram contra ti; viraram as costas à tua lei e mataram os teus profetas, que protestavam contra eles, para os fazerem voltar a ti; e cometeram grandes blasfêmias. Pelo que os entregaste nas mãos dos seus opressores, que os angustiaram; mas no tempo de sua angústia, clamando eles a ti, dos céus tu os ouviste; e, segundo a tua

14. MATTHEWS, Kenneth A. **Genesis 1-11:26**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 1996. (New American Commentary, v. 1A), p. 240.

> grande misericórdia, lhes deste libertadores que os salvaram das mãos dos que os oprimiam. Porém, quando se viam em descanso, tornavam a fazer o mal diante de ti; e tu os desamparavas nas mãos dos seus inimigos, para que dominassem sobre eles; mas, convertendo-se eles e clamando a ti, tu os ouviste dos céus e, segundo a tua misericórdia, os livraste muitas vezes. Testemunhaste contra eles, para que voltassem à tua lei; porém eles se houveram soberbamente e não deram ouvidos aos teus mandamentos, mas pecaram contra os teus juízos, pelo cumprimento dos quais o homem viverá; obstinadamente deram de ombros, endureceram a cerviz e não quiseram ouvir. No entanto, os aturaste por muitos anos e testemunhaste contra eles pelo teu Espírito, por intermédio dos teus profetas; porém eles não deram ouvidos; pelo que os entregaste nas mãos dos povos de outras terras. Mas, pela tua grande misericórdia, não acabaste com eles nem os desamparaste; porque tu és Deus clemente e misericordioso.

Essa passagem é uma oração conduzida pelos levitas quando o povo se reuniu para adorar a Deus depois de ter reconstruído a cidade de Jerusalém sob a liderança de Neemias. Os levitas conduziram o povo em uma oração de confissão na qual admitiram seu pecado que resultou naquela grave situação que exigiu a reconstrução da cidade.

A passagem, inicialmente, demonstra mais uma vez que Deus confronta aqueles que se rebelam contra Ele, mas também explica a razão por que Ele o faz: por compaixão e misericórdia. Vemos isso claramente ao longo da passagem. Deus advertiu os israelitas quando eles pecaram (vv. 26, 29, 30). Seu propósito era que eles se arrependessem (vv. 26, 29). Deus é descrito como paciente para com eles (v. 28). Ele não os abandonara simplesmente (v. 31). Ele poderia tê-los deixado ir adiante em sua rebelião até que fossem destruídos. Em vez

disso, Ele os confrontou continuamente, guiou-os e livrou-os, tudo em razão do Seu amor por eles.[15]

A realidade do amor de Deus como motivação para Ele nos confrontar é vista com clareza ainda maior em Hb 12.4-11.

> Ora, na vossa luta contra o pecado, ainda não tendes resistido até ao sangue e estais esquecidos da exortação que, como a filhos, discorre convosco: *Filho meu, não menosprezes a correção que vem do Senhor, nem desmaies quando por ele és reprovado; porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe.* É para disciplina que perseverais (Deus vos trata como filhos); pois que filho há que o pai não corrige? Mas, se estais sem correção, de que todos se têm tornado participantes, logo, sois bastardos e não filhos. Além disso, tínhamos os nossos pais segundo a carne, que nos corrigiam, e os respeitávamos; não havemos de estar em muito maior submissão ao Pai espiritual e, então, viveremos? Pois eles nos corrigiam por pouco tempo, segundo melhor lhes parecia; Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade. Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça (grifo do autor).

Esses versos fazem parte de uma passagem sobre como evitar o pecado e continuar no percurso em direção a ser parecido com Cristo (ver vv. 1-3, 12-14). Deus nos diz que quando nos desviamos desse percurso, Ele nos disciplina para nos levar de volta ao percurso, assim como um pai amoroso faz com seu filho. "A disciplina é a marca não de um pai severo e cruel, mas de um pai que se preocupa de maneira profunda e

15. BRENEMAN, Mervin. **Ezra, Nehemiah, Esther**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 1993. (New American Commentary, v. 10), p. 241.

amorosa com o bem-estar de seu filho".[16] Portanto, a admoestação "deve ser aceita até mesmo com gratidão, como um castigo da mão do Pai Celestial destinado à correção e para o benefício daqueles a quem Ele recebe como filhos".[17] Deus usa a admoestação para produzir santidade em Seus seguidores. Portanto, essa admoestação é, na verdade, um sinal do amor resoluto de Deus, e embora os pais terrenos deixem de disciplinar seus filhos à medida que se tornam adultos, Deus nunca deixa de nos disciplinar. Sua disciplina é para toda a vida.[18]

DEUS NOS MANDA ADMOESTAR UNS AOS OUTROS

Deus não somente nos admoesta e nos proporciona um modelo a seguir, mas também nos ensina em Sua Palavra a necessidade de fazê-lo. Conforme já mostramos, Paulo usa várias vezes a palavra *noutheteo* em seus escritos. Em 1 Co 4.14, vemos Paulo dar prosseguimento à ideia de confrontarmos uns aos outros como um pai amoroso confronta uma criança rebelde. Ele diz: "Não vos escrevo estas coisas para vos envergonhar; pelo contrário, para vos admoestar como a filhos meus amados". Mais adiante, na mesma carta, ele chama os crentes de Corinto a reagirem ao pecado em seu meio como resposta à sua admoestação (veja 1 Co 5).

Essa ênfase no fato de a admoestação mútua entre irmãos na fé ser parecida com a disciplina que um pai aplica em seu filho faz sentido. Um pai disciplina para o bem de seu filho porque ele o ama. Ele define as regras que são para proteção e benefício do filho. Por exemplo, um pai pode dizer a uma criança que não ande de bicicleta em uma rua movimentada. Se mais tarde o pai vir essa criança andando de bicicleta

16. HUGHES, Philip Edgecum. **A commentary on the Epistle to the Hebrews**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1977. p. 528.
17. Ibid., p. 528.
18. LEA, Thomas D. **Hebrews and James**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 1999 (Holman New Testament Commentary, v. 10). p. 219-20.

naquela rua, ele não a deixará andar de bicicleta e a disciplinará de alguma forma. Talvez ele não a deixe andar de bicicleta por determinado tempo. Por que o pai faz isso? Porque ele sabe que se ele continuar a permitir que a criança ande naquela rua, ela poderá ser atingida por um carro ou por outro veículo motorizado e ficar gravemente ferida, ou até mesmo morrer. Na verdade, poderíamos considerar negligente e pouco amoroso um pai que permitisse a seu filho andar de bicicleta em uma rua movimentada. No entanto, quando se trata da igreja, queremos que os outros membros nos deixem em paz e nos permitam brincar na movimentada rua do pecado. Vemos outras pessoas brincarem na movimentada rua do pecado e não queremos nos envolver. Isso é amor? Deus diria: "Não".

Paulo explica a finalidade da sua advertência em Cl 1.28: "O qual nós anunciamos, advertindo [*noutheteo*] a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo (grifo do autor)". Assim como Deus nos diz em Sua Palavra que Seu propósito para nós com a admoestação é nos motivar a sermos parecidos com Cristo, Paulo diz que seu propósito é nos motivar a sermos "perfeitos em Cristo". Ele desejava que todas as pessoas não apenas professassem Cristo como seu Salvador, mas que também vivessem à altura daquilo que Deus esperava delas.[19] Visto que ajudar as pessoas a se moverem em direção a serem mais parecidas com Cristo é claramente o objetivo de uma admoestação do ponto de vista das Escrituras, esse deve ser também nosso alvo ao usarmos tal técnica. Ser parecido com Cristo deve ser o alvo de todo crente, e deve ser também o alvo que o conselheiro bíblico busca para seu aconselhado.

Em 2 Ts 3.14,15, vemos que Paulo usa a palavra *noutheteo* para chamar toda a igreja a se envolver no processo de admoestação. Paulo escreve nestes versos:

19. MELICK, Richard R. Jr. **Philippians, Colossians, Philemon**. Nashville, TN: Broadman Press, 1991. (New American Commentary, v. 32), p. 242.

> Caso alguém não preste obediência à nossa palavra dada por esta epístola, notai-o; nem vos associeis com ele, para que fique envergonhado. Todavia, não o considereis por inimigo, mas adverti-o [*noutheteo*] como irmão (grifo do autor).

Paulo está chamando toda a igreja a se envolver no processo de admoestação de um irmão em Cristo. Isso é o que chamamos de disciplina da igreja e trataremos desse assunto em maiores detalhes mais adiante neste capítulo. O fato é que chega um momento em que toda a igreja deve estar envolvida no processo. Como sempre, Paulo afirma claramente que o propósito dessa admoestação é:

> Não alienar a pessoa e fazer dela um inimigo da igreja, mas conscientizar a pessoa do erro de suas ações, demonstrando a condenação unânime de seu comportamento por parte da igreja. Aquele que foi "envergonhado", e cujo processo cumpriu adequadamente seu papel, perceberia o erro de sua própria posição e passaria a respeitar a verdade das críticas levantadas contra ele (cf. 1 Co 4.14; Tt 2.8). Tal mudança de mentalidade deveria conduzir a pessoa ao arrependimento e a uma mudança genuína em seus caminhos. O entendimento de que a intenção da ação da igreja é a redenção e não a punição, é fundamental [...][20]

Paulo chamou a igreja a "adverti-lo como irmão". Ele estava lembrando à igreja "que seu alvo não era a imposição de um castigo severo e implacável, mas a restauração de um irmão amado, embora desviado".[21] Paulo deixou claro mais uma vez que a questão é a igreja "não ignorar os abusos dos crentes imaturos ou sem escrúpulos", porque "permitir que um crente persista em um comportamento incontestavelmente

20. MARTIN, D. Michael. **1, 2 Thessalonians**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 1995. (New American Commentary, v. 33), p. 286.
21. Ibid., p. 287.

não cristão, aproveitador e perturbador não é benévolo – nem para a igreja, nem para o crente desviado, nem para os descrentes que o observam".[22] Para chamar a igreja a reagir aos cristãos que se comportam em seu meio de forma pecaminosa e imatura, Paulo usou outros termos além de *noutheteo*. Em Gl 6.1, por exemplo, ele escreve:

> Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado.

Paulo acabara de escrever no final de Gálatas 5 sobre o fruto do Espírito, que cada crente deve possuir. O que acontece, então, se um membro da igreja estiver agindo como um descrente, evidenciando mais o fruto da carne do que o fruto do Espírito? Será que o amor, a paciência e as demais características que Paulo acabara de mencionar nos comunicam que devemos simplesmente fazer vista grossa ao pecado, que devemos simplesmente ignorar os fatos? Não, ele diz que a pessoa deve ser corrigida. A palavra grega usada aqui é *katartizo* e trata-se de um termo médico que, literalmente, refere-se a ajustar um osso quebrado. Paulo está dizendo que a pessoa desviada precisa ser corrigida. Seu comportamento, assim como um osso quebrado, não pode ser ignorado sem que isso cause um dano permanente à pessoa. Mas esse "endireitamento" deve ser feito por aqueles "que são espirituais" ou, em outras palavras, por crentes maduros guiados pelo Espírito. Aqueles que são maduros e guiados pelo Espírito o farão com mansidão. A mansidão é um dos frutos do Espírito mencionados em Gl 5.23.[23]

22. MARTIN, D. Michael. **1, 2 Thessalonians**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 1995. (New American Commentary, v. 33), p. 285.
23. BOICE, James Montgomery. Galatians. In: GAEBELEIN, Frank E. (edit.) **The expositor's Bible commentary**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1976. v. 10, p. 501.

Tiago, de igual forma, chama à confrontação do pecado. Em Tg 5.19,20, ele escreve:

> Meus irmãos, se algum entre vós se desviar da verdade, e alguém o converter, sabei que aquele que converte o pecador do seu caminho errado salvará da morte a alma dele e cobrirá multidão de pecados.

Essa passagem, mais uma vez, refere-se aos crentes que cometeram erros graves, seja na doutrina, seja na vida cristã. É uma falha espiritual séria. Tiago elogia o crente que confronta o irmão que se desviou, e que o ajuda a voltar para o caminho certo, seguindo a Cristo e Sua Palavra. Tiago afirma claramente que vale a pena o esforço para salvar o irmão errante da ruína espiritual e, talvez, até mesmo da morte física, ajudando-o a obter o perdão dos pecados já cometidos,[24] bem como a evitar os pecados que ele cometeria se continuasse nesse mesmo caminho de desobediência.[25] A comunidade cristã não deve "entregar o crente afastado ao seu próprio caminho errado [...] Eles [os crentes] devem também procurar restaurar (lit. "trazer de volta"), o irmão desobediente".[26] Mais uma vez, o objetivo é levar uma pessoa de volta para Deus, não por vingança nem para puni-lo.

Esse propósito, bem como a atitude que devemos ter ao admoestar, encontra-se em 2 Tm 2.24-26:

> Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e sim deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente, disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento

24. LEA, Thomas D. **Hebrews and James.** Nashville, TN: Broadman & Holman, 1999 (Holman New Testament Commentary, v. 10). p. 350-1.
25. RICHARDSON, Kurt A. **James.** Nashville, TN: Broadman and Holman, 1997 (New American Commentary, v. 36). p. 245.
26. Ibid., p. 242-3.

> para conhecerem plenamente a verdade, mas também o retorno à sensatez, livrando-se eles dos laços do diabo, tendo sido feitos cativos por ele para cumprirem a sua vontade.

O propósito está claramente exposto como sendo a esperança de que as pessoas cheguem ao arrependimento, deixando seus caminhos pecaminosos e voltando-se para a verdade. Não é que Deus não queira conceder o arrependimento, são as pessoas que nem sempre o aceitam. Paulo queria que esses membros rebeldes fossem libertos da armadilha do pensamento não bíblico, na qual Satanás os detinha, e do resultante estilo de vida não bíblico.[27] É exatamente isso o que qualquer conselheiro bíblico também deve desejar.

No entanto, não devemos buscar esse arrependimento pelo uso de táticas rudes. Devemos corrigir e ensinar, mas devemos fazê-lo com bondade, paciência e mansidão. Não devemos ser "moles" e não sustentar com firmeza a verdade, mas devemos ser bondosos e controlar qualquer irritação que possamos sentir. Devemos ter calma enquanto defendemos com firmeza a ortodoxia bíblica.[28]

OS ENSINOS DE JESUS

Jesus também nos chama a admoestar os insubmissos, conforme esperaríamos do Deus que se fez homem. Por exemplo, Ele ensina em Lc 17.3,4:

> Acautelai-vos. Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; se ele se arrepender, perdoa-lhe. Se, por sete vezes no dia, pecar contra ti e, sete vezes, vier ter contigo, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe.

27. LEA, Thomas D., GRIFFEN, Hayne P. Jr. **1, 2 Timothy, Titus.** Nashville, TN: Broadman & Holman, 1992 (New American Commentary, v. 34). p. 221.
28. Ibid., p. 221.

Essa ordem de Jesus, muito simples, clara e contundente, ensina-nos que quando um irmão na fé peca, precisamos repreendê-lo. A palavra usada para "repreender" significa "admoestar fortemente, com premência e autoridade, e com a ideia implícita de censura".[29] Embora deva ser forte, essa repreensão também deve ser uma advertência gentil e amorosa.[30] Ela faz parte do ministério pastoral que Paulo chama Timóteo para realizar, em 2 Tm 4.2.[31] Jesus também deixa claro o propósito disso que, mais uma vez, é que a pessoa se arrependa e abandone seu pecado.[32]

Jesus também introduz nestes versos o ensinamento de que devemos estar prontos a perdoar quando a pessoa se arrepender. Esse é um ensinamento que Ele deu muitas vezes como, por exemplo, em Mt 18.21-35:

> Então, Pedro, aproximando-se, lhe perguntou: "Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes?". Respondeu-lhe Jesus: "Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete. Por isso, o reino dos céus é semelhante a um rei que resolveu ajustar contas com os seus servos. E, passando a fazê-lo, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. Não tendo ele, porém, com que pagar, ordenou o senhor que fosse vendido ele, a mulher, os filhos e tudo quanto possuía e que a dívida fosse paga. Então, o servo, prostrando-se reverente, rogou: 'Sê paciente comigo, e tudo te pagarei'. E o senhor daquele servo, compadecendo-se, mandou-o embora e perdoou-lhe a dívida. Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos que lhe devia cem denários; e, agarrando-o, o sufocava, dizendo: 'Paga-me o que me deves'. Então, o

29. ZODHIATES, Spiros. **The complete word study dictionary New Testament.** Chattanooga, TN: AMG Publishers, 1992. p. 643.
30. STEIN, Robert H. **Luke.** Nashville, TN: Broadman Press, 1992. (New American Commentary, v. 24), p. 429.
31. KITTEL, Gerhard, FRIEDRICH, Gerhard. **Theological dictionary of the New Testament.** Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1985. p. 249.
32. STEIN, Robert H. Op. cit., p. 429.

> seu conservo, caindo-lhe aos pés, lhe implorava: 'Sê paciente comigo, e te pagarei'. Ele, entretanto, não quis; antes, indo-se, o lançou na prisão, até que saldasse a dívida. Vendo os seus companheiros o que se havia passado, entristeceram-se muito e foram relatar ao seu senhor tudo que acontecera. Então, o seu senhor, chamando-o, lhe disse: 'Servo malvado, perdoei-te aquela dívida toda porque me suplicaste; não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti?'. E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida. Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão".

A pergunta de Pedro veio após a conclusão do ensinamento de Jesus sobre a disciplina da igreja que veremos mais adiante neste capítulo. A disposição de Pedro para perdoar sete vezes parece, inicialmente, ser generosa. Afinal, o ensino rabínico da época era que seria suficiente perdoar uma pessoa quatro vezes. Assim, Pedro excedeu consideravelmente as exigências rabínicas, mas estava ainda bem distante do padrão cristão. Jesus definiu esse padrão em um número ilimitado, que é aquilo que Ele quis indicar ao dizer "setenta vezes sete".[33] A resposta de Jesus, provavelmente, surpreendeu Pedro e os demais discípulos, mas Sua colocação não deixou dúvidas:

> Não nos atrevemos a controlar o número de vezes que concedemos perdão. [...] São poucos aqueles que precisam perdoar a mesma pessoa com tanta frequência, pelo menos durante um curto período de tempo. Mas o que Jesus quer dizer é que não devemos reter o perdão após a septuagésima oitava (ou a 491ª) ofensa.[34]

33. HILL, David. **Matthew.** Grand Rapids: Wm. B. Eerdman's Publishing, 1972. (New Century Bible Commentary), p. 277.
34. BLOMBERG, Craig L. **Matthew.** Nashville, TN: Broadman Press, 1992. (New American Commentary, v. 22), p. 282.

A parábola seguinte deixa claro que se Deus nos perdoou eternamente de tão grande dívida, é impensável não concedermos perdão a alguém que se arrepende. Independentemente de qual seja o pecado da outra pessoa, ele é trivial em comparação ao que Deus nos perdoou. Portanto, há um julgamento severo que nos espera se nos recusarmos a perdoar alguém que se arrepende quando o admoestamos.[35] Não importa se sentimos ou não vontade de perdoar. Nossa disposição para perdoar não pode estar baseada em nossos sentimentos, mas deve estar ligada à nossa compreensão da misericórdia que Deus mostrou para conosco. Nós que recebemos o perdão de Deus "devemos mostrar a mesma atitude de perdão para com os outros".[36]

Jesus está ensinando que devemos ser graciosos e perdoar porque Deus age assim em relação a nós, e nos manda fazer o mesmo. Paulo destaca isso em Ef 4.32: "Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou". Ele expõe esse mesmo ensinamento em Cl 3.12,13:

> Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade. Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós.

Em Seus ensinamentos, Jesus também nos dá as diretrizes para praticar a admoestação. Essas diretrizes começam em Mt 7.1-5:

35. BLOMBERG, Craig L. **Matthew**. Nashville, TN: Broadman Press, 1992. (New American Commentary, v. 22), p. 282.
36. HILL, David. **Matthew**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdman's Publishing, 1972. (New Century Bible Commentary), p. 278.

> Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também. Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão.

No Capítulo 10, discutiremos mais detalhadamente essa passagem e o tipo de autoconfrontação a que ela se refere, mas a colocação a ser feita aqui é que se fizermos essa autoconfrontação antes de respondermos ao pecado que vemos na vida da outra pessoa, nós a admoestaremos com humildade; se não o fizermos, admoestaremos com julgamentos e de forma crítica, com aspereza, algo diretamente contrário ao que temos visto nos ensinamentos das Escrituras. Nós mesmos cairíamos, então, em pecado.

O objetivo dessa passagem não é ensinar que não devemos analisar ou avaliar o que outro crente está fazendo. Ela não está dizendo que não devemos reagir quando os outros fazem algo claramente pecaminoso. O que Jesus nos ensina nessa passagem é que, antes de reagir, devemos nos certificar de que estamos vendo o pecado de forma realmente clara e que estamos prontos para reagir corretamente àquele pecado. Devemos nos certificar de que não estamos permitindo que nossa própria pecaminosidade nos leve a ver como pecado algo que não é pecado, ou que nossa reação de ódio ao pecado seja tão intensa que nos faça reagir com dureza. Lembre-se de que nossa motivação deve ser sempre construir, não retribuir. Os versículos que acabamos de considerar:

> Não nos absolvem da responsabilidade para com nossos irmãos em Cristo. Pelo contrário, depois de haver lidado com nossos

> próprios pecados, estamos em condição mansa e amorosa para confrontar e procurar restaurar aqueles que se desviaram (cf. Gl 6.1).[37]

No entanto, o tempo para a autoconfrontação tem um limite, e chega um momento que devemos decidir se a confrontação é necessária ou não. Se for, isso nos leva ao restante das orientações que Jesus nos dá para admoestar um irmão na fé que está em pecado, conforme encontramos em Mt 18.15-17:

> Se teu irmão pecar contra ti, vai argui-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, *pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça.* E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano (grifo do autor).

A passagem oferece um procedimento de três passos para corrigir ou admoestar um irmão na fé pego em pecado – primeiramente, em particular; em seguida, diante de testemunhas e, finalmente, diante da assembleia ou da congregação.[38]

O primeiro passo é procurar a pessoa em particular. Se você viu a pessoa pecar, você deve ir até ela e confrontá-la. Isso deve ser feito de forma reservada. O objetivo desse processo é manter a confrontação limitada a um grupo tão pequeno quanto possível. Craig Blomberg escreve:

> Os dois indivíduos devem resolver o problema, de preferência, sem envolver ninguém mais [...]. Quantas vezes, nas queixas entre cristãos, uma confrontação pessoal é a última etapa a ser

37. BLOMBERG, Craig L. **Matthew**. Nashville, TN: Broadman Press, 1992. (New American Commentary, v. 22), p. 128.
38. HILL, David. **Matthew**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdman's Publishing, 1972. (New Century Bible Commentary), p. 275.

> realizada em vez de ser a primeira! Frequentemente, parece que o mundo inteiro sabe das queixas de alguém contra nós antes de sermos abordados pessoalmente. A esperança é que, ao seguirmos as orientações de Jesus, ganhemos nosso irmão em Cristo antes mesmo que qualquer outra pessoa precise tomar conhecimento do problema (cf. Tg 5.19,20).[39]

Se o primeiro passo falhar, o segundo passo é envolver pelo menos mais uma ou duas pessoas no processo. O fato é que nem todos responderão ao primeiro passo independentemente de quão amorosa a admoestação possa ser. A base para o segundo passo está na passagem de Dt 19.15 em que Deus nos diz: "Uma só testemunha não se levantará contra alguém por qualquer iniquidade ou por qualquer pecado, seja qual for que cometer; pelo depoimento de duas ou três testemunhas, se estabelecerá o fato". Um dos propósitos desse passo é antecipar-se para o passo final que é levar o irmão perante a congregação. Se esse último passo for necessário, haverá mais de uma testemunha da resposta do irmão que pecou. Outra razão para envolver mais uma ou duas pessoas é ter mais irmãos para confirmar que, de fato, aquilo que o ofensor está cometendo é pecado.[40]

As pessoas que devemos envolver nesse passo devem ser crentes maduros com integridade inquestionável. Tais pessoas não tomarão o lado de ninguém, exceto o de Deus, com base em Sua Palavra, e não deturparão os fatos caso seja necessário levá-los diante de toda a igreja. Elas também lembrarão que o objetivo do encontro não é que um lado ou o outro seja o vencedor, mas que a questão seja tratada e que todos

39. BLOMBERG, Craig L. **Matthew**. Nashville, TN: Broadman Press, 1992. (New American Commentary, v. 22), p. 278.
40. Ibid., p. 278; CARSON, D.A. Matthew. In: GAEBELEIN, Frank E. (edit,) **The expositor's Bible commentary**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1984. v. 8, p. 402-3.

se acertem diante de Deus, envolvendo o menor número possível de pessoas.[41]

Se esse segundo passo falhar, o terceiro passo é levar a queixa perante a igreja. Jesus não deixou uma maneira específica de como devemos fazer isso, mas o processo todo deixa claro que deve ser levado em conta o bem de todos os envolvidos. Portanto, a sensibilidade deve ser parte importante desse passo.[42] Mais uma vez, o objetivo é o arrependimento, o perdão e a reconciliação com Deus e com o irmão. Não é punição, vingança e humilhação.

Se a pessoa não reagir nem mesmo a uma admoestação de toda a igreja, ela deve ser excluída do rol de membros. Não há outra maneira. Pode ser difícil, mas deve ser feito para o bem de todos e para ser fiel à Palavra de Deus. Tratar uma pessoa como um gentio ou publicano é tratá-la como um incrédulo. Isso significa que a pessoa não pode desfrutar da vida da igreja como um membro o faz. Significa, também, conforme o espírito de todo o processo, que os membros da igreja devem continuar dispostos a alcançar a pessoa excluída e a buscar seu arrependimento.[43] Não deve haver, contudo, um relacionamento estreito entre a pessoa excluída e qualquer membro da igreja. João escreve sobre isso em 2 Jo 10,11:

> Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas. Porquanto aquele que lhe dá boas-vindas faz-se cúmplice das suas obras más.

João não está dizendo que não podemos conversar com uma pessoa apanhada em pecado, ou que não podemos convidá-la para vir à nossa casa com a finalidade de confrontá-la

41. BLOMBERG, Craig L. **Matthew**. Nashville, TN: Broadman Press, 1992. (New American Commentary, v. 22), p. 278-9.
42. Ibid., p. 279.
43. Ibid., p. 279; CARSON, D.A. Matthew. In: GAEBELEIN, Frank E. (edit,) **The expositor's Bible commentary**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1984. v. 8, p. 403.

com a Palavra de Deus. Ele está dizendo que não devemos dar nosso apoio a essa pessoa[44] nem manter qualquer outro aspecto de uma amizade estreita. Se de alguma forma incentivarmos essa pessoa em seu estilo de vida ou em seu ensino pecaminoso, seremos culpados de participação naquilo que ela está fazendo, pois estaremos lhe dando apoio.

Em 2 Ts 3.6, Paulo também fala sobre a importância de não manter um relacionamento estreito com a pessoa excluída: "Nós vos ordenamos, irmãos, em nome do Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo irmão que ande desordenadamente e não segundo a tradição que de nós recebestes". Em 1 Co 5.9-11, Paulo ensina como isso acontece em uma situação específica:

> Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros; refiro-me, com isto, não propriamente aos impuros deste mundo, ou aos avarentos, ou roubadores, ou idólatras; pois, neste caso, teríeis de sair do mundo. Mas, agora, vos escrevo que não vos associeis com alguém que, dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberrão, ou roubador; com esse tal, nem ainda comais.

Paulo deixa claro que não devemos nos associar com alguém que professe ser cristão, mas viva de maneira imoral. Em seguida, ele dá um exemplo específico: os membros da igreja não devem comer com ele. Isso certamente incluía a festa do ágape (amor), o banquete que costumava ser parte da celebração da Ceia do Senhor na época de Paulo. No entanto, isso poderia ir além e incluir também qualquer refeição cuja intenção fosse uma associação estreita entre amigos e membros da igreja.[45] Não se deve dar à pessoa nenhuma indicação de que seu comportamento é aceito por alguém da igreja.

44. AKIN, Daniel L. **1, 2, 3 John**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 2001. (New American Commentary, v. 38), p. 233.
45. MARE, W. Harold. 1 Corinthians. In: GAEBELEIN, Frank E. (edit,) **The expositor's Bible commentary**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1976. v. 10, p. 220.

Uma vez mais, a participação de toda a igreja no ministério de admoestação é vista nesse último passo do processo de Jesus. Todos na igreja devem seguir as regras relativas ao afastamento de uma pessoa. Cada membro é responsável perante todos os demais. Se um membro da igreja não seguir a decisão consensual do corpo, ele pode colocar em risco o processo como um todo. Ele coloca em risco tanto a igreja quanto a pessoa que está sendo admoestada.[46] Como D. Michael Martin escreve: "Por sua própria natureza, a disciplina da igreja [...] tinha que ser uma medida tomada por toda a congregação, ou ela não seria eficaz".[47]

A duração desse processo não é claramente estabelecida por Jesus. Não é preciso cumprir uma só vez cada passo para poder passar para o seguinte. O procedimento relativo a cada passo pode ser realizado várias vezes. Portanto, no primeiro passo, antes de prosseguir, nós mesmos podemos ir várias vezes à pessoa que está pecando. O mesmo é verdadeiro para o segundo passo. Já mostramos que Deus é muito paciente e Ele espera que nós o sejamos também. No entanto, chega o momento no qual torna-se evidente que o ofensor não responderá, e é hora de passar para o passo seguinte. Paulo diz, por exemplo, em Tt 3.10,11: "Evita o homem faccioso, depois de admoestá-lo primeira e segunda vez, pois sabes que tal pessoa está pervertida, e vive pecando, e por si mesma está condenada". Paulo estabelece um limite aqui. Seu ensino propõe termos paciência, mas não de maneira ilimitada, pois isso não seria proveitoso para nenhum dos envolvidos.

O contexto de Mt 18.15-17 também é crucial para nos lembrar do propósito da admoestação de um crente que está em pecado. Como um "sanduiche", o texto sobre confrontar o pecado, tem de um lado uma passagem que ensina sobre o

46. CARSON, D. A. Matthew. In: GAEBELEIN, Frank E. (edit,) **The expositor's Bible commentary**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1984. v. 8, p. 403.
47. MARTIN, D. Michael. **1, 2 Thessalonians**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 1995. (New American Commentary, v. 33), p. 277.

amor de Deus (Mt 18.12-14), no qual Jesus usa o exemplo de um pastor que tem 100 ovelhas e deixa 99 para ir atrás de uma que se perdeu e, do outro lado, Jesus ensina sobre o perdão (Mt 18.21-35) que consideramos anteriormente neste capítulo. Isso mostra claramente o que temos afirmado ao longo deste capítulo, ou seja, que o propósito da admoestação é levar a pessoa ao arrependimento e ajudá-la a retomar uma caminhada correta com Deus. A passagem em Mateus 18 é simplesmente parte de um capítulo que demonstra, sem dúvida, o desejo de Deus de que todas as pessoas tenham um relacionamento correto com Ele. Devemos estar dispostos fazer a nossa parte para sermos Seus instrumentos na concretização desse desejo.

Jesus não só ensinou sobre a admoestação, mas a praticou. Isso pode ser claramente visto na vida de Pedro. Em Lc 22.31-34, Jesus o advertiu de que ele estava caminhando em direção a um fracasso. Jesus previu que Pedro O negaria três vezes. Evidentemente, embora Pedro tenha se oposto veementemente à predição de Jesus, ele fez, de fato, exatamente aquilo que Jesus dissera que ele faria. A primeira confrontação de Jesus após a negação ocorre em Lc 22.61,62:

> Então, voltando-se o Senhor, fixou os olhos em Pedro, e Pedro se lembrou da palavra do Senhor, como lhe dissera: "Hoje, três vezes me negarás, antes de cantar o galo". Então, Pedro, saindo dali, chorou amargamente.

Jesus não precisou dizer nada. Seu próprio olhar foi uma confrontação e admoestação. Às vezes, o simples fato de fazermo-nos presentes depois de um erro pode ser suficiente para chamar a atenção de uma pessoa e levá-la ao arrependimento. Isso também revela a importância da confrontação face a face.

A real admoestação face a face de Pedro está em Jo 21.15-17:

> Depois de terem comido, perguntou Jesus a Simão Pedro: "Simão, filho de João, amas-me mais do que estes outros?". Ele respondeu: "Sim, Senhor, tu sabes que te amo". Ele lhe disse: "Apascenta os meus cordeiros". Tornou a perguntar-lhe pela segunda vez: "Simão, filho de João, tu me amas?". Ele lhe respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo". Disse-lhe Jesus: "Pastoreia as minhas ovelhas". Pela terceira vez Jesus lhe perguntou: "Simão, filho de João, tu me amas?". Pedro entristeceu-se por ele lhe ter dito, pela terceira vez: "Tu me amas?". E respondeu-lhe: "Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que eu te amo". Jesus lhe disse: "Apascenta as minhas ovelhas".

Jesus oferece aqui uma oportunidade para Pedro confessar e comprometer-se a segui-lO fielmente. A vida de Pedro mudou e seu ministério expandiu. Isso é arrependimento, e esse é o propósito de Deus quando nos manda admoestar aqueles que pecaram.

Observe que Jesus usou perguntas para chegar ao problema do coração de Pedro. Uma pergunta, muitas vezes, incita a consciência, já uma acusação endurece a vontade e o coração. Jesus usou essas perguntas para conduzir Pedro de uma resposta que Gerald L. Borchert descreve como "Claro!", quando pela primeira vez Jesus o arguiu, a um sentimento de tristeza quando a pergunta foi feita pela terceira vez. Jesus sondou Pedro até que ele abriu seu coração. As respostas superficiais não seriam suficientes para que Pedro fizesse a obra a que Jesus o estava chamando.[48] Elas não são suficientes tampouco para nós.

48. BORCHERT, Gerald L. **John**. Nashville: Broadman & Holman, 1996. (New American Commentary, v. 25A), p. 334.

CONSOLAR OS DESANIMADOS

Embora a admoestação seja uma parte importante do aconselhamento bíblico, ela não é certamente o todo. Em 1 Ts 5.14, a passagem que estamos examinando, Paulo manda-nos também "consolar os desanimados". A palavra traduzida como "desanimados" significa literalmente "de pequeno ou pouco ânimo".[49] Ela se refere àquele que está fisicamente e/ou emocionalmente fraco e/ou esgotado.[50] Ela pode retratar alguém que esteja desanimado em sua tentativa de manter-se firme na fé em meio às tentações, provações e tribulações da vida ou na luta diária para levar uma vida piedosa. Pode também se referir àqueles que sentem que seus recursos estão esgotados e que não podem prosseguir.[51]

Esses irmãos na fé não precisam ser admoestados com a Palavra de Deus. Eles precisam ser encorajados por ela. A palavra traduzida como "incentivar" significa "falar mansamente, ternamente, para confortar".[52] Também pode significar "instar, estimular ou animar". É uma palavra que traz consigo toda a prática de confortar uma pessoa, ficando perto da pessoa desanimada para suprir suas necessidades físicas e oferecer palavras de conforto.[53]

Podemos ver, então, que há momentos em que irmãos na fé podem estar desencorajados e abatidos. Se os admoestarmos por isso, poderemos desencorajá-los ainda mais. Em vez disso, precisamos usar a Palavra de Deus para estimulá-los. É exatamente isso que o escritor de Hebreus diz:

49. ZODHIATES, Spiros. **The complete word study dictionary New Testament.** Chattanooga, TN: AMG Publishers, 1992. p. 1036.
50. KITTEL, Gerhard, FRIEDRICH, Gerhard. **Theological dictionary of the New Testament**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1985. p. 1353.
51. MARTIN, D. Michael. **1, 2 Thessalonians.** Nashville, TN: Broadman & Holman, 1995. (New American Commentary, v. 33), p. 178.
52. ZODHIATES, Spiros. Op. cit., p. 1110.
53. KITTEL, Gerhard, FRIEDRICH, Gerhard. Op. cit., p. 784-5.

> Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel. Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima. (Hb 10.23-25)

Até mesmo Paulo necessitou do incentivo mencionado nesse verso. Por exemplo, em Rm 1.11,12, ele escreve sobre o incentivo que seria para ele se pudesse ir para Roma e encontrar, de fato, seus irmãos na fé que lá estavam:

> Porque muito desejo ver-vos, a fim de repartir convosco algum dom espiritual, para que sejais confirmados, isto é, para que, em vossa companhia, reciprocamente nos confortemos por intermédio da fé mútua, vossa e minha.

Outro exemplo está em Cl 4.10,11, quando Paulo afirma que seus companheiros de jornada, que estão com ele, fornecem-lhe esse incentivo:

> Saúda-vos Aristarco, prisioneiro comigo, e Marcos, primo de Barnabé (sobre quem recebestes instruções; se ele for ter convosco, acolhei-o), e Jesus, conhecido por Justo, os quais são os únicos da circuncisão que cooperam pessoalmente comigo pelo reino de Deus. Eles têm sido o meu lenitivo.

AMPARAR OS FRACOS

Por meio de Paulo, em 1 Ts 5.14, Deus nos chama também para "amparar os fracos". A palavra traduzida como "fraco" significa literalmente "sem força". Ela se refere àqueles que não têm vigor, que não têm capacidade física, que são fisicamente imperfeitos ou naturalmente fracos, incluindo os enfermos e

os portadores de deficiência física (At 4.9). Essa palavra também pode ser usada para se referir aos espiritualmente fracos e aos que são hesitantes, limitados, vulneráveis (Rm 5.6; 1 Co 8.9), incluindo, portanto, pessoas com deficiência mental[54]. Ela pode até mesmo se referir aos financeiramente fracos (At 20.35). A condição de "fraco" refere-se, normalmente, às pessoas que necessitam de cuidados especiais porque não podem cuidar si mesmas, incluindo crianças, órfãos e viúvas.[55] Algumas dessas pessoas – como aquelas com deficiência grave – precisam de ajuda prolongada ou permanente.

Como devemos responder ao "fraco"? Devemos "amparálo". Mais uma vez, não somos chamados a admoestar. Não é disso que eles precisam. Eles não estão necessariamente em pecado, mas enfrentam lutas em alguma área. A palavra traduzida como "amparar" significa, nesse caso, "segurar firmemente, dar amparo".[56] Portanto, a ordem para o crente maduro é apoiar ou sustentar a pessoa que está lutando para que fique de pé, seja espiritualmente, fisicamente ou financeiramente. Para alguns, isso pode significar apoiar até que ela possa andar com as próprias pernas. Para outros, pode ser apoiar por um longo prazo. Devemos "não abandoná-los como retardatários ignorantes e sem importância, antes, porém, apoiá-los, pois são irmãos amados que enfrentam lutas".[57] Devemos associar os aconselhados com outras pessoas do corpo que são capacitadas e que podem ajudá-los e servir-lhes de várias maneiras. Ter pessoas no corpo que possam ajudar com finanças, alimentação, vestuário, ensino, nutrição e outras áreas deve ser parte da estrutura de aconselhamento da igreja.

54. ZODHIATES, Spiros. **The complete word study dictionary** New Testament. Chattanooga, TN: AMG Publishers, 1992. p. 274.
55. KITTEL, Gerhard, FRIEDRICH, Gerhard. **Theological dictionary of the** New Testament. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1985. p. 83-4.
56. ZODHIATES, Spiros. Op. cit., p. 190.
57. MARTIN, D. Michael. **1, 2 Thessalonians**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 1995. (New American Commentary, v. 33), p. 178.

Observe que somos chamados a sustentar firmemente os que estão lutando. A pessoa que luta não é chamada a nos alcançar e apoiar-se em nós, que somos fortes. Nós é que somos chamados a alcançá-la e sustentá-la com firmeza para ajudá-la a ficar em pé. Assim como Deus estende a mão para nós, nós devemos tomar a iniciativa de alcançar os outros. Qualquer que seja a situação, quando vemos alguém em dificuldade, devemos estender a mão à pessoa que está em apuros. Não devemos esperar que ela venha nos pedir ajuda.

SER LONGÂNIMO PARA COM TODOS

A ordem final de Deus, por meio de Paulo, é que sejamos "longânimos para com todos". Ela se aplica a qualquer uma das práticas que estejamos realizando – admoestar, consolar ou amparar. Isso significa que essa deve ser uma atitude constante. Tentar ajudar pessoas em situações difíceis pode ser um desafio. Elas nem sempre reagem como esperaríamos e as coisas nem sempre acontecem tão rapidamente como gostaríamos.[58] Não podemos nos permitir ter explosões emocionais nem agir com base em nossos sentimentos.[59]

A paciência é uma característica de Deus à medida que Ele voluntariamente atrasa o julgamento que todos nós tanto merecemos (Rm 2.4; 9.22). Essa é também a característica de um cristão que está cheio do Espírito Santo de Deus (Gl 5.22).[60] Portanto, devemos crescer em nossa caminhada com Cristo para que possamos estar cheios do Espírito Santo. A paciência não virá naturalmente até nós.

Paulo não identifica um grupo de pessoas em particular com quem devemos ser pacientes. Devemos ser pacientes com

58. THOMAS, Robert L. 1 Thessalonians. In: GAEBELEIN, Frank E. (Edit.). **The expositor's Bible commentary**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1978. v. 11, p. 290.
59. MARTIN, D. Michael. **1, 2 Thessalonians**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 1995. (New American Commentary, v. 33), p. 178.
60. Ibid., p. 178.

todas as pessoas.[61] Devemos ser pacientes com os insubmissos, quer respondam ou não à nossa admoestação. Devemos ser pacientes mesmo que tenha sido necessário excluí-los da comunhão da igreja. Devemos orar pacientemente e continuar tentando alcançá-los. Devemos ser pacientes com os desanimados, mesmo que eles não saiam imediatamente do seu desalento. Devemos ser pacientes com os fracos, mesmo que precisemos ampará-los por muito tempo. Deus nunca desiste de nós, e nunca devemos desistir daqueles a quem Ele nos chamou para ministrar em Seu nome. Devemos lembrar a admoestação que Deus nos faz por meio de Paulo, em Gl 6.9,10:

> E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos. Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé.

CONCLUSÃO

A admoestação é uma parte necessária e importante do processo de aconselhamento bíblico. Há ocasiões em que uma pessoa está claramente em pecado e precisa ser confrontada com a Palavra de Deus de modo firme e amoroso na esperança de que ela se arrependa e volte ao caminho certo. Não fazer isso é impensável, pois levaria à destruição espiritual e, possivelmente, até física dessa pessoa.

Nem todas as situações, porém, exigem uma repreensão. Há momentos em que se fazem necessários o encorajamento ou o amparo. Admoestar é algo bastante rápido: mostramos a Palavra de Deus às pessoas e elas podem responder ou não à admoestação. Encorajar, por outro lado, exige mais tempo e

61. MARTIN, D. Michael. **1, 2 Thessalonians**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 1995. (New American Commentary, v. 33), p. 178.

esforço. Amparar pode significar assumir a responsabilidade completa por uma pessoa, pelo menos durante algum tempo.

Uma ilustração dessa diferença pode ser encontrada se aplicarmos cada uma das três ordens de Paulo à criação dos filhos. Se um filho desobedecesse, nós o admoestaríamos. Nós o confrontaríamos de forma clara e firme com a Palavra de Deus para mostrar onde ele se desviou, o que ele necessita fazer em lugar daquilo que está fazendo e, em seguida, como ele precisa mudar. Se ele não aproveitasse aquele passe perfeito aos 44 minutos do segundo tempo e perdesse um gol feito, nós o consolaríamos. Isso não é pecado. Ele não precisaria de repreensão. Ele precisaria de palavras que o ajudassem a não desanimar e a não desistir do futebol. Se ele ficasse gravemente ferido em um acidente de carro e precisasse de cuidados por um longo período, nós o ampararíamos. Providenciaríamos a ajuda médica necessária e o amparo físico enquanto ele estivesse aprendendo a andar novamente. Nós o apoiaríamos também com a Palavra de Deus para assegurá-lo de Sua presença durante aquela provação e para lhe mostrar como Deus poderia trabalhar em meio àquela circunstância.

Tudo isso requer um grande discernimento da nossa parte. Significa que devemos estar em constante amadurecimento espiritual. Nosso relacionamento com Deus deve estar em constante crescimento também para que tenhamos o discernimento e a sabedoria que vêm do Espírito Santo (Fp 1.9-11) e saibamos qual dessas abordagens devemos aplicar, bem como a melhor forma e o melhor momento de aplicá-las.

Conforme já dissemos, em todos esses casos devemos tomar a iniciativa e ir até a pessoa necessitada. A pessoa pode até não perceber que ela tem uma necessidade, como no caso de alguém que esteja escravizado pelo pecado, mas isso não elimina nossa responsabilidade de sermos proativos. Se Deus nos revela a necessidade de um irmão na fé, tornamo-nos

responsáveis por ela. Não atendê-la seria um pecado de omissão. Como Tiago diz:

> Portanto, aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando. (Tg 4.17)

CAPÍTULO 7 – PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Qual é a definição de Igreja?
2. Qual é a importância da igreja local para a tarefa do aconselhamento bíblico? Explique.
3. Devemos encaminhar as pessoas para um aconselhamento secular? Por que sim ou por que não?
4. Explique o que 1 Ts 5.14 fala a respeito do trabalho da igreja.
5. O que significa admoestar os insubmissos?
6. O que significa consolar os desanimados?
7. O que significa amparar os fracos?
8. O que significa ser paciente com todos?
9. "Admoestar é algo bastante rápido: mostramos a Palavra de Deus às pessoas e elas podem responder ou não à admoestação. Encorajar, por outro lado, exige mais tempo e esforço". Qual é sua opinião sobre essa afirmação?
10. O que é preciso para discernirmos como aplicar devidamente 1 Ts 5.14?

CAPÍTULO 8

O ACONSELHAMENTO BÍBLICO E O GRANDE MANDAMENTO

John Babler

"**VOCÊ DEVE CUIDAR** de si mesmo antes de cuidar dos outros." Quer se trate de Oprah, do Dr. Phil[1] ou de um conselheiro em sua emissora de rádio local, esse conselho é dispensado diariamente às pessoas que passam por lutas. Tal afirmação é verdadeira ou simplesmente reflete o egocentrismo da nossa cultura? Todos os dias há pessoas que deixam para trás a família e outras responsabilidades para "encontrarem a si mesmas". "Eu só preciso parar de gastar tempo com os outros e começar a me ocupar comigo mesmo para que eu possa mudar", é a queixa daqueles que abandonam o cônjuge e os filhos que deles dependem. A autossatisfação é o caminho

1. **Nota do Tradutor:** Phil McGraw é um psicólogo dos Estados Unidos que tornou-se conhecido do grande público ao participar nos programas televisivos de Oprah Winfrey como consultor sobre comportamento e relações humanas.

para a saúde mental e emocional? Os teóricos humanistas como Carl Rogers e Abraham Maslow respondem com um sonoro "Sim". Rogers diz que para se tornar uma "pessoa plenamente funcional" é preciso abandonar o "devia ser", parar de "satisfazer as expectativas dos outros" e deixar de "agradar aos outros" para buscar "autodireção, autoconfiança, abertura para a experiência e aceitação dos outros".[2] Maslow concordou com Rogers sobre o fato de que as pessoas não devem ficar condicionadas pelas regras da sociedade, mas devem procurar a própria identidade e trabalhar em direção à expressão mais completa de si mesmas, um objetivo que ele chamou de autorrealização.[3] Considere um mundo onde ninguém faz o que deveria fazer nem atende às expectativas de outros. Isso pode ser chamado de anarquia. Na melhor das hipóteses, o caos e a confusão reinariam. O que seria se cada um confiasse em si mesmo e em suas experiências como autoridade máxima? Pouco mais se faria do que discutir, e o ideal rogeriano de aceitação dos outros seria irrealizável. A vida autocentrada conduz à exaltação de si mesmo, e isso conduz à rejeição do valor, da importância e das verdadeiras necessidades dos outros.

Maslow diz que as pessoas precisam ser amadas. Essa necessidade é como "um buraco que tem de ser preenchido, um vazio em que se derrama o amor".[4] Se não recebermos o amor no momento certo, da maneira certa e na quantidade certa, teremos como resultado "uma grave patologia".[5] Em contraste, o amor recebido em doses apropriadas é a cura para uma patologia causada por uma deficiência de amor.[6] Uma aplicação das afirmações de Maslow no mundo real seria a improbabilidade de que as pessoas que são adequadamente amadas portem-se mal. O argumento de Maslow implica que o

2. ROGERS, Carl R. **On becoming a person**: a therapist's view of psychotherapy. Boston, MA: Houghton Mifflin Company, 1961. p. 167-175.
3. MILTON, Joyce. **The road to Malpsychia**. San Francisco, CA: Encounter Books, 2002. p. 45-57.
4. MASLOW, Abraham. **Toward a psychology of being.** 2nd. ed. New York: Van Nostrand, 1968. p. 41.
5. Ibid., p. 41.
6. Ibid., p. 42.

pai que abandona sua família em busca de uma autorrealização pode colocar a culpa por suas ações na própria família, mencionando o fato de que eles não o amaram adequadamente.

Infelizmente, essas ideias conseguiram penetrar na igreja cristã. O autor cristão Gary Chapman, por exemplo, escreve:

> Se nos sentimos amados pelas pessoas importantes em nossa vida, o mundo parece mais alegre, e temos liberdade de desenvolver nossos interesses e de contribuir para esse mundo de maneira positiva. No entanto, se nosso reservatório de amor está vazio e não estamos nos sentindo amados pelas pessoas importantes de nossa vida, então o mundo começa a parecer um lugar escuro, e essa escuridão vai refletir-se em nosso comportamento.[7]

Isso é quase palavra por palavra o que Maslow escreve quando se refere ao "déficit de amor". Mais uma vez, o foco está em nós mesmo e em satisfazer nossas necessidades.

A Palavra de Deus está em completo desacordo com o "déficit de amor" de Maslow e com o "reservatório de amor vazio" de Chapman, que representam uma busca hedonista de autorrealização. Quando perguntaram a Jesus qual era o maior mandamento, ele respondeu:

> Respondeu-lhe Jesus: *Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento.* Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo.* Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas. (Mt 22.37-40, grifo do autor)

Jesus não disse: "Vá em busca de amor. Faça com que outros encham o seu reservatório". Ele disse: "Vá e dê amor, primeiro a

7. CHAPMAN, Gary. **As Cinco Linguagens do Amor de Deus.** São Paulo, SP: Editora Mundo Cristão, 2006. p. 256.

Deus e depois aos outros". Os ouvintes de Jesus já estavam bastante familiarizados com o mandamento de amar a Deus, pois fazia parte do *Shema*, uma passagem do Antigo Testamento (Dt 6.5) citada com regularidade pelos judeus devotos. Essa passagem chama a uma "devoção sincera a Deus com todos os aspectos do ser".[8] John MacArthur explica desta maneira:

> Em Dt 6.5, a palavra hebraica para amor é *aheb*, que se refere principalmente ao amor manifestado pela vontade, pela mente e pelas ações em vez do amor manifestado por sentimentos ou emoções. É o tipo mais elevado de amor, visto que ele o motiva a fazer o que é certo e nobre, independentemente do que você pode estar sentindo. É parecido com o amor ágape da língua grega, que é o amor inteligente, ao contrário de *phileo*, que é o amor emotivo, ou *eros*, que é a atração física. O amor mencionado por Jesus no maior mandamento é a forma mais nobre, mais pura e mais elevada de amor abnegado que cada pessoa é ordenada a ter em relação a Deus.[9]

Zodhiates define a palavra ágape, que aparece nessa passagem, como "referindo-se a alguém superior e incluindo a ideia de respeito, dever e veneração, o que significa amar e servir com fidelidade".[10] O contexto original desse mandamento no Antigo Testamento fortalece-o ainda mais como um mandamento que iguala o amor a uma obediência sem ressalvas. "Por causa de quem Ele é e daquilo que Ele fez por Seu povo, Deus exige a plena conformidade com a Sua lei".[11] O amor a Deus não deve se limitar a alguma esfera espiritual subjetiva

8. BLOMBERG, Craig L. **Matthew**. Nashville, TN: Broadman Press, 1992. (New American Commentary, v. 22). p. 335.
9. MacARTHUR, John F., Jr. **Jesus silences His critics**: the Great Commandment. Disponível em http://www.biblebb.com/files/MAC/sg2358.html. Acesso em 10 de setembro de 2006.
10. ZODHIATES, Spiros. **The complete word study dictionary New Testament.** Chattanooga, TN: AMG Publishers, 1992. p. 65.
11. MERRIL, Eugene H. **Deuteronomy**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 1994. (New American Commentary, v. 4), p. 162.

de sua vida, mas deve se manifestar em todas as áreas da vida. Amar a Deus é uma escolha voluntária que deve resultar em completa obediência a todos os mandamentos de Deus.[12]

Em seguida, Jesus passou a dizer que o segundo mandamento mais importante é "amar os outros como a si mesmo". "Esse não é um apelo ao amor-próprio, embora o pressuponha", pois, na verdade, os seres humanos não precisam receber a ordem de amar a si mesmos.[13] Paulo deixou isso claro em Ef 5.29: "Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja". Pelo contrário, "o amor, no sentido mais verdadeiro, exige a entrega de si mesmo a Deus" e, consequentemente, a entrega de si mesmo aos outros.[14] Podemos ver que a ideia humanista de autorrealização e exaltação de si mesmo está em desacordo com uma vida orientada pela Bíblia.

Conforme já foi dito, amar a Deus é guardar Seus mandamentos (Jo 14.15). Os mandamentos de Jesus "abrangem todos os seus ensinamentos".[15] À medida que amamos a Deus com todo o nosso ser, nossa vida se alinha com todo o conselho das Escrituras e elas nos revelam o que significa amar a Deus. Elas também descrevem as ações e as atitudes exigidas daqueles que realmente amam os outros. Não devemos ser esponjas que absorvem amor, mas distribuidores de amor. Não somos chamados a amar só depois de termos sido amados. Devemos amar os outros apesar da atitude deles para conosco. Considere as palavras de Cristo:

> Se amais os que vos amam, qual é a vossa recompensa? Porque até os pecadores amam aos que os amam. Se fizerdes o bem aos

12. BLOMBERG, Craig L. **Matthew**. Nashville, TN: Broadman Press, 1992. (New American Commentary, v. 22). p. 335.
13. Ibid., p. 335.
14. CARSON, D. A. *Matthew.* In: GAEBELEIN, Frank E. (edit,) **The expositor's Bible commentary**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1984. v. 8, p. 464.
15. BORCHERT, Gerald L. **John**. Nashville: Broadman & Holman, 1996. (New American Commentary, v. 25A), p. 122.

> que vos fazem o bem, qual é a vossa recompensa? Até os pecadores fazem isso. Amai, porém, os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai, sem esperar nenhuma paga; será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo. Pois ele é benigno até para com os ingratos e maus. (Lc 6.32,33,35)

Aqui, Jesus deixa claro que Seu povo deve estar disposto a praticar o amor em sentido único, pois o amor cristão não depende do comportamento dos outros.[16] O amor cristão é revelado no serviço humilde e abnegado a Deus e aos outros. Considere as passagens a seguir.

> Mas o maior dentre vós será vosso servo. Quem a si mesmo se exaltar será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado. (Mt 23.11,12)

> Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo. (Mt 20.26,27)

> Então, convocando a multidão e juntamente os seus discípulos, disse-lhes: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. (Mc 8.34)

> Ora, nós que somos fortes devemos suportar as debilidades dos fracos e não agradar-nos a nós mesmos. Portanto, cada um de nós agrade ao próximo no que é bom para edificação. (Rm 15.1,2)

> Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros. Tende em vós o mesmo sentimento

16. STEIN, Robert H. **Luke**. Nashville, TN: Broadman Press, 1992. (New American Commentary, v. 24), p. 208.

> que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. (Fp 2.3-8)

Negar a si mesmo, submetendo-se à lei de Deus e buscando o bem dos outros acima das próprias ambições, contraria o "foco em mim mesmo" da cultura atual. O mandamento divino para que se assuma a responsabilidade e a iniciativa de ser um doador de amor, em vez de buscar amor para si mesmo, vira de ponta-cabeça os ensinamentos de Maslow, de Rogers e das psicologias em geral. Enquanto as filosofias do mundo nos dizem que devemos buscar a autorrealização ou autoatualização, a Palavra de Deus nos ensina que a exaltação de nós mesmos é pecado. Na verdade, pode-se argumentar que o princípio ativo essencial do pecado seja o egoísmo.[17] Quando as pessoas escolhem ter a si mesmas como foco principal de sua vida, elas necessariamente colocam Deus em segundo plano e quebram o Grande Mandamento. Quando colocamos nossa vontade acima da vontade de Deus, fazemos de nós mesmos deuses e praticamos a idolatria (1 Sm 15.23). Assim como o antigo povo de Israel, podemos, ao mesmo tempo, adorar a Deus e servir a ídolos. No entanto, Cristo nos lembrou de que nenhum homem pode servir a dois senhores (Mt 6.24). Para Deus, um coração dividido é deplorável (1 Rs 18.21) e comparável à prostituição (Lv 20.5). Os idólatras quebram o Grande Mandamento e correm o perigo de quebrar qualquer um dos demais mandamentos de Deus, se não todos. Quando as pessoas ignoram os mandamentos de Deus, elas se retiram de debaixo da Sua mão

17. STRONG, Augustus H. **Teologia sistemática: edição revisada e ampliada:** São Paulo, SP: Editora Hagnos, 2008. 2ª Edição. p. 1016.

protetora e colhem os resultados de seu pecado (Gl 6.7-9). As Escrituras advertem que o egoísmo leva à destruição.

> Mas ira e indignação aos facciosos, que desobedecem à verdade e obedecem à injustiça. Tribulação e angústia virão sobre a alma de qualquer homem que faz o mal, ao judeu primeiro e também ao grego. (Rm 2.8,9)

O AMOR EGOCÊNTRICO: RELACIONAMENTOS ROMPIDOS

Quando desconsideramos o mais básico e importante entre os mandamentos de Deus, e adoramos a nós mesmos, é inevitável que nossa vida perca o equilíbrio. Isso se manifesta em nossa vida de muitas maneiras negativas. Entre as tribulações produzidas por idolatrarmos a nós mesmos estão os conflitos em nossos relacionamentos. Ken Sande descreve a progressão dos ídolos do coração em seu livro *O Pacificador*. Começamos por desejar que algo além de Deus nos satisfaça. Em seguida, definimos esse desejo como uma necessidade e exigimos que ele seja atendido. Quando as pessoas ao nosso redor não conseguem satisfazer nossos desejos ou interpõe-se no caminho para conseguirmos o que queremos, nós as julgamos e elas se tornam objetos do nosso desprezo. Consequentemente, nós as punimos com palavras ofensivas, ira ou afastamento.[18] "Quando fazemos isso, essencialmente estamos colocando os outros no altar do nosso ídolo e sacrificando-os".[19]

Recentemente, aconselhei uma mãe (vou chamá-la de Suely) e seu filho adolescente (vou chamá-lo de Guilherme) em decorrência de um divórcio. O pai havia mantido a família refém com seu comportamento controlador e abusivo. Suely ansiava por ter uma família "normal". Ela desejava ter tempo

18. SANDE, Ken. **O pacificador**: como solucionar conflitos. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2010. p. 111-119.
19. Ibid., p. 118.

com seu filho. Ela queria sentar-se à mesa para jantarem juntos e terem longas conversas. Não havia certamente nada de errado em tal desejo. Guilherme estava no último ano do ensino médio. Ele havia sofrido por muito tempo debaixo da tirania de seu pai e estava desfrutando a liberdade recém-encontrada. Ele tinha um emprego de meio período e havia comprado um carro. Seu desejo era passar tempo com sua namorada. Logo, quando Suely exigiu que Guilherme estivesse em casa na hora do jantar, Guilherme exigiu que ela o "deixasse em paz" e lhe permitisse estar com sua namorada. Nenhum dos dois conseguia entender o ponto de vista do outro, não demorou para trocarem palavras hostis e raivosas, e ambos ficaram profundamente magoados. Fui chamado a intervir e procurei fazê-lo, mas, ainda assim, cada um deles estava cegado pelo próprio desejo egoísta. Suely só queria ter uma família normal e Guilherme só queria ter a possibilidade de crescer. Ambos estavam convencidos de que poderiam ser felizes somente se as coisas fossem feitas do jeito que queriam. Eles sacrificaram aos seus ídolos o relacionamento entre eles, e ainda hoje estão cada vez mais distantes um do outro. A autoindulgência nunca gera amizades fortalecidas, casamentos harmoniosos ou relacionamentos de trabalho cooperativos. Em vez disso, os "altares" dos nossos ídolos estão manchados figurativamente com o sangue do divórcio, da alienação, do ódio e da solidão.

O AMOR EGOCÊNTRICO: DESCONTENTAMENTO

Outro problema grave que se desenvolve a partir de uma vida autocentrada é o descontentamento. As pessoas nunca conseguem obter em medida suficiente aquilo de que precisam para fazê-las felizes (Ec 5.10). Conforme elas olham à sua volta, a pergunta constante é: "E eu?". Se lhes perguntamos se elas têm ou não o suficiente, respondem: "Não sei. Quanto seria?". Algumas são vítimas de suas próprias fantasias idealistas de

como a vida deveria ser. As expectativas irreais que colocam sobre si mesmas e sobre os outros as levam a se sentirem sempre "enganadas". O trabalho não é bom o suficiente, seus filhos não são talentosos o suficiente ou o cônjuge não satisfaz suas necessidades. Tal descontentamento conduz à ira, à autocomiseração e à depressão. Muitas vezes, isso estabelece um círculo vicioso. Uma pessoa se torna irada e deprimida porque não consegue ter aquilo que deseja. Sua depressão se torna uma desculpa para evitar suas responsabilidades. Isso leva à perda de emprego ou à destruição de relacionamentos importantes gerando mais descontentamento e mais respostas negativas, e assim o ciclo continua.

Às vezes, o descontentamento leva a falhas morais graves. O descontentamento no casamento pode levar ao adultério. Quando uma pessoa não se contenta com o que tem, ela pode roubar para conseguir mais ou tornar-se amarga para com aqueles que têm as coisas que ela deseja possuir. As Escrituras nos advertem a não colocar nosso amor às coisas do mundo acima do nosso amor a Deus.

> Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. (1 Jo 2.15,16)

O AMOR CENTRADO EM DEUS: VIVENDO O GRANDE MANDAMENTO

O amor centrado em Deus não se limita ao mero reconhecimento da sua importância. Ele deve ser vivido rotineiramente. A maioria dos cristãos poderia responder corretamente à pergunta: "Qual é o mandamento que Jesus disse ser o mais importante?". No entanto, muitos nunca consideraram

o que isso significa na dinâmica da vida diária. Muitos nem sequer consideraram o fato de que se trata de um *mandamento*. Desobedecê-lo é pecado. O que significa amar a Deus com todo nosso coração, nossa alma e nossa mente? Como o compromisso de obedecer ao Grande Mandamento determina nossa resposta ao quando somo desafiados por uma crise, uma depressão, um estresse ou uma tristeza esmagadora? Os conselheiros devem ajudar seus aconselhados a produzirem uma aplicação prática diária do amor a Deus com todo seu coração, sua alma e sua mente. As tarefas práticas que concentram a atenção do aconselhado em Deus são vitais. Tais tarefas incluem o estudo da Bíblia, o compromisso com a oração e um registro de sua jornada espiritual.

Além dessas tarefas, o conselheiro deve ajudar os aconselhados a crescerem na expressão do caráter de Deus. Isso pode ser feito mostrando-lhes como ajustar seu caráter, sua conduta, suas conversas e seus compromissos para que reflitam o caráter de Deus. Os conselheiros devem ajudar os aconselhados a identificar o que Deus ordena nessas áreas e, em seguida, ensiná-los a implementar especificamente esses mandamentos de maneira correta. Devemos ensinar aos aconselhados como confessar o pecado, arrepender-se e substituir as práticas pecaminosas por práticas piedosas. Deus diz que o amor por Ele é demonstrado em obediência a Ele (Jo 14.21). Os conselheiros devem guiar amorosamente os aconselhados em caminhos de obediência nessas áreas práticas da vida.

O conselheiro deve desafiar o aconselhado a considerar em oração o que pode significar o amor prático pelo próximo. O que significa amar o próximo quando você está ocupado, não sente vontade de amar ou não gosta especificamente daquela pessoa? E se o amor exigir um sacrifício pessoal? E quando o nosso próximo rejeita nossas tentativas de amá-lo? Considere as seguintes advertências das Escrituras:

Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. (Jo 13.34)

E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará. O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressente do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. (1 Co 13.3-7)

Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino; ora, vós sabeis que todo assassino não tem a vida eterna permanente em si. Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos. Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? (1 Jo 3.15-17)

Se há, pois, alguma exortação em Cristo, alguma consolação de amor, alguma comunhão do Espírito, se há entranhados afetos e misericórdias, completai a minha alegria, de modo que penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento. Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros. (Fp 2.1-4)

Abençoai os que vos perseguem, abençoai e não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram. Tende o mesmo sentimento uns para com os outros; em lugar de serdes orgulhosos, condescendei com o que é humilde; não

> sejais sábios aos vossos próprios olhos. Não torneis a ninguém mal por mal; esforçai-vos por fazer o bem perante todos os homens; se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens; não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: *a mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei,* diz o Senhor. *Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça.* Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem. (Rm 12.14-21, grifo do autor)

As tarefas práticas para engajar os aconselhados no serviço ao cônjuge e a outros membros da família, e engajá-los no ministério e no serviço a outras pessoas por meio de sua igreja local, também são necessárias. Conforme as pessoas descobrem um lugar para servir no corpo de Cristo, elas recebem encorajamento em sua caminhada com Cristo e auxílio em seu esforço para amar a Deus e ao próximo. A aplicação prática do Grande Mandamento tira o foco do aconselhado na preocupação consigo mesmo e coloca-o no rumo de uma vida que honra e glorifica a Deus.

CONCLUSÃO

O egoísmo, o descontentamento, os relacionamentos deteriorados, a ira ou a depressão acabam levando muitas pessoas a procurar aconselhamento. O aconselhamento centrado na pessoa, que incentiva os aconselhados a buscarem sua própria gratificação e afirmarem sua "necessidade" de serem satisfeitos e estimados nunca aliviará o descontentamento nem curará os relacionamentos rompidos. A responsabilidade dos conselheiros bíblicos é conduzir as pessoas à Palavra de Deus e ao Grande Mandamento. Por quê? Porque a única cura para o coração idólatra é amar a Deus acima de tudo. Ninguém e

nada mais além de Deus é digno de nossa confiança, devoção e obediência. Amar a Deus significa negar a si mesmo e abandonar os ídolos, envolve reconhecer que Deus é Deus e não há outro Deus acima dEle. Considere as seguintes palavras de advertência:

> Mas a tentação que constantemente nos ataca é a de glorificarmos a nós mesmos – viver a vida como se fôssemos o centro do universo, como se o aumento da nossa reputação fosse uma busca digna, e o nosso contentamento fosse o maior bem do cosmos. É por esse motivo que cada crente precisa ser continuamente confrontado com a exigência de que Deus deve ser honrado como tal. É por isso que o aconselhamento bíblico tem de ser moldado por um compromisso firme e consciente para com a glória de Deus.[20]

Quando aconselhamos, devemos levar as pessoas para longe da pergunta egocêntrica "Como posso fazer para que minhas necessidades sejam satisfeitas?". Devemos levá-las a estarem prontas para perguntar genuinamente "Como posso glorificar e honrar a Deus?". Isso começa ao confrontá-las diretamente com as perguntas "Você ama a Deus com todo seu coração?" e "Você ama os outros como ama a si mesmo?". Uma pessoa não pode supor que terá paz e contentamento se estiver quebrando os mandamentos dos quais "dependem toda a Lei e os Profetas".

Como conselheiros bíblicos, devemos lembrar que o Grande Mandamento não é só para nossos aconselhados, mas para nós também. Nós devemos amar genuinamente aqueles que procuramos aconselhar. Ao fazê-lo, desenvolvemos um coração de compaixão e empatia. Não procuramos permanecer distantes e desligados das lutas dos nossos aconselhados.

20. MacARTHUR, John, MACK, Wayne. **Introdução ao aconselhamento bíblico**. São Paulo, SP: Hagnos, 2004. p. 190.

Jesus proporcionou-nos o modelo perfeito de um conselheiro compassivo. Mesmo em Sua perfeição moral e espiritual, Ele não tratou as pessoas que estavam passando por dificuldades como indignas da sua intervenção. Ele chorou com Maria e Marta, jantou com Zaqueu e tocou o leproso. No entanto, em sua compaixão, Jesus nunca comprometeu a verdade e nunca deixou que aqueles que O procuraram com sinceridade fossem embora sem serem transformados pelo encontro com o Conselheiro Maravilhoso.

CAPÍTULO 8 – PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Como a Palavra de Deus se coloca em pleno desacordo com Maslow e as teorias de Chapman?
2. O que significa amar a Deus?
3. Como a autoatualização e a autorrealização se alinham com aquilo que Deus ensina sobre o amor a Ele e o amor ao próximo? Explique.
4. Como a adoração de si mesmo dificulta o amor ao próximo?
5. Como o descontentamento impacta a vida de alguém?
6. Como viver no dia a dia o princípio do amor?
7. "O aconselhamento centrado na pessoa, que incentiva os aconselhados a buscarem sua própria gratificação e afirmarem sua "necessidade" de serem satisfeitos e estimados nunca aliviará o descontentamento nem curará os relacionamentos rompidos." O que você pensa a respeito dessa afirmação?
8. De acordo com este capítulo, qual é a cura para um coração idólatra?
9. De acordo com este capítulo, quando aconselhamos, de qual pergunta precisamos resgatar as pessoas?
10. De acordo com este capítulo, quando aconselhamos, a qual pergunta precisamos conduzir as pessoas?

CAPÍTULO 9

A GRANDE COMISSÃO E O ACONSELHAMENTO BÍBLICO

David Penley

O **EVANGELISMO É** uma parte importante de cada ministério da igreja. Jesus estabeleceu o evangelismo como uma prioridade ao fazer de Suas últimas palavras na terra antes de subir ao céu foram o que chamamos de a Grande Comissão:

> Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século. (Mt 28.19,20)

Se o evangelismo é um aspecto vital de todos os ministérios da igreja, isso deve incluir o ministério de aconselhamento. Thomas Sigley esclarece muito bem essa questão quando escreve:

> Ao longo do tempo, reconheci como é crítico para o aconselhamento incluir o evangelismo. O maior problema no "aconselhamento" do descrente é sua depravação e a sentença de morte sob a qual ele vive.[1]

Evidentemente, nem todos os cristãos que atuam nas profissões de ajuda concordam com isso. Quando seguimos a sabedoria do mundo em lugar da de Deus, conforme já vimos anteriormente, somos levados a algumas ideias contrárias à Bíblia. A maioria das profissões de ajuda segue um código de ética que é desenvolvido a partir da sabedoria do homem. Infelizmente, muitos cristãos que atuam nesse campo seguem tais códigos, e muitas organizações cristãs usam esses códigos seculares para desenvolver seu próprio código. Já vimos um exemplo disso no capítulo sobre como construir relacionamentos. O evangelismo é outra área que sofre quando a sabedoria do mundo ganha precedência sobre a sabedoria de Deus.

Outro exemplo da sabedoria secular das profissões de ajuda é o conceito de consentimento informado. O código de ética da *National Association of Social Workers*, por exemplo, afirma o seguinte sob o título de consentimento informado:

> Os assistentes sociais só devem fornecer serviços ao cliente no contexto de uma relação profissional, quando apropriado, e em consentimento informado. Os assistentes sociais devem usar uma linguagem clara e perceptível para informar os clientes do propósito dos serviços, os riscos inerentes a esses serviços e o seu

1. SIGLEY, Thomas. "Evangelism implosion: reaching the hearts of non-Christian counselees". **Journal of Biblical Counseling**, v. 17, n. 1, p. 7, 1998.

> limite, devido à necessidade de uma terceira entidade na sua qualidade financiadora, da existência de custos, de alternativas, da possibilidade de o cliente recusar ou requerer o consentimento e o tempo de duração deste consentimento. Os assistentes sociais devem dar ao cliente a oportunidade de colocar questões.[2]

Essa ideia de consentimento informado levou um professor de assistência social cristão a escrever:

> Abordar as questões espirituais e religiosas com clientes em uma dimensão adequada é uma prática competente e holística, mas se envolver diretamente no evangelismo em um relacionamento profissional quase nunca é ético, pois geralmente envolve o risco de exploração de uma relação vulnerável sem a integridade do consentimento informado.[3]

Ele vai além em sua rejeição a uma atuação evangelística na relação de ajuda quando escreve:

> Se você está convencido de que o chamado de Deus para você é o evangelismo no sentido de uma proclamação direta, então você deve ser um evangelista e não um assistente social (ou um enfermeiro, um vendedor de carro, um gerente de financiamentos).[4]

Nas Escrituras, não existe essa separação entre a profissão de uma pessoa e sua responsabilidade de ser sensível às oportunidades para compartilhar sua fé. Paulo teria errado em continuar a ser um fabricante de tendas, enquanto, ao mesmo tempo, praticava evangelismo como vemos em At 18.1-5:

2. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ASSISTENTES SOCIAIS. **Código de Ética**. Disponível em www.cpihts.com/Library/C%25F3digo.htm. Padrões éticos 1.02 (a). Acesso em 30 de outubro de 2016.
3. SHERWOOD, David A. "Ethical integration of faith and social work practice: evangelism". **Social Work and Christianity**, v. 29, p. 1, Spring 2002.
4. Ibid., p. 8.

> Depois disto, deixando Paulo Atenas, partiu para Corinto. Lá, encontrou certo judeu chamado Áquila, natural do Ponto, recentemente chegado da Itália, com Priscila, sua mulher, em vista de ter Cláudio decretado que todos os judeus se retirassem de Roma. Paulo aproximou-se deles. E, posto que eram do mesmo ofício, passou a morar com eles e ali trabalhava, pois a profissão deles era fazer tendas. E todos os sábados discorria na sinagoga, persuadindo tanto judeus como gregos. Quando Silas e Timóteo desceram da Macedônia, Paulo se entregou totalmente à palavra, testemunhando aos judeus que o Cristo é Jesus.

O fato é que devemos estar prontos para compartilhar o evangelho em todas as oportunidades, e isso inclui o aconselhamento. Neste capítulo, consideraremos a importância do aconselhamento de descrentes e os métodos para tanto.

POR QUE ACONSELHAMOS OS DESCRENTES

Conforme vimos no capítulo sobre a doutrina do homem, todos os problemas das pessoas são, em última análise, resultantes do pecado. Os problemas podem ser resultado direto de nosso próprio pecado. Os problemas podem ser resultado da nossa resposta pecaminosa ao pecado de alguém ou por vivermos em um mundo pecaminoso. De qualquer forma, nossa natureza pecaminosa está na raiz do problema. Isso significa que os problemas pessoais devem ser tratados espiritualmente. A resposta para eles está na Palavra de Deus. A complicação é que, a menos que tenhamos o Espírito Santo habitando em nós para que possamos compreender o que Deus nos ensina por meio das Escrituras, não seremos capazes de receber a ajuda das Escrituras para responder a qualquer questão com que estejamos lidando. Nós nem mesmo aceitaremos que Deus e Sua Palavra são a resposta para lidar com nosso problema.

Como Paulo escreve em Rm 8.8, "os que estão na carne não podem agradar a Deus".

Em 1 Co 2.14, Paulo também escreve sobre a necessidade de o homem ser salvo para que seja capaz de tratar plenamente os seus problemas: "Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente". O homem natural é a pessoa que não tem o Espírito Santo. Ele não é necessariamente mau, estúpido ou até mesmo uma pessoa não religiosa. No entanto, por não ter o Espírito Santo, ele não tem o que é necessário para compreender as verdades espirituais. As verdades de Deus viram de ponta-cabeça a sabedoria do mundo, como já vimos ao longo deste livro. Isso significa que os valores pelos quais ele viveu toda a sua vida precisam ser invertidos. Tal inversão deve ser gerada por uma mudança do coração e da mente que vem sob a liderança do Espírito Santo, e o Espírito Santo só vem por meio da fé pessoal em Jesus Cristo.[5]

Para poder receber uma ajuda real por meio do aconselhamento, é necessário, portanto, que se trate de alguém espiritual ou, em outras palavras, que tenha o Espírito Santo. C. K. Barrett afirma:

> A pessoa que tem o Espírito Santo é capaz de analisar e avaliar todas as coisas porque ela não só está inspirada para entender o que vê, mas também está equipada com um padrão moral pelo qual todas as coisas podem ser medidas [...]. Um homem julga corretamente e com segurança caso tenha nascido de novo [...] e nada mais.[6]

5. BARRETT, C. K. **A commentary on the First Epistle to the Corinthians**. New York: Harper and Row, 1968. (Harper's New Testament Commentaries). p. 76-7.
6. Ibid., p. 77-8.

Isso significa que um aconselhado descrente não será capaz de responder à Palavra de Deus. A regeneração pelo Espírito Santo é, portanto, um pré-requisito para a obediência e para a mudança bíblica por parte do aconselhado.

O poder do Espírito Santo só vem por meio da salvação, e esta só vem por meio da fé em Jesus Cristo. Foi Jesus mesmo quem disse: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6). Pedro, ao pregar sobre Jesus, disse que "não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos" (At 4.12). Isso significa que no caso de um aconselhado descrente, o evangelismo não só é aceitável, mas é essencial. Thomas Sigley escreve:

> Aconselhamento bíblico e evangelismo bíblico são peças do mesmo molde: a mesma verdade sobre Deus, a mesma verdade sobre a natureza humana e a mesma graça poderosa. O aconselhamento e o evangelismo caminham juntos.[7]

Se não entendermos isso nosso aconselhamento será ineficaz e deixará de produzir mudança de vida em uma pessoa conforme Deus quer que ocorra.

COMO ACONSELHAR OS DESCRENTES

Uma vez que concordamos sobre a necessidade de fazer do evangelismo uma parte do processo de aconselhamento, devemos, então, considerar o processo para se fazer isso. Olharemos agora para vários aspectos da questão. Em primeiro lugar, iremos nos certificar de que entendemos corretamente a pessoa que estamos aconselhando e sua necessidade. Em seguida,

7. SIGLEY, Thomas. "Evangelism implosion: reaching the hearts of non-Christian counselees". **Journal of Biblical Counseling**, v. 17, n. 1, p. 7, 1998.

ofereceremos algumas orientações para o aconselhamento de descrentes.

COMO VEMOS O ACONSELHADO

A primeira coisa que devemos fazer no aconselhamento de descrentes é ter certeza de que estamos vendo o aconselhado da maneira correta. A Tabela 1 nos ajuda a ver a diferença entre como olhamos para um aconselhado descrente e como olhamos para um aconselhado crente.

Tabela 1
Aconselhamento de Crentes × Aconselhamento de Descrentes

COMO VER OS DESCRENTES	COMO VER OS CRENTES
1. Veja os problemas como resultado da natureza pecaminosa.	1. Veja os problemas como resultado da natureza pecaminosa.
2. Veja a necessidade de ter a Cristo, o Senhor, como a única solução para a natureza pecaminosa.	2. Veja a necessidade de restabelecer Cristo em Seu devido lugar como Senhor.
3. Veja a necessidade de obedecer às instruções da Palavra de Deus.	3. Veja a necessidade de obedecer às instruções da Palavra de Deus.

Esse quadro confirma aquilo que discutimos na seção anterior. O descrente precisa de Cristo como Salvador e da resultante presença do Espírito Santo. O crente, por outro lado, precisa restabelecer a Cristo como Senhor, e dar liberdade ao Espírito Santo que foi entristecido e apagado pela desobediência a Deus e à Sua Palavra. O resultado é que tanto os descrentes quanto os crentes podem ficar livres para aceitar a Palavra de Deus, podem ser ajudados para que a compreendam e podem ser capacitados para que a vivam. No entanto, precisamos discernir qual é e como está o relacionamento

daquela pessoa com Cristo e começar por ali, conforme a Tabela 1 nos explica.

A verdade é que só Cristo traz mudança real duradoura. Deus deixa isso claro em Sua Palavra, por meio de Paulo, em 1 Co 6.9-11:

> Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus. Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus.

Essa passagem, depois de trazer uma lista de pecados horríveis, esclarece que esses vícios podem ser vencidos com Cristo. Cristo transforma a escória da humanidade em filhos de Deus. William Barclay escreve com precisão: "O poder de Cristo ainda é o mesmo. Nenhum homem pode mudar a si mesmo, mas Cristo pode mudá-lo".[8]

O aconselhamento secular pode ser capaz de reformar um aconselhado, ou conformá-lo a um padrão estabelecido por alguém – geralmente, o próprio padrão do aconselhado ou o padrão do conselheiro. Nosso objetivo, porém, não é uma reforma nem uma conformação. É uma transformação para ser parecido com Cristo. Conforme Paulo escreve em Rm 8.29: "Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho". Ele também escreveu em 2 Co 3.18: "Mas todos nós, com o rosto desvendado, contemplando como em um espelho a glória do Senhor, somos transformados na mesma imagem de glória em glória, como pelo Senhor, o Espírito". Ambas as

8. BARCLAY, William. **The letters to the Corinthians**. Philadelphia, PA: The Westminster Press, 1956. (The Daily Study Bible). p. 60.

passagens confirmam que Deus, mediante a obra do Espírito Santo, transforma-nos para sermos parecidos com Cristo. Em outras palavras, somos capazes de conduzir uma vida mais parecida com a de Cristo e de glorificar mais a Deus. Esse é o Seu propósito ou objetivo para nós.[9]

Se esse é o objetivo de Deus, deve ser o nosso como conselheiros. Devemos conduzir os aconselhados a Deus e Sua Palavra, e deixar o Espírito Santo fazer Sua obra, usando a Palavra para mover a pessoa em direção à meta de ser parecida com Cristo. Conforme já dissemos antes, para a pessoa ter o Espírito Santo, ela deve primeiramente receber a Cristo como Salvador e Senhor. Para que isso aconteça, devemos primeiramente lhe falar a respeito de Cristo. Paulo deixa isso evidente em Romanos.

O fato de que não podemos aconselhar os incrédulos é uma simples verdade bíblica. Portanto, devemos procurar levá-los a Cristo para que possamos lhes oferecer o verdadeiro aconselhamento bíblico.

RECONHEÇA AS OPORTUNIDADES

O aconselhamento proporciona oportunidades para evangelizar, pois proporciona oportunidades para entrar em contato com os descrentes. Nós (John e David) trabalhamos com uma igreja local para desenvolver um ministério de aconselhamento na igreja. Evidentemente, estávamos disponíveis aos membros da igreja, mas também colocamos um cartaz do lado de fora dizendo que oferecíamos aconselhamento bíblico. Ficamos espantados com o número de descrentes que vieram em busca de aconselhamento.

9. GARLAND, David E. **2 Corinthians**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 1999 (New American Commentary), v. 29, p. 200-1; HARRIS, Murray J. 2 Corinthians. In: GAEBELEIN, Frank E. (edit,) **The expositor's Bible commentary**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1976. v. 10, p. 338; MOUNCE, Robert H. **Romans**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 1995. (New American Commentary, v. 27), p. 189.

A *Faith Church* em Lafayette, Indiana, tem um amplo ministério de aconselhamento bíblico. Durante uma conferência de aconselhamento bíblico naquela igreja, seu pastor, Steve Viars, afirmou que mais pessoas chegam a confiar em Cristo como Salvador e Senhor por meio do ministério de aconselhamento do que por qualquer outro ministério na igreja, incluindo aqueles especificamente destinados a alcançar os descrentes.[10]

As pessoas que procuram o aconselhamento fazem-no por vontade própria. Eles marcam um encontro com você e lhe dão, no mínimo, uma hora ininterrupta de seu tempo. Você não sonha com esse tipo de oportunidade evangelística? Deus as coloca ali, diante de nós. Devemos ser sensíveis e estar abertos à liderança do Espírito Santo em nossa vida à medida que tais oportunidades se apresentam.

MÉTODOS PARA EVANGELIZAR OS DESCRENTES NO ACONSELHAMENTO

Quando uma pessoa nos procura para aconselhamento, uma das primeiras coisas que devemos fazer é verificar algumas informações específicas a seu respeito que nos ajudarão a auxiliá-la. Descobrimos fatos como sua situação familiar, seu estado de saúde, a razão por que ela procurou aconselhamento ou que tipo de ajuda ela espera receber de nossa parte. As pessoas que vêm a nós para aconselhamento já esperam se submeter a tal sondagem. Uma das coisas que precisamos nos certificar é sobre a condição espiritual do aconselhado. Se você descobrir que a pessoa não é crente, torna-se sua responsabilidade apresentar-lhe Cristo. Apenas oferecer-lhe uma resposta dirigida a seu problema não é adequado. Você

10. VIARS, Steve. **Understanding the power of alcohol abuse.** Layfayette, IN: Faith Baptist Church, 2004. Notas de workshop apresentado na National Association of Nouthetic Counselors Annual Conference, 6 outubro 2004.

não será capaz de lidar plenamente com o problema até que a pessoa conheça a Cristo.

Cristo é o nosso exemplo. Durante Seu ministério, Jesus deu respostas aos problemas óbvios das pessoas, mas Ele também deu uma resposta à sua maior necessidade – a espiritual. Já vimos no capítulo anterior como Jesus ministrou a um cego de nascença em Jo 9, curando-o não apenas fisicamente, mas certificando-se de que o homem tivesse também a oportunidade de conhecer e crer nEle como o Messias.

Ainda que pudéssemos ajudar uma pessoa na solução do problema apresentado sem chegar à sua raiz espiritual e sem nos certificar de que ela conhece a Cristo como Salvador e Senhor, poderíamos muito bem prejudicar com isso a obra que Deus deseja fazer na vida dela. As Escrituras nos ensinam que Deus permite que as provações ou as dificuldades atinjam nossa vida com o propósito de nos apontar para Ele e para que possamos crescer em nossa caminhada para ficarmos mais parecidos com Cristo. Tiago, por exemplo, escreve:

> Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficiente. (Tg 1.2-4)

Tiago argumenta que as provações são dolorosas, mas elas produzem algo bom – um caráter mais parecido com o de Cristo. De fato, sem essas dificuldades, alguns aspectos de caráter nunca seriam desenvolvidos. Deus também usa essas provações para nos purificar das características de uma fé imatura.[11] O escritor de Hebreus concorda com isso. Em uma passagem que vimos anteriormente, o autor de Hebreus diz que

11. LEA, Thomas D. **Hebrews and James**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 1999 (Holman New Testament Commentary, v. 10). p. 257-8.

Deus nos disciplina como um pai amoroso para ajudar a nos mover rumo à santidade, assim como Ele é santo: "Pois eles nos corrigiam por pouco tempo, segundo melhor lhes parecia; Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade" (Hb 12.10). Dessa forma, se procurarmos oferecer ajuda a alguém sem que a pessoa tenha um relacionamento com Cristo, poderemos aliviar temporariamente sua dor, mas não lidaremos de verdade com sua necessidade e com aquilo que Deus está procurando fazer na vida dela. Nós nos tornaremos um obstáculo e não um instrumento de ajuda no agir de Deus.

Uma vez identificada a condição espiritual da pessoa, se descobrimos não se tratar de um crente em Cristo, nós nos movemos para a etapa seguinte. Explicamos claramente à pessoa que ela não pode receber plena ajuda para lidar com o problema apresentado a menos que lide antes com alguns problemas subjacentes. Mais uma vez, isso fará sentido para a maioria das pessoas por ser um entendimento comum em nosso mundo psicologizado. A diferença está em qual creditamos ser o problema subjacente.

Comece o processo de abordar as "questões subjacentes" mostrando ao aconselhado a verdade bíblica sobre qual é o problema do homem de maneira geral: o pecado. Você pode usar as referências bíblicas que vimos anteriormente no capítulo sobre nossa compreensão do homem. O aconselhado precisa entender que seu problema é ainda maior do que pensava. No entanto, não devemos deixá-lo preso a esse cenário desesperador. Devemos dar-lhe a esperança de que a solução pode ser ainda mais poderosa do que ele jamais imaginou. Devemos dar-lhe a certeza de que ele não precisa apenas aprender a lidar com o problema. Ele pode vencê-lo.

Em seguida, explique o que a Bíblia oferece como solução para esse problema: Cristo. Mais uma vez, você pode usar as passagens bíblicas contidas nos capítulos anteriores sobre Deus

e o homem. Seja como for que você apresente a mensagem do evangelho, ela deve ser apresentada no início e diversas outras vezes ao longo do processo de aconselhamento, até que a pessoa tenha Jesus como seu Senhor ou até que ela pare de procurá-lo para o aconselhamento. Não demore a apresentar o evangelho pensando que você poderá fazê-lo em algum outro momento ao longo do processo. Você não sabe se um descrente continuará a procurá-lo. Além disso, como já foi dito, aceitar a Cristo é algo essencial para o inteiro processo de aconselhamento.

Você pode usar conteúdo bíblico que aponte para a necessidade do aconselhado e para a provisão de Deus por meio de Cristo nas tarefas práticas que você der para ele fazer entre os encontros de aconselhamento. Isso permitirá que o Espírito Santo revele essas verdades e trabalhe na vida do aconselhado entre um encontro e outro. Devemos confiar que Deus trabalhará por meio de Sua Palavra conforme Ele promete em Is 55.11: "Assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei".

Devemos também ser pacientes com aqueles a quem ministramos, sejam eles crentes ou descrentes. Paulo nos encoraja em uma passagem que já examinamos extensivamente no início do livro, dizendo que devemos ser "longânimos para com todos" (1 Ts 5.14). Ele também faz um apelo a seu jovem estagiário Timóteo: "Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina" (2 Tm 4.2). Paulo estava dizendo a Timóteo e a nós que devemos pregar o evangelho aos descrentes e devemos corrigir os crentes quando estes estiverem errados, mas devemos fazê-lo com a paciência que nos permite ministrar sem ficarmos irados e que também impede que nos cansemos e abandonemos o ministério.[12] Como Paulo escreve em Gl 6.9:

12. LEA, Thomas D., GRIFFEN, Hayne P. Jr. **1, 2 Timothy, Titus.** Nashville, TN: Broadman & Holman, 1992 (New American Commentary, v. 34). p. 242-3.

"não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos".

Enquanto a pessoa estiver comparecendo fielmente aos encontros de aconselhamento, seguindo nosso conselho e fazendo as tarefas práticas entre os encontros, devemos continuar a trabalhar com ela. Devemos orar, pedindo a Deus que nos dê sabedoria para discernir como continuar a apontar a pessoa em direção a Ele, e que Ele trabalhe naquela vida para atraí-la a Seu Filho como Jesus prometeu em Jo 3.14,15: "E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna". Mais adiante, Jesus disse em Jo 12.32: "E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo". Se o aconselhado parar de dar atenção ao seu conselho, ou deixar de fazer as tarefas práticas, você precisará considerar a possibilidade de interromper o aconselhamento. Geralmente, a própria pessoa deixará de procurá-lo se ela se cansar da sua forma de aconselhar, mas enquanto isso não acontecer, continue a lhe apresentar as boas novas de Deus com amor e paciência.

CONCLUSÃO

Muitos dos que atuam nas profissões de ajuda, tais como o aconselhamento e o serviço social, não acreditam que o evangelismo faça parte do processo de aconselhamento. Defendemos nesse capítulo que ele não só é apropriado, mas é essencial, pois o aconselhamento bíblico está baseado na Palavra de Deus, não nas palavras de homens. A Palavra de Deus afirma claramente que o propósito de Deus é que as pessoas tenham um relacionamento pessoal com Ele por meio da fé em Cristo, e cresçam em santidade e semelhança de Cristo. Parecer-se mais com Cristo não é possível sem conhecê-lO. Não é possível, portanto, aconselhar alguém sem ter a certeza de que essa

pessoa conhece a Cristo como seu Salvador e Senhor e, se ela não O conhecer, devemos nos assegurar de que ela tenha a oportunidade de fazê-lo. Nós que somos conselheiros bíblicos devemos estar dispostos a proclamar corajosamente ao lado de Paulo: "Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego" (Rm 1.16).

CAPÍTULO 9 – PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Qual a importância da evangelização no ministério de aconselhamento? Explique.
2. Por que devemos aconselhar os descrentes?
3. Qual deve ser nosso ponto de vista sobre os descrentes?
4. Qual é uma das primeiras coisas que devemos fazer quando procuramos aconselhar um descrente?
5. Por que é importante mostrar aos descrentes que seu problema básico está ligado à sua necessidade do evangelho?
6. Você deve aproveitar todas as oportunidades que tiver para apresentar o evangelho a um descrente ou pode esperar até que ele volte para o encontro seguinte? Explique.
7. Você pode aconselhar uma pessoa se ela não conhecer a Cristo como Senhor? Explique.
8. "Muitos dos que atuam nas profissões de ajuda, tais como o aconselhamento e o serviço social, não acreditam que o evangelismo faça parte do processo de aconselhamento". Como você responde a essa afirmação?
9. Como Deus quer que uma pessoa venha a ter um relacionamento com Ele?
10. Como Deus quer que uma pessoa cresça após estabelecer seu relacionamento com Ele?

CAPÍTULO 10

OS ASPECTOS FUNDAMENTAIS DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

John Babler

DEPOIS DE TER recebido treinamento para integrar as ciências comportamentais em meu aconselhamento, Deus começou a me mostrar a verdade de que Sua Palavra é suficiente para a tarefa de aconselhar. As verdades apresentadas nos capítulos anteriores estavam começando a tomar forma, mas eu estava diante de um desafio. A ideia de ministrar a Palavra de Deus para pessoas feridas era muito animadora, mas eu não tinha certeza de como fazê-lo. Como muitos, eu tinha sido treinado para ver a Bíblia essencialmente como um livro a ser estudado. Eu o havia estudado formalmente no seminário, lido regularmente, estudado para ensinar e para pregar, e havia ouvido excelentes sermões. Conforme

comecei a entender a suficiência da Palavra de Deus, percebi que não tinha sido ensinado a como ministrar a Bíblia e que não sabia aplicá-la, especialmente nas situações de aconselhamento. Quando aprendi a ver as Escrituras de forma diferente, comecei minha busca nesse sentido. Eu me dei conta de que o foco principal do plano de Deus para a vida cristã é a aplicação das Escrituras. Deus tem sido gracioso, pois conforme comecei a priorizar a memorização e a aprendizagem das Escrituras com o objetivo de ajudar pessoas feridas, Ele foi me dando muitas oportunidades para eu ministrar aquilo que tenho aprendido. Frequentemente, o Espírito tem me levado a usar, de uma maneira que nunca imaginei, as porções das Escrituras que já memorizei ou que esteja estudando no momento.

Um candidato a seminarista (irei chamá-lo de "Tom") e sua esposa (irei chamá-la de "Tina") foram visitar o campus do Southwestern certa manhã. Tom havia servido na marinha e estava para se aposentar dentro de poucos meses. Ao se aposentar, ele queria aprender a ajudar as pessoas de maneira mais efetiva e estava interessado em estudar em um seminário. Enquanto conversávamos, Tina ficou conversando com minha secretária, que também era aluna. Tom comentou comigo sua preocupação com o fato de que sua esposa não compreendia o chamado dele. Consegui sinalizar para minha secretária que Tina talvez não fosse crente. Ela pôde apresentar o evangelho para Tina, que entregou sua vida a Cristo. Quando contei para Tom a boa notícia, ele disse: "Isso é ótimo! Agora, eu mesmo gostaria de entender o meu chamado". Perguntei a Tom como ele tinha conhecido o Senhor e ele me contou que durante um tempo de licença em terra, cerca de dez anos atrás, ele e seus amigos se envolveram em bebedeiras e em imoralidade sexual. Num domingo de manhã, um dos amigos sugeriu irem à igreja, e vários foram. No final do culto, Tom e alguns outros responderam ao apelo. Ele contou que o pastor impôs as mãos e orou

para que ele recebesse o Espírito Santo. Perguntei-lhe se sua vida havia mudado desde aquele encontro e ele disse que talvez tivesse mudado por alguns dias, mas não muito desde então.

Enquanto eu orava e considerava a melhor forma de compartilhar o evangelho com Tom, concluí que uma abordagem evangelística tradicional não seria eficaz. Pensei em como ministrar as Escrituras e lembrei-me de uma passagem que havia memorizado:

> Ora, as obras da carne são conhecidas e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glutonarias e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como já, outrora, vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam. Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei. E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências. (Gl 5.19-24)

Eu nunca havia considerado usar essa passagem para o evangelismo. No entanto, orientado pelo Espírito Santo, abri minha Bíblia e pedi a Tom que lesse esses versículos. Perguntei-lhe se sua vida poderia ser mais bem descrita pelas obras da carne ou pelo fruto do Espírito. Ele respondeu que seria pelas obras da carne. Perguntei-lhe o que a passagem dizia a respeito dele, e ele respondeu: "Ela diz que estou indo para o inferno". Pude, então, compartilhar plenamente o evangelho e Tom entregou sua vida a Cristo naquela manhã.

Em oração, precisamos estar abertos e buscar oportunidades de ministrar a Palavra de Deus em situações formais e informais de aconselhamento. Deus é gracioso no sentido de que Ele frequentemente dá aos conselheiros bíblicos principiantes a oportunidade de usar os versículos que já conhecem

ou que estão aprendendo. Não deixe que sua falta de experiência ou de conhecimento bíblico o mantenha afastado da tarefa de aconselhar. Construa seu ministério sobre o fundamento e a convicção da suficiência e superioridade da Palavra de Deus para a tarefa de aconselhar, estudando diligentemente a Palavra (2 Tm 2.15), buscando em oração a sabedoria e a orientação do Espírito Santo e buscando, quando necessário, o conselho sábio e piedoso de outros conselheiros que têm o mesmo propósito.

Este capítulo traz os fundamentos básicos para o processo de aconselhamento. Ele trata das motivações e dos alvos do aconselhamento, e explica três tarefas básicas do aconselhamento bíblico.

AS MOTIVAÇÕES E OS ALVOS

Muitos de nós são atraídos para o aconselhamento porque se preocupam com os outros e querem ajudar. No contexto de uma cultura baseada na tolerância e de aconselhamentos, predominantemente não diretivos, centrados no cliente, muitas vezes definimos ajuda em termos subjetivos e emocionais. Falando sem rodeios, na maioria das vezes, definimos ajuda como o processo de auxiliar outra pessoa a sentir-se melhor. Muitos acreditam que para agir melhor, uma pessoa deva se sentir melhor. As Escrituras ensinam que para se sentir melhor, a pessoa deve agir melhor. Considere o conselho de Deus a Caim:

> Então, lhe disse o SENHOR: Por que andas irado, e por que descaiu o teu semblante? Se procederes bem, não é certo que serás aceito? Se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz à porta; o seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo. (Gn 4.6,7)

Deus estava ciente dos sentimentos de ira de Caim. A pergunta de Deus sobre a ira e o semblante (um estado emocional perturbado) de Caim mostra que ele tinha uma escolha quanto a irar-se e que era responsável por isso. Embora Deus reconhecesse a ira de Caim e o impacto que ela tinha sobre seu semblante, Ele não se concentrou nisso, mas chamou Caim à obediência e a um comportamento correto.

O relato sobre Elias em 1 Rs 19 é outro exemplo a considerar. Em resposta à ameaça de Jezabel contra sua vida (v. 2), Elias foge, expressa o desejo de morrer e deita-se para dormir (vv. 4,5). Um anjo manda Elias comer e beber e assim ele recebeu alimento que o sustentou durante uma viagem de 40 dias até Horebe (vv. 5-8). Em resposta à pergunta de Deus no versículo 9: "Que fazes aqui, Elias?", ele expressa a Deus sua frustração:

> Ele respondeu: Tenho sido zeloso pelo SENHOR, Deus dos Exércitos, porque os filhos de Israel deixaram a tua aliança, derribaram os teus altares e mataram os teus profetas à espada; e eu fiquei só e procuram tirar-me a vida. (1 Rs 19.10)

Nos versos 11 e 12, Deus providencia um exemplo de Seu poder e de Sua glória e, em seguida, volta a perguntar: "Que fazes aqui, Elias?" e ele repete sua resposta anterior. Deus não responde imediatamente às queixas de Elias, mas, em vez disso, atribui-lhe a tarefa de "ir" e ungir Jeú como rei e Eliseu como profeta (vv. 15-17). No versículo 18, Deus responde à queixa repetida de Elias quanto a ser o único que restou, mencionando que havia em Israel outros 7 mil que não tinham se dobrado a Baal.

Deus estava obviamente ciente das emoções e dos sentimentos de Elias. Deus supriu as necessidades físicas dele e revelou-Se mais ao profeta em meio à sua crise, mas Deus não se concentrou em fazê-lo sentir-se melhor. Um conhecimento mais profundo de Deus, uma correção de perspectiva,

o suprimento das necessidades físicas e a atribuição de um ministério constituíram o conselho de Deus para Elias e um bom modelo para seguirmos. José, Jonas, Jeremias, Davi, Paulo e outros mais enfrentaram situações de crise e tiveram sentimentos e emoções bastante significativos. No entanto, o foco da Palavra de Deus não está em sentimentos ou emoções humanos, mas sim em Deus e em Seu plano. O foco em ajudar as pessoas a se sentirem melhor é produto de uma antropologia centrada no homem e não na obediência centrada em Deus, que permite o verdadeiro crescimento.

Em vez de sermos motivados pelo desejo de ajudar as pessoas tendo como alvo que elas se sintam melhor, nosso aconselhamento deve ter o foco voltado para Deus. Nossa motivação para o aconselhamento deve ser glorificar e honrar a Deus. Nosso alvo para aqueles que aconselhamos deve ser desafiá-los e ajudá-los para que glorifiquem e honrem a Deus. Em sua conclusão sobre uma discussão a respeito de comer ou não comer a carne sacrificada aos ídolos, Paulo afirma: "Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus" (1 Co 10.31). Pedro enfatiza a importância de usar nossos dons para ministrar de tal maneira que Deus seja glorificado:

> Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus. Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus; se alguém serve, faça-o na força que Deus supre, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém! (1 Pe 4.10,11)

Alguns poderiam argumentar que não é preciso dizer que o aconselhamento deve glorificar a Deus e que ajudar as pessoas glorifica a Deus. A realidade é que se não o dissermos, é provável que essa não seja a motivação e o alvo do nosso aconselhamento.

Quando honrar a Deus é a nossa motivação e o alvo do aconselhamento, conseguimos vencer a tentação de tornar o aconselhamento superficialmente agradável ou até mesmo de deixar de falar a verdade em amor (Ef 4.15). Considere o aconselhamento de uma mulher que, de certa forma, foi duramente ferida por seu marido. O marido não participa do encontro de aconselhamento, mas conforme prosseguimos com a avaliação do caso, torna-se claro que ele pecou realmente contra ela e que ela está legitimamente muito magoada. Sentimos compaixão por essa mulher e ficamos com raiva de seu marido. Seria fácil concentrarmo-nos em sua dor e no pecado de seu marido. Percebemos que ela está ferida e não queremos magoá-la ainda mais. Seria fácil dar-lhe uma oportunidade para falar de forma crítica sobre seu marido e até mesmo poderíamos nos juntar a ela nesse aspecto. Se nosso alvo for ajudá-la e estivermos baseados em uma antropologia centrada no homem, concentraremos nossa atenção em seus sentimentos e permitiremos que ela os expresse. Seremos reticentes em lidar com qualquer aspecto que pudesse levá-la a sentir-se pior.

No entanto, se basearmos nosso aconselhamento em uma antropologia centrada em Deus e nos concentrarmos deliberadamente em glorificar a Deus em nosso aconselhamento, nossa abordagem será diferente. Deus é compassivo, amoroso e misericordioso. Uma abordagem centrada em Deus deve ouvir compassivamente, oferecer palavras de compreensão e compartilhar versículos bíblicos que a incentivem, mas não para por aqui. Com base na ideia de autoconfrontação, que apresentaremos de forma mais completa a seguir, compartilharemos amorosamente versículos bíblicos que a ajudem a considerar de que forma sua vida está alinhada com as Escrituras. A razão pela qual o conselheiro deve manter firmes em sua mente a motivação e o alvo de glorificar a Deus é a existência de muitas situações como essa. Para que Deus receba glória em tais situações, teremos de chamar todas as pessoas, mesmo

aquelas que se consideram vítimas, a avaliar sua vida pelo padrão da Palavra de Deus.

Aconselhei uma mulher que me disse que seu marido estivera a trabalho no exterior durante nove meses. Após seu retorno, ele lhe contou que havia se envolvido com outra mulher enquanto estava fora. Ele também lhe disse que estava planejando deixar a família e voltar a viver com aquela mulher. Meu coração se compadeceu com ela, eu a ouvi e compartilhei com ela versículos bíblicos para lembrá-la do amor e do conforto de Deus. À medida que eu via e ouvia a dor que ele tinha causado na vida de sua esposa, e pensava na dor que seu plano ainda causaria a ela e a seus filhos, eu fui ficando irado com ele. Eu queria confrontá-lo com a verdade da Palavra de Deus, mas ele não estava presente. Depois de lhe perguntar sobre seu relacionamento com o Senhor, e ela me dar uma resposta consistente, expliquei-lhe que por ele não estar presente, nós só poderíamos concentrar nosso foco nela e naquilo que Deus queria que ela fizesse. Lemos nas Escrituras sobre o papel de uma esposa cristã e lhe passei uma tarefa prática para ajudá-la a iniciar o processo de autoconfrontação. À medida que Deus operava em sua vida em meio a essa crise, seu marido mudava de atitude. Ele veio ao aconselhamento e, finalmente, arrependeu-se, e ambos começaram o processo de reconciliação. Mais tarde, ela me disse que ficou frustrada após nosso primeiro encontro. Até então, todos os seus amigos cristãos haviam se juntado a ela para atacar seu marido e sentir pena dela, mas eu havia falado com ela sobre seu próprio pecado e seu relacionamento com Deus. Ela contou que apesar de sua frustração, enquanto dirigia para casa, o Espírito Santo lembrou-lhe que aquilo que eu havia compartilhado com ela era a verdade das Escrituras. Isso a motivou a iniciar o processo por meio do qual Deus a transformou e promoveu uma mudança de atitude em seu marido. Se a minha motivação e meu alvo não tivessem sido glorificar a Deus, eu não a teria confrontado

amorosamente, mas teria me juntado aos seus amigos que estavam procurando "ajudá-la". Criticar seu marido e concentrar-me no pecado dele certamente não a teria levado rumo à reconciliação.

No processo de aconselhamento, bem como em boa parte da vida cristã, Deus nos ordena e nos conduz frequentemente a fazer coisas que não queremos fazer. Lembro-me disso repetidamente no meu trabalho com os alunos que não querem vir para o seminário ou não querem se mudar para Fort Worth. É desconfortável para nós ter de confrontar até mesmo amorosamente alguém que já está enfrentando uma dor e é difícil confrontar com mansidão (não com raiva) alguém que pecou contra outra pessoa e a feriu. Quando nos concentrarmos em glorificar a Deus, somos lembrados de que o aconselhamento não deve ser feito do jeito que nos agrada, mas deve estar centrado em Deus. Jesus deu um grande exemplo para seguirmos quando Ele orou no jardim "[...] não se faça a minha vontade, e sim a tua" (Lc 22.42).

"TIRA PRIMEIRO A TRAVE DO TEU OLHO"

Os conselheiros eficazes reconhecem a necessidade de manter a humildade durante seu ministério. Aconselhar de acordo com os fundamentos estabelecidos nos capítulos anteriores leva naturalmente a uma perspectiva que enfatiza Deus e Sua Palavra, não o conselheiro. Esse aconselhamento não dependente da formação acadêmica ou do treinamento profissional do conselheiro, nem de seus diplomas, de um registro profissional nem mesmo de sua experiência. Uma dependência humilde de Deus, de Sua Palavra e Seu Espírito é a marca do conselheiro eficaz. No processo de aconselhar e confrontar outras pessoas, é importante que o conselheiro pratique a disciplina da autoconfrontação em primeiro lugar. A passagem fundamental para esse conceito encontra-se em Mt 7:

> Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão. (Mt 7.3-5)

As palavras mais duras de Jesus foram reservadas para os hipócritas. Jesus desafiou aqueles que se concentram nos problemas dos outros sem antes confrontarem a si mesmos e se refere a eles e a tal "ministério" como hipócritas. Aqueles que praticam o aconselhamento bíblico precisam propositadamente e em oração colocar em ordem a própria vida de modo a evitar que sejam condenados como hipócritas.

Antes de falar a verdade em amor e confrontar um aconselhado com as Escrituras, o conselheiro deve primeiro examinar a si mesmo. Quando perguntaram a Jesus qual mandamento era o mais importante, ele respondeu: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento" (Mt 22.37). Discutimos detalhadamente no Capítulo 8 o uso do Grande Mandamento no aconselhamento, mas ao tratarmos da autoconfrontação é oportuno lembrar que quase todas as pessoas que você aconselhará não terão Deus como prioridade em sua vida. O desafio para o conselheiro é confrontar a si mesmo em primeiro lugar e tirar a trave do seu próprio olho. Em meio aos desafios da vida, é fácil perder nossa paixão por Deus e não tê-lO como nossa prioridade. Isso pode estar muito evidente na vida daqueles que aconselhamos, mas precisamos estar atentos também às indicações sutis da nossa própria desobediência ao Grande Mandamento. Quando você for confrontar um aconselhado sobre o relacionamento que ele tem com Deus, considere seu próprio compromisso com o Senhor. Seu relacionamento com o Senhor tem crescido? Você tem estudado, meditado,

memorizado a Palavra de Deus e seu amor por ela tem crescido? Você tem orado regularmente? Sua vida de oração está cada vez mais fervorosa? Essas e outras perguntas parecidas podem ajudar a tirar a trave do seu próprio olho.

Jesus continuou a responder ao intérprete da lei, dizendo: "O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mt 22.39). É provável que aqueles que você aconselha não estejam tampouco obedecendo ao segundo mandamento. Na maioria das vezes, é fácil detectar a desobediência de um aconselhado em amar seu próximo, mas você precisa examinar também o seu amor ao próximo. Como está seu relacionamento com seus familiares? Eles são as pessoas mais próximas de você. Você os serve e mostra o seu amor por eles? Você está empenhado também em ministrar, evangelizar e servir aqueles que não pertencem à sua família?

Outra possível preocupação para os conselheiros que buscam tirar a trave dos olhos é a área da mente. Podemos nos tornar arrogantes e hipócritas quando nos deparamos, frequentemente, com aqueles que lutam contra problemas evidentes de pecado e pensamos que, em comparação, estamos nos comportando bem. Isso pode ser um problema contínuo, e o antídoto mais eficaz é lembrarmos que Jesus é nosso padrão de comparação, não os outros. Quando nos comparamos com Ele, há sempre algo a melhorar. Deus está certamente preocupado com nosso comportamento, mas Ele também está preocupado com nossa atitude e com nossos pensamentos. Jesus ensinou claramente isso no Sermão do Monte. Dois trechos nos trazem claros desafios:

> Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que sem motivo se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a

> julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo. (Mt 5.21,22)
>
> Ouvistes que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela. (Mt 5.27,28)

Deus está preocupado com nosso coração. Para que o conselheiro esteja limpo diante de Deus e sem uma trave em seu próprio olho, ele deve ser diligente na avaliação de si mesmo à luz da Palavra de Deus. A autoconfrontação com base na motivação e no alvo de honrar a Deus é o primeiro passo para um aconselhamento eficaz.

O PROCESSO DE MUDANÇA BÍBLICA

Muitas pessoas consideram a Bíblia como um livro de "nãos", "não faça". Aqueles que aconselham com a Bíblia são acusados de ser simplistas. Essa acusação é levantada frequentemente contra nós porque, supostamente, nós nos concentramos demais no pecado e nas regras das Escrituras. Às vezes, as pessoas nos dizem que agora vivemos na época da graça, não da lei. Porém, como vimos acima, Jesus não eliminou as exigências da lei, mas ressaltou o desejo de Deus de que elas sejam parte do todo em nosso ser. Ele quer que sejamos justos, santos e obedientes. Para nós que vivemos debaixo da graça, Deus providencia transformação por meio de Cristo e o poder por meio do Espírito Santo para que Seus filhos O sigam integralmente.

A Bíblia não é um livro que nos impõe limitações. Por meio da Bíblia, o Deus do universo, onisciente, orienta-nos para que possamos viver de maneira que O glorifique. Às vezes, o conselheiro tem de ajudar o aconselhado a pensar sobre as "regras" de maneira um pouco diferente.

Frequentemente, falo sobre o caminho que nos leva às montanhas cobertas de neve do Colorado para a prática do esqui. Menciono as paisagens bonitas, a estrada de mão dupla que forma um perfeito zigue-zague e, por vezes, fica coberta gelo e neve, acompanhada por uma ribanceira muito íngreme. Comento, então, que ao contemplar aquele barranco, sou grato pelos *guard rails*. Espero nunca precisar deles, mas fico feliz com o fato de estarem lá. Essa é uma ilustração útil quando mostramos aos aconselhados a aplicação de passagens bíblicas que nos servem de "*guard rails*" para a vida.

A Bíblia não apenas providencia os "*guard rails*" para os nossos aconselhados, mas também apresenta um processo para que cura e mudança verdadeiras possam acontecer. Trata-se do processo de substituição positiva, ou seja, "despir-se/revestir-se". Frequentemente, os cristãos procuram aconselhamento e afirmam que sabem que aquilo que estão fazendo é errado, mas que simplesmente não conseguem parar. Isso é particularmente comum para aqueles que lutam contra pecados escravizadores tais como álcool, drogas e vários pecados sexuais. Os cristãos que evidenciam frutos em sua vida ainda podem lutar contra uma variedade de pecados que os deixam cansados e sem esperança.

Quando a pessoa está motivada para o aconselhamento, muitas vezes é fácil conseguir que ela concorde em deixar o pecado que está causando o problema. Foi fácil conseguir que o marido mencionado no Capítulo 4 assumisse o compromisso de parar de ver pornografia. Ele estava motivado para vir ao aconselhamento e receber ajuda e, como cristão, ele foi rápido em expressar o desejo de mudar as áreas pecaminosas de sua vida. Se ele havia sido bem-sucedido anteriormente e havia parado de ver conteúdo pornográfico, fora provavelmente algo com curta duração, visto que o pecado sexual não é algo fácil de vencer. Parte do caminho para a mudança bíblica e a cura é o compromisso inicial de amar a Deus evidenciado

por confissão do pecado e arrependimento, e um compromisso com a mudança. Isso envolve uma mudança de mente. Paulo trata da importância de rejeitar os caminhos do mundo e de uma transformação em nosso pensamento.

> Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. (Rm 12.1,2)

A completa renovação da nossa mente envolve fazer mudanças que refletem com precisão nossa nova atitude. O método bíblico para a mudança é a substituição dos comportamentos pecaminosos por ações que honram a Deus. Devemos conscientemente deixar de lado ou nos despir do velho eu e nos revestir do novo homem.

> No sentido de que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso entendimento, e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade. (Ef 4.22-24)

Começando pelo nosso homem interior, Deus nos desafia a reconhecer quem somos e quem éramos. A frase "e vos renoveis no espírito do vosso entendimento" indica que o processo de despir–revestir não é algo que pode ser feito na carne, mas que requer a renovação de Deus. Como "novas criaturas" em Cristo, possuímos o poder de viver a vida santificada em Cristo (2 Co 5.17; Gl 2.20).

Paulo prossegue para algumas aplicações específicas do princípio da substituição positiva, tratando de questões específicas.

> Por isso, deixando a mentira, fale cada um a verdade com o seu próximo, porque somos membros uns dos outros. (Ef 4.25)

> Aquele que furtava não furte mais; antes, trabalhe, fazendo com as próprias mãos o que é bom, para que tenha com que acudir ao necessitado. (Ef 4.28)

> Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, e sim unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade, e, assim, transmita graça aos que ouvem. (Ef 4.29)

> Longe de vós, toda amargura, e cólera, e ira, e gritaria, e blasfêmias, e bem assim toda malícia. Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou. (Ef 4.31,32)

Aqueles que lutam contra a mentira são instruídos a falar a verdade. O roubo deve ser substituído pelo trabalho e pela contribuição, as palavras torpes, substituídas por palavras que edificam os outros, e a amargura, cólera, raiva, gritaria e blasfêmias devem ser substituídas por palavras gentis, bondosas e de perdão. Essas substituições encontram aplicação prática no processo de aconselhamento.

O conceito de "despir-se e revestir-se" não se limita apenas à carta aos efésios. Outras passagens trazem exemplos gerais e específicos da mudança bíblica. Exemplos gerais de substituição positiva estão em Rm 13 e Cl 3.

> Vai alta a noite, e vem chegando o dia. Deixemos, pois, as obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz. Andemos

> dignamente, como em pleno dia, não em orgias e bebedices, não em impudicícias e dissoluções, não em contendas e ciúmes; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências. (Rm 13.12-14)

> Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena: prostituição, impureza, paixão lasciva, desejo maligno e a avareza, que é idolatria; por estas coisas é que vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência. Ora, nessas mesmas coisas andastes vós também, noutro tempo, quando vivíeis nelas. Agora, porém, despojai-vos, igualmente, de tudo isto: ira, indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena do vosso falar. Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou. (Cl 3.5-10)

Muitos aconselhados lutam contra a ansiedade. Aqueles que lutam contra pensamentos ansiosos sentem-se incapazes de superá-los e perdem a esperança. Ajudá-los a ver que com a ajuda de Deus eles podem começar a substituir os pensamentos ansiosos pela oração é algo muito encorajador. A ideia de que eles podem vivenciar a paz de Deus é um grande incentivo também.

> Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus. (Fp 4.6,7)

Aqueles que vivem ansiosos, ou lidam com questões como "transtorno obsessivo-compulsivo", pecados sexuais escravizadores ou drogas são desafiados não apenas no que diz respeito ao comportamento, mas também quanto os seus pensamentos.

Muitos acreditam que não podem dominá-los. As afirmações como "Eu não posso fazer nada"; "Eu simplesmente não consigo parar de pensar nisso" são comuns. Ao aconselharmos aqueles que lutam contra seus pensamentos, 2 Co 10.3-5 oferece uma perspectiva útil:

> Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnais, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo.

A passagem ensina que não estamos entregues aos nossos pensamentos e que eles podem ser levados cativos à obediência de Cristo. Ela também mostra que levar cativos os nossos pensamentos é algo que acontece no contexto de uma guerra espiritual. Muitos pensamentos são "especulações" e alguns "levantam-se contra o conhecimento de Deus". Ensinar esses conceitos pode ajudar o aconselhado a ver que ele precisa rejeitar muitos dos pensamentos responsáveis por sua ansiedade. O processo de levar cativos os pensamentos acontece no contexto de uma guerra espiritual e oferece ao conselheiro uma oportunidade para ensinar Ef 6.11,12:

> Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes.

O conceito bíblico de substituição positiva permite ao conselheiro "ministrar" a Palavra de Deus viva e eficaz, em vez "receitar" um versículo bíblico. Ele providencia um contexto no qual o conselheiro pode encorajar e desafiar o aconselhado

com a lembrança de quem ele é, de quais são as expectativas de Deus em relação ao seu comportamento e seus pensamentos, e com a necessidade de um processo evidente de mudança.

DANDO ESPERANÇA

As pessoas que temos oportunidade de aconselhar lidam com muitos desafios singulares, mas um sentimento de desesperança está presente em quase todos os casos. Em alguns, essa desesperança pode parecer pequena: "Eu simplesmente não consigo colocar minha vida em ordem". Em outros, ela é muito séria: "Eu simplesmente não encontro razão para viver"; "Eu não tenho nada que me motive a viver". Nós já discutimos em detalhes que o aconselhamento fundamentado nas Escrituras proporciona muitos benefícios que uma abordagem secular do aconselhamento não pode proporcionar. Uma antropologia bíblica clara, que reconhece o pecado e insiste no relacionamento com Cristo, é necessária porque a mudança verdadeira é o alicerce do aconselhamento bíblico. Um diagnóstico bíblico claro dos problemas existentes, o foco em Deus como o agente de mudança, e a necessidade de arrependimento viabilizam uma mudança duradoura.

Dar uma esperança bíblica verdadeira é um benefício essencial para o aconselhamento eficaz. Dizer ao aconselhado que Deus preocupa-se com ele e que a Bíblia tem as respostas para seus problemas é o primeiro passo para ajudá-lo a ter uma esperança bíblica verdadeira.

O perdão e a liberdade da escravidão do pecado, que está disponível pelo poder do Espírito Santo, fazem com que a mudança verdadeira e duradoura seja possível. Quando o aconselhado se arrepende e abandona seus pecados, ele é capaz de substituir os velhos padrões pecaminosos de comportamento por uma nova maneira de agir que honra a Deus.

Um passo importante para dar esperança e promover a mudança é garantir ao aconselhado o seu compromisso de caminhar com ele nos momentos difíceis. O aconselhamento bíblico pode ser incômodo e demorado. Jesus nos deu um exemplo vivo de compromisso com o Seu Pai e de abnegação no ministério ao próximo. A vida de Jesus foi marcada por interrupções. Devemos esperar o mesmo. À medida que investimos em nossos aconselhados com relacionamentos que honram a Deus e cujo foco é Deus, nós os encorajamos em meio às suas lutas dando-lhes um exemplo de como ser parecidos com Cristo.

Muitas passagens das Escrituras fazem referência à esperança e podem ser vitais para dar esperança aos aconselhados. A esperança que a Bíblia apresenta não consiste na idealização de um evento desejado ou em pensamentos positivos, mas baseia-se no alicerce seguro do próprio Deus. As Escrituras nos lembram frequentemente da esperança do céu e da esperança da nossa salvação à medida que dão instruções práticas para uma vida que honra a Deus.

> Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo, por meio de quem obtivemos acesso pela fé a esta graça na qual agora estamos firmes; e nos gloriamos na esperança da glória de Deus. Não só isso, mas também nos gloriamos nas tribulações, porque sabemos que a tribulação produz perseverança; a perseverança, um caráter aprovado; e o caráter aprovado, esperança. E a esperança não nos decepciona, porque Deus derramou seu amor em nossos corações, por meio do Espírito Santo que ele nos concedeu. (Rm 5.1-5)

> Pois nessa esperança fomos salvos. Mas, esperança que se vê não é esperança. Quem espera por aquilo que está vendo? Mas se esperamos o que ainda não vemos, aguardamo-lo pacientemente. (Rm 8.24,25)

> Pois tudo o que foi escrito no passado, foi escrito para nos ensinar, de forma que, por meio da perseverança e do bom ânimo procedentes das Escrituras, mantenhamos a nossa esperança. (Rm 15.4)

Estude as passagens acima e outras relacionadas à esperança. Use-as para ministrar aos seus aconselhados a esperança em Deus. À medida que você ministrar a verdadeira esperança centrada em Deus, ela trará motivação e encorajamento. O seu ministério fiel da Palavra estabelecerá um contraste entre a esperança em Deus e a aparente esperança que o mundo oferece ao aconselhado aflito.

CONCLUSÃO

Aconselhar pessoas que lutam contra problemas graves e significativos pode parecer algo esmagador e assustador. Lembre-se de que sua capacidade para aconselhar de maneira efetiva não está nos diplomas, no conhecimento, na experiência nem nos registros profissionais que você possui, mas no fato de que Deus o transformou por meio de Cristo. Dessa forma, você tem Sua Palavra e tem o poder e a direção do Espírito Santo. Os fundamentos do aconselhamento apresentados neste capítulo oferecem uma base sólida para dar honra e glória a Deus em seu aconselhamento bíblico. À medida que você se mantiver fiel ao seu alvo de glorificar a Deus, vidas serão transformadas.

CAPÍTULO 10 – PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Nosso alvo no aconselhamento deve ser ajudar as pessoas para que se sintam melhor ou para que glorifiquem a Deus? Explique.

2. O que nos impede de falar a verdade em amor no aconselhamento? Explique.
3. Devemos levar as pessoas vitimadas e acatarem o padrão de Deus para elas no contexto de seu sofrimento? Explique.
4. Explique o conceito de "tirar a trave do próprio olho".
5. Explique o processo de mudança bíblica.
6. O que torna possível uma mudança duradoura?
7. Quais versículos bíblicos podemos considerar para transmitir esperança aos aconselhados?
8. De acordo com esse capítulo, o que lhe dá capacidade para aconselhar de maneira efetiva?
9. "O aconselhamento bíblico pode ser incômodo e demorado". Como você responde a essa afirmação?
10. "Dizer ao aconselhado que Deus preocupa-se com ele e que a Bíblia tem as respostas para seus problemas é o primeiro passo para ajudá-lo a ter uma esperança bíblica verdadeira." Como você responde a essa afirmação?

CAPÍTULO 11

O RELACIONAMENTO ENTRE O CONSELHEIRO E O ACONSELHADO NO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

David Penley

NESTE CAPÍTULO VAMOS tratar de como construir um relacionamento com o aconselhado. O aconselhamento quase sempre é bem-sucedido ou não dependendo do relacionamento que você é capaz de estabelecer com a pessoa que está aconselhando.[1] Muitas vezes, procuramos aconselhar sem considerar esse elemento-chave e falhamos de maneira lastimável. Embora o aconselhamento bíblico seja norteado pelo problema e sua solução, não devemos agir mecanicamente e

1. VENTER, C. J. H. "Guidelines for the praxis of pastoral counseling". **Journal of Biblical Counseling**, v. 10, n. 3, p. 60, 1991.

nos concentrar apenas no problema. Devemos lembrar que quem tem o problema é uma pessoa. Assim, em última análise, devemos nos concentrar na pessoa.[2]

Se você deixar de construir um relacionamento com o aconselhado antes de começar a lidar com o problema e confrontar o pecado, é provável que ele o veja como um inimigo em vez de um aliado que só deseja o seu bem.[3] Construir um relacionamento com o aconselhado nos proporciona tempo para conhecê-lo melhor e descobrir o que realmente está no coração do problema, além de permitir que ele veja nosso coração e saiba que nós o amamos em Cristo, e que, de fato, desejamos o seu bem, conforme Deus nos revela por meio da Sua Palavra. Dessa forma, torna-se muito mais provável que a pessoa seja receptiva à nossa admoestação no momento em que esta for necessária.

Provérbios 27.6 diz: "Leais são as feridas feitas pelo que ama, porém os beijos de quem odeia são enganosos". Provérbios 27.9 afirma que "o amigo encontra doçura no conselho cordial". Allen P. Ross escreve que "as feridas do amigo 'são leais' porque são destinadas a corrigir".[4] É muito mais provável que uma pessoa esteja aberta a receber um conselho, ou mesmo uma admoestação, que venha de alguém em quem ela confia. Wayne Mack afirma corretamente:

> Somos mais receptivos ao conselho daqueles que sabemos que estão conosco e nos apoiam. Eles podem falar francamente conosco sobre nossos erros, e embora possamos ficar incomodados temporariamente, logo percebemos que eles estão apenas procurando nos ajudar porque se preocupam conosco. Por outro lado, quando alguém estranho a nós ou alguém que

2. MACK, Wayne. "Developing a Helping Relationship with Counselees". **Journal of Biblical Counseling**, v. 13, n. 1, p. 5-6, 1994.
3. Ibid., p. 6.
4. ROSS, Allen P. *Proverbs*. In: GAEBELEIN, Frank E. (edit,) **The expositor's Bible commentary**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1991. v. 5, p. 1096.

> consideramos um inimigo nos critica, nossa tendência é agir de forma defensiva, suspeitando de suas motivações.[5]

Quando Paulo aconselha por meio de suas cartas, nós o vemos usar os relacionamentos que ele estabeleceu. Ele começa suas cartas a Timóteo e Tito, dois jovens pastores de quem era mentor, com palavras que evidenciam o estreito relacionamento que acredita ter com eles. Em 1 Tm 1.2, encontramos estas palavras: "a Timóteo, verdadeiro filho na fé". Em 2 Tm 1.2, lemos: "Ao amado filho Timóteo". Em Tt 1.4, Paulo escreve: "A Tito, verdadeiro filho, segundo a fé comum". Esses são apenas alguns exemplos do uso que Paulo faz da linguagem familiar para enfatizar um relacionamento que lhe dá a autoridade para admoestar esses jovens com amor. Em outras cartas, vemos Paulo lembrar aos cristãos das cidades onde havia estado o quanto ele se esforçara para construir um relacionamento com eles. Ele escreveu aos crentes de Tessalônica:

> Embora pudéssemos, como enviados de Cristo, exigir de vós a nossa manutenção, todavia, nos tornamos carinhosos entre vós, qual ama que acaricia os próprios filhos; assim, querendo-vos muito, estávamos prontos a oferecer-vos não somente o evangelho de Deus, mas, igualmente, a própria vida; por isso que vos tornastes muito amados de nós. (1 Ts 2.7,8)

Em At 20.31, uma passagem que examinaremos em detalhes mais adiante, podemos ver o tipo de esforço que Paulo fez para construir tais relacionamentos. Aqui Paulo despede-se dos líderes da igreja em Éfeso com estas palavras: "Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um". O propósito de salientar para seus leitores esses relacionamentos era prepará-los para

5. MACK, Wayne. "Developing a Helping Relationship with Counselees". **Journal of Biblical Counseling**, v. 13, n. 1, p. 6, 1994.

os ensinamentos, inclusive as admoestações, que ele estava para lhes dar. Paulo queria que eles estivessem receptivos às suas palavras e sabia que ajudaria se os lembrasse do cuidado mútuo que havia entre eles.

A construção de relacionamentos com o propósito de aconselhar não precisa tomar muito tempo. Muitas vezes, conforme mostramos nos capítulos anteriores, visto que o aconselhamento acontece no contexto da igreja, podemos já ter um relacionamento estabelecido com o aconselhado. Podemos, então, ir direto ao cerne da questão com uma rapidez bem maior e, às vezes, quase que imediatamente. No entanto, também aconselhamos pessoas que não conhecemos bem, com as quais ainda não estabelecemos esse relacionamento. Precisamos de tempo para fazê-lo, mas não precisa ser um processo demorado.

Neste capítulo, discutiremos como estabelecer um relacionamento que resulte em um aconselhamento mais eficaz. Discutiremos também algumas armadilhas que devemos evitar enquanto estabelecemos esses relacionamentos, mas começaremos por descrever o que não queremos dizer quando nos referimos a um relacionamento com o aconselhado.

COMO NÃO DEVEM SER OS RELACIONAMENTOS NO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

Quando falamos em construir um relacionamento, não estamos pensando no estabelecimento de uma relação profissional conselheiro/cliente conforme é ensinado no campo secular e em boa parte do aconselhamento cristão. Esse tipo de relacionamento vê o conselheiro como um especialista que possui um conhecimento específico a ser transmitido a quem ele está aconselhando. O aconselhado é visto como um cliente. Ele é uma pessoa que simplesmente contratou o serviço de um conselheiro mediante pagamento e com o propósito de adquirir conhecimento para "curar" sua "doença psicológica".

Nessa filosofia de aconselhamento não há relacionamento nenhum exceto uma relação profissional entre o conselheiro e o cliente. Na verdade, o conselheiro deve seguir o código de ética de sua profissão, que inclui a proibição de "relação dual".[6] O que são relações duais, segundo a definição de grupos como a *American Psychological Association*? As relações duais ocorrem quando um psicólogo desempenha um papel profissional com uma pessoa ao mesmo tempo em que desempenha outro papel com a mesma pessoa ou com alguém intimamente ligado a ela, e ocorrem até mesmo se o conselheiro promete entrar em um relacionamento com o cliente no futuro. Basicamente, considera-se que qualquer relacionamento fora da sala de aconselhamento seja proibido.

A pergunta para aqueles que pertencem à igreja é: "Como você pode ministrar a alguém sem poder ter um relacionamento com essa pessoa?". A resposta é que você não pode. Como já vimos na introdução deste capítulo, proibir as "relações duais" não é bíblico. Essa proibição não nos permite ministrar às pessoas como Deus nos chama a fazer. Ela pode parecer certa para aqueles que praticam o aconselhamento secular, no qual a Palavra de Deus não é nem mesmo levada em conta. No entanto, estabelecer um relacionamento deve importar para aqueles que carregam o nome de Cristo.

COMO DEVEM SER OS RELACIONAMENTOS NO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

Se os relacionamentos no aconselhamento bíblico não são definidos conforme descrito na seção acima, então como os definimos? Poderíamos chamá-los de uma relação entre pares. O conselheiro e o aconselhado são irmãos na fé que procuram se tornar mais parecidos com Cristo, que é o alvo da vida cristã

6. **Nota do Tradutor:** O autor refere-se aqui ao código de ética profissional dos Estados Unidos.

e, portanto, o alvo do aconselhamento bíblico. Ambos são pecadores salvos pela graça. Poderíamos entender que seria um relacionamento entre discípulo/discipulador. O aconselhamento é parte do ministério contínuo de discipulado da igreja, embora de forma mais intensiva. O conselheiro passa a ser o discipulador que ensina ao discípulo a Palavra de Deus e como aplicá-la na área em que o discípulo está lutando.

Isso mantém o conselheiro humilde. Ele não é o "especialista" que transmite seu conhecimento superior. Ele é um crente mais maduro que ajuda outro crente a descobrir o que a Palavra de Deus oferece para guiá-lo em sua luta, de acordo com as palavras de Paulo em Rm 12.3: "Porque, pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém; antes, pense com moderação, segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um". É por isso que a autoconfrontação, de que tratamos no capítulo anterior, é tão importante. Ela nos mantém humildes.

Se quisermos ter esse tipo de relacionamento discípulo/discipulador com as pessoas que aconselhamos, é preciso estabelecer envolvimento com elas. Isso significa que temos de desenvolver empatia com elas. Empatia é a nossa disposição para encarnar o amor de Deus de forma que as pessoas venham a confiar que nós só desejamos realmente o bem delas. Isso é muito importante porque é difícil para o aconselhado confiar em um estranho e abrir-se honestamente com ele. A menos que haja confiança, é difícil para o aconselhado ir além dos problemas superficiais. A menos que haja confiança, é difícil para o aconselhado receber ajuda e comprometer-se com a mudança. Wayne Mack escreve:

> No aconselhamento, como em outros relacionamentos, devemos reconhecer que *nosso impacto e nossa influência na vida das pessoas estão geralmente relacionados* à percepção que elas têm *de nós*. É por isso que o envolvimento é tão importante

> para o processo de aconselhamento. Normalmente, o processo de aconselhamento é verdadeiramente eficaz somente quando um nível aceitável de envolvimento tenha sido estabelecido.[7]

COMO DESENVOLVER UM RELACIONAMENTO DE ACONSELHAMENTO COM O ACONSELHADO

Estabelecemos que é importante construir um relacionamento ou um envolvimento com as pessoas que aconselhamos. Como fazer isso? Podemos sugerir diversas maneiras. Esta não é uma lista exaustiva, mas é um bom ponto de partida para ajudá-lo à medida que você procura ganhar a confiança do aconselhado.

1. Seja você mesmo. Não procure mostrar ao aconselhado o quanto você é excelente e o grande conhecimento que você possui. Não seja como os conselheiros seculares que querem ser reconhecidos como especialistas e querem ter certeza de que o cliente entende o seu lugar. Lembre-se de que você está procurando estabelecer um relacionamento diferente. Você está à procura de um relacionamento entre irmãos na fé que caminham juntos. Você não deve apontar para como você é maravilhoso, mas para como Deus é maravilhoso. Como Paulo escreve em 1 Co 2.1-5:

> Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado. E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em

7. MACK, Wayne. "Developing a Helping Relationship with Counselees". **Journal of Biblical Counseling**, v. 13, n. 1, p. 6, 1994.

> demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus.

Paulo não queria que o foco estivesse nele mesmo, mas em Cristo. Ele sabia que era necessário que o Espírito Santo trabalhasse por meio dele e de suas palavras para que o aconselhamento fosse eficaz. Ele sabia que sua sabedoria nunca resultaria em bem nenhum. É somente a sabedoria de Deus que faz a diferença na vida de uma pessoa. É esse o tipo de humildade que devemos ter. Nós nunca devemos dizer ao aconselhado que temos as respostas para ele ou que podemos ajudá-lo. Devemos dizer que Deus tem as respostas e irá ajudá-lo. Portanto, seja você mesmo e lembre-se de que você é fraco e impotente sem o poder do Espírito Santo.

2. Seja compassivo e sinceramente interessado. Romanos 12.15 expressa isso de uma bela forma: "Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram". Em outras palavras, temos empatia pelas pessoas. Procuramos ouvi-las e entender realmente o que elas estão passando. Isso significa que não fingimos entender o aconselhado, significa que fazemos perguntas que nos ajudam a entendê-lo. Conforme Deus nos ensina em Pv 18.13: "Responder antes de ouvir é estultícia e vergonha". Ouvir atentamente e perguntar sobre a situação da pessoa são maneiras de demonstrar cuidado com ela. Procurar compreender a situação do aconselhado nos leva a desenvolver compaixão por ele, e essa compaixão ficará evidente em nossas palavras e ações, à medida que ministrarmos a ele. Vemos isso muitas vezes na vida de Jesus. Por exemplo, em Lc 7.12,13, lemos: "Como se aproximasse da porta da cidade, eis que saía o enterro do filho único de uma viúva; e grande multidão da cidade ia com ela. Vendo-a, o Senhor se compadeceu dela e lhe disse: Não chores!". Nessa passagem, a palavra traduzida

como "ver" significa "ver com percepção ou significado".[8] Jesus pôde ver a necessidade profunda daquela mulher.[9] Ele não viu somente a mulher e seu filho morto. Ele viu sua necessidade, e quando ele entendeu essa necessidade, isso O levou a ter compaixão por ela. A palavra traduzida como "compaixão" significa literalmente "ser movido nas entranhas ou nas partes internas do corpo". Ela significa "sentir profundamente" por alguém.[10] Como William Barclay declara: "Não há palavra mais forte na língua grega para compaixão, comiseração e sentimento [...]. O Filho de Deus [...] comoveu-se nas profundezas de Seu ser".[11] Ele ficou tão comovido porque viu realmente o que a mulher estava passando. Quando investirmos tempo para escutar os aconselhados e orar pela ajuda de Deus para ouvirmos e entendermos verdadeiramente o que eles estão passando, nós, também, sentiremos grande compaixão. Essa compaixão irá brilhar naturalmente na maneira de nos relacionarmos com o aconselhado.

3. Diga que você se preocupa com ele. As pessoas precisam ouvir isso. Paulo nos dá exemplo disso em Fp 1.8, quando escreve: "Pois minha testemunha é Deus, da saudade que tenho de todos vós, na terna misericórdia de Cristo Jesus".

4. Ore sinceramente pelo aconselhado. Não há maneira melhor para mostrar sua compaixão do que orar sinceramente pelo aconselhado e com ele. Vemos isso ao longo dos escritos de Paulo. Em Ef 1.15-19, por exemplo, lemos:

8. ZODHIATES, Spiros. **The complete word study dictionary New Testament.** Chattanooga, TN: AMG Publishers, 1992. p. 508.
9. SCHWEIZER, Eduard. **The good news according to Luke.** Atlanta, GA: John Knox Press, 1984. p. 133.
10. KITTEL, Gerhard, FRIEDRICH, Gerhard. **Theological dictionary of the New Testament.** Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1985. p. 1067; ZODHIATES, Spiros. **The complete word study dictionary New Testament.** Chattanooga, TN: AMG Publishers, 1992. p. 1306.
11. BARCLAY, William. **The Gospel of Luke.** Philadelphia, PA: The Westminster Press, 1956. p. 85-6.

> Por isso, também eu, tendo ouvido da fé que há entre vós no Senhor Jesus e o amor para com todos os santos, não cesso de dar graças por vós, fazendo menção de vós nas minhas orações, para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele, iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos e qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder.

Vimos anteriormente nesse capítulo a relação profunda que Paulo construiu com os cristãos de Éfeso e seu amor profundo por eles. Aqui, em sua oração por eles, esse amor e essa compaixão se revelam. Vemos algo semelhante em Fp 1.3-11:

> Dou graças ao meu Deus por tudo que recordo de vós, fazendo sempre, com alegria, súplicas por todos vós, em todas as minhas orações, pela vossa cooperação no evangelho, desde o primeiro dia até agora. Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus. Aliás, é justo que eu assim pense de todos vós, porque vos trago no coração, seja nas minhas algemas, seja na defesa e confirmação do evangelho, pois todos sois participantes da graça comigo. Pois minha testemunha é Deus, da saudade que tenho de todos vós, na terna misericórdia de Cristo Jesus. E também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção, para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo, cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus.

Devemos nos comprometer a orar por nossos aconselhados e com eles durante os encontros. Não tenha medo de parar no meio de um encontro e orar com a pessoa quando você "enxergar" algo que o mova a isso. Seu gesto mostrará uma

grande compaixão. Devemos também nos comprometer a orar fielmente por nossos aconselhados entre os encontros.

5. Mostre-lhe honra e respeito. Romanos 12.10 nos diz: "Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros". Filipenses 2.3 nos diz: "Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo". Em 1 Pe 2.17, lemos: "Tratai todos com honra, amai os irmãos, temei a Deus". Precisamos ver as necessidades do aconselhado como mais importantes que as nossas e tratá-las adequadamente. Uma maneira de fazer isso é por nossa forma de falar com os aconselhados. Não devemos ser rudes, desonrosos, duros nem condescendentes em nossas palavras ou em nosso tom de voz. Novamente, as Escrituras têm muito a dizer sobre nossa forma de falar com os outros. Provérbios 16.21 diz: "O sábio de coração é chamado prudente, e a doçura no falar aumenta o saber". Paulo escreve em Ef 4.29: "Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, e sim unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade, e, assim, transmita graça aos que ouvem". Mais uma vez, Paulo escreve em 2 Tm 2. 24,25:

> Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e sim deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente, disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade.

Wayne Mack nos ajuda a compreender a importância da nossa maneira de falar com os aconselhados quando escreve:

> Nos casos em que o aconselhado demonstra pouco respeito pelo conselheiro, talvez seja porque o conselheiro tenha demonstrado

> pouco respeito pelo aconselhado. É uma questão de colher aquilo que o conselheiro semeou. Dessa forma, quando aqueles a quem procuramos ajudar deixam de olhar para nós para receber orientação (como pensamos que deveriam), a primeira pergunta que precisamos fazer a nós mesmos é: "Será que eu os honrei como Deus ordena que eu faça?".[12]

6. Leve a pessoa a sério. Isso significa que quando eles dizem que são pecadores, maus, culpados, ou qualquer outra coisa horrível, não devemos simplesmente desconsiderar suas palavras ou dizer que estão errados. Eles podem não estar errados. Quando Jesus ministrou à mulher samaritana junto ao poço em João 4, Ele poderia ter desconsiderado a pecaminosidade dos seus relacionamentos com os homens. Quando Jesus pediu, no versículo 16, que ela fosse buscar seu marido e voltasse com ele, sua resposta foi: "Não tenho marido" (v. 17). Talvez nós teríamos deixado passar, ainda que conhecêssemos a verdade sobre sua situação, mas isso foi algo que Jesus claramente não fez. Afinal, não gostaríamos de magoá-la nem de correr o risco de ofendê-la, e até mesmo de possivelmente vê-la ir embora. Jesus escolheu levar a sério o pecado que Ele sabia existir na vida dela. Jesus respondeu à mulher com estas palavras: "Bem disseste, não tenho marido; porque cinco maridos já tiveste, e esse que agora tens não é teu marido; isto disseste com verdade" (vv. 17-18). Quando Jesus encontrou o jovem rico em Mc 10, o jovem perguntou o que ele precisaria fazer para ganhar a vida eterna (v. 17). Jesus respondeu com uma lista de mandamentos que o jovem disse ter seguido durante toda sua vida (vv. 19,20). Jesus poderia simplesmente ter encerrado a conversa por ali. Afinal, a passagem menciona Sua compaixão pelo homem (v. 21). No entanto, Jesus levou a sério a pergunta inicial justamente porque amava e tinha compaixão pelo jovem. Ele sabia

12. MACK, Wayne. "Developing a Helping Relationship with Counselees". **Journal of Biblical Counseling**, v. 13, n. 1, p. 8, 1994.

que havia algo mais profundo a ser tratado entre aquele jovem rico e Deus. Então Jesus, honestamente, foi além em Sua resposta e lhe disse: "Só uma coisa te falta: Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; então, vem e segue-me" (v. 21). A resposta do jovem foi aquela que mais temeríamos. Se levarmos um aconselhado a sério e lhe respondermos com tamanha honestidade, poderemos levá-lo a afastar-se de nós. Por isso a história termina assim: "Ele, porém, contrariado com esta palavra, retirou-se triste, porque era dono de muitas propriedades". Precisamos seguir o exemplo de Jesus. Quando alguém diz que é extremamente mau, não devemos desconsiderar isso. Devemos perguntar: "Por quê?". Quando alguém nos faz uma pergunta, devemos responder com toda a honestidade possível. Não de forma rude, mas de forma honesta. Wayne Mack afirma adequadamente a importância de levar o aconselhado a sério:

> Jamais minimize os problemas apresentados por seus aconselhados. Você pode pensar: "Isso é tão trivial – por que eles estão fazendo uma tempestade em um copo d'água?". No entanto, embora possa parecer trivial para você, é extremamente importante para eles, caso contrário eles não estariam tratando disso com você. Quando você leva os problemas deles a sério, você comunica respeito. Por outro lado, se você fizer pouco caso de seus problemas, você os afastará desde o início e removerá qualquer esperança que eles tenham de que você possa ajudá-los.[13]

7. Seja franco e honesto quando você cometer um erro ou não tiver uma resposta na mesma hora. Paulo disse em 2 Co 4.2: "Rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na

13. MACK, Wayne. "Developing a Helping Relationship with Counselees". **Journal of Biblical Counseling**, v. 13, n. 1, p. 9, 1994.

presença de Deus, pela manifestação da verdade". Paulo está simplesmente dizendo que parou de tentar esconder as coisas das quais tinha vergonha e parou de ser desonesto e, em vez disso, admitiu suas falhas. Philip E. Hughes, em seu comentário sobre esse versículo, escreve:

> Longe de ser marcado por subterfúgios, interesse pessoal e engano, o ministério de Paulo foi um ministério em que a verdade foi revelada, apresentada abertamente e proclamada com franqueza (cf. 2 Co 3.12s), de tal modo que ninguém poderia negar a autenticidade e a sinceridade de suas motivações.[14]

Paulo mostra essa honestidade ao longo de suas cartas. Por exemplo, à igreja da Galácia, ele escreve: "[...] me vejo perplexo a vosso respeito" (Gl 4.20). Em 2 Co 12.20,21, ele escreve:

> Temo, pois, que, indo ter convosco, não vos encontre na forma em que vos quero, e que também vós me acheis diferente do que esperáveis, e que haja entre vós contendas, invejas, iras, porfias, detrações, intrigas, orgulho e tumultos. Receio que, indo outra vez, o meu Deus me humilhe no meio de vós, e eu venha a chorar por muitos que, outrora, pecaram e não se arrependeram da impureza, prostituição e lascívia que cometeram.

Isso é honestidade – a respeito tanto de si mesmo quanto daqueles a quem ele está ministrando. Lembre-se de que não estamos procurando parecer maravilhosos; estamos procurando construir um relacionamento com outras pessoas para que possamos servi-las melhor.

8. Responda primeiro às preocupações óbvias. Não minimize nem ignore as preocupações mais evidentes dos aconselhados.

14. HUGHES, Philip Edgecum. **The Second Epistle to the Corinthians.** Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1962. (The New International Commentary on the New Testament), p. 124.

No entanto, não permita que o óbvio encoberte as questões mais profundas que podem solucioná-lo. Aconselhei uma mulher cujo marido a estava traindo. Ele teve uma explosão de ira quando ela o confrontou e, por temor, ela saiu de casa com os filhos. Sua maior preocupação no momento era a sua proteção e a dos filhos. Eu poderia ter concentrado minha atenção imediatamente em sua conversa sobre divórcio e ter ido para passagens bíblicas a esse respeito. Mas o que teria acontecido se eu tivesse feito isso? Ela poderia pensar que eu não a estava escutando, que não estava realmente preocupado com ela e com seus filhos, e ela não estaria aberta a nada do que eu tivesse a dizer. Dessa forma, decidi primeiro ajudá-la a encontrar acomodações para ela e seus filhos com uma família na igreja para depois começar a lidar com as questões bíblicas que precisavam ser abordadas. Quando respondemos às necessidades óbvias em primeiro lugar podemos ser considerados pessoas compreensivas e confiáveis. Jesus respondeu às preocupações óbvias. Por exemplo, na história do cego de nascença, em Jo 9, Jesus primeiro curou o homem (vv. 6,7) para mais tarde encontrar-se com o homem e cuidar de sua necessidade espiritual (vv. 35-38):

> Ouvindo Jesus que o tinham expulsado, encontrando-o, lhe perguntou: Crês tu no Filho do Homem? Ele respondeu e disse: Quem é, Senhor, para que eu nele creia? E Jesus lhe disse: Já o tens visto, e é o que fala contigo. Então, afirmou ele: Creio, Senhor; e o adorou.

9. Identifique-se com o sofrimento do aconselhado. Quando as pessoas lhe contam sobre a sua dor, não basta dizer: "Eu entendo". Mais uma vez, a honestidade e a transparência são ingredientes fundamentais. Se você não consegue compreender exatamente aquilo que elas estão enfrentando, expresse isso, mas diga que Jesus as compreende. Hb 4.15,16 nos diz que isso é verdadeiro:

> Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.

Se você já passou por algo parecido, conte-lhes o que aconteceu e como Deus trabalhou naquela circunstância. Mesmo que não tenha sido a mesma experiência, você certamente passou por algo que você pode compartilhar. Uma das razões por que Deus permitiu que você experimentasse aquela provação foi para que você pudesse ministrar aos outros por meio dela. Paulo escreveu sobre isso em 2 Co 1.3,4:

> Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação! É ele que nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus.

A questão não é fazer-se passar por um "supersanto" ou ser melhor do que a outra pessoa, mas ser honesto e aberto sobre suas lutas de modo a construir uma relação de compreensão e confiança. Certifique-se de Deus receber a glória, não você. É por isso que Paulo tantas vezes falou sobre seus sofrimentos como, por exemplo, em 2 Co 1.8-10:

> Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da tribulação que nos sobreveio na Ásia, porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida. Contudo, já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos; o qual nos livrou e livrará de tão grande morte; em quem temos esperado que ainda continuará a livrar-nos.

Observe como Paulo compartilha abertamente sua experiência e seus sentimentos, mas mantém o foco em Deus e naquilo que Ele fez naquelas situações. Isso constrói o relacionamento com os crentes de Corinto ao mesmo tempo em que os ensina e encoraja.

10. Continue a amá-los, mesmo quando eles questionam seu conselho, não fazem as tarefas práticas etc. Jesus olhou para o jovem rico e percebeu a luta que ele teria para obedecer aos Seus ensinamentos, mas Mc 10.21 nos diz: "E Jesus, fitando-o, o amou e disse: Só uma coisa te falta: Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; então, vem e segue-me".

11. Esteja disponível. O aconselhamento bíblico é um ministério, não uma profissão, e por isso não é uma sessão de 50 minutos uma vez por semana. É um ministério, portanto, o aconselhamento pode acontecer a qualquer momento. Pode demorar mais de 50 minutos, pode acontecer mais de uma vez por semana. Jesus estava sempre aberto a interrupções. Em Lc 8.26-56, Ele é interrompido pela primeira vez por um endemoninhado, que Ele cura, e depois por Jairo, chefe da sinagoga, cuja filha está morrendo. Em seu caminho para curar a filha de Jairo, Jesus é interrompido por uma mulher que tinha uma hemorragia que a atormentava há doze anos. Em Lc 18.15-9.10, podemos observar uma série de interrupções em Seu ministério, incluindo um grupo de pais com seus filhos, o jovem rico, o cego Bartimeu e Zaqueu. Devemos estar disponíveis para ministrar às pessoas onde e quando elas precisam, não apenas em determinados momentos e em determinados lugares.

Ao construirmos os relacionamentos com outras pessoas, construímos confiança. Quando as pessoas confiam em nós, podemos apontar-lhes a verdadeira fonte de ajuda, que é o nosso alvo. Wayne Mack escreve:

> A Bíblia enfatiza que [...] Deus normalmente transforma vidas em situações em que exista um relacionamento de cuidado e confiança entre o ajudador e aquele que precisa de ajuda. Como conselheiros bíblicos, devemos fazer tudo que pudermos para embrulhar o conteúdo do nosso aconselhamento em um invólucro de compaixão, respeito e sinceridade.[15]

As técnicas acima, extraídas das Escrituras, ajudam-nos a construir os relacionamentos necessários para o aconselhamento eficaz.

O ACONSELHAMENTO DE PESSOAS DO SEXO OPOSTO

Uma questão que necessita ser abordada quando se discute o relacionamento entre conselheiro e aconselhado é se devemos ou não aconselhar pessoas do sexo oposto. Visto que construímos um relacionamento com a pessoa que aconselhamos, o aconselhamento de alguém do sexo oposto pode ser muito perigoso. Ele pode levar à tentação sexual e ao pecado que pode resultar na ruína espiritual e na destruição do ministério do conselheiro. A Bíblia é enfática quando fala sobre a pureza sexual. Em 1 Ts 4.3-5, Paulo afirma claramente:

> Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação, que vos abstenhais da prostituição; que cada um de vós saiba possuir o próprio corpo em santificação e honra, não com o desejo de lascívia, como os gentios que não conhecem a Deus.

Em Ef 5.3, Paulo escreve: "A impudicícia e toda sorte de impurezas ou cobiça nem sequer se nomeiem entre vós, como convém a santos". A palavra que ele usa, traduzida como

15. MACK, Wayne. "Developing a Helping Relationship with Counselees". **Journal of Biblical Counseling**, v. 13, n. 1, p. 12, 1994.

impudicícia, é *porneia*, que se refere a todo pecado sexual.[16] Paulo está dizendo aqui que não deve haver nem um indício sequer de que qualquer pecado sexual esteja acontecendo. Em 1 Ts 5.22, ele escreve de forma ainda mais sucinta: "Abstende-vos de toda forma de mal". Uma tradução literal desse verso é: "Fique longe de tudo quanto se parece com o mal". Nunca devemos nos colocar em uma situação que possa levar os outros a pensarem que esteja acontecendo um pecado sexual.

Nunca devemos pensar que não seja necessário ter cuidado, que seríamos incapazes de cair em tentação sexual ou de cometer um pecado sexual. Isso seria orgulho. Lembre-se da advertência de Deus em Pv 16.18: "A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda". Howard Hendricks estudou a história de 246 ministros que cometeram pecado sexual. Ele encontrou as seguintes características comuns a todos eles:

1. Ausência de tempo pessoal com Deus. Eles estudavam a Bíblia apenas para o preparo de um sermão ou quando precisavam falar em público. Eles tinham deixado de nutrir pessoalmente sua vida espiritual.
2. Ausência de prestação de contas. Nenhum deles tinha um relacionamento com alguém que os ajudasse a serem responsáveis por prestar contas.
3. A grande maioria deles pecou enquanto estava aconselhando uma mulher sem mais ninguém presente.
4. Todos eles disseram: "Isso nunca vai acontecer comigo".[17]

Esses homens eram culpados do tipo de orgulho a respeito do qual Provérbios nos alerta. Qualquer um de nós pode se

16. ZODHIATES, Spiros. **The complete word study dictionary New Testament.** Chattanooga, TN: AMG Publishers, 1992. p. 1201.
17. KLICKA, Chris. **A husband's unconditional love.** Disponível em: http://www.ladiesagainstfeminism.com/artman/publish/Responsible_Manhood_20/A_Husband_s_Unconditional_Love_17261001726.shtml. Acesso em 18 de julho de 2006.

tornar igualmente culpado se não tiver cuidado. Randy Alcorn expressa isso com clareza:

> Todos os cristãos, incluindo aqueles que estão ativos no ministério, são suscetíveis ao pecado sexual. O mito de que somos moralmente invulneráveis morre lentamente, até mesmo porque estamos diante de uma evidência esmagadora. Mas não há, e nunca houve, nenhum anticorpo místico que nos faça imunes ao pecado sexual [...]. De quanto orgulho precisamos para acreditar que o pecado sexual pôde atingir Ló, Sansão, Davi [...] Salomão, os coríntios e uma série de líderes cristãos atuais, mas que não irá nos atingir? As advertências de Paulo merecem um lugar de destaque em nossas telas, mesas ou em nossos lembretes: "Guarda-te para que não sejas também tentado" (Gl 6.1); "Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia" (1 Co 10.12).[18]

Em 1 Pe 5.8, somos advertidos a sermos "sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar". Os leitores de Pedro entendiam essa imagem do leão que ronda em torno de um bando de animais esperando que um deles que esteja muito doente, muito ferido ou muito velho para ficar com o bando. O leão espera até que um dos animais se descuide e se afaste do resto do grupo. Em seguida, ele se lança sobre sua presa e a mata. Satanás espera até que nos enfraqueçamos e deixemos de fortalecer nosso relacionamento com Deus. Ele espera que caiamos orgulhosamente nos erros cometidos pelos homens do estudo feito por Howard Hendricks. Em seguida, ele ataca e destrói nossa família, nossa reputação e nosso ministério. Devemos prestar atenção à advertência de Paulo em 2 Co 6.3: "Não dando nós nenhum motivo de escândalo em coisa alguma, para que o ministério não seja censurado".

18. ALCORN, Randy. **Sexual temptation:** how Christian workers can win the battle. Disponível em http://www.epm.org/articles/ leadpur.html. Acesso em 18 de julho de 2006.

Visto que Deus atribui em Sua Palavra tamanha importância à nossa proteção contra o pecado sexual, e diante da realidade prática de que vivemos em um mundo manchado pelo pecado onde seremos tentados, é necessário tratarmos essa questão. Daremos aqui algumas orientações para ajudá-lo a proteger-se contra o pecado sexual durante o aconselhamento.

DIRETRIZES PARA ACONSELHAR UMA PESSOA DO SEXO OPOSTO

Jesus ministrou sozinho a uma mulher samaritana quando a encontrou junto a um poço, conforme Jo 4. Ao observar essa situação, aprendemos com Jesus algumas lições muito importantes sobre o aconselhamento de uma pessoa do sexo oposto. Em primeiro lugar, quando Jesus ministrava sozinho a uma mulher Ele o fazia em um lugar nitidamente público. João 4.7 nos diz que o encontro aconteceu em um local onde as pessoas iam buscar água, um lugar público. Em segundo lugar, Jo 4.6 nos diz que o encontro aconteceu em plena luz do dia, "por volta da hora sexta", ou seja, ao meio-dia. Dessa forma, o que podemos aprender com Jesus é que se formos nos encontrar com uma pessoa do sexo oposto, temos de fazê-lo em um lugar público. Quais seriam, porém, outras diretrizes para aconselhar uma pessoa do sexo oposto?

1. Primeiro, uma mulher nunca deve aconselhar um homem. Esse é um princípio bíblico claro. Em 1 Tm 2.12 (NVI), Paulo escreve: "Não permito que a mulher ensine, nem que tenha autoridade sobre o homem". Esse princípio também inclui a situação de uma mulher aconselhando um casal. É certamente adequado que uma mulher se junte ao seu marido no aconselhamento de outro casal – na verdade, é a situação preferível. No entanto, uma mulher sozinha não deve aconselhar um casal. Greg Stancil, então diretor da área de conferências

da *National Association of Nouthetic Counselors* (NANC)[19], declarou em uma entrevista:

> Acreditamos que as Escrituras são claras em dizer que uma mulher não deve estar em posição de autoridade sobre um homem em um contexto de ministério na igreja local. Paulo diz isso em 1 Tm 2.9-14. Acreditamos que uma mulher não deve aconselhar um homem nem um casal. A maior parte dos aconselhamentos ocorre no contexto de uma igreja local e não há dúvida de que no durante um aconselhamento o conselheiro exerce um papel que envolve autoridade.

Uma vez que a mulher teria um grau de autoridade como conselheira em uma situação de aconselhamento, ela não deve aconselhar um homem. Em vez disso, mulheres devem aconselhar mulheres. Esse é o modelo bíblico aceitável. Paulo escreve em Tt 2.3-5:

> Quanto às mulheres idosas, semelhantemente, que sejam sérias em seu proceder, não caluniadoras, não escravizadas a muito vinho; sejam mestras do bem, a fim de instruírem as jovens recém-casadas a amarem ao marido e a seus filhos, a serem sensatas, honestas, boas donas de casa, bondosas, sujeitas ao marido, para que a palavra de Deus não seja difamada.

2. Um homem *nunca* deve aconselhar sozinho uma mulher. Greg Stancil relata a postura de NANC a esse respeito: "Somos da opinião de que um homem nunca deve aconselhar sozinho uma mulher".[20] A *International Association of Biblical Counselors* (IABC), por meio de um de seus representantes, estabeleceu da seguinte forma sua posição:

19. **Nota do Tradutor:** *National Association of Nouthetic Counselors* (NANC) é a antiga identificação da atual *Association of Certified Biblical Counselors* (ACBC) https://biblicalcounseling.com.
20. STANCIL, Greg.

> Mantenha um relacionamento apropriado com os seus aconselhados em todos os momentos. Recomendamos que você aconselhe um membro do sexo oposto na presença do seu cônjuge. Se isso não for possível, certifique-se de que haja outras pessoas nas proximidades, capazes de monitorar visualmente o encontro.[21]

Por não querermos dar nem mesmo uma aparência do mal, *é preciso ter, sempre que* possível, outro adulto na sala. Se for um casal, *é natural e* sensato que seu cônjuge se junte a você no aconselhamento. Se for outra pessoa ou uma configuração diferente, explique que uma terceira pessoa estar*á presente na sala* para adicionar percepções e para proporcionar proteção mútua e prestação de contas. Se não for possível ter alguém na sala, deixe a porta aberta ou tenha um visor na porta, e certifique-se de que alguém esteja por perto do lado de fora.

3. Um homem não deve aconselhar uma mulher por muito tempo. Greg Stancil expôs a posição da então NANC com este comentário: "Há algumas pessoas (até mesmo em nosso conselho) que são da opinião de que homens nunca devem aconselhar mulheres em longo prazo por muito tempo". Um homem pode ter uma conversa inicial com uma mulher para determinar o que precisa ser feito para ajudá-la. Depois disso, ela deve ser encaminhada o mais rapidamente possível a uma mulher da igreja para um aconselhamento mais longo e para outras atuações ministeriais.

4. Siga meticulosamente 1 Tm 5.1,2:

> Não repreendas ao homem idoso; antes, exorta-o como a pai; aos moços, como a irmãos; às mulheres idosas, como a mães; às moças, como a irmãs, com toda a pureza.

21. IABC.

A ideia central dessa passagem é considerarmos todos os nossos irmãos em Cristo como membros da família quando ministramos e, inclusive, no aconselhamento. Às vezes, faz-se necessário repreender até mesmo homens e mulheres de mais idade, mas se os considerarmos como pais e mães, não o faremos de forma rude nem áspera, mas com respeito. Se considerarmos os cristãos mais jovens como nossos irmãos e irmãs, nossa tendência será agir de maneira mansa e comedida, sem arrogância em nossas advertências.[22]

Com respeito às mulheres mais jovens, Paulo identifica um problema específico igual ao que se apresenta hoje para os homens líderes e conselheiros. Seria preciso manter a pureza ao lidar com elas. O argumento que Paulo oferece é que se Timóteo considerasse essas jovens como irmãs, isso o ajudaria a banir os maus pensamentos que poderiam levar ao pecado sexual.[23] É assim que nós também devemos considerar aquelas a quem aconselhamos.

5. Lembre-se de histórias como a de José e a esposa de Potifar, em Gn 39, e a de Davi e Bate-Seba, em 2 Sm 11, e peça a Deus, diariamente, mais sabedoria para preservar-se nas provações e tentações. A história de José nos faz lembrar que é possível que tais situações se apresentem, escapando ao nosso controle. A esposa de Potifar sentiu-se atraída por ele e procurou seduzi-lo ao pecado sexual. Deus deu força a José para superar essa tentação. Devemos pedir constantemente a Deus que nos ajude a estar prontos para responder à tentação. Davi, por outro lado, colocou-se em posição favorável para ser tentado quando não foi à guerra com seu exército como deveria ter feito sendo rei, mas ficou em sua casa. Precisamos tomar medidas de forma a não nos colocar em situações vulneráveis,

22. LEA, Thomas D., GRIFFEN, Hayne P. Jr. **1, 2 Timothy, Titus.** Nashville, TN: Broadman & Holman, 1992 (New American Commentary, v. 34). p. 145.
23. Ibid., p. 145.

e devemos orar por sabedoria divina para que não nos tornemos orgulhosos e baixemos a guarda.

CONCLUSÃO

Essas são algumas diretrizes que podem nos ajudar a afastar até mesmo a aparência do mal. Randy Alcorn escreve:

> Precisamos ter cuidado com quando, onde e por que nos encontramos com pessoas do sexo oposto. Existe um processo de ligação natural no aconselhamento que pode levar uma das partes ou ambas a um senso de intimidade.[24]

Talvez seja necessário algum esforço e, às vezes, pode ser incômodo, mas lembre-se de que nunca vale a pena arriscar a integridade!

CAPÍTULO 11 - PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Quão importante é a construção de um relacionamento para o sucesso ou o fracasso do aconselhamento? Explique.
2. Explique como não devem ser os relacionamentos no aconselhamento bíblico.
3. Explique como devem ser os relacionamentos no aconselhamento bíblico.
4. Identifique e resuma os 11 principais elementos mencionados neste capítulo para construir um relacionamento com o aconselhado.
5. Devemos aconselhar pessoas do sexo oposto? Explique.
6. Depois de estudar a história de 246 ministros que caíram em pecado sexual, o que Howard Hendrix descobriu?

24. ALCORN, Randy. **Sexual temptation**: how Christian workers can win the battle. Disponível em http://www.epm.org/articles/leadpur.html. Acesso em 18 de julho de 2006.

7. Identifique e resuma as regras para o aconselhamento de pessoas do sexo oposto.
8. O quanto é importante construir um relacionamento de confiança com seu aconselhado? Explique.
9. O quanto é importante evitar toda a aparência do mal no aconselhamento? Explique.
10. "Se quisermos ter esse tipo de relacionamento discípulo/discipulador com as pessoas que aconselhamos, é preciso estabelecer envolvimento com elas." Como você responde a essa afirmação?

CAPÍTULO 12

A PRÁTICA DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

Nicolas Ellen e Chelsea Leach

CONSTRUIR UM VÍNCULO

"O envolvimento [no aconselhamento] estabelece-se quando as pessoas sabem que nos importamos sinceramente com elas".[1] Para que um aconselhado se envolva no processo de aconselhamento, ele precisa sentir que nos interessamos verdadeiramente por ele. Esse tópico oferece várias ferramentas práticas para ajudar a construir um vínculo com o aconselhado.

Uma maneira de construir esse vínculo é mostrar preocupação e interesse pelo aconselhado. Para tanto, o conselheiro deve procurar compreender o mundo sob o ponto de vista do aconselhado a fim de mostrar-lhe que ele está sendo ouvido e compreendido. Em seu ministério, Paulo compreendeu as pessoas a quem ministrava e foi capaz de alcançá-las com o evangelho.

1. MACK Wayne. Developing a helping relationship with counselees. In: **Counseling**: how to counsel biblically. Nashville, TN: Thomas Nelson, 2005. p. 103.

O uso de perguntas é uma das maneiras de mostrar o interesse e a compaixão de que as Escrituras falam. Fazer perguntas é uma das formas mais rápidas de conhecer uma pessoa. O objetivo é permitir que o aconselhado compartilhe detalhes sobre sua vida para abrir as linhas de comunicação. As perguntas podem ter uma variedade de formas e usos: perguntas abertas, perguntas fechadas, perguntas retóricas, perguntas de sondagem. Os conselheiros preferem usar perguntas abertas, porque elas dão ao aconselhado a liberdade de responder de acordo com sua escolha. Essa forma de fazer perguntas também permite que o aconselhado revele informações vitais para o processo de aconselhamento. Por outro lado, as perguntas fechadas são usadas para obter informações pontuais. Esse tipo de pergunta pode ser útil quando o conselheiro quiser obter dados específicos sobre seu aconselhado.

Alguns exemplos de perguntas abertas ou relatos são: "Conte-me algo que eu ainda não saiba a seu respeito", "Você pode me explicar como X afeta Y?" ou "Quais são alguns de seus alvos ou sonhos para sua vida?". Alguns exemplos de perguntas fechadas são: "Quando você nasceu?" ou "Você tem um relacionamento estreito com sua família?". Essas perguntas limitam as respostas que podem ser dadas.

As perguntas não são utilizadas apenas para colher informações sobre o aconselhado, mas também podem ser retóricas com o propósito de incentivar o aconselhado a pensar sobre algo em que ele não havia pensado até então. Essas perguntas também podem ser usadas para ajudar o aconselhado a estabelecer uma conexão entre duas ideias diferentes que ele normalmente não associaria. Temos ainda as perguntas de sondagem, que são usadas para obter impressões, percepções mais profundas sobre a vida do aconselhado. Ele pode não compartilhar muito se não houver um pouco de ajuda por parte do conselheiro.

As perguntas não só auxiliam na construção de um vínculo, mas também ajudam o aconselhado a conhecer seu conselheiro, favorecendo muito o processo de aconselhamento. Quando o conselheiro permite que o aconselhado conheça algo a seu respeito, um vínculo entre eles é criado. O conselheiro quer ser acessível no relacionamento com o aconselhado e fazê-lo sentir que está conversando com uma pessoa real, não uma figura distante. Uma forma de ajudar o aconselhado a conhecê-lo melhor é compartilhar experiências de sua vida com as quais ele possa se identificar. Isso faz com que o aconselhado sinta-se à vontade em uma situação que poderia ser estressante e difícil. Conversar um pouco com o conselheiro pode ajudar a aliviar um pouco da tensão que o aconselhado ansioso talvez esteja sentindo.

Deve-se ter discernimento ao expor sua vida pessoal para um aconselhado. O conselheiro não deve compartilhar detalhes que poderiam prejudicar o aconselhado. Ele deve compartilhar áreas de interesse comum e testemunhos de como o Senhor tem trabalhado em sua vida. É proveitoso dar alguns detalhes pessoais se forem relevantes, seja para a situação propriamente ou para conhecer melhor seu aconselhado. Pode ser prejudicial ir muito além desses limites ao compartilhar.

A comunicação não verbal é outra maneira de ajudar no processo de estabelecer envolvimento com o aconselhado. Wayne Mack usa um acróstico para ajudar o conselheiro a lembrar as formas não verbais de mostrar a um aconselhado que ele está realmente interessado em conhecê-lo. O acróstico AMPARO[2] inclui:

2. MACK, Wayne. Developing a helping relationship with counselees. In: **Counseling**: how to counsel biblically. Nashville, TN: Thomas Nelson, 2005. p. 107.
Nota do Tradutor: O acróstico original SOLVER foi traduzido como AMPARO em MACK, Wayne. Desenvolvendo um relacionamento de ajuda ao aconselhado. In: MacARTHUR, John Jr., MACK, Wayne. **Introdução ao aconselhamento bíblico**. São Paulo, SP: Hagnos, 2005. p. 211.

A *Atitude Atenta.* Coloque-se diante do aconselhado de modo a indicar que você está atento, com os ombros abertos, dando a ele total atenção.

M *Movimentos Apropriados.* Coordene todo o seu corpo, cabeça e movimentos faciais de forma a fazer o aconselhado se sentir à vontade. Sua postura não deve ser dura e robótica, mas também não deve ser tão relaxada que a pessoa pense que você está prestes a adormecer.

P *Postura Interessada.* Incline-se ligeiramente para a frente. Isso mostra o seu interesse no que a pessoa está lhe dizendo.

A *Abordagem Vocal Adequada.* Mantenha um volume e uma intensidade de voz adequados para que a sua fala não seja dura nem difícil de ouvir. Faça com que sua voz reflita sempre ternura e compaixão em lugar de raiva e irritação.

R *Relaxamento Planejado.* Relaxe seus braços, as mãos e os ombros como se dissesse: "Estou aqui para receber tudo quanto você quiser me comunicar. Você tem acesso a mim".

O *Olhar Respeitoso.* Olhe para a pessoa, especialmente quando ela estiver falando. Não fixe o olhar de forma a criar desconforto, mas mostre seu interesse no que ela está dizendo, dando-lhe a sua atenção concentrada.

Finalmente, nesta primeira parte do processo de aconselhamento, é sábio que o conselheiro evite assuntos polêmicos ou questões relacionadas àquilo que motivou o aconselhado a buscar ajuda. Esta parte do processo visa à construção de um vínculo com o aconselhado. O motivo do aconselhamento será abordado mais adiante, à medida que o conselheiro coletar e ordenar os dados. A construção de um vínculo com o

aconselhado é de extrema importância no processo de aconselhamento. O conselheiro deve ser uma pessoa de fácil relacionamento e deve ganhar a confiança do seu aconselhado. Portanto, trazer à tona assuntos controversos, pelo menos nas primeiras fases do processo de aconselhamento, não seria a melhor maneira para construir esse vínculo.

PROVER ENCORAJAMENTO

Encorajar é dar ao aconselhado perspectivas bíblicas que podem proporcionar esperança em sua situação. Em tempos de desespero, a esperança transmitida pelo conselheiro é o que ajudará o aconselhado a prosseguir.[3]

O encorajamento pode vir também por meio do testemunho pessoal de como o Senhor trabalhou na vida do conselheiro em uma situação parecida. Deus coloca os conselheiros ao lado de determinados aconselhados com um propósito. Muitas vezes, o conselheiro tem um testemunho pessoal que Deus usa para encorajar o aconselhado que está andando por um caminho no qual o conselheiro já andou. O conselheiro será sábio se compartilhar sua jornada de lutas e explicar como o Senhor o ajudou a vencê-las. Outra forma de usar o testemunho pessoal é no aspecto positivo. Se o aconselhado está andando com o Senhor e está no caminho certo, o conselheiro pode usar seu testemunho pessoal em uma situação positiva para encorajá-lo. Deus usará tanto as lutas quanto as vitórias do conselheiro para encorajar o aconselhado e lhe dar esperança.

Mais uma forma de encorajar é quando o conselheiro é empático ou compreensivo com a situação do aconselhado. Quando um aconselhado percebe que é ouvido e compreendido, ele fica mais esperançoso quanto à possibilidade de

3. Alguns textos bíblicos para encorajar o aconselhado são: Sl 119.114; Rm 8.24-28; 2 Co 3.12-18; Fp 1.20,21; 3.12-16; 1 Tm 4.10; Hb 7.19, e Tg 1.5. Essas passagens contêm encorajamento e esperança para situações difíceis. O conselheiro deve ter sabedoria e discernimento ao compartilhar essas passagens, e fazer uma escolha adequada ao seu aconselhado.

alcançar vitória em uma situação difícil. Ser empático é ouvir o aconselhado e proporcionar o encorajamento conforme explicamos acima. O conselheiro deve mostrar que entende o aconselhado e que se compadece diante de sua situação. Na qualidade de irmão ou irmã em Cristo, o aconselhado merece que o conselheiro mostre compaixão diante da situação. As Escrituras ensinam a "levar as cargas uns dos outros", e uma maneira de fazer isso é ser compassivo com os seus aconselhados (Gl 6.2). Pode ser algo difícil para o conselheiro, porque, às vezes, ele se apressa para ajudar a resolver o problema sem realmente entendê-lo. Invista o tempo necessário para compreender inteiramente a situação e isso dará esperança e encorajamento para seu aconselhado.

Quando o aconselhado reagir de maneira adequada a uma situação, elogie. O conselheiro deve dizer ao aconselhado quando ele está respondendo devidamente à Palavra de Deus e a seus mandamentos. Isso incentiva o aconselhado a continuar no novo caminho que começou a seguir, e isso deve ser praticado durante todo o período do aconselhamento. Dirigir palavras de elogio a um aconselhado permite-lhe reconhecer o trabalho que Deus fez em sua vida e dá uma oportunidade para que o aconselhado, por sua vez, dê crédito e louvor ao Senhor.

Finalmente, o conselheiro deve promover o amor, a sabedoria e a soberania de Deus enquanto oferece encorajamento. É fácil encorajar o aconselhado diante de uma tarefa bem cumprida. É igualmente fácil, porém, incutir um sentimento de falsa esperança no aconselhado por meio desse encorajamento. A primeira reação deve ser louvar o amor de Deus pelo aconselhado, a sabedoria que Deus deu ao aconselhado e a soberania de Deus em permitir que ele cumprisse a Sua vontade. O conselheiro não deve nunca esquecer de mostrar ao aconselhado o amor, a sabedoria e a perfeita soberania de Deus na situação. Ao destacar esses três pontos, o conselheiro está continuamente

mostrando ao aconselhado, de forma prática, a resposta adequada a todas as situações em que Deus o coloca.

COLETAR E ORDENAR OS DADOS

Coletar e ordenar os dados é crucial para a compreensão das questões que um aconselhado traz para o encontro. Interpretar a situação do aconselhado sem receber os dados completos dificulta enormemente o processo de aconselhamento, além de que um problema mal interpretado pode se constituir em um perigo para ele.

Uma boa maneira de começar a coleta de dados é com o uso de um Inventário de Dados Pessoais (IDP).[4] O IDP dá ao conselheiro muitas informações desde o início do processo de aconselhamento, o que pode ajudar nos encontros e também orientar o conselheiro no rumo certo quanto às perguntas que ele ainda deve fazer. O IDP proporciona informações sobre o contexto, a saúde física, os relacionamentos e as emoções do aconselhado, permitindo que o conselheiro tenha um mapa pelo qual se orientar em busca de compreender as questões que preocupam o aconselhado.[5]

Outro passo fundamental na coleta de dados é o uso de perguntas. O conselheiro deve fazer perguntas que o ajudem a compreender o contexto dos problemas do aconselhado. Faça perguntas abertas e perguntas de sondagem para levar o aconselhado a compartilhar percepções e impressões sobre as circunstâncias envolvidas no problema. O conselheiro deve procurar entender o estado físico e as emoções do aconselhado, os recursos e a ajuda de que ele dispõe ou que esteja recebendo. Compreender como o aconselhado se envolveu no problema, bem como a razão da existência do problema,

4. Um exemplo de Inventário de Dados Pessoais (IDP) pode ser consultado no Apêndice 2.
5. Para mais informações sobre o IDP, consulte, por favor, os recursos gratuitos oferecidos por Wayne Mack e Strengthening Ministries International em http://www.mackministries.org/downloads/.

favorece muito para que o conselheiro entenda em qual ponto o aconselhado está em sua caminhada espiritual. Por exemplo, um aconselhado que está a caminho de um divórcio por causa do que ele chama de "apenas um mau casamento do qual já está cansado" expõe o seu coração. Ele não dá qualquer outra razão para sua necessidade de um divórcio a não ser a de estar cansado do casamento. Ao fazer perguntas de sondagem, o conselheiro pode obter detalhes sobre por que o aconselhado está cansado do casamento e por que ele está escolhendo o divórcio em vez de encontrar meios para reparar e curar o relacionamento conjugal.

O conselheiro deve fazer perguntas para sondar como o aconselhado reagiu à condição em que se encontra. A reação do aconselhado aos problemas dirá muito ao conselheiro sobre seu sistema de crenças. Compreender esse sistema ou a cosmovisão de um aconselhado é um dos primeiros passos para entendê-lo. As pessoas operam a partir de seus sistemas de crenças. Se um aconselhado está operando com base em um sistema de crenças errado a respeito de Deus, o conselheiro sabe que o processo de cura tem de começar não pelos problemas que o trouxeram ao aconselhamento, mas pela reelaboração desse sistema. O aconselhado não pode mudar adequadamente até que tenha um sistema de crenças adequado. A cosmovisão é algo difícil de mudar. O conselheiro deve trabalhar com afinco no sentido de ajudar o aconselhado a entender o erro em seu sistema de crenças e fazer as devidas mudanças enquanto trabalha nos problemas que o trouxeram ao aconselhamento.

Uma vez que o conselheiro tenha coletado os dados, ele pode começar a ordená-los em um sistema. O conselheiro categoriza os dados em temas bíblicos e com linguagem bíblica. Ao ordenar os problemas em categorias que utilizam a linguagem bíblica, o conselheiro deve começar a avaliação do aconselhado. Será que ele tem um relacionamento com o Senhor? Se a resposta for não, o trabalho do conselheiro é lançar mão

do evangelismo na esperança de que o aconselhado se renda ao Senhor, e essa é parte da mudança de cosmovisão que mencionamos acima. Se ele for salvo, o conselheiro deve avaliar onde ele está em sua caminhada com o Senhor. O aconselhado é um recém-convertido ou é maduro em sua fé? Ele frequenta uma igreja, uma reunião de estudo bíblico ou um grupo pequeno? Essas atividades devem ser encorajadas pelo conselheiro.

Depois de avaliar a condição espiritual do aconselhado, o conselheiro deve começar a lidar com os problemas que ele está enfrentando. Quais são os problemas, de onde eles vêm e como o aconselhado está respondendo a esses problemas? Os conselheiros bíblicos sabem que todos os problemas são resultado do pecado. É preciso, portanto, avaliar onde o pecado específico reside nos problemas que o aconselhado está enfrentando. Os problemas que ele enfrenta são resultado do seu coração pecaminoso ou do pecado de outra pessoa? Se eles vêm do pecado de alguém mais, a resposta do aconselhado está sendo pecaminosa? Essas são as perguntas que o conselheiro deve fazer a si mesmo enquanto organiza os problemas com que o aconselhado está lidando.

A Bíblia é clara em mostrar que todos os problemas se relacionam com os desejos do coração. O conselheiro precisa reconhecer os problemas que foram apresentados pelo aconselhado como problemas do coração, de uma forma ou de outra. O conselheiro deve começar a atribuir aos problemas nomes que os identifiquem de maneira bíblica, e não usar termos como transtorno mental, depressão, tristeza, entre outros. O uso de linguagem bíblica pode eliminar a necessidade de rotular o aconselhado como portador de um transtorno mental. Ao estudar as Escrituras, o conselheiro verá que a maioria dos problemas que seus aconselhados trazem para os encontros de aconselhamento podem ser rotulados como falta de amor a Deus ou ao próximo. Ao proceder dessa forma, o conselheiro deve antes descartar quaisquer problemas fisiológicos

que possam estar presentes. Se nada for encontrado, o conselheiro saberá que se trata de um problema do coração e poderá começar a categorizá-lo conforme vimos acima.

EXPLICAR O PROBLEMA

O conselheiro precisa identificar o problema e explicá-lo adequadamente para o aconselhado. Ele deve usar palavras que o ajudem a compreender a natureza do problema. É importante que sejam palavras claras e concisas. O conselheiro tem de ser capaz de expor o problema de forma adequada à capacidade de compreensão do aconselhado. Portanto, ao expor o problema, o conselheiro deve considerar as palavras escolhidas. Além disso, o conselheiro precisa usar palavras que ajudem o aconselhado a entender o problema a partir de uma perspectiva bíblica. É imperativo que sejam usados termos bíblicos para explicar o problema para o aconselhado, pois isso o ajudará a compreender que seu problema não é estranho às Escrituras, mas que está ali revelado, e o levará a pensar biblicamente sobre seu problema. O conselheiro deve progredir no estudo da Bíblia e usar vários recursos no campo do aconselhamento bíblico que podem ajudá-lo a desenvolver um melhor processo de classificação e explicação dos problemas por uma perspectiva bíblica.

À medida que o conselheiro explica o problema para o aconselhado, ele deve atentar cuidadosamente para guiar o aconselhado à compreensão da natureza das suas respostas na situação que ele enfrenta. Por exemplo, o aconselhado pode ser alertado sobre as respostas contrárias à Bíblia que deu às pessoas envolvidas na situação. Ele pode também avaliar se sua maneira de se relacionar com as pessoas envolvidas na situação é pecaminosa. Com isso em mente, o aconselhado começará a pensar além do que lhe aconteceu e poderá se concentrar em identificar como suas respostas à situação foram pecaminosas. De igual forma, o aconselhado precisa entender

suas respostas contrárias à Bíblia nas circunstâncias daquela situação. Ele pode ser direcionado a investir tempo para avaliar se está murmurando ou reclamando diante da situação, ou talvez esteja procurando desculpas para seu comportamento pecaminoso. Na maioria das vezes, isso pode ajudar o aconselhado a ver a situação por diferentes ângulos. De modo geral, o aconselhado precisa ver a situação não pela perspectiva humana limitada, mas pela perspectiva ilimitada de Deus.

Da mesma maneira, o conselheiro deve levar o aconselhado a ver como suas respostas contrárias à Bíblia revelam a qualidade do seu relacionamento com Deus. Em primeiro lugar, as respostas contrárias à Bíblia revelam uma falta de amor a Deus. A Bíblia é clara em dizer que o primeiro e maior mandamento é amar a Deus. Quando alguém responde às circunstâncias com reações contrárias à Bíblia, está respondendo de forma pecaminosa. Quando alguém responde de forma pecaminosa, está respondendo sem amor a Deus. Por sua vez, as respostas contrárias à Bíblia, dadas pelo aconselhado, revelam sua falta de amor pelo próximo. O segundo e maior mandamento é amar ao próximo. Quando alguém responde aos outros com reações contrárias à Bíblia, está respondendo de forma pecaminosa. Quando alguém responde de forma pecaminosa, está respondendo sem amor a Deus e aos outros. No geral, as respostas contrárias à Bíblia são pecado e revelam a falta de amor a Deus e aos outros.

Podemos levar o aconselhado a entender também que sua falta de amor a Deus e ao próximo está organizada em duas categorias básicas. Por um lado, a falta de amor a Deus e ao próximo pode ser entendida como um problema de frutos. As palavras, as ações e o comportamento não são a raiz dos problemas. Nos levam, porém, à fonte dos problemas, isto é, aquilo que brota do coração. Por outro lado, a falta de amor a Deus e ao próximo também pode ser entendida como a raiz dos problemas. Os pensamentos, as motivações e os desejos

são problemas do coração que determinam o problema dos frutos. Nossos pensamentos, nossos desejos e nossas prioridades se expressam em nossas palavras e ações e em nosso comportamento. O fruto é a mera exteriorização do que está acontecendo dentro de nós. Portanto, os conselheiros devem se esforçar para mostrar ao aconselhado como ligar o problema dos frutos ao à raiz dos problemas.

Além disso, o conselheiro deve guiar o aconselhado na compreensão de onde começa e termina sua responsabilidade na situação. Alguns passos cuidadosos precisam ser dados para mostrar ao aconselhado que ele não tem capacidade para determinar as ações e reações das pessoas, nem as circunstâncias. Não se pode determinar o que a outra pessoa pensa, deseja, quer ou tem vontade de fazer, nem o resultado final dos acontecimentos. Gálatas 6.7,8 revela que a condição de uma pessoa é determinada por suas escolhas e não pelas escolhas dos outros. O texto bíblico que encontramos em Ec 7.14 revela especificamente que Deus controla tanto os bons acontecimentos da vida quanto os maus. Consequentemente, o aconselhado precisa entender que ele tem a capacidade de controlar suas ações e reações em relação às pessoas e circunstâncias. Cabe ao aconselhado a escolha de ser amoroso ou não para com as pessoas. Cabe ao aconselhado a escolha de ser amoroso ou não em suas respostas às circunstâncias. As pessoas e as circunstâncias podem influenciar, mas não determinam a escolha de agir ou deixar de agir como uma pessoa amorosa em determinada situação. Como resultado, o aconselhado deve assumir a responsabilidade por suas respostas contrárias à Bíblia e as consequências que delas resultam.

EXPLICAR A SOLUÇÃO

Após o conselheiro dedicar tempo suficiente para explicar o problema, ele deve dar continuidade ao processo e explicar ao

aconselhado a solução. O conselheiro deve começar esclarecendo o evangelho de Jesus Cristo. Falar sobre a identidade de Jesus Cristo é essencial. Em seguida, deve mostrar cuidadosamente o que Jesus Cristo fez. Mais adiante, o conselheiro deve explicar como isso está relacionado à resolução do problema. O aconselhado precisa entender que o ato de abraçar pela fé a pessoa e a obra de Jesus Cristo salva-o do castigo do pecado, do poder do pecado e, no futuro, da presença do pecado. Além disso, o aconselhado precisa ver que o ato de crer na pessoa e a obra de Jesus Cristo capacita-o para andar de maneira digna de Deus. Portanto, quando alguém crê no evangelho de Jesus Cristo, tal pessoa tem a capacidade de viver como Deus pede e de abandonar as raízes e os frutos pecaminosos que a impedem de viver a novidade de vida encontrada em Jesus Cristo.

O aconselhado precisa entender o papel do Espírito Santo e da Palavra de Deus a fim de ajudá-lo com seu problema. O Espírito Santo capacita o aconselhado a lidar com o pecado e a viver de forma adequada. Isso acontece primeiramente por meio da capacitação de morrer para as obras da carne (Rm 8.13). Em segundo lugar, o Espírito Santo nos capacita a resistir à influência da carne (Gl 5.16,17). Em terceiro lugar, o Espírito Santo nos capacita a cumprir as justas exigências da lei (Rm 8.1-3). Além disso, o Espírito Santo deu ao homem a Palavra de Deus para guiá-lo na direção certa enquanto Ele o capacita (2 Pe 1.16-21; 2 Tm 3.16). A Palavra de Deus, por meio do Espírito Santo, convence do pecado. O aconselhado não pode resolver seus problemas de forma adequada sem o Espírito Santo e a Palavra de Deus.

Com isso em mente, o conselheiro precisa investir esforços consideráveis para apresentar ao aconselhado passagens bíblicas que possam ajudá-lo a descobrir como lidar com o problema de forma adequada. O conselheiro pode usar passagens bíblicas que mostrem o que o aconselhado deve parar de fazer.

Por exemplo, apresentar passagens das Escrituras que mostram maneiras de pensar que o aconselhado deve abandonar. Além disso, o conselheiro deve expor passagens bíblicas que apresentam maneiras de falar diferentes das que o aconselhado esteja usando, mas que deve parar de usar. O aconselhado deve concentrar sua atenção nas maneiras certas de pensar, falar e viver. Para que ele experimente o poder da Palavra de Deus, é preciso investir tempo na aprendizagem daquilo de que ele precisa se despir e daquilo de que ele precisa se revestir.

Uma prática importante que deve ser considerada ao explicar o problema para o aconselhado é dar exemplos que possam ajudá-lo a ganhar uma perspectiva prática de como aplicar o que aprendeu. O conselheiro pode mostrar histórias das Escrituras que mostram ao aconselhado problemas parecidos e a implementação da solução adequada. O conselheiro pode também compartilhar histórias pessoais que mostrem ao aconselhado problemas parecidos com o dele e explicar como foram solucionados. As ilustrações ou histórias providenciam orientações práticas para o aconselhado à medida que ele considera como colocar seu aprendizado em prática.

PROPORCIONAR PROJETOS PARA A MUDANÇA

Antes de começar a estipular projetos para a mudança, é preciso considerar dois aspectos. Em primeiro lugar, é necessário que haja um acordo entre o conselheiro e o aconselhado de que este esteja disposto a trabalhar nos projetos de mudança. O conselheiro também pode querer incentivar o aconselhado mostrando-lhe a importância de ser um praticante da Palavra e não um mero ouvinte (Tg 1.22). O conselheiro deve estar pronto para dar apoio ao aconselhado e possibilitar uma prestação de contas. Em segundo lugar, o conselheiro precisa providenciar um roteiro para o processo de mudança. O conselheiro pode ajudar o aconselhado, apontando processos e

procedimentos específicos que o aconselhado pode usar para despir-se e revestir-se devidamente. Isso pode significar que ele dará passagens das Escrituras adequadas à situação que contenham instruções para seguir, e pode também significar que dará folhas com tarefas a fazer ou livretos que tragam ensino bíblico e exemplos a seguir de acordo com a situação. O objetivo é levar o aconselhado a praticar atos específicos de amor a Deus e ao próximo.

O conselheiro, portanto, deve criar ou providenciar projetos que levem o aconselhado a adorar a Deus. A Bíblia declara que Deus deve ser adorado em espírito e em verdade (Jo 4.24). O conselheiro deve guiar o aconselhado em projetos que lhe ensinem a prática de exaltar devidamente o caráter de Deus. Esses projetos devem levar o aconselhado à compreensão da verdadeira natureza de Deus. Também devem levar o aconselhado a experimentar a realidade de Deus mediante atos de adoração conforme Ele quer que aconteça. A Bíblia explica que o culto agradável a Deus é a entrega de nós mesmos como sacrifício vivo e santo a Deus (Rm 12.1). Os projetos dados a um aconselhado devem levá-lo a apresentar seu corpo a Deus para cumprir Sua vontade e agir em conformidade com ela. Além disso, podemos dar projetos que levem o aconselhado a viver exclusivamente para o agrado de Deus. Mais ainda, podemos dar projetos que levem o aconselhado a agradecer a Deus por todas as coisas e em todas as situações, sabendo que Deus faz com que todas elas cooperem em última instância para o seu bem. Por último, esses projetos devem levar o aconselhado à prática das disciplinas espirituais da fé cristã.

O conselheiro também tem a responsabilidade de providenciar projetos que possam levar o aconselhado a expressar amor ao próximo. Ele pode ensinar o aconselhado a cumprir adequadamente seu papel na família conforme está descrito nas Escrituras. Além disso, o conselheiro pode ensinar o aconselhado a cumprir adequadamente seu papel também

na igreja. Esse mesmo processo pode ainda ser repetido para os amigos, os estranhos ou os inimigos, ajudando a cumprir o mandamento do amor.

CAPÍTULO 12 – PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Como podemos construir um vínculo com nosso aconselhado?
2. Como encorajamos nosso aconselhado?
3. Como coletamos e ordenamos os dados que recebemos do nosso aconselhado?
4. Como explicamos o problema para o aconselhado?
5. Como explicamos a solução para o aconselhado?
6. Explique e resuma a importância dos projetos de mudança no processo de aconselhamento.
7. Qual desses elementos-chave do aconselhamento você acha mais difícil de praticar? Explique.
8. Qual desses elementos-chave do aconselhamento você acha mais fácil de praticar? Explique.
9. "O conselheiro deve ser uma pessoa de fácil relacionamento, e deve ganhar a confiança do seu aconselhado. Portanto, trazer à tona assuntos controversos, pelo menos nas primeiras fases do processo de aconselhamento, não seria a melhor maneira para construir esse vínculo". Como você reage a essa afirmação?
10. "O conselheiro pode ajudar o aconselhado, apontando processos e procedimentos específicos que o aconselhado pode usar para despir-se e revestir-se devidamente". Como você reage a essa afirmação?

CAPÍTULO 13

TÓPICOS DE PROBLEMAS NO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

Cheryl A. Bell, Andrew Aldridge, Chin Ngaihte e Gregory M. Howell

IRA/FALTA DE PERDÃO/AMARGURA

Definição

A ira é uma das muitas expressões de intensos sentimentos negativos/destrutivos em resposta ou reação a uma percepção de ter sido atacado ou ofendido. De acordo com Robert D. Jones, "Nossa ira é nossa resposta ativa e integral de juízo moral negativo contra um mal por nós percebido".[1] Uma ira descontrolada acaba progredindo para a falta de perdão e a amargura.

1. JONES, Robert, **Ira: arrancando o mal pela raiz**, Nutra Publicações, São Paulo, 2010. p. 19.

> Então, lhe disse o SENHOR: Por que andas irado, e por que descaiu o teu semblante? (Gn 4.6)
>
> Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida. (Pv 4.23)
>
> A ira do insensato num instante se conhece, mas o prudente oculta a afronta. (Pv 12.16)
>
> A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira. (Pv 15.1)
>
> Não te associes com o iracundo, nem andes com o homem colérico, para que não aprendas as suas veredas e, assim, enlaces a tua alma. (Pv 22.24,25)
>
> Irai-vos e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira, nem deis lugar ao diabo. (Ef 4.26,27)

Manifestações/Causas

As manifestações físicas ou comportamentais da ira podem variar de pessoa para pessoa. De alguma forma, um homem irado pode experimentar algo como batimento cardíaco acelerado, músculos tensos, mudança na expressão facial, palavras duras ou expressão verbal abusiva/agressiva.

Os gatilhos da ira podem variar de pessoa para pessoa ou de um lugar para outro. No entanto, de acordo com a Bíblia, a causa real da ira é o coração pecaminoso (Jr 17. 9; Mc 7.20-23; Lc 6.43-45). Alguns fatores comuns que causam a ira podem ser prazeres e desejos egoístas que guerreiam dentro de nós, motivações egoístas, inveja ou cobiça (Gn 4.6,7; Tg 4.1-3), e desobediência à Palavra de Deus. De acordo com Pv 15.1b, palavras duras, agressivas e abusivas podem suscitar a ira.

Solução

O primeiro passo rumo a uma solução bíblica para o problema da ira é guardar o coração com toda a diligência (Pv 4.23). Romanos 12.1,2 diz:

> Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

É importante reconhecer e confessar nossa ira pecaminosa (Ef 4.26,27); amar ao Senhor e amar ao próximo como a si mesmo (Mt 22.37-39; Mc 12.30,31), e iniciar o processo de reconciliação/perdão rapidamente (Ef 4.26, Cl 3.13-17). Também é importante lembrar que sempre podemos controlar nossas reações, mas não as ações dos outros (Pv 15.1).

ANSIEDADE

Definição

O medo e a ansiedade são respostas normais à nossa condição humana. Em situações nas quais as circunstâncias estão além do nosso entendimento e controle, a ansiedade é uma reação típica. As Escrituras descrevem essas reações como cuidado (Sl 55.22), coração aflito (Jo 14.27), pensamentos ansiosos (Sl 139.23,24), e muitas preocupações quanto à vida (Mt 6.25; Lc 10.38-42).

Manifestações/Causas

As respostas humanas à ansiedade envolvem todo nosso ser e se manifestam mentalmente, emocionalmente e fisicamente.

A *Mayo Clinic* descreve os sintomas de ansiedade da seguinte forma:

- sensação de apreensão,
- sensação de impotência,
- sensação de perigo iminente, pânico ou desgraça,
- aumento do ritmo cardíaco,
- respiração rápida (hiperventilação),
- suor,
- tremor,
- sensação de fraqueza ou cansaço.[2]

Os cristãos, porém, são chamados a responder de forma diferente. Deus deixou claro que os sentimentos de medo e ansiedade não provêm dEle: "Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação" (2 Tm 1.7). Examinar as causas da ansiedade nos ajuda a identificar as soluções. A jornalista secular Lisa Miller observou astutamente que:

> As pessoas ansiosas se detêm em resultados potencialmente negativos e assumem a responsabilidade (irracional e desproporcionada) de lidar com os desastres que elas imaginam que ocorrerão. "O que acontecerá?" ou, mais precisamente, "O que acontecerá comigo?" é o sussurro calado da ansiedade.[3]

Ao fazer essa observação, Miller aponta para nossa pecaminosa tendência egocêntrica. Embora não represente um problema do ponto de vista secular, ela está em oposição direta ao chamado de Deus para que os cristãos morram para si mesmo (Mt 16.24-26).

2. Para maiores informações, visite o site da *Mayo Clinic*: http://www.mayoclinic.org/diseases-conditions/anxiety/basics/symptoms/con-20026282.
3. MILLER, Lisa. **Listening to xanax:** how America learned to stop worrying about worrying and pop its pills instead. New York: New York Magazine. March 12, 2012.

Além disso, as Escrituras estabelecem uma ligação entre nossa ansiedade e o medo inadequado. Para que pudéssemos temer a Deus, fomos feitos criaturas capazes de temer (Êx 20.20). No entanto, redirecionamos nosso medo para longe do Criador, em direção à Sua criação, e nos tornamos adoradores das criaturas em lugar de adoradores do seu Criador (Rm 1.24,25). Quando identificamos o que tememos fica fácil identificar que nós erradamente adoramos. Uma fé deficiente também está associada à ansiedade: "Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé?" (Mt 6.30).

Finalmente, Deus revela a ligação que há entre o medo e o orgulho. Enquanto as pessoas humildes tomam seus cuidados e suas ansiedades e os entregam a Deus, as pessoas orgulhosas cultivam os pensamentos ansiosos e os carregam sozinhas.

Solução

1. Devemos temer a Deus e testar nosso medo para ver se ele é genuíno, avaliando nossa obediência.

> Não sejas sábio aos teus próprios olhos; teme ao SENHOR e aparta-te do mal. (Pv 3.7)

2. Devemos crescer na fé, dedicando tempo para estar com Deus em Sua Palavra.

> E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo. (Rm 10.17)

3. Devemos confessar nosso orgulho como pecado e escolher a humildade.

> Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte. (1 Pe 5.6,7)

4. Devemos confessar nossa ansiedade como pecado, orar, e fixar intencionalmente nossa mente nas verdades de Deus.

> Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus. Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento. O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai; e o Deus da paz será convosco. (Fp 4.6-9)

TEMOR A HOMENS

Definição

O temor a homens é uma atitude do coração, individual ou coletiva, que reverencia outras pessoas em vez de Deus, que procura agradar os outros mais do que a Deus e que serve os interesses dos outros em lugar dos de Deus. Pode significar também ser controlado por pessoas e não por Deus, temer as pessoas mais do que a Deus, viver para agradar os outros e não a Deus, e ter como principal objetivo de vida agradar as pessoas.

Manifestações/Causas

Podemos vincular o temor a homens a outros nomes como "pressão de pares", "codependência" ou "agradar pessoas". O "temor a homens" é um tema recorrente ao longo da Bíblia.

É uma atitude pecaminosa comum encontrada não apenas nos crentes individualmente, mas também nas igrejas.

A história de Elias em 1 Rs 19.1-10 demonstra o poder controlador do temor a homens. Imediatamente após sua grande vitória sobre os 450 profetas de Baal e os 400 profetas de Aserá, o profeta de Deus perdeu a coragem e correu para escapar da ameaça de Jezabel. No Novo Testamento, Pilatos entregou Jesus Cristo à multidão para ser crucificado em lugar de um criminoso conhecido, Barrabás, porque ele queria agradar a multidão (Mt 27.15-26; Mc 15.6-15; Lc 23.13-25). Pedro também negou Jesus três vezes como resultado de seu temor a homens (Lc 22.54-62).

Quando tememos a homens mais do que a Deus, procuramos a aprovação dos homens mais do que a aprovação de Deus, estamos mais atentos a eles do que a Deus, nós nos importamos mais com a opinião deles do que com a de Deus, trabalhamos para agradar a homens. Seguir a maioria, mesmo quando a sabedoria bíblica indica que devemos fazer o contrário, é mais uma expressão do temor a homens. Toleramos, justificamos ou racionalizamos o pecado por causa do medo da maioria. A indecisão também pode ser uma indicação de temor a homens.

Não podemos ver a Deus como Ele é (Is 6) e, então, olhamos para o homem no lugar de Deus. Tal visão distorcida de Deus e do homem deve-se à falta de um relacionamento pessoal com Deus. Tememos aos homens mais do que a Deus quando colocamos a nós mesmos em primeiro lugar e Ele em último. O medo de ser humilhado, envergonhado, rejeitado ou magoado também pode levar ao temor a homens.[4]

4. WELCH, Edward T. **Quando as pessoas são grandes e Deus é pequeno**. São Paulo, SP: Editora Batista Regular, 2008. p. 119-277.

Solução

Para temermos a Deus mais do que a homens, precisamos ter um relacionamento pessoal e vivo com Ele. Sem esse relacionamento, não seremos capazes de conhecê-lO e compreender quem Ele é. A Bíblia nos ensina a amar ao Senhor de todo o nosso coração e servir somente a Ele (Dt 6.5; Mt 4.10; 22.37; Mc 12.30,31; Lc 10.27). Também devemos conhecer e praticar o temor do Senhor (Is 33.6; 40.25; Sl 34.9,11; Pv 1.7), e crescer no temor do Senhor (Is 6:1-8; 26:3,4; 40:11; Lc 2:10-12). Devemos nos lembrar de nossa identidade em Cristo, lembrar quem somos em Cristo (2 Co 5.17; Ef 2.19; 1 Pe 2.9), e nos alegrar no Deus que nos satisfaz (Sl 37.4; Hb 3.17-19; Rm 5.1-8; Fp 1.6, 3.20,21). Devemos aprender a amar aos outros mais do que necessitar dos outros (Lc 10.27; Mt 22.39; Fp 2.3; 1 Jo 4.7). Além disso, é importante ir ao encontro de outras pessoas e ministrar aos outros em amor (Mt 20.28; Gl 5.13; 6.2; 1 Pe 4.10).

O FRUTO DO ESPÍRITO × O FRUTO DA CARNE

Definição

Henry Brandt descreve esse problema como "encher-se do Espírito ou encher-se de pecado".[5] Quando um indivíduo está cheio do Espírito, ele goza de liberdade da escravidão do pecado por meio do poder do Espírito Santo de Deus. "Essa liberdade cumpre a lei porque a fé atua pelo amor (Gl 5.6) e o amor cumpre a lei (Gl 5.13s). Andar no Espírito é andar em amor (Ef 5.2)".[6] Quando os textos de Gálatas 5 e de Efésios 5 são justapostos, eles mostram uma lista de expressões do fruto do Espírito, bem como uma lista de hábitos pecaminosos praticados quando as pessoas vivem de acordo com o fruto da carne. Em Gl 5.16-26, Paulo explica que se trata

5. BRANDT, Henry, SKINNER, Kerry L. **The heart of the problem.** Nashville, TN: Holman, 1995. p. 66.
6. PAINTER, John. "The fruit of the Spirit is love: Galatians 5:22-23: an exegetical note". **Journal of Theology for Southern Africa**, December 1, p. 57, 1973.

de uma escolha feita conscientemente pela pessoa. Uma vez que se trata de uma decisão pessoal, apenas a própria pessoa pode ser responsável pelas consequências, e apenas ela pode modificar a situação e corrigi-la, orientada pelo Espírito. Cabe à pessoa fazer uma escolha de negar a carne e deixar-se guiar pelo Espírito.

Manifestações/Causas

Acima de tudo, trata-se de uma questão de adoração. A pessoa escolhe adorar e glorificar a carne em vez de adorar e glorificar a Deus, e o resultado é um comportamento egoísta que busca a autopromoção. De acordo com Gl 5.17, a carne opõe-se ao Espírito. Ao consultar as Escrituras, vemos que a batalha entre personificar o fruto do Espírito ou o fruto da carne é vencida quando se toma a decisão de seguir o Senhor e negar os desejos da carne que são contrários à Lei de Deus. Romanos 6.19 explica que, no passado, foi tomada uma decisão voluntária de ser mau e que agora é preciso tomar a decisão voluntária de glorificar a Deus. Essa decisão acontece pelo poder de Deus. O texto de 2 Pe 1.2-4 nos encoraja dizendo que Deus nos deu Seu divino poder por meio do conhecimento de Cristo, e que aqueles que são coparticipantes desse poder livram-se da corrupção. Quando uma pessoa escolhe ser egocêntrica, em lugar de colocar o foco em Deus, ela escolhe a quem quer adorar e glorificar.

Solução

As escolhas de comportamento de uma pessoa revelam seu deus funcional. O primeiro passo para ajudar alguém é auxiliar essa pessoa a dirigir seu foco para Deus. Provérbios 4.23 diz: "Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida". Esse é um momento perfeito para lembrar à pessoa que sozinha ela não é forte o suficiente para alcançar a mudança necessária, mas que ela pode mudar

por meio do poder de Cristo (Fp 4.13). O poder do Espírito Santo que habita no crente dará paz e esperança (Rm 5.13), e 1 Jo 1.9 lembra que Deus é fiel para perdoar os pecados sempre que os confessamos.

PESAR

Definição

Pesar é o luto pela perda de alguém ou pela perda ou falta de algo. Exemplos de pesar incluem o luto pela morte de um membro da família, o lamento pelo próprio pecado ou a tristeza por uma perda financeira. Existem vários exemplos de pesar na Bíblia. José lamentou a morte de seu pai (Gn 50.10). Jesus chorou por Jerusalém (Lc 19.41) e pela morte de Lázaro (Jo 11.35). Uma criança tola traz pesar para seus pais (Pv 10.1; 17.25). Paulo sentia pesar por mais judeus não serem cristãos (Rm 9.1-5).

Manifestações/Causas

Existem várias maneiras pelas quais o pesar pode se manifestar na vida de alguém. Muitas vezes, a pessoa pesarosa irá chorar como Jesus fez nos versos citados anteriormente. As pessoas podem perguntar: "Por que isso foi acontecer comigo?". A mãe que sente pesar por um filho pródigo pode perguntar: "Por que ele não pode viver de maneira que agrade a Deus?". A pessoa consumida pelo pesar pode ser incapaz de se concentrar, pois ela não cessa de pensar na causa da sua tristeza. Os pesarosos podem ficar deprimidos.

Há várias causas possíveis para o pesar. Uma das causas pode ser a morte de um amigo ou parente próximo. Pode-se sentir pesar por algo que aconteceu no passado, tal como ter perdido sua casa por causa de um incêndio ou de uma dívida. O pesar pode também ser fruto de algo que acontecerá no futuro como, por exemplo, saber que será preciso mudar de

cidade por motivo de trabalho e deixar para traz a família e os amigos. Um filho pródigo que vive na impiedade pode trazer tristeza para seus pais.

Solução

Após o aconselhado explicar a situação, o conselheiro pode determinar qual é a causa do pesar e, em seguida, determinar o melhor plano para ir adiante. Se o aconselhado está enlutado pela perda recente de um dos pais, o conselheiro pode se colocar ao seu lado, chorar com ele e encorajá-lo. No entanto, se o aconselhado está pesaroso pela perda de seus bens materiais, o conselheiro pode ajudá-lo a orientar seu foco para armazenar tesouros no céu (Mateus 6).

O conselheiro precisa avaliar se o aconselhado tirou seu foco de Deus em consequência de um pesar ou de algum outro motivo. Se isso aconteceu, o conselheiro deve incentivá-lo a confessar seu pecado.

> Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. (1 Jo 1.9)

Se o conselheiro acredita que o foco do aconselhado está em Deus, ele deve chorar com o aconselhado e encorajá-lo.

> Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram. (Rm 12.15)

> Pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado. (Hb 3.13)

O conselheiro pode, então, ajudar o aconselhado a direcionar seu foco para o amor a Deus e ao próximo (Mt 22.36-40), bem como ajudar o aconselhado a considerar os outros acima

de si mesmo (Fp 2.3,4). O conselheiro deve ajudar o aconselhado a redirecionar e manter seu foco em Deus.

IMORALIDADE E PUREZA

Definição

O termo imoralidade costuma ser associado a religião e sexo. Geralmente, a imoralidade é entendida como um comportamento considerado perverso, pecaminoso ou de alguma forma errado. O problema é que esse entendimento não leva em conta aquilo que a Bíblia chama de imoralidade. Biblicamente, imoralidade é agir sob a influência de uma tentação que está em rebelião contra Deus. A imoralidade não começa no ato, mas nos pensamentos. É por isso que o apóstolo Paulo nos diz, em 2 Co 10.5, que devemos "levar cativo todo pensamento". No Sermão da Montanha, Jesus explicou que o adultério e o assassinato são pecados que começam nos pensamentos de um indivíduo, e não na ação que ele pratica. O autor de Hebreus explicou em Hb 4.12: "Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração".

Manifestações/Causas

Segundo as Escrituras, Deus não permitirá que alguém seja tentado além de sua capacidade, e quando for tentado, Deus fornecerá um meio de escape (1 Co 10.13). Hebreus 4.15 diz-nos que Jesus foi tentado em todos os sentidos e que Ele foi tentado sem pecar. Jesus manteve-se puro e guardou sua lealdade à vontade de Deus.

As tentações podem ser classificadas em três categorias: a concupiscência dos olhos, a concupiscência da carne, a soberba da vida. Para nos ajudar, consideraremos dois exem-

plos bíblicos de tentação e de como ela foi enfrentada. No Jardim do Éden, Eva foi tentada pela serpente. Ela recebeu instruções claras sobre a árvore do conhecimento do bem e do mal, mas foi tentada a negar tais instruções. Ela percebeu que o fruto era bom para comer, agradável aos olhos, e desejável para dar entendimento (Gn 3.6). Eva foi tentada, tomou do fruto e o comeu.

Jesus foi tentado também em Mt 4.1-11. Após um jejum de quarenta dias, Satanás lhe ofereceu um alimento atraente para a concupiscência da carne. Ele foi tentado a lançar-se do topo do templo sabendo que os anjos o pegariam, algo atraente para a soberba da vida, e Jesus foi tentado a possuir muitos reinos, algo atraente para a concupiscência dos olhos. Vez por vez, Jesus respondeu com as Escrituras – usadas dentro do contexto – e manteve Seu foco direcionado para a vontade de Deus, sem ceder à imoralidade.

Em Jo 8.34, Jesus resumiu da seguinte forma: "Todo o que comete pecado é escravo do pecado". De acordo com Smith, "ninguém pode negar que há prazer no pecado. Se não houvesse prazer nenhum no pecado, ninguém cairia em tentação".[7] Então, por que as pessoas cedem à tentação e à imoralidade? As pessoas cedem à tentação e à imoralidade porque encontram prazer carnal em seus pecados. A primeira ideia que precisamos destacar aqui é um foco intencional em Deus e em Sua Palavra. Jesus mostrou que o conhecimento da Palavra de Deus é indispensável na luta contra o pecado. Jesus citou as Escrituras que estavam guardadas em Seu coração. Obviamente, Ele meditava nas Escrituras para tê-las disponíveis no momento de necessidade. O Salmo 1 explica que o homem justo se detém na lei do Senhor e nela medita.

7. SMITH, Robert. **The Christian counselor's medical desk reference**. Stanley, NC: Timeless Texts, 2000. p. 15.

Solução

> Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus. Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus. (1 Co 6.9-11)

Paulo explica que o poder para vencer a imoralidade está em Cristo. O poder do Espírito Santo foi-lhes concedido, e a expressão "tais fostes" aponta para a transição. Eles estavam na lista dos ímpios, mas foram lavados, foram santificados, foram justificados.

Devemos "levar cativo todo pensamento à obediência de Cristo" (2 Co 10.5). Vencer o desejo de saciar a carne é resultado de identificar os pensamentos carnais e perguntar: "Com esta ação, quem será glorificado? Eu ou Deus?". Leve seus pensamentos cativos e faça com que cada pensamento e cada ação sejam para a glória de Deus.

ORGULHO E EGOÍSMO

Definição

Orgulho é pensar mais de si mesmo do que convém. Egoísmo ou egocentrismo é concentrar a atenção em si mesmo, e não em Deus e nos outros. O orgulho e o egoísmo andam de mãos dadas.

Manifestações/Causas

Pensamentos ou atos suicidas são algumas das manifestações de orgulho e egoísmo. Os pensamentos suicidas são contrários aos pensamentos piedosos de servir a Deus ou aos outros, algo

que não conseguiremos fazer se estivermos mortos. Outras manifestações são a automutilação e a lamúria. As pessoas orgulhosas não estão dispostas a ouvir, pois elas não se importam com o que os outros pensam. Elas querem ter as coisas do seu jeito e podem exigir que sejam feitas assim. As pessoas orgulhosas pensam muito em si mesmas, não estão dispostas a servir, não se preocupam com os outros nem os amam.

As causas de orgulho e egoísmo incluem amar a si mesmo e adorar a si mesmo. Alguns podem desejar dinheiro, atenção, beleza, respeito, conhecimento ou outras coisas que o mundo tem para oferecer, mas que não têm valor eterno.

Solução

O conselheiro deve ajudar o aconselhado a entender o que Jesus explicou por meio do Grande Mandamento. O aconselhado (e o conselheiro) devem obedecer ao Grande Mandamento e ao Segundo Grande Mandamento.

> Mestre, qual é o grande mandamento na Lei? Respondeu-lhe Jesus: *Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento.* Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo.* Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas. (Mt 22.36-40, grifo do autor)

A pessoa orgulhosa concentra a atenção em si mesma em vez de dirigir seu foco para Deus e para os outros. Essa pessoa é egocêntrica, ama mais a si mesma do que a Deus e ao próximo. Ela deve confessar seu pecado de orgulho a Deus (1 Jo 1.9), deve começar a colocar os interesses de Deus em primeiro lugar e considerar os outros antes de considerar a si mesma.

> Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros. (Fp 2.3,4)

Tudo o que fazemos deve ser feito para a glória de Deus (1 Co 10.31). Se isso inclui as coisas aparentemente insignificantes como comer e beber, então inclui também coisas maiores e mais importantes como o que fazemos aos domingos, e todos os demais dias da semana, como tratamos a Deus e os outros. Nosso amor a Deus e ao próximo deve ficar evidente diante dos outros (Jo 13.34,35).

SOFRIMENTO

Definição

A angústia e a dor que chamamos de sofrimento pode ser algo físico, algo mental e emocional, ou ambos. É uma experiência comum a todos, embora as circunstâncias que produzem o sofrimento possam variar amplamente. Nas Escrituras, Deus usa vários nomes para identificar nossos sofrimentos como, por exemplo: provações (Tg 1.2-4), aflições (Jo 16.33), tentações (Tg 1.13-15) e fogo ardente (1 Pe 4.12,13).

Manifestações/Causas

Embora estejamos acostumados a ver sofrimento ao nosso redor, quando o vivenciamos pessoalmente, podemos ser pegos de surpresa. Parte do problema é que temos expectativas para esta vida que não são bíblicas. No entanto, Deus, em Sua bondade, diz-nos repetidamente que o sofrimento faz parte da vida do crente (2 Tm 3.12; 1 Co 4.16-18; 1 Pe 4.12,13; Jo 16.33). Suas palavras são um poderoso corretivo para nossa maneira humana de pensar.

> Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo. (1 Pe 4.12)

> Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo. (Jo 16.33)

Existem três causas para o sofrimento: o pecado pessoal, o pecado dos outros e o mundo corrompido pelo pecado. Enquanto nós, muitas vezes, procuramos evitar a responsabilidade pelo pecado pessoal e transferimos a outros a responsabilidade pelo sofrimento que provém do nosso pecado, Deus deixa claro que nós somos os responsáveis.

> Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta. Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte. (Tg 1.13-15)

Às vezes, sofremos por causa do pecado dos outros. O apóstolo Pedro fala sobre o sofrimento imerecido e lembra-nos de seguir o exemplo de Cristo em tais situações.

> Porque isto é grato, que alguém suporte tristezas, sofrendo injustamente, por motivo de sua consciência para com Deus. Pois que glória há, se, pecando e sendo esbofeteados por isso, o suportais com paciência? Se, entretanto, quando praticais o bem, sois igualmente afligidos e o suportais com paciência, isto é grato a Deus. Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos, o qual não cometeu pecado, nem

> dolo algum se achou em sua boca; pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente, carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados. (1 Pe 2.19-24)

Às vezes, sofremos por causa de desastres naturais. Se é para retratar a história do evangelho com precisão, este mundo é marcado pelas cicatrizes do pecado, porque não poderia ter permanecido livre dos danos causados pelo nosso pecado (Rm 1.18-20).

> Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora. (Rm 8.20-22)

Deus fez-Se conhecido de nós e Ele não escondeu Suas intenções. Elas estão claramente expressas em Dt 8.2,3, quando Deus descreve o sofrimento no deserto.

> Recordar-te-ás de todo o caminho pelo qual o SENHOR, teu Deus, te guiou no deserto estes quarenta anos, para te humilhar, para te provar, para saber o que estava no teu coração, se guardarias ou não os seus mandamentos. Ele te humilhou, e te deixou ter fome, e te sustentou com o maná, que tu não conhecias, nem teus pais o conheciam, para te dar a entender que não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede da boca do SENHOR viverá o homem.

O sofrimento é usado por Deus para expor o coração e produzir um reconhecimento humilde de que somos criaturas espirituais que não encontram satisfação em viver apenas a vida no reino físico. Para estarmos verdadeiramente contentes, precisamos alimentar a alma com Deus e Sua Palavra.

O que Deus pretende alcançar por meio dessa compreensão? Nada menos que nossa santificação – a transformação constante que ocorre à medida que Ele nos molda à imagem de Cristo (Rm 8.29; 5.3-5; 2 Co 12.7-9). O resultado dessa santificação é a intimidade com Deus (Jó 42.5,6; Os 2.14-16). Ao mesmo tempo, Deus usa nosso sofrimento para impactar outras pessoas. Ele nos permite encorajá-las e, na verdade, pode ser que essa seja a razão de passarmos pelo sofrimento (2 Co 1.3-7). Em última análise, todo sofrimento é para a glória dEle.

> Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo; pelo contrário, alegrai-vos na medida em que sois coparticipantes dos sofrimentos de Cristo, para que também, na revelação de sua glória, vos alegreis exultando. (1 Pe 4.12,13)

Em meio à nossa angústia, muitas vezes, perdemos de vista os propósitos de Deus e até mesmo reinterpretamos Seu caráter à luz das nossas circunstâncias. Com essa resposta arrogante, tomamos o lugar de Deus, uma vez que colocamos a nós mesmos na posição de árbitros da verdade. Isso é particularmente comum quando sofremos nas mãos de outros.

O que Deus tem planejado, então, para esses corações que anseiam por muito menos do que aquilo que foram projetados para desejar? Ele tem planos, e nenhuma escolha pecaminosa do homem pode alterar esses planos. C. S. Lewis diz claramente: "Você irá certamente realizar o propósito de Deus,

de qualquer forma que possa agir, mas fará diferença em sua vida se O servir como Judas ou como João".[8]

Nas Escrituras, Deus deixa claro que respondemos a Ele de uma maneira ou de outra à medida que a crise produzida pelo sofrimento expõe nosso coração. Embora possamos culpar nossas circunstâncias pelas respostas que damos, Deus deixa claro que essas circunstâncias simplesmente revelam o que já está em nós. Confiamos em Deus e O buscamos, ou confiamos em nosso próprio entendimento, nossos caminhos e recursos (Pv 3.5-7; Os 10.12,13).

Quando aconselhamos aqueles que responderam ao sofrimento rejeitando a verdade de Deus para seguir seu próprio caminho, devemos usar essas verdades bíblicas para admoestá-los. O pecado pessoal deve ser confessado e deve haver arrependimento.

Os aconselhados contra quem outros pecaram precisam reconhecer que a escolha de uma resposta pecaminosa faz com que eles se tornem parecidos com seus ofensores. Em essência, seu coração torna-se o solo onde são cultivados os pecados de seus ofensores, e embora seus pecados possam assumir formas diferentes, eles ainda são o fruto da semente lançada em um solo pecaminoso por aqueles que os ofenderam.

Solução

Eles devem rejeitar a fé superficial.

> Atendei vós, pois, à parábola do semeador. [...] O que foi semeado em solo rochoso, esse é o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria; mas não tem raiz em si mesmo, sendo, antes, de pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza. (Mt 13.18, 20,21)

8. LEWIS, C. S. **O problema do sofrimento**. 2. ed. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 1986. p. 80.

Eles devem rejeitar a dúvida sobre Deus e Seu caráter, pois Ele é poderoso, amoroso e bom (Lc 1.37; Rm 8.35-39; Sl 107.1). Eles devem escolher a confiança em Deus (Sl 18.2; 25.1,2; 143.8).

Eles devem reconhecer a necessidade de morrer para si mesmos.

> Dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará. Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se ou a causar dano a si mesmo? (Lc 9.23-25)

Eles devem seguir os exemplos do Antigo Testamento e suportar com paciência.

> Irmãos, tomai por modelo no sofrimento e na paciência os profetas, os quais falaram em nome do Senhor. Eis que temos por felizes os que perseveraram firmes. Tendes ouvido da paciência de Jó e vistes que fim o Senhor lhe deu; porque o Senhor é cheio de terna misericórdia e compassivo. (Tg 5.10,11)

Eles devem reconhecer que o sofrimento é o meio pelo qual a esperança é produzida.

> E não somente isto, mas também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança. (Rm 5.3,4)

Eles devem procurar ativamente os meios de escape que Deus provê.

> Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças;

> pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar. (1 Co 10.13)

Eles devem escolher uma perspectiva eterna.

> Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós. (Rm 8.18)

William Nicholson lembra-nos de verdades transformadoras sobre o sofrimento:

> Deus nos ama, e por isso Ele nos dá a dádiva do sofrimento. Por meio do sofrimento, abrimos mão dos brinquedos deste mundo, e descobrimos que nossos verdadeiros bens estão em outro mundo. Somos como blocos de pedra, nos quais o escultor esculpe formas de homens. Os golpes de seu cinzel, que nos machucam tanto, são o que nos fazem perfeitos. O sofrimento neste mundo não é o fracasso do amor de Deus por nós; é o amor em ação. Acredite, portanto, em mim: este mundo que nos parece tão substancial não é mais do que uma terra de sombras. A vida real ainda não começou.[9]

CAPÍTULO 13 – PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Dê a definição e a solução para a ira.
2. Dê a definição e a solução para a ansiedade.
3. Dê a definição e a solução para o temor a homens.
4. Explique o fruto do Espírito e os frutos da carne.
5. Dê a definição e a solução para o pesar.
6. Explique como podemos vencer a imoralidade.
7. Dê a definição e à solução para orgulho e egoísmo.

9. NICHOLSON, William. **Shadowlands**: a drama. London: Samuel French, 1989. p. 9.

8. Dê a definição e a solução para o sofrimento.
9. Em qual assunto você perceba que sua luta é mais intensa?
10. Como você aplicará em sua vida as percepções compartilhadas neste capítulo?

CAPÍTULO 14

ESTUDOS DE CASO POR TÓPICOS

Cheryl A. Bell, Andrew Aldridge, Chin Ngaihte e Gregory M. Howell

IRA/FALTA DE PERDÃO/AMARGURA

Jonathan e sua esposa estão casados há dois anos. No entanto, há mais ou menos seis meses, eles se entregaram a brigas constantes até mesmo por questões banais como a hora do jantar. Da última vez que eles brigaram, Jonathan ficou tão irritado que passou à agressão física e empurrou a esposa contra a parede.

Reúna a maior quantidade possível de dados/informações sobre o casal (especialmente sobre Jonathan), fazendo perguntas que incluem:

- seus antecedentes pessoais e familiares,
- sua condição espiritual,
- a caminhada pessoal com Deus (se eles forem crentes),

- se não forem crentes, faça perguntas sobre seus objetivos e propósitos para o casamento. Daqui em diante, lenta e cuidadosamente, será possível levá-los rumo a uma perspectiva bíblica.

Perguntas para fazer ao aconselhado

- O que faz com que você fique irado?
- Como você expressa sua ira?
- Em geral, quanto tempo dura sua ira?
- Como você apazigua ou resolve a questão? Vocês foram capazes de chegar a uma solução a cada briga que tiveram?
- O que você fez para resolver o problema?
- Você tem orado sobre o problema?
- Vocês são capazes de perdoar?

Alguns textos bíblicos sugeridos para estudo

- Mt 22.37-40; 1 Co 13.4-7; Ef 4.25-32, 22-33; Cl 3.8-17; Tg 4.1-4.
- Dê como tarefa prática o estudo de uma passagem bíblica relevante – talvez alguma entre as da lista acima – e discuta no encontro seguinte.
- Termine o encontro com uma oração.

Algumas diretrizes sugeridas para o aconselhamento

- Ajude os aconselhados a identificarem os desejos que se tornaram exigências e os levaram a pecar contra Deus e contra o cônjuge. Conduza-os a uma confissão desses desejos que se tornaram exigências e ao arrependimento.
- Ensine e explique biblicamente como resolver os conflitos, e ajude os aconselhados a aplicarem devidamente essas habilidades.
- Identifique as características específicas do amor que estão ausentes na situação e desenvolva um plano para aplicar devidamente essas características no amor entre eles.

ANSIEDADE

Antes de iniciar o aconselhamento, o sono de Connie era escasso. Ela costumava adormecer dentro de uma hora após se deitar, mas geralmente acordava várias vezes por noite e tinha dificuldade para voltar a dormir em consequência de tantas preocupações. Ela também tinha pensamentos ansiosos durante todo o dia. Os piores momentos aconteciam enquanto ela dirigia seu carro. Essa ansiedade frequentemente a fazia sentir-se perdida e desorientada mesmo quando estava em caminhos que lhe eram familiares. Ela também não viajava de avião. Além disso, Connie era desorganizada e deixava muitas vezes de cumprir seus compromissos.

Encontro 1: Preencha um IDP e um termo de consentimento informado.

- Faça perguntas para identificar o que Connie pensa sobre sua ansiedade e suas causas.
- Pergunte sobre sua condição espiritual para identificar se ela é crente.
- Compartilhe o evangelho se ela não for salva.
- Se ela for crente, termine o encontro com Rm 8.28,29 para dar propósito e significado às suas experiências de vida.
- Dê uma tarefa prática que garanta que ela tenha tempo com Deus em Sua Palavra.

Encontro 2: Invista tempo para orar por Connie.

Continue a fazer perguntas e a reunir dados que identifiquem as questões do coração e os problemas que precisam ser tratados.

Inicie o encontro revendo as tarefas práticas que Connie fez e descubra como Deus agiu em sua vida durante a semana anterior.

Neste encontro, comece a tratar os problemas do coração associados à ansiedade. A lista abaixo abrange assuntos que devem ser tratados durante uma série de encontros de aconselhamento. Dê tarefas práticas que enfatizem esses assuntos.

- Enfatize a necessidade de fortalecer sua fé por meio da oração e do estudo da Bíblia, destacando Rm 10.17, Jo 17.17; 2 Tm 3.16,17; Hb 4.12 e Fp 4.4-9.
- Dê como tarefa prática outras leituras bíblicas que reforcem as verdades desses textos.
- Dirija-se aos desejos que há no coração de Connie de adorar algo/alguém que não seja Deus, conforme demonstrado pelo temor de coisas/pessoas em lugar do temor a Deus, e compare versículos sobre o temor a Deus e o temor a homens.
- Ensine a Connie a ligação entre a adoração e o medo.

> Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual *sirvamos*[1] a Deus de modo agradável, *com reverência e santo temor.* (Hb 12.28, grifo do autor)

> *Adorai* o SENHOR na beleza da sua santidade; *tremei diante dele,* todas as terras. (Sl 96.9, grifo do autor)

Ajude-a a entender que o medo aponta para aquilo que adoramos. A adoração indevida gera um medo indevido.

- Usando Êx 20.20, identifique aquilo para que Connie está olhando em lugar de Deus. Quem ou o que ela está adorando? Concentre-se em como ela pode mudar seu foco e colocar Deus no lugar que Lhe é devido em sua vida.
- Confronte a questão do orgulho que está no âmago dos pensamentos e dos comportamentos ansiosos.

1. **Nota do Tradutor:** A versão da Bíblia NVI traduz Hb 12.28 como "*adoremos* a Deus de modo aceitável, *com reverência e temor*".

- Use o exercício *41 Evidences of Pride,* por *Revive Our Hearts*[2], como tarefa prática para identificar áreas específicas de orgulho.

À medida que Deus opera, oriente Connie a arrepender-se e a confessar seu pecado conforme 1 Jo 1.9.

TEMOR A HOMENS

Kevin é um bom crente e um membro ativo, especialmente entre os jovens de sua igreja. Ele trabalha em um ambiente não cristão. Seus colegas de trabalho, inclusive seu chefe, muitas vezes mostram uma atitude hostil em relação ao cristianismo. Recentemente, surgiu uma conversa sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Kevin acredita que o casamento entre pessoas do mesmo sexo é totalmente contrário ao ensino bíblico, e que o aborto também é errado. No entanto, ele tem medo de compartilhar aquilo em que acredita, pois ele sabe que faz parte de uma minoria que compartilha das mesmas crenças e que ele será ridicularizado e criticado.

Comece com algumas questões preliminares sobre o contexto de vida de Kevin, incluindo dados sobre seu ambiente de trabalho e sua caminhada diária com o Senhor.

É importante reconhecer e apreciar sua posição especialmente naquelas duas questões em que ele defende a verdade bíblica.

Com mansidão, encoraje-o a continuar não só a defender a verdade bíblica, mas também a compartilhá-la com os outros sempre que possível.

Pode ser importante ensinar habilidades para uma comunicação bíblica eficaz.

2. **Nota do Tradutor:** *41 Evidences Of Pride* está disponível em https://www.reviveourhearts.com/media/uploads/pdf/articles/41 EvidencesPride.pdf.

Para encorajá-lo a ser ousado e voluntarioso para compartilhar a verdade bíblica, pode-se conduzi-lo a estudar alguns textos bíblicos relevantes ou de personagens bíblicos como Josué e Calebe, José, o apóstolo Paulo ou os pais da fé em Hb 11.

Estar entre a maioria ou a minoria não importa aos olhos de Deus. O que importa é nossa obediência e nossa fidelidade à verdade.

Alguns textos bíblicos: 1 Tm 2.15; 3.16; Mt 10.26-33; Is 40.8; Rm 8.33-39.

A Bíblia nos ensina a não temer outras pessoas, mas temer a Deus:

> Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas. (Pv 3.5,6)
>
> Não confieis em príncipes, nem nos filhos dos homens, em quem não há salvação. Sai-lhes o espírito, e eles tornam ao pó; nesse mesmo dia, perecem todos os seus desígnios. (Sl 146.3,4)
>
> Em meio à tribulação, invoquei o SENHOR, e o SENHOR me ouviu e me deu folga. O SENHOR está comigo; não temerei. Que me poderá fazer o homem? (Sl 118.5,6)
>
> Melhor é buscar refúgio no SENHOR do que confiar no homem. Melhor é buscar refúgio no SENHOR do que confiar em príncipes. (Sl 118.8,9)
>
> Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. (Mt 22.37)

- Ajude Kevin a desenvolver a habilidade de se concentrar menos naquilo que as pessoas pensam a respeito dele e se

concentrar mais em como mostrar interesse pelas pessoas por meio de suas palavras e ações.
- Leve Kevin a identificar e discernir os desejos que dominam seu coração quando ele teme perder as pessoas ou a aprovação delas, resultando em ter medo de falar
- Leve Kevin a aprender as características do amor que ele precisa desenvolver para com os outros.

O FRUTO DO ESPÍRITO × O FRUTO DA CARNE

Jennifer tem 25 anos de idade e se declara cristã. Ela tem um emprego bem remunerado e muitos amigos que gostam da vida noturna. Jennifer sente-se pressionada a frequentar as festas com esses amigos e quando ela o faz, eles se entregam ao consumo de bebidas alcoólicas em extremo excesso. Ela afirma que sente culpa depois dessas noites de bebedeira, mas que essa culpa não tem sido suficiente para fazê-la parar de se embriagar. Ela procurou aconselhamento para aprender a vencer a pressão dos colegas e defender com firmeza a sua fé.

Encontro 1

Inicialmente, o encontro deve começar lidando com o assunto principal. Essa é a informação dada quando se colheram os dados pessoais do aconselhado para entender o motivo do encontro e estabelecer objetivos.

Explique que Deus concedeu Seu Espírito a cada crente, que Ele habita em nós e nos guia à justiça. A culpa pelos atos obviamente pecaminosos é uma maneira de nos dirigir para longe desse comportamento. Jennifer está certamente ciente de que esse comportamento é pecaminoso. Não deixe de chamá-lo de pecado.

Como cristã, ela é uma vencedora. Jesus disse que Ele veio para dar vida em abundância, não para nos fazer infelizes. Em Gl 5, Paulo mostra que a embriaguez é um fruto da carne e

uma ação que não honra a Deus. Em seguida, ele apresenta o fruto do Espírito e é nisso que ela precisa se concentrar para vencer a pressão dos colegas e a tentação.

Dê tarefas práticas:

- Leia Gl 5 pelo menos duas vezes ao dia, avaliando em qual das duas listas suas ações do dia se encaixam. Você está glorificando a Deus ou a si mesma?
- Leia Ef 5 pelo menos duas vezes ao dia, avaliando se as ações do dia foram de acordo com andar na carne ou andar no Espírito. Como isso pode ser usado para glorificar a Deus e vencer a tentação?
- Mantenha um diário e registros detalhados de suas atividades da semana. Faça anotações específicas sobre suas lutas e como você lidou com cada uma delas, reconhecendo quem foi glorificado.

PESAR

Betty procurou um conselheiro de sua igreja por insistência da filha. Quando o conselheiro perguntou a Betty a razão de ela o ter procurado, Betty disse: "Meu marido morreu há dois anos e minha filha achou que eu precisava vir. Ela está preocupada porque eu ainda sinto pesar e choro todas as noites até dormir".

A. Seja compassivo – Identifique-se com as lutas de Betty.

B. Ouça – Esteja disposto a ouvir Betty com atenção. Mantenha o contato visual enquanto ela fala. Não tenha medo de presenciar suas emoções e participar da sua dor. Se ela repetir as mesmas histórias ou fizer as mesmas perguntas vez após vez, seja paciente com ela. Responda às perguntas que você

puder responder. Reaja às suas histórias quando for apropriado. Sempre que possível, reoriente o foco para Deus e Sua Palavra.

C. Sirva – Ajude-a em todos os detalhes relativos ao falecimento que podem ter sido deixados para trás como, por exemplo, a distribuição dos pertences do falecido. Lide com quaisquer negócios financeiros que tenham sido deixados em aberto em consequência do luto.

D. Ministre as Escrituras – Lembre que a Palavra de Deus é viva e eficaz e pode realizar muito mais do que nossas palavras e opiniões. Não tenha medo de compartilhar textos bíblicos sobre a morte. Lembre Betty do amor e da soberania de Deus, mesmo diante dos acontecimentos mais dolorosos e desconcertantes.

E. Ore – Ore com ela. Não subestime o poder da oração, mas não faça promessas em nome de Deus. A oração deve ser realista, ainda que esperançosa e deve mostrar para aquele que está profundamente aflito, uma firme confiança na soberania de Deus.[3]

IMORALIDADE E PUREZA

Fred trabalha na construção civil, tem 21 anos de idade e recentemente conheceu uma moça em um clube. Eles desfrutaram de uma longa conversa, descobriram que tinham muitas coisas em comum e começaram a se encontrar regularmente. O relacionamento evoluiu até chegarem a ter relações sexuais fora de um compromisso conjugal. Fred quer que o relacionamento prossiga para o nível seguinte, mas a família da moça

3. Adaptado de: BABLER, John. **Biblical crisis counseling**: not if, but when. CreateSpace Independent Publishing Platform, 2014.

é cristã e não concorda com esse relacionamento. Ele veio buscar conselho sobre a forma de obter o consentimento da família da jovem.

Encontro 1:
Inicialmente, o encontro deve começar lidando com o assunto principal. Essa é a informação dada quando se colheram os dados pessoais do aconselhado para entender o motivo do encontro e estabelecer objetivos.

Ao colher os dados, verifique se ele compreende a razão por que os pais da moça não concordam com esse relacionamento. Ele afirmou que são cristãos? Será que ele entende o que significa para eles o fato de serem cristãos e por que eles têm dificuldade com o relacionamento?

- Se ele não entende por que a fé cristã considera esse relacionamento como pecaminoso, este é o momento para lhe explicar o evangelho.
- Se ele entende as razões para a recusa dos pais, mas quer contornar a questão, então vá para 1 Co 6.9 e explique que suas ações são sexualmente imorais e contrárias à Palavra de Deus.

O apóstolo Paulo ensina que em Cristo somos libertos da imoralidade. O poder para vencer seus desejos lascivos é dado pelo Espírito Santo. Deus prometeu ao cristão um escape da tentação por meio de Jesus. Ele deve escolher, portanto, utilizar esse poder e negar seus desejos carnais.

Dê tarefas práticas:
- Leia 1 Co 10.13 duas vezes ao dia, observe a luta que você está travando e identifique o escape que você tem em Cristo.
- Leia Fp 4.13 duas vezes ao dia, tome conhecimento de como Cristo o fortalece para vencer, não apenas para aguentar.

- Abstenha-se de qualquer relação sexual.
- Saiba como tratar a jovem como se fosse sua irmã até o casamento.

ORGULHO E EGOÍSMO

Roberto procurou seu pastor para receber ajuda. Roberto havia sido informado de que se não conseguisse aprender a conviver com seus colegas de trabalho e com seu chefe, ele seria demitido. Quando o pastor pediu que Roberto explicasse melhor a situação, ele disse: "Meu chefe é um ditador e me disse que eu não ouço as sugestões dos outros e que quero fazer as coisas do meu jeito ou, então, não as faço". O pastor avaliou inicialmente a condição espiritual de Roberto que afirmava ser um crente, mas pareceu-lhe ser um crente imaturo. O pastor perguntou a Roberto o que na vida era importante para ele, esforçando-se para identificar o que ele estaria adorando em seu coração. Com base no que Roberto lhe contou e no seu contexto, o pastor percebeu que Roberto era muito egocêntrico e arrogante. O pastor deu a seguinte tarefa prática para Roberto: leia Mt 22.37-40, Pv 16.18 e Fp 2.1-14 diariamente e memorize 1 Co 10.13 e Fp 2.3,4.

Roberto voltou para o encontro seguinte uma semana depois, mas não havia feito sua tarefa. O pastor perguntou a Roberto a razão de ele não ter feito a tarefa, e enfatizou que a mudança bíblica é um processo que leva tempo e que ninguém será perfeito nesta vida. O pastor pediu durante o encontro que Roberto lesse todos os textos bíblicos que haviam sido passados como tarefa prática na semana anterior. Ele perguntou se Roberto queria glorificar e agradar a Deus (1 Co 10.31) ou se ele queria servir e glorificar a si mesmo. Roberto não respondeu. O pastor lhe disse que não haveria proveito em se encontrarem se Roberto não quisesse glorificar a Deus e leu

Gl 5.16-26 e Ef 4.17-32. A tarefa prática para Roberto foi fazer o que lhe fora passado na semana anterior.

Roberto chegou mal-humorado e informou ao pastor que ele havia sido demitido. Ele havia feito sua tarefa e queria muito receber ajuda. O pastor agradeceu a Roberto por ter feito a tarefa e se concentrou durante o encontro em orientá-lo a como procurar um emprego. O "trabalho" de Roberto seria usar 40 horas por semana procurando empregos e enviando currículos até que estivesse empregado novamente. No final do encontro, o pastor enfatizou Fp 2.1-4 e como um cristão deve servir e colocar os interesses dos outros acima dos seus interesses. A tarefa prática para Roberto fazer durante a semana foi procurar um emprego, memorizar Ef 4.22-24, e orar sobre qual o ministério de que Roberto participaria para servir aos outros em lugar de servir si mesmo.

Ensino adicional e tarefas práticas:

- Ensine a Roberto um entendimento bíblico do orgulho; ajude Roberto a identificar áreas específicas de orgulho em sua vida e a trabalhar em uma estratégia de arrependimento.
- Ensine a Roberto um entendimento bíblico da humildade; ajude Roberto a substituir devidamente o orgulho pela humildade em áreas específicas.
- Ensine a Roberto o que é o amor bíblico e ajude-o a proceder devidamente com seu chefe.

SOFRIMENTO

Rosa tem 22 anos de idade e procurou aconselhamento em consequência de problemas em seus relacionamentos. Desde os 11 anos de idade até ela sair de casa aos 16 anos, ela foi abusada sexualmente pelo padrasto. Nesse contexto de abuso, Rosa tomou algumas decisões. Uma vez que Deus não a havia protegido, ela virou as costas para Ele. Ela também decidiu

rejeitar todos os homens, a menos que ela pudesse controlá-los. Agora, após uma série de crises, e inclusive o rompimento de um noivado, Rosa foi em busca de aconselhamento.

Encontro 1: Preencha um IDP e um termo de consentimento informado

- Faça perguntas para identificar o que Rosa pensa sobre sua situação.
- Pergunte sobre sua condição espiritual para identificar se ela é crente.
- Compartilhe o evangelho se ela não for salva.
- Se ela for crente, termine o encontro com Rm 8.28,29 para dar propósito e significado às suas experiências de vida.
- Dê uma tarefa prática que garanta que ela tenha tempo com Deus em Sua Palavra.

Encontro 2: Revisão da tarefa prática

- Continue a fazer perguntas para chegar a uma compreensão do que está acontecendo no coração de Rosa. Concentre-se em seus pensamentos e desejos.
- Comece a trabalhar os conceitos-chave listados na seção Soluções, bem como os propósitos de Deus no sofrimento e as causas do sofrimento.
- Conduza Rosa a arrepender-se do seu pecado e a confessá-lo.
- À medida que Rosa trabalha cada uma das questões, ajude-a a aceitar a responsabilidade por seu pecado e a rejeitar qualquer senso de responsabilidade pelos pecados que seu padrasto cometeu contra ela.

Confronte Rosa com o fato de que sua resposta pecaminosa a Deus criou uma atitude de coração parecida com a de seu padrasto, visto que ela seguiu o exemplo dado por ele de rebeldia contra Deus.

CAPÍTULO 14 – PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Descreva como você lidaria com a ira na vida de uma pessoa.
2. Descreva como você lidaria com a ansiedade na vida de uma pessoa.
3. Descreva como você lidaria com o temor a homens na vida de uma pessoa.
4. Descreva como você lidaria com o pesar na vida de uma pessoa.
5. Descreva como você lidaria com a imoralidade na vida de uma pessoa.
6. Descreva como você lidaria com o orgulho e o egoísmo na vida de uma pessoa.
7. Descreva como você lidaria com o sofrimento na vida de uma pessoa.
8. Com qual dessas questões você acha mais difícil lidar? Por quê?
9. Com qual dessas questões você acha mais fácil lidar? Por quê?
10. Como este capítulo o ajudou em seu ministério de aconselhamento?

APÊNDICE 1

INVENTÁRIO DE DADOS PESSOAIS

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Nome _____ Telefone _____

Ocupação _____ Telefone comercial _____

Telefone celular _____ e-mail _____

Idade ____ Sexo ____

INFORMAÇÕES SOBRE O CASAMENTO E A FAMÍLIA:

Nome do cônjuge _____

Ocupação do cônjuge _____
Idade do cônjuge ____

Grau de instrução do cônjuge
(Último ano completo): _____ (grau)

Seu cônjuge está disposto a comparecer ao aconselhamento?
__ Sim __ Não __ Não sei

Vocês já estiveram separados? __ Sim __ Não
Quando? _____

Data do casamento _____
Que idade tinham quando se casaram? Marido ____ Esposa ____

Quanto tempo antes do casamento você conheceu seu cônjuge?
_____

INFORMAÇÕES SOBRE OS FILHOS

CA*	Nome	Idade	Sexo	Vivo? Sim ou Não	Instrução em anos	Estado civil

*Marque esta coluna se for um filho de casamento anterior.

CONTEXTO RELIGIOSO:

Preferência denominacional: _____
Membro de: _____

Frequência à sua igreja local: _____

É batizado? __ Sim __ Não

Se você morresse, estivesse na presença de Deus hoje e Ele lhe perguntasse "Por que devo recebê-lo no céu?", o que você responderia?

_____

_____

_____

Contexto religioso do cônjuge: (se for casado)

_____

Você ora a Deus?
__ Nunca __ Ocasionalmente __ Frequentemente

Com que frequência lê a Bíblia?
__ Nunca __ Ocasionalmente __ Frequentemente

Você tem momentos devocionais em família com regularidade?
__ Sim __ Não

Explique mudanças recentes em sua vida religiosa, se houver:

_____

_____

_____

INFORMAÇÕES SOBRE A SAÚDE:

Avalie sua saúde:
__ Muito boa __ Boa __ Razoável __ Em declínio

Atualmente você está tomando alguma medicação? __ Sim __ Não

Qual/quais? _____

Você já uso drogas por propósitos que não médicos?
__ Sim __ Não

Qual? _____
Data do uso mais recente: _____

Você já foi preso? __ Sim __ Não

Você sofreu recentemente a perda de algum ente querido?
__ Sim __ Não

Explique _____
_____

Você sofreu recentemente alguma perda significativa na área social, financeira ou outra?
__ Sim __ Não

Explique _____
_____

INFORMAÇÕES SOBRE A SAÚDE MENTAL:

Você já se submeteu a algum tipo de psicoterapia ou aconselhamento anteriormente?
__ Sim __ Não

Se sim, explique quantas vezes, qual a razão, etc.

_____
_____
_____

RESPONDA RESUMIDAMENTE ÀS SEGUINTES PERGUNTAS: (CONTINUE NO VERSO SE NECESSÁRIO)

1. Como você descreveria o seu problema?

2. O que você já fez a respeito?

3. O que você espera que eu faça? Qual sua expectativa ao vir aqui?

4. Como você vê a si mesmo, que tipo de pessoa você é? Descreva a si mesmo.

5. O que você mais teme?

6. O que você mais deseja na vida neste momento?

7. Existe alguma outra informação que você considera importante eu saber?

APÊNDICE 2

EXTRAÍDO DE *THE 2000 BAPTIST FAITH AND MESSAGE*[1]

AS ESCRITURAS

A Bíblia Sagrada foi escrita por homens divinamente inspirados e é a revelação do próprio Deus ao homem. Ela é um tesouro perfeito de instrução divina. Ela tem Deus por seu autor, a salvação por finalidade e a verdade, sem qualquer mistura de erro, por seu assunto. Sendo assim, toda a Escritura é totalmente verdadeira e confiável. Ela revela os princípios pelos quais Deus nos julga e, portanto, ela é, e permanecerá até o fim dos tempos, o verdadeiro centro da união cristã e o padrão supremo pelo qual toda conduta humana, os credos e as ideias religiosas devem ser julgados. Toda a Escritura dá testemunho de Cristo, pois Ele é o foco da revelação divina.

Êx 24.4; Dt 4.1,2; 17.19; Js 8.34; Sl 19.7-10; 119.11, 89,105,140; Is 34.16; 40.8; Jr 15.16; 36.1-32; Mt 5.17,18; 22.29; Lc 21.33; 24.44-46; Jo 5.39; 16.13-15; 17.17; At 2.16ss; 17.11; Rm 15.4; 16.25,26; 2 Tm 3.15-17; Hb 1.1,2; 4.12; 1 Pe 1.25; 2 Pe 1.19-21.

1. Adaptado de: ADAMS, Jay E. **O manual do conselheiro cristão**. São José dos Campos, SP: Fiel, 1982. Apêndice A. p. 395.

FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DO

Aconselhamento Bíblico

E SUAS APLICAÇÕES PRÁTICAS

JOHN BABLER & NICOLAS ELLEN

O conceito de suficiência das Escrituras nos é apresentado em 2 Tm 3.17. As Escrituras não são apenas inspiradas e úteis, mas são capazes de equipar o cristão para toda boa obra. Poucos cristãos evangélicos diriam hoje que não acreditam na suficiência das Escrituras. A pergunta a ser feita, então, é: "Suficientes para quê?". É obvio que as Escrituras não são suficientes para equipar alguém para trabalhar em mecânica de automóveis ou para fazer uma cirurgia cardíaca. O principal campo em que a suficiência das Escrituras é debatida atualmente na igreja é o do aconselhamento.

A cura das almas e o aconselhamento revelam claramente como a igreja, durante boa parte do passado recente, tem buscado as respostas no mundo para lidar com os problemas das pessoas. Acreditamos que a igreja precise retornar ao aconselhamento que procura as respostas nas Escrituras. Esperamos que este livro apresente um claro chamado de volta ao verdadeiro aconselhamento bíblico. Uma vez que a igreja é composta de indivíduos que creem em Jesus Cristo, esse chamado é um apelo que se aplica a todos os cristãos. *Fundamentos Teológicos do Aconselhamento Bíblico e Suas Aplicações Práticas* chama todos os cristãos a estarem preparados para praticar o verdadeiro aconselhamento bíblico.

John Babler

NUTRA PUBLICAÇÕES
IGREJA BATISTA PEDRAS VIVAS
9 788561 867294